

2024



Coletânea

de

Curadorias

da Peirópolis



Ana Carolina Carvalho (Org.)



2024



coletânea

da curadorias

da Peirópolis



2024



coletânea

da Peirópolis

de curadorias

Ana Carolina Carvalho (Org.)







# Sumário

Apresentação 7

Paleontologia: pré-história é cultura 8

Clássicos em HQ 29

Inventário de infâncias: viagens pelos Brasis 55

Madrinha Lua: poesia contemporânea 75

Teatro vivo na escola 104

Literatura Indígena 131

Literatura portuguesa 149

Narração de histórias na escola 179

Crescer e Partir, relatos de viagens e poemas de Tamara Klink 197

O mundo de Isa: literatura para os pequeninos 225







# Apresentação

A Editora Peirópolis desenvolve, desde 2021, uma proposta de curadoria de leituras voltada para educadores e mediadores de leitura. A elaboração das curadorias tem sido feita a partir da união de títulos que, juntos, formam o que denominamos uma “família de obras”, organizadas por temas, autoria, coleções ou gênero. As curadorias, publicadas originalmente em nosso site, em formato digital e aberto a todos, ganham agora uma coletânea impressa.

Ao todo são dez as curadorias que fazem parte desta publicação: *Paleontologia – pré-história é cultura* (com destaque para os livros de autoria de Luiz Anelli); *Clássicos em HQ*; *Inventário de Infâncias* (com foco na obra de Gabriela Romeu); *Madrinha Lua: poesia contemporânea* (a partir da Biblioteca Madrinha Lua, que publica poetas contemporâneas brasileiras), *Teatro vivo na escola*; *Literatura Indígena*; *Literatura Portuguesa*; *Narração de histórias na escola*; *Crescer e Partir: relatos de viagens* (a partir das obras de Tamara Klink) e *O mundo de Isa: literatura para bem pequenos* (com foco na coleção Mundo de Isa).

A ideia é aproximar educadores, mediadores dos livros, crianças e estudantes das obras, ao propor caminhos para leituras, buscando ressaltar a afinidade entre os títulos e refletir sobre a sua pertinência na escola, trazendo sugestões e possibilidades para a sua adoção nas diferentes etapas da escolarização.

O material foi elaborado por especialistas, muitas vezes em conjunto com o autor ou autora das obras que compõem cada curadoria, buscando realizar um diálogo dos livros com os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, as habilidades e a competências previstos na BNCC, mas sem que nos esqueçamos de que a leitura de literatura ou de livros de não-ficção contribui para a formação humana dos estudantes e das crianças, ao possibilitar a ampliação do olhar, e o reconhecimento da multiplicidade de experiências, linguagens e jeitos de se compartilhar os muitos modos de se viver e de se pensar sobre o mundo.

**Ana Carolina Carvalho**

*Mestre em educação, formadora  
de educadores e colaboradora  
na Editora Peirópolis*



Paleontologia:  
pré-história é cultura

# Descobrir e conhecer os seres do passado

Ana Carolina Carvalho,  
com a colaboração de Luiz E. Anelli

A **paleontologia** é a ciência que estuda os seres e o passado remoto da Terra, com milhares, milhões, e mesmo bilhões de anos de idade. Os animais, plantas e microorganismos hoje existentes fazem parte apenas de uma parcela de todas as espécies que já passaram por aqui, habitando tanto os continentes quanto os oceanos.

Para descobrir quais criaturas já existiram, como eram as suas características e modos de vida, o paleontólogo faz escavações em busca de restos ou vestígios que deixaram e que ficaram preservados nas rochas. Todos esses sinais são chamados de fósseis, os objetos de estudo da paleontologia. Por meio do trabalho desses profissionais, podemos conhecer como eram os animais invertebrados, peixes, anfíbios, répteis, mamíferos e mesmo organismos tão pequenos como as bactérias e os protozoários do passado. E, claro, não podemos deixar de lembrar que a paleontologia ficou bastante conhecida por revelar a existência e a diversidade de dinossauros que habitaram os continentes durante a era Mesozoica.

São descobertas muito importantes que, em conjunto com a biologia, por exemplo, podem nos ajudar a compreender como as espécies se desenvolveram ao longo do tempo; e, juntamente com a geologia, nos ajudam a entender como eram e se modificaram os ambientes de nosso planeta.

## Qual é o lugar que a pré-história brasileira ocupa em sua escola?

Será que temos olhado e aprendido o suficiente de nossa pré-história? Como eram as terras brasileiras 250 milhões de anos atrás? Existiram dinossauros por aqui?

Os dinossauros são conhecidos há cerca de 150 anos, quando os fósseis dos primeiros exemplares foram descobertos, e, a partir daí, tornaram-se as estrelas da pré-história mundial, expostos em praticamente todos os grandes museus de história natural do mundo.

De anatomias variadas ou mesmo extravagantes e tamanhos descomunais, os dinossauros ilustram ricamente o principal intervalo da história da Terra: a era Mesozoica. Esses ani-





mais tornaram-se, para a maioria dos países que privilegiam o ensino infantil, um eixo da educação básica, um patrimônio cultural explorado em salas de aula, museus, livros, documentários e filmes.

Todos os governos que priorizam a educação e investem nela consideram a sua pré-história uma das muitas colunas que sustentam suas tradições e cultura, assim como a literatura, a música, o esporte etc. Eles celebram o passado profundo armazenado em suas rochas em centenas de museus, milhares de livros, trilhas na natureza, documentários e exposições, porque reconhecem o seu poder transformador, sua força para educar e estimular o contato de todos com a ciência. O conhecimento científico do passado nos faz refletir a respeito do mundo atual e futuro, porque nos mostra a perspectiva histórica das mudanças geográficas, climáticas e biológicas ocorridas na Terra ao longo do tempo. Ele desperta entusiasmo e admiração pela ciência, pois ela pode elucidar questões ligadas às raízes sobre as quais foi construída a totalidade do mundo físico e biológico em que vivemos e estamos imersos. É no passado profundo que encontramos nossas raízes e é, por meio do seu conhecimento, que temos a percepção de que pertencemos à Terra, bem como a toda a biologia que nos cerca.

No Brasil, apenas ultimamente passamos a oferecer, em livros, o instigante e sofisticado conteúdo educativo e de lazer acumulado em nossa própria pré-história. Já é hora de conhecermos as espécies que habitaram o chão que pisamos, tanto os dinossauros como os outros animais pré-históricos que testemunharam o nascimento da América do Sul, e as outras riquezas que há centenas de milhões de anos foram guardadas em rochas, e que recentemente vieram à luz outra vez graças às pesquisas de paleontólogos, geólogos e biólogos brasileiros.

A propósito, diz o professor e escritor brasileiro Luiz E. Anelli em entrevista para o site da Editora Peirópolis:

*Temos uma pré-história exuberante, com cerca de 50 espécies de dinossauros conhecidos, gigantes predadores com 15 metros de comprimento, peçoçudos que chegavam a 26 metros, além da única marca de xixi de dinossauro conhecida em todo o mundo. A nossa pré-história pode ser considerada mais um patrimônio cultural brasileiro e deve fazer parte do currículo escolar, por unir a alegria dos dinossauros ao vasto berçário de riquezas mineiras e naturais que desfrutamos na atualidade.*

## Entrevista

Leia a entrevista completa com o professor e escritor Luiz E. Anelli no QR code ou pelo endereço eletrônico.



<https://www.editorapeiropolis.com.br/pre-historia-tambem-e-cultura/>

## Conhecer os dinossauros pode nos ajudar a entender melhor o nosso mundo?

Certamente, sim! O professor Anelli nos ajuda a refletir:

*Foi no tempo em que os dinossauros viveram que ocorreu uma enorme transformação na superfície terrestre: de um supercontinente nasceram os seis continentes que hoje conhecemos e as riquezas minerais, como o aquífero Guarani, a terra roxa, e todo o petróleo da camada pré-sal. Os dinossauros testemunharam o nascimento dos primeiros mamíferos 220 milhões de anos atrás e dominaram por cerca de 140 milhões de anos. Quase tudo o que esses peludos adoradores de leite representam hoje, incluindo você e eu, deve-se muito à pressão evolutiva imposta pelos dinossauros. Eles acompanharam o desenvolvimento e o domínio das plantas com flores. Os dinossauros assistiram à construção da geografia do mundo moderno, incluindo todos os continentes e oceanos. Por isso, eles nos ensinam muito sobre a geografia atual.*

*A compreensão de tudo o que, hoje, recobre a superfície terrestre, dos oceanos às mais altas montanhas, dos desertos mais secos às florestas exuberantes, do maior ao menor animal, e toda a paisagem mostram conexões com a Terra que os dinossauros habitaram. Foi nesse tempo que a América do Sul e o oceano Atlântico nasceram, que a Índia se descolou da Antártica e deu início à sua longa jornada pelo oceano Índico, até se*



chocar com a Ásia, levantando os Himalaias e mudando o clima global.

*A era Mesozoica terminou devido ao impacto de um asteroide gigante que pôs fim não só aos dinossauros, mas a muitos outros grupos de animais, o que abriu a oportunidade para os pequeninos e oprimidos mamíferos prosperarem. Por isso, estamos aqui. As rochas que nos contam a história da grande extinção, encontradas na região do golfo do México e em finas camadas espalhadas por todo o mundo, incluindo o Brasil, se tornaram as mais estudadas pela geologia e paleontologia mundiais.*

## **Dinossauros: conteúdo para todas as idades**

Unanimidade entre crianças desde a educação infantil, os dinossauros são um veículo bastante atraente, convidativo e eficiente para aproximar os estudantes dos textos informativos e do pensamento científico. Além das histórias de gigantes pescoçudos, dos poderosos predadores, das mais incríveis cristas e carapaças e dos pequeninos emplumados que deram origem às aves, os dinossauros nos falam das mudanças da superfície ter-

restre ocorridas nos últimos 230 milhões de anos. Podem também se constituir em porta de entrada aos museus e servir como mote de outras aprendizagens fundamentais, como a geografia moderna e as importantes reflexões sobre as mudanças do clima e da biologia nas últimas centenas de milhões de anos.

O fascínio pelos dinossauros pode ser explicado de muitas maneiras:

- por terem sido extintos e atingirem, em alguns casos, tamanhos gigantescos, eles ocupam lugar especial no imaginário infantil;
- em virtude de terem existido no passado, mas se assemelharem aos monstros que habitam muitas histórias e fabulações;
- pelo fato de despertarem interesses intensos nas crianças e, como consequência, a fantasia e a imaginação.

À medida que as crianças crescem, os dinos continuam encantando e crescem também o encanto e a atenção para com esses animais pré-históricos. Talvez mudem motivos, pois os dinossauros estão envolvidos por muitos enigmas e mistérios, como, por exemplo, as grandes extinções que devastaram a vida, os



impactos das mudanças climáticas, o fim de uma era... Todas essas questões nos fazem pensar também em nosso mundo, nosso modo de vida, nos caminhos que escolhemos, bem como em temas até filosóficos: de onde viemos e para onde vamos.

Por tudo isso, a pesquisa e o aprofundamento do conhecimento sobre animais pré-históricos, especialmente os dinossauros, podem fazer parte de diferentes etapas do ensino, da educação infantil ao ensino médio, permeadas com diferentes vieses ao longo da vida escolar. Em se tratando das ciências da natureza, por exemplo, o tema pode abarcar as seguintes habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

#### **7º ano – Vida e evolução**

**(EF07CI08)** Avaliar como os impactos provocados por catástrofes naturais ou mudanças nos componentes físicos, biológicos ou sociais de um ecossistema afetam suas populações, podendo ameaçar ou provocar a extinção de espécies, alteração de hábitos, migração etc.

#### **9º ano – Vida e evolução**

**(EF09CI11)** Discutir a evolução e a diversidade das espécies com base na atuação da seleção natural sobre as variantes de uma mesma espécie, resultantes de processo reprodutivo.

## **Onde estão as informações sobre os dinossauros?**

Atualmente, há bastante informação sobre os dinossauros: nas redes sociais, em variadas mídias e nos livros. Se estamos diante de um computador, basta um clique para vermos vídeos, reportagens, filmes e imagens. Essa abundância certamente se deve ao enorme fascínio que mencionamos. Contudo, é preciso filtrar as informações que encontramos. Como fazer isso? Como diferenciar a informação confiável daquela que é duvidosa ou in-

completa? Um bom caminho é analisar a fonte: o *site* é confiável e, para tanto, baseia-se no conhecimento de especialistas, pesquisadores e estudiosos? Está amparado em estudos e vincula-se a instituições de confiança, como universidades, centros de pesquisas e afins?

Outra possibilidade é seguir para os livros informativos feitos por autores ou equipes de especialistas, conhecedores profundos do assunto, que selecionam e organizam o conhecimento de acordo com o que o público a que se destina espera, saiba ou conheça, e que podem fazer novas perguntas, instigando ainda mais a curiosidade do leitor, incentivando-o a ir além.

## **Livros informativos: o que eles ensinam sobre leitura?**

Quando formamos leitores, sabemos que é preciso oferecer textos de diversos gêneros, já que, para a leitura de cada um deles, o leitor necessita acionar diferentes conhecimentos e ações. E, se não lemos todos os textos do mesmo modo, isso significa dizer que os textos, em suas variadas funções e formas, possibilitam aos seus leitores aprendizagens muito distintas.

O que será que um texto informativo pode ensinar? O leitor desse gênero aprende, por exemplo, que esse é um tipo de livro que não precisamos ler do princípio ao fim. Podemos escolher o assunto que nos interessa ou desperta a nossa curiosidade. Assim, o leitor aprende a consultar o sumário, o índice e outros componentes do gênero para procurar pelas informações precisas de que necessita, tais como títulos ou subtítulos dos capítulos. Aprende também a ler e compreender diferentes recursos, como legendas, imagens, gráficos e infográficos, tabelas etc. Além disso, esse gênero pode colaborar para que o leitor exerça o pensamento crítico ao comparar e selecionar informações de diferentes fontes, bem como reconhecer como se dá

o processo científico. E, claro, não poderíamos deixar de mencionar que os bons livros informativos podem ensinar algo muito valioso: o conhecimento pode ser apaixonante, encantador, arrebatador. Além de nos instigar a fazer perguntas e validar a dúvida, a pré-história do mundo e a vida dos dinossauros podem nos inspirar. Quantos saberes diferentes envolvidos na leitura desse gênero!

### Que leitor sou eu?

Além de adquirir maior conhecimento sobre determinado assunto e desenvolver as habilidades para leitura de textos informativos, o contato mais frequente com esse tipo de texto, acompanhado de uma diversidade de obras de ficção, propicia aos leitores perceber suas preferências literárias. Será que há aqueles que optam apenas pelos textos de não ficção? Ou que gostam de combinar a leitura de romances, contos e poesias com textos informativos? E, entre os próprios textos informativos, há formatos que agradam mais do que outros?

### Os dinossauros na escola: ampliando saberes

Por tudo isso que abordamos até aqui, é desejável compor os acervos com muitos livros informativos, entre eles os títulos dedicados à paleontologia, à pré-história e aos dinossauros, sobretudo os brasileiros.

A partir desses títulos, é possível também pensar em trilhas de leituras que podem ser organizadas de diferentes maneiras:

- buscando uma progressão de leituras;
- acompanhando interesses, saberes e questionamentos da turma;
- propondo o aprofundamento de um tema.



# Progressão de Leituras: Lendo mais e melhor os textos informativos

Ao buscar uma progressão de leituras, é fundamental que o professor conheça muito bem os livros e possa propor um trajeto com desafios crescentes e perceptíveis aos leitores. Os livros do professor Luiz Anelli publicados pela Editora Peirópolis se prestam muito bem a traçar esse percurso.

O primeiro contato pode se dar por meio do livro *ABCDinos*, escrito em parceria com Celina Bodenmüller e ilustrado por Graziella Mattar, que traz, em cada página dupla, um texto poético em forma de quadrinhas acompanhado de “pílulas informativas” sobre dinossauros que viveram em diferentes continentes, e o nome desses dinossauros, como se pode imaginar pelo título do livro, começam com uma letra do alfabetário.

Trata-se de um texto híbrido, que mistura uma linguagem literária mais livre e inventiva, bastante calcada nos textos de proveniência oral, com outra mais científica, que apresenta informações precisas sobre esses animais. Esse título funciona tanto para a educação infantil quanto para os anos iniciais do ensino fundamental, momento em que os estudantes podem lê-lo autonomamente.

Por trazer textos com formatos tão diferentes, pode ser interessante entabular uma conversa inicial sobre a variação existente entre as duas linguagens: ficção e não ficção; texto informativo e poesia. O que caracteriza um e outro? Como identificar um texto informativo? O que ele precisa apresentar para assim ser considerado? Ao final da leitura e exploração do livro, pode-se também conversar sobre o

mapa ilustrativo dos locais onde cada fóssil de dinossauro foi descoberto, destacando que a presença de recursos visuais como os mapas, é muito comum em livros informativos.

O professor pode mergulhar no conteúdo complementar ao livro, desenvolvido especialmente para o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Trata-se de material que apresenta entrevistas com os autores e sugestões de como trabalhar o *ABCDinos* em sala de aula.

## Para saber mais

Para obter mais informações sobre a obra, acesse o site por meio do QR code ou pelo endereço eletrônico.



<https://www.editorapeiropolis.com.br/pnld2018#abcdinos>

A seguir, pode-se enveredar para a leitura do livro *Dinos do Brasil*, escrito por Luiz Anelli e ilustrado por Felipe Alves Elias, biólogo e paleoartista. Aliás, a informação sobre o ilustrador é importante para definir o gênero do livro. Agora, estamos com os “dois pés” em um texto informativo! E uma das características desse tipo de livro é que as ilustrações costumam ser (e é desejável que assim sejam) muito precisas, já que também são fontes de informação. E os paleoartistas, para fazerem os desenhos, se valem de todas as informações produzidas pela ciência acerca das características dos animais e de seus hábitos.

## Um pouco mais sobre a paleoarte

De acordo com a revista *Ciência Hoje*, “a paleoarte é a reconstrução de um organismo extinto ou de um ecossistema antigo, obedecendo rigorosamente o conhecimento científico disponível na época da confecção do trabalho”. Ou seja, não se desenha o imaginado, o fantasiado, mas somente aquilo que se sabe por meio da ciência.

Por isso, a paleoarte é, sim, fonte de informação, que dá corpo e alma à pré-história. Centenas de informações podem estar contidas em uma ilustração representativa desse período: desde a anatomia e as relações entre animais e plantas já extintos até o relevo e o clima de determinada região, milhões de anos atrás.

A reconstrução de uma paisagem pré-histórica envolve a organização cuidadosa de um conjunto de informações interdisciplinares tanto do passado como do que observamos no presente. Ainda citando a matéria da revista *Ciência Hoje*, “um esqueleto simples, portanto, não é uma peça de paleoarte, pois retrata o material fóssil em si, incluindo as partes que não são conhecidas. Uma reconstituição que inclua a cor e a pele já configura uma peça desse gênero, desde que sejam respeitadas as limitações impostas pelo conhecimento científico”.

E o que será que um paleoartista tem a nos contar sobre seu trabalho? Vamos conferir?

## Uma entrevista com o paleoartista Julio Lacerda

O paleoartista do novíssimo lançamento da Editora Peirópolis, *Novo guia completo dos dinossauros do Brasil*, concedeu uma entrevista exclusiva sobre os desafios de trazer aos olhos como poderiam ter sido os dinossauros.

**Segundo Luiz Anelli, é mais fácil encontrar um osso de dinossauro do que um paleoartista! Conta um pouco sobre a especificidade de seu trabalho.**

A paleoarte, como o nome diz, é uma junção de ciência e arte e traz um pouco de cada área.

Do lado da ciência, é importante estar sempre atualizado com relação às descobertas mais recentes, novos estudos, especulações e ideias. É preciso não só ter conhecimento dentro da paleontologia como também de outras disciplinas, como biologia, anatomia animal, taxonomia, botânica etc., para que se produzam ilustrações informativas e interessantes. Do lado da arte, cada indivíduo desenvolve um estilo próprio, e existe um grande espaço para criatividade com relação a cores, formas, composições, perspectivas e ferramentas de trabalho! Assim como em qualquer outra categoria de arte, a prática e a experimentação contribuem para a criação de obras que prendam a atenção dos observadores. Todo paleoartista é um pouco artista e um pouco cientista; por isso, talvez, não existam tantos de nós!

## Quais são suas principais fontes de informação quando vai realizar um trabalho?

Atualmente, a maior fonte de conhecimento e referências para um paleoartista é a internet. É mais fácil que nunca ter acesso a imagens de fósseis, reconstituições, estudos e discussões, e até mesmo ter contato direto com pesquisadores e paleontólogos de todo o mundo, que podem oferecer informações detalhadas sobre diversos assuntos em primeira mão. Através da internet também é possível estudar os diversos aspectos de animais atuais, que servem como modelos para retratar animais extintos. Mas também é sempre bom visitar museus, bibliotecas e até mesmo zoológicos, para acessar diretamente essas referências.

## Por que é importante que um paleoartista ilustre livros informativos?

A paleoarte é uma ponte que conecta os bastidores da paleontologia e o público de maneira geral. Muitas vezes, os estudos e pesquisas realizados pelos cientistas são difíceis de interpretar e compreender para os leigos, já que envolvem muitos termos técnicos e



detalhes que podem não ser tão evidentes. Através da arte, essas informações são traduzidas de texto e números para imagens que podem ser não só informativas, mas também agradáveis. E, ao capturar a atenção das pessoas dessa maneira visual e facilmente compreendida, a paleoarte incentiva a criatividade, a curiosidade e o interesse pela pesquisa, estimula novas gerações de cientistas e artistas e contribui para a credibilidade das ciências em geral.

### Os muitos estilos nas linguagens do texto informativo

Não é porque se trata de texto informativo que a linguagem precisa ser austera. Luiz Anelli, por exemplo, escreve de modo cativante, com uma linguagem leve e, muitas vezes, espirituosa, dialogando diretamente com o leitor e trazendo informações precisas, mas sem perder

a graça, nem desconsiderar os conhecimentos do público a quem escreve. Dá para notar esse estilo logo no começo do livro, que se inicia assim: “Eles já vivem há tanto tempo que é impossível contar os anos: 228 milhões! Isso foi muito tempo antes dos nossos avós, da arca de Noé, do primeiro ser humano que existiu e das eras do gelo, quando o mundo era muito diferente do que é hoje”.

### Livro informativo: texto, ilustração e infográficos

Como o título já diz, o foco são os dinos brasileiros e a apresentação de cada um deles se dá por meio da região em que foi encontrado. Ao longo das páginas, os leitores encontrarão muitos recursos que se fazem presentes em livros informativos, como o índice e os infográficos (tabelas, gráficos, mapas – estes já haviam aparecido no *ABCDinos*), além de fi-

chas com informações sobre o significado do nome, onde e quando foi encontrado, o tamanho (com desenho em escala) e a idade. Saber ler informações visuais em composição com o texto é um conhecimento típico do leitor de textos informativos. Aqui, entre o *ABCDinos* e o *Dinos do Brasil*, temos uma progressão: mais informações disponíveis em variados formatos.

Também podemos pensar que esse livro apresenta um pouco do pensamento científico: a descoberta de fósseis, seu estudo e catalogação, e a imaginação científica em torno das características do animal observadas em seus restos e vestígios – estes há milhões de anos guardados nas camadas de rocha encontradas na superfície terrestre.

## O bom leitor pergunta, o bom pesquisador também!

*Dinos do Brasil* também é um livro que faz perguntas ao seu leitor, ao mesmo tempo em que o incentiva a questionar o mundo. Trata-se de um expediente necessário à ciência: perguntar e criar hipóteses baseadas em evidências para aquilo que é observado. Um exemplo? Ao apresentar o dinossauro Saturnália, descoberto no Rio Grande do Sul, o autor lança a informação de que o esqueleto foi encontrado sem a cauda e a cabeça e, em seguida, pergunta: *o que pode ter acontecido com a cauda, já que é muito comum que a cabeça se perca, ao se separar do corpo, mas a cauda, não?*

Assim, o autor convida o leitor a experimentar e viver um pouco dos desafios que fazem parte das investigações do paleontólogo, mostrando que, para fazer ciência, é preciso se perguntar muito, conviver com a dúvida, imaginar saídas, coletando o maior número de evidências possíveis, e, ainda, com tudo isso, correr o risco de não ter respostas com tanta exatidão, até que haja novas descobertas. Mas e a alegria quando finalmente se encontra um

elo importante, que muda o nosso olhar diante do mundo e nos ajuda a entender melhor onde vivemos? Não tem preço!

## A ciência é cheia de boas histórias

Esse é o tom desse livro informativo, que procura agregar boas histórias às informações precisas e recursos típicos desse gênero, colaborando para a formação do leitor. O livro que o sucede – *Novos Dinos do Brasil*, com ilustrações do paleoartista Julio Lacerda – mantém o espírito, ampliando o conhecimento dos dinossauros brasileiros, bem como os recursos gráficos. Nesse título, por exemplo, surgem novos infográficos: uma árvore genealógica dos dinos do Brasil e um mapa com mais informações em relação aos mapas contidos nos livros anteriores, trazendo o nome do dinossauro junto ao local em que seu fóssil foi encontrado, o período em que viveu e o ano em que foi descoberto. Nos boxes, também há uma informação complementar: a formação geológica em que o fóssil foi encontrado.

Até aqui, temos títulos que funcionam muito bem para o ensino fundamental. Para a educação infantil, sobretudo em se tratando de crianças de 5 anos, podem ser também indicados, desde que haja uma mediação da professora ou do professor. Como são livros informativos, não precisam ser lidos de uma vez só, e as informações de cada dinossauro podem também ser consultadas e apreciadas aos poucos.

Os próximos livros apresentam um grau maior de complexidade: *Dinossauros e outros monstros – uma viagem à pré-história do Brasil* e *O novo guia completo dos dinossauros do Brasil*, este lançado em novembro de 2022, em coedição com a Edusp, com 364 páginas belamente ilustradas por Julio Lacerda. Nos dois casos, são obras de maior fôlego, com informações mais técnicas e científicas, infográficos mais elaborados e textos robustos. Materiais que certamente trarão muitas informações relevantes ao educador,

que, a partir de uma leitura prévia, poderá selecionar trechos para serem levados aos estudantes em sala de aula.

Esses dois títulos também podem ser interessantes para os estudantes das etapas mais avançadas – anos finais do ensino fundamental e ensino médio. Afinal, os dinossauros são um tema cativante para toda a vida, e não apenas para estudantes dos primeiros anos escolares.

A passagem pelos títulos que apresentam diferentes graus de complexidade de leitura e novos elementos aos estudantes deve ser valorizada pelo professor, de forma a situar os estudantes quanto aos avanços e competências que vão sendo desenvolvidas. Assim, os leitores também se dão conta de seu processo de desenvolvimento como leitor do gênero.

A leitura de textos informativos ao longo da vida escolar pode favorecer o desenvolvimento de habilidades variadas, como estabelece a BNCC para o ensino fundamental.

**(EF15LP02)** Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.

**(EF15LP03)** Localizar informações explícitas em textos.

**(EF03LP24)** Ler/ouvir e compreender, com autonomia, relatos de observações e de pesquisas em fontes de informações, considerando a situação comunicativa e o tema/ assunto do texto.

**(EF35LP17)** Buscar e selecionar, com o apoio do professor, informações de interesse sobre fenômenos sociais e naturais, em textos que circulam em meios impressos ou digitais.



# Interesses, saberes e questionamentos: alicerces para uma pesquisa



Para começar uma pesquisa, seja com os menores, seja com os maiores, é preciso saber de onde partimos. O que já sabemos daquele tema? Deste modo, ao trazer o assunto à tona, a primeira ação é questionar as crianças e estudantes a respeito do que sabem. Evidentemente, as expectativas em relação às respostas se alteram de acordo com a faixa etária, mas as perguntas podem ser as mesmas:

- O que sabemos dos dinossauros?
- O que mais desejamos conhecer desses animais? Quais perguntas podemos formular?
- E sobre os dinossauros brasileiros? O que sabemos deles?
- O que queremos saber mais? Quais perguntas nos ajudam a alcançar esses objetivos?

Essa primeira etapa pode se dar como uma conversa, uma troca de conhecimentos, e é importante anotar todas as respostas dos alunos – elas refletem não só o que se sabe, mas também revelam hipóteses e pensamentos, indicando o que ainda desconhecemos e desejamos ou precisamos aprender.

Em seguida, com base nas respostas sistematizadas em grupo e expostas para que todos possam ter acesso a elas, o educador ou educadora poderá fazer uma seleção prévia de livros e outras fontes, como vídeos e matérias de *sites* e blogues, para que os estudantes possam conferir seus conhecimentos sobre os dinossauros, além de buscar respostas para as perguntas formuladas pelo grupo. Em relação às demais fontes da internet, é possível também fazer uma checagem, sobretudo com os

estudantes mais adiantados, dos anos finais do ensino fundamental: as informações ali disponíveis estão de acordo com os livros pesquisados? Caso não estejam, pode-se conversar sobre a confiabilidade das fontes e sobre os principais itens que devemos observar para fazer uma pesquisa. Esse conhecimento é fundamental para o leitor de textos informativos e deve ser conteúdo escolar, tal como estabelece a BNCC. Aliás, isso fica muito evidente ao observarmos algumas habilidades previstas no documento, como por exemplo, a seguinte, mencionada no Campo das Práticas de Estudo e Pesquisa–Leitura – 6º ao 9º ano:

**(EF69LP30)** Comparar, com a ajuda do professor, conteúdos, dados e informações de diferentes fontes, levando em conta seus contextos de produção e referên-

cias, identificando coincidências, complementaridades e contradições, de forma a poder identificar erros/imprecisões conceituais, compreender e posicionar-se criticamente sobre os conteúdos e informações em questão.

A partir dos resultados da pesquisa, é interessante escolher, com o grupo, como compartilhar os novos saberes: com quem, onde e em que formato? Um mural informativo para as demais turmas da escola? Um blogue ou *podcast*? Uma pequena enciclopédia? De acordo com o formato escolhido, é preciso oferecer modelos para que os estudantes possam se apropriar das características do suporte – condição básica para que possam produzir o seu instrumento de compartilhamento da pesquisa.

Dentro dessa proposta, encontramos mais habilidades previstas na BNCC, para turmas do 6º ao 9º ano, no campo das Práticas de Estudo e Pesquisa–Leitura:

**(EF69LP32)** Selecionar informações e dados relevantes de fontes diversas (impressas, digitais, orais etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes, e organizar, esquematicamente, com ajuda do professor, as informações necessárias (sem excedê-las) com ou sem apoio de ferramentas digitais, em quadros, tabelas ou gráficos.

**(EF69LP33)** Articular o verbal com os esquemas, infográficos, imagens variadas etc. na (re)construção dos sentidos dos textos de divulgação científica e retextualizar do discursivo para o esquemático – infográfico, esquema, tabela, gráfico, ilustração etc. – e, ao contrário, transformar o conteúdo das tabelas, esquemas, infográficos, ilustrações etc. em texto discursivo, como forma de ampliar as possibilidades de compreensão desses textos e analisar as características das multisssemioses e dos gêneros em questão.



## Aprofundando conhecimentos

Saber mais é um processo que não tem fim! Quanto mais sabemos, mais temos o que aprender, pois o conhecimento nos possibilita e instiga a fazer novas perguntas e conexões, em especial quando se trata do mundo natural. Essa é a maravilha do conhecimento científico. Ele não para e, de certa maneira, será sempre provisório, cada vez mais próximo da verdade. Por exemplo, é inquestionável a existência dos dinossauros, mas quais eram suas cores? Livros informativos ou que conversam com a ciência, como os títulos aqui enfocados, podem oferecer uma releitura, uma nova leitura, com olhares renovados e realimentados.

Ao fazer um paralelo com a BNCC, algumas competências específicas de ciências da natureza para o ensino fundamental podem ser contempladas com a leitura, o estudo e a pesquisa sobre os dinossauros e a paleontologia, como esta:

Compreender as Ciências da Natureza como empreendimento humano, e o conhecimento científico como provisório, cultural e histórico.

Sempre é tempo de conhecer e aprender a ser pesquisador é também aprender a ser generoso com aquilo que ainda não sabemos!

## Referências bibliográficas

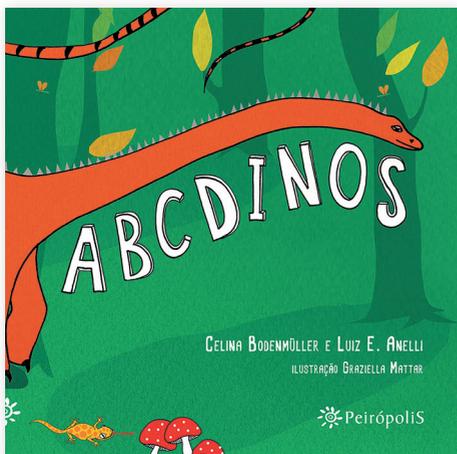
BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

KELLNER, A. Palearte dá vida aos dinossauros. Revista *Ciência Hoje*. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/coluna/paleoarte-da-vida-aos-dinossauros/>. Acesso em 31/10/23.





Estante de Livros



## ABC Dinos

Celina Bodenmüller, Luiz E. Anelli  
Ilustrado por Graziella Mattar

15,6 x 15,6 cm • 64 páginas • 4 cores  
• ISBN 978-85-7596-349-4

☆ Livro premiado!

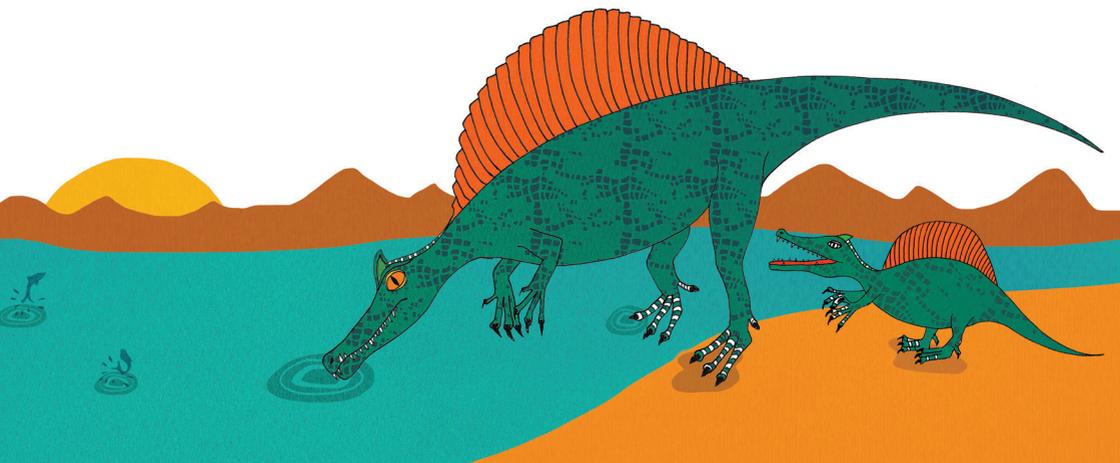
Abecedário poético sobre os dinossauros, este livro foi concebido por um paleontólogo entusiasmado, uma escritora sensível e uma ilustradora convicta. Traz 26 versinhos acompanhados de “pílulas informativas” sobre curiosos dinossauros que habitaram o mundo durante a era Mesozoica. No final do livro, há um mapa que indica os locais onde os fósseis dos dinos foram encontrados. Um livro que nos aproxima dessa valiosa herança e nos ajuda a saber mais sobre nosso passado remoto.

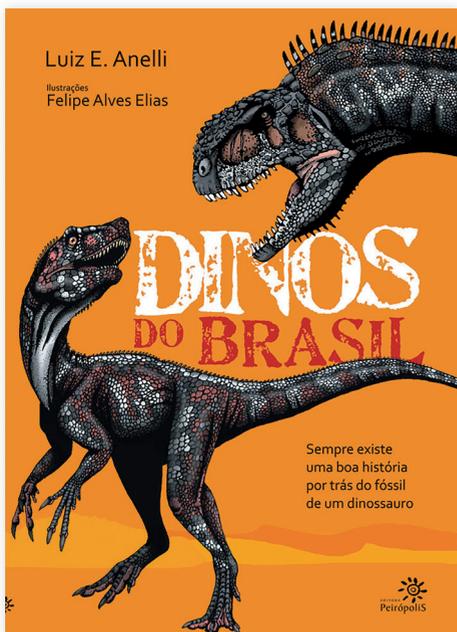
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeirópolis.com.br/produto/abcdinos/>





## Dinos do Brasil

Luiz E. Anelli  
Ilustrado por Felipe Alves Elias

 20 x 28 cm • 80 páginas • 4 cores • ISBN 978-85-7596-556-6

 Livro digital ISBN 978-85-7596-461-3 (KF8) e 978-85-7596-460-6 (ePUB)

☆ Livro premiado!

### Para saber mais

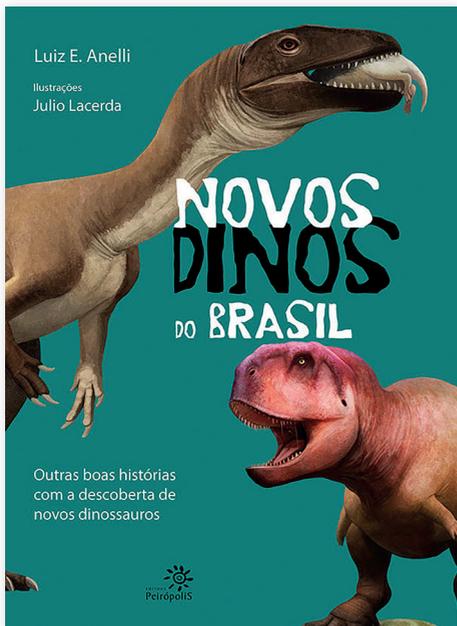
Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeirópolis.com.br/produto/dinos-do-brasil/>

Há mais de 200 milhões de anos os dinossauros viviam espalhados pelo único e imenso continente da época, o Pangea, mas nem todos eram tão monstruosos quanto imaginamos. Assim como os répteis de hoje, eles podiam ser muito diferentes uns dos outros. Neste livro, o leitor vai saber como os paleontólogos descobriram as formas e os tamanhos dos primeiros 23 dinossauros brasileiros conhecidos e ler as histórias que estão por trás dos seus nomes e fósseis. Desde que foi lançado, em 2010, muitos outros dinossauros foram descobertos, e você poderá conhecer todos eles no lançamento de 2022: *Novo guia completo dos dinossauros do Brasil*.





É fascinante imaginar um dinossauro que existiu há centenas de milhões de anos onde hoje são terras brasileiras. E tudo começa com a descoberta de um fóssil, resto ou vestígio dos incríveis animais que habitaram a nossa pré-história. Já foram identificadas no mundo inteiro 1,3 mil espécies de dinossauros, dezenas delas são brasileiras. Neste livro, o leitor conhecerá outros 24 dinossauros que viveram em diferentes regiões do nosso país, complementando o acervo dos dinossauros brasileiros.

Diversos como nós!

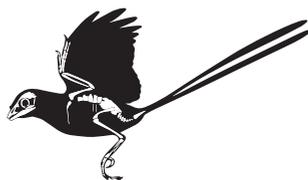
## Novos dinos do Brasil

Outras boas histórias com a descoberta de novos dinossauros

Luiz E. Anelli  
Ilustrado por Julio Lacerda

20.5 x 28 cm • 96 páginas • 4 cores • ISBN 978-85-7596-556-6

Livro digital ISBN 978-65-8602-811-9 (KF8) e 978-65-8602-810-2 (ePUB)



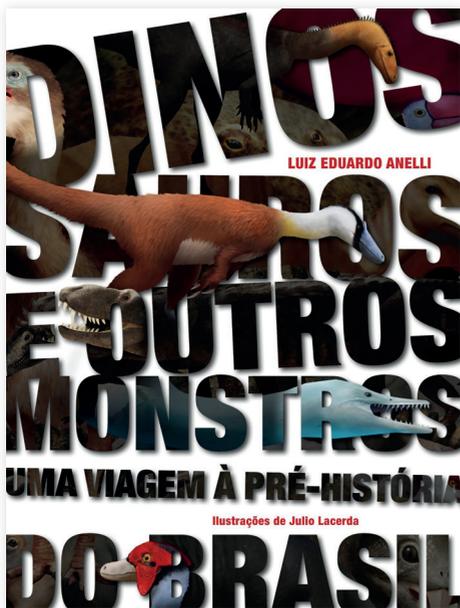
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/novos-dinos-do-brasil/>





## Dinossauros e outros monstros

### Uma viagem à pré-história do Brasil

Luiz E. Anelli  
ilustrado por Julio Lacerda

19 x 25 cm • 248 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-85-7596-381-4

☆ Livro premiado!

#### Para saber mais

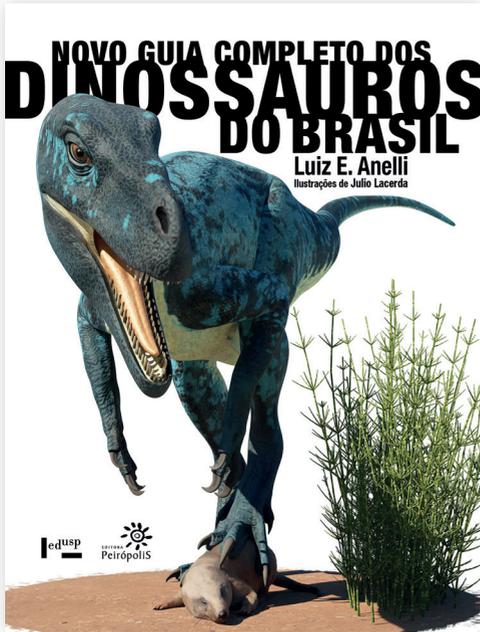
Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editoraepropolis.com.br/produto/dinossauros-e-outros-monstros-uma-viagem-a-pre-historia-do-brasil/>

Ao nos conduzir, como em uma máquina do tempo, pela admirável pré-história do Brasil, em tempos e regiões repletas de criaturas curiosas e extravagantes, o paleontólogo Luiz Eduardo Anelli nos proporciona a sensação de sobreviver a terríveis extinções em massa, cruzar rios e mares continentais, desertos e províncias vulcânicas, incríveis pantanais, e compreender definitivamente que estudar o passado nos permite entender o presente e imaginar o futuro.





## Novo guia completo dos dinossauros do Brasil

Luiz E. Anelli

ilustrado por Julio Lacerda

 19 x 25 cm • 368 páginas • PB e 4 cores • ISBN 978-65-5931-212-2  
Coedição Peirópolis e Editora da Universidade de São Paulo (Edusp)

 Livro digital ISBN 978-65-5931-213-9 (KF8) e 978-65-5931-208-5 (ePUB)

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:

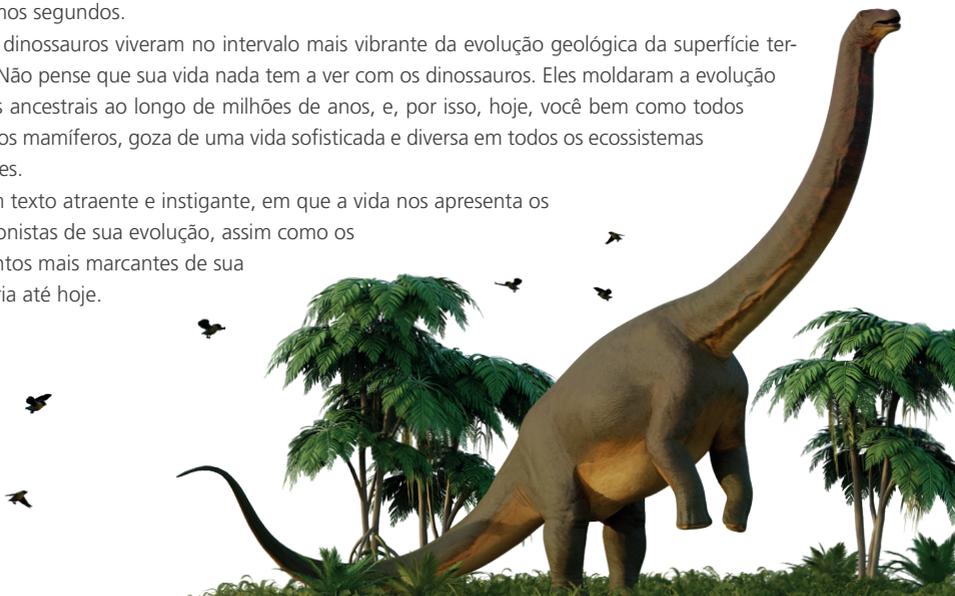


<https://www.editora-peiropolis.com.br/novo-guia-completo-dos-dinossauros-do-brasil>

Você sabe quais foram os momentos geológicos decisivos que transformaram a Terra em um planeta habitável? A vida se originou nela ou foi trazida no interior de cometas ou asteroides de outros mundos fora do sistema solar? Este livro conta histórias sobre a Terra, o único mundo conhecido onde a vida existe e evolui há pelo menos 13,8 bilhões de anos desde o *Big Bang*. Como mirando as janelas para o passado, a paleontologia se debruça sobre os fósseis para lançar luz sobre acontecimentos de vida e morte, explosões de gigantesca magnitude, quedas brutais de temperatura, enormes movimentos tectônicos e climáticos, e recomposições que se sucederam ao longo de éons e eras, bilhões e milhões de anos, em que, comparando-se ao período de um dia de 24 horas, o *Homo sapiens* habitaria os últimos segundos.

Os dinossauros viveram no intervalo mais vibrante da evolução geológica da superfície terrestre. Não pense que sua vida nada tem a ver com os dinossauros. Eles moldaram a evolução de seus ancestrais ao longo de milhões de anos, e, por isso, hoje, você bem como todos os outros mamíferos, goza de uma vida sofisticada e diversa em todos os ecossistemas terrestres.

Um texto atraente e instigante, em que a vida nos apresenta os protagonistas de sua evolução, assim como os momentos mais marcantes de sua trajetória até hoje.





Clássicos em HQ

# Os quadrinhos na sala de aula e a formação de leitores críticos

Luara Almeida

Os clássicos da literatura mundial têm, certamente, um lugar privilegiado na formação leitora de jovens, com presença garantida nas escolas. Esse espaço foi conquistado pela qualidade literária, inovação e perenidade dessas obras. Aos quadrinhos, por outro lado, não é oferecida tanta atenção. Mesmo que a sua linguagem tenha os primeiros registros já no século XIX, que possuam, por si próprias, seus clássicos e igualmente grande qualidade estética, as HQs sofrem com a marginalização – principalmente se olharmos para sua aproximação com alunos em sala de aula. No entanto, os quadrinhos, como narrativas visuais, têm grande força para contar histórias, experimentando linguagens, formas de expressão e estilos, podendo contribuir para a formação de leitores mais críticos.

A coleção *Clássicos em HQ* é uma maneira de unir leituras, linguagens e leitores. A convergência de obras clássicas com os quadrinhos não só oferece novas possibilidades de explorar a literatura em suas mais diversas linguagens, como amplia a percepção de uma leitura de descoberta – dos livros e do mundo. Unindo o peso dos textos clássicos ao complexo sistema dos quadrinhos, temos em mãos obras que certamente encontrarão seu lugar dentro da sala de aula e nas mãos de leitores de todas as idades.

## Por que os clássicos?

A partir do texto de Italo Calvino (2009), podemos refletir sobre a importância da leitura

dos clássicos, daqueles textos que “persistem como rumores”, independentemente de quanto tempo tenha se passado desde sua escrita. Segundo esse autor, “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (p. 18). Em outras palavras, é uma fonte que não se esgota, um processo de ato contínuo, que nunca se fecha. Para Calvino, “toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira” (p. 17). Pensando nisso, estamos diante de obras que apresentam, a cada apreciação, uma nova possível leitura, um lugar de descobertas.

Os clássicos refletem o contexto de sua época, mas se tornam atemporais por suas muitas camadas e originalidade – atualizando-se a cada leitura. Sem perder seu fôlego inicial, essas obras se tornaram clássicos porque permaneceram e continuaram encantando o imaginário de todos os leitores até os dias de hoje.

Importante refletirmos também que obras de diferentes gêneros podem ser definidas como *clássicas*. Temos a poesia épica de *A divina comédia* e *Os Lusíadas*, o gênero dramático de *Auto da barca do inferno*, o romance de *Dom Quixote* ou ainda o terror/ficção científica de *Frankenstein*, apenas para citar alguns. Os textos clássicos são multiplicidades de sentidos sempre passíveis de releituras, mesmo em um primeiro contato direto com a obra.

## Por que os quadrinhos?

Os quadrinhos são uma linguagem literária complexa que exigem uma leitura atenta e

simultânea de diferentes elementos gráficos, ou, ainda, nas palavras de Postema (2018) “como uma forma de arte e de narrativa, [os quadrinhos] são um sistema em que o número de elementos ou fragmentos díspares trabalham juntos para criar um todo completo” (p.15). A palavra e a imagem contam uma mesma história em conjunto, sendo impossível separá-las sem perder a percepção total da narrativa. Além disso, existem muitos outros componentes nos quadrinhos que igualmente narram: as formas dos quadros e dos balões, sarjetas, cores, composição, linhas de movimento, traço, direção de leitura, entre outros. Nesse sentido, podemos lembrar a habilidade prevista pela BNCC:

**(EF69AR04)** Analisar os elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, direção, cor, tom, escala, dimensão, espaço, movimento etc.) na apreciação de diferentes produções artísticas.

As histórias em quadrinhos experimentam a poética por meio de todos esses elementos visuais em uma narrativa sequencial de quadros e páginas. Além disso, a sutileza do encaideamento de leitura também é peça-chave nas HQs. Os leitores não mais lerão somente palavra-atrás-de-palavra, mas imagens, elementos gráficos e composições diversas, por meio de uma forma de leitura que nos é indicada visualmente em cada narrativa.

Desse modo, os quadrinhos podem trazer diversos benefícios para seu leitor – ainda que esse não seja seu objetivo final, já que a literatura não deve ser pensada como utilidade ou objetividade, mas como subjetividade, percepção e fruição: seu sentido se completa em si mesma. Ainda assim, podemos pensar em alguns ganhos indiretos proporcionados pelas histórias em quadrinhos:

- **Linguagens diversas** – Por ser uma mídia de linguagens híbridas, os quadrinhos

exigem uma leitura de todos os elementos gráficos presentes. O leitor desenvolve, assim, uma percepção maior de cor, ritmo, relação palavra-imagem, tipografia, além de nuances visuais que despertam um olhar curioso. Todas as linguagens podem narrar em uma história em quadrinhos, inclusive a quantidade e formato dos quadros em uma página.

- **Leitura global** – A linguagem visual tem como característica narrativa principal: o *mostrar* (visual) em vez do *narrar* (verbal), o que exige articulação e percepção diferentes das encontradas no livro, totalmente verbal. Dessa forma, a leitura precisa ser feita de maneira global e circular, do todo para as partes e das partes para o todo. Postema (2018) diz que “os quadrinhos criam o ‘inteiro’ a partir de ‘buracos’. Ao conectar esses fragmentos, preencher as lacunas envolve diversos e diferentes tipos de leitura [...]” (p. 24). Em outras palavras, é necessária uma leitura bastante atenta, o que acaba proporcionando momentos de descobertas e aprofundamento da leitura crítica.
- **Percepção gráfica** – Vivemos em um mundo bastante visual: estamos rodeados de ícones e outros elementos gráficos constantemente. As histórias em quadrinhos incorporam essa característica em



narrativas complexas e com diálogos entre linguagens. Dessa forma, a leitura de HQs provoca maior percepção não só literária, mas de mundo.

Com tudo isso, não podemos mais pensar nos quadrinhos como uma linguagem *mais fácil* ou *mais leve* do que outras formas literárias. Menos ainda como uma leitura *exclusiva para crianças* ou somente como *ponto de partida*. Como uma linguagem narrativa, os quadrinhos podem abarcar histórias de qualquer formato ou gênero: poesia, romance, conto, terror, drama... e para todas as idades.

As histórias em quadrinhos são leituras complexas que demandam uma percepção de todos os elementos narrativos, sendo ótimas aliadas para a formação de leitores críticos dentro e fora da sala de aula.

## E por que os clássicos em HQ?

Se a cada (re)leitura de um clássico, temos uma leitura de descoberta, agora, com os clássicos em HQ, deparamos com uma leitura de uma (re)leitura, ou seja, enxergamos o clássico através dos olhos de um quadrinista.

É um movimento de descoberta do artista que se materializou em uma nova leitura visual do texto clássico – um quadrinho – e que se torna uma leitura possível, mas nunca única. Esse deslocamento de linguagens é um trabalho de (re)criação, que envolve uma tradução intersemiótica, ou seja, a transposição de todo um sistema de signos para outro. Muito mais do que um mero ajuste de uma coisa a outra, a releitura é uma produção que envolve todas as especificidades das linguagens envolvidas.

É importante ter em mente que os clássicos em quadrinhos não devem ser entendidos somente com a função de *pontes* a um texto clássico. Seguindo essa metáfora, deveríamos pensar tanto nos quadrinhos quanto no cânone literário como ilhas, com suas especificida-

des, mas completas em si mesmas. A ponte entre elas é justamente o leitor.

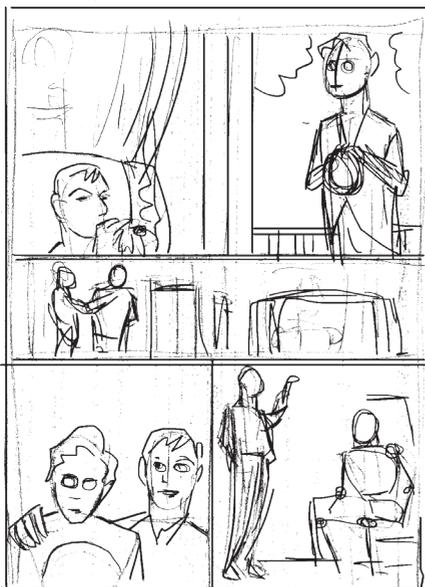
Não é necessário partirmos sempre dos quadrinhos para chegarmos ao texto clássico. Podemos fazer o movimento inverso: partir do texto clássico para chegar à sua releitura em quadrinho. O que podemos retirar dessa experiência?

As HQs não devem ser vistas como facilitadoras de um texto clássico, mas como uma obra gráfica completa e de qualidade por si mesma. Os clássicos em HQ, portanto, são a oportunidade de mergulho em um texto verbal importante e atemporal, através de uma nova linguagem que amplia as camadas de (re)leitura e de repertório, por meio de elementos gráficos.

## O que considerar em um clássico em quadrinhos?

Uma boa releitura dos clássicos para a linguagem dos quadrinhos engloba alguns pontos que precisam ser considerados. A coleção *Clássicos em HQ* foi concebida com todos os cuidados tão necessários para uma obra final de qualidade.

O primeiro deles é em relação ao texto verbal. É importante que todos os textos da narrativa – dos balões ou recordatórios – tenham sido extraídos do original, ou seja, não sejam adaptações ou versões simplificadas desse texto. Dessa forma, não existe um intuito facilitador na obra, mas sim uma amplitude de camadas de leitura e um reconhecimento da obra clássica. No caso de obras em outros idiomas, é importante que sejam escolhidas excelentes traduções em português, para que os fragmentos necessários na narrativa em quadrinhos sejam selecionados sem descomplexificar a obra. Ainda sobre o texto verbal, é preferível que a obra não contenha, ao final, o “texto original na íntegra”, pois isso acaba por refletir em um aspecto de “insuficiência”



do projeto em quadrinhos. O texto na íntegra de fato nem sempre fará parte no projeto final das releituras, principalmente se levarmos em conta as extensões de alguns textos, como *Dom Quixote*, por exemplo. É natural, portanto, que por vezes sejam retirados fragmentos do clássico para a composição da história em quadrinhos, o que não diminui o valor da proposta empregada. Não é necessário que seja trazido, ao final do livro, o texto na íntegra, uma vez que o leitor – caso queira – pode encontrá-lo em outros espaços e edições. A história em quadrinhos se basta por si só, pois conta a história que quer ser contada por inteiro. A conexão com o texto integral pode ser feita em um outro momento, dialogando ou não com essa obra em quadrinhos.

Um segundo ponto importante de percepção é em relação ao estilo da linguagem visual. A releitura deve representar a expressão de um artista dialogando com as características originais do texto. É importante a diversidade de traços – e artistas – em uma coleção de clássicos,

uma vez que todos os elementos visuais de uma história em quadrinhos têm o poder de narrar: cores, traços, balões, tipografia, composições e até mesmo os espaços vazios. Ora, assim não poderíamos ter na releitura de *Demônios em quadrinhos*, cores alegres e vibrantes, ou na de *Macunaima em quadrinhos*, uma tipografia tradicional. Todos esses aspectos criam um conjunto complexo e bem elaborado que não apenas dialoga com o texto clássico como engendra camadas de leituras e percepções nas narrativas.

Um último aspecto importante diz respeito à utilização da própria linguagem dos quadrinhos. A relação entre palavra e imagem é uma característica central das HQs e, portanto, não deve ser negligenciada a favor somente do texto clássico, ou seja, as imagens devem contribuir para a narrativa tanto quanto as palavras. É imprescindível também pensarmos no equilíbrio entre o texto verbal – retirado do clássico – e o texto visual. É necessário evitar a redundância, ou seja, as imagens devem ampliar camadas de leitura e não apenas repetir o que o texto verbal está dizendo. A linguagem do quadrinho é predominantemente visual e isso deve ser explorado na obra. Podemos ver essa qualidade em *Dom Quixote em quadrinhos*, de Caco Galhardo, na qual a luta do personagem contra os moinhos de vento é representada por uma sequência de quase dez páginas sem nenhum texto, demonstrando a riqueza de uma boa (re)leitura em quadrinhos de um clássico.

Outro exemplo da ampliação de sentidos na leitura é o acréscimo de estratégias metaficcionalis na narrativa em quadrinhos, por exemplo, a presença do autor dentro da história. Podemos observar essa técnica em *Conto de escola em quadrinhos*, em que Machado de Assis é representado narrando a frase inicial da história e recolhendo uma de prata do chão – moeda essa que pode ou não ser a moeda do

próprio conto. Ou em *Os lusíadas em quadrinhos*, em que Camões faz uma introdução e o encerramento de cada canto apresentado. Ou ainda em *Macunaíma em quadrinhos*, em que o posfácio apresenta o processo de construção da obra pelos próprios autores, ainda na linguagem de Mário de Andrade.

Essa “intromissão” visual dos autores nas (re)leituras em quadrinhos possibilita uma camada a mais de leitura, pois provoca o leitor, promovendo uma exploração da narrativa mais atenta e crítica.

## Clássicos em HQ na sala de aula

A proposta de levar os clássicos em quadrinhos para a sala de aula nos oferece diferentes possibilidades de exploração de linguagens e textos. Tais como:

- **Intertextualidade** – Além da óbvia conexão com o texto clássico original, as releituras em quadrinhos sempre oferecem uma ampla gama de relações com outros textos (verbais e visuais). É o caso de *Dom Quixote em quadrinhos*, que dialoga com ilustrações de Gustave Doré e Picasso. Ou ainda *Eu, Fernando Pessoa em quadrinhos*, que tem um encadeamento com a própria biografia do autor. Essas relações são capazes de partir tanto do aluno quanto do professor, e podem ser gancho para outros mergulhos, ampliando as possíveis leituras e interesses.
- **Interdisciplinaridade** – As histórias em quadrinhos têm como base a relação entre diferentes linguagens (palavra e imagem), e as releituras são ainda somadas aos clássicos, escritos em contextos diferentes, que trazem uma realidade outra. Dessa forma, essas obras podem ser pensadas de maneira a somar diferentes disciplinas escolares, em projetos amplos. As áreas de Artes, História, Geografia, Língua Portuguesa, entre

outras, podem ser exploradas em conjunto a partir das leituras dos clássicos em HQ.

- **Ampliação de repertório** – Neste item podemos pensar em repertórios diversos: culturais, de leitura, imagéticos. Os clássicos em HQ oferecem uma pluralidade de temáticas, linguagens e estilos – tanto verbais quanto visuais. Essa riqueza de texturas e tessituras ampliam, naturalmente, o repertório do leitor, que levará essas referências para suas próximas leituras e vivências.
- **Leitura crítica** – A partir das percepções de leitura de todas as linguagens e perguntas feitas ao próprio texto – não para encontrar respostas, mas para gerar provocações –, o leitor se aproxima de uma abordagem crítica, pois não cômoda, mas curiosa. A percepção é a chave para uma leitura mais crítica: a complexidade da linguagem dos quadrinhos somada a um texto clássico acaba por possibilitar um desenvolvimento de leitura sensível e dos limites, ou seja, dos não ditos e das diferentes camadas da obra.

## Clássicos em HQ: propostas e provocações

A partir do que foi apresentado, pensamos em propostas para levar os clássicos em HQ para a sala de aula. O objetivo deste material é promover recursos aos educadores para desenvolver projetos que envolvam os interesses dos alunos, as aprendizagens essenciais (indicadas pela Base Nacional Comum Curricular [BNCC]), a fruição literária e as provocações que se iniciam na escola, mas que se estendem por toda a vida.

- **Projetos interdisciplinares** – Aqueles que abracem mais de uma disciplina são interessantes para proporcionar uma experiência ampla e mergulhos na temática trabalhada. Explorar as diferentes manifestações sociais, culturais, artísticas e históricas, a partir dos

clássicos em HQ, pode propiciar grande profundidade e envolvimento do aluno, principalmente ao provocar um diálogo crítico diante dessas diferentes linguagens. Por exemplo, a partir de *Macunaima em quadrinhos*, podemos apresentar aos alunos músicas de Heitor Villa-Lobos, pinturas de Anita Malfatti, além de discutir histórica, social e culturalmente o modernismo.

Algumas habilidades definidas pela BNCC que podem dialogar com essa proposta, para o Ensino Médio:

**(EM13LGG602)** Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.

**(EM13LP46)** Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

E para o 6º ao 9º anos:

**(EF69AR33)** Analisar aspectos históricos, sociais e políticos da produção artística, problematizando as narrativas eurocêntricas e as diversas categorizações da arte (arte, artesanato, folclore, design etc.).

**(EF69AR32)** Analisar e explorar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.

**(EF69AR31)** Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética.

- **Produções artísticas** – As histórias em quadrinhos são uma linguagem visual que opera

na fragmentação e sequencialidade. Dessa forma, vale questionar os recursos dessa forma narrativa, a fim de explorar as possibilidades de se contar uma história. Assim, refletir sobre os efeitos de sentido de uma página constituída de vários quadros ou uma página com um único quadro, por exemplo, é se aprofundar na linguagem dos quadrinhos. Podemos pensar sobre os ritmos de leitura provocados por cada plano visual. Por exemplo, quais são os efeitos provocados pela sequência visual da luta contra os moinhos de vento em *Dom Quixote em quadrinhos*? E como podemos entender o ritmo da história sendo contada por uma única imagem por página e sem texto, no lugar de uma sequência de vários quadros por página? Como a HQ representa, na (re)leitura do clássico, a provocação de sentidos ao leitor? O que as cores e o estilo de cada quadrinho nos contam? Qual a relação deles com o texto original? Quais sentidos essas escolhas oferecem? A partir dessas instigações, é possível o diálogo com outros textos, linguagens ou mídias: quais músicas podem se relacionar com essa produção? Quais cores seriam escolhidas para representar cada obra? Quais cheiros, sabores, sensações? Como o quadrinho transmite tudo isso? Como isso dialoga com o texto clássico? Como um projeto autoral dos alunos se relacionaria com todas essas questões? Como pensar e produzir uma obra na linguagem dos quadrinhos? Qual técnica, cores e formas seriam usadas?

Algumas habilidades estabelecidas pela BNCC que podem dialogar com essa proposta, para o Ensino Médio:

**(EM13LGG103)** Analisar o funcionamento das linguagens, para interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses (visuais, verbais, sonoras, gestuais).

**(EM13LGG105)** Analisar e experimentar diversos processos de remediação de produções multissemióticas, multimídia e transmídia, desenvolvendo diferentes modos de participação e intervenção social.

**(EM13LP54)** Criar obras autorais, em diferentes gêneros e mídias – mediante seleção e apropriação de recursos textuais e expressivos do repertório artístico –, e/ou produções derivadas (paródias, estilizações, fanfics, fanclipes etc.), como forma de diálogo crítica e/ou subjetivamente com o texto literário.

E para o 6º ao 9º anos:

**(EF69AR04)** Analisar os elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, direção, cor, tom, escala, dimensão, espaço, movimento etc.) na apreciação de diferentes produções artísticas.

**(EF69AR05)** Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.).

- **Diálogos com elementos literários** – Podemos nos debruçar, a partir dos clássicos em HQ, sobre as diferentes formas narrativas literárias. Os clássicos são diversos: poemas, contos, poemas épicos, romance, entre outros; por isso podemos observar como essas estruturas são exploradas nos quadrinhos. Por exemplo, em *I-Juca Pirama em quadrinhos*, cujo o texto original é um poema, observar como a métrica foi trabalhada na obra; em *Os Lusíadas em quadrinhos*, de que maneira os cantos foram organizados em cada quadro; ou, ainda, como os versos foram explorados em *O corvo em quadrinhos*. Além disso, podemos observar também como a linguagem

visual pode expandir alguns recursos do texto verbal, como a ironia, o desespero, as mudanças vocais de grito, sussurro, entre outros. Outro ponto importante é a intertextualidade, tanto com outros textos literários como com linguagens diversas. Quais diálogos podemos estabelecer a partir dessas (re)leituras? Com quais movimentos artísticos e/ou literários? Com quais produções artísticas contemporâneas? Filmes, séries, músicas? O que o quadrinho nos oferece de maneira explícita e implícita?

Algumas habilidades definidas pela BNCC podem dialogar com essa proposta, para o Ensino Médio:

**(EM13LP50)** Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam.

**(EM13LP49)** Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

E para o 6º ao 9º anos:

**(EF69LP44)** Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

**(EF69LP47)** Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.



## Referências Bibliográficas

BORGES, Renata Fahrat (org.). *Clássicos em HQ*. São Paulo: Peirópolis, 2013.

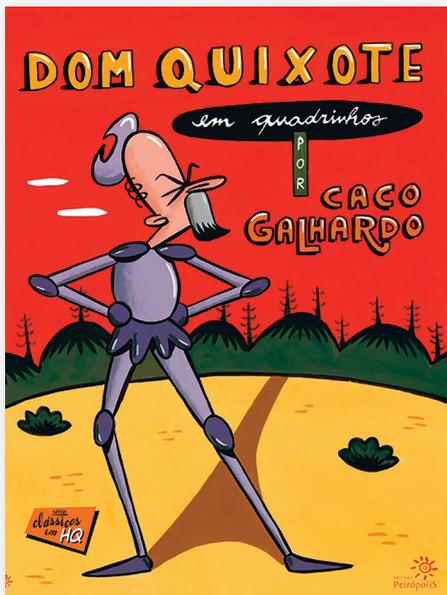
BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: 2018.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

POSTEMA, Barbara. *Estrutura narrativa nos quadrinhos*. São Paulo: Peirópolis, 2018.







## Dom Quixote em quadrinhos Volume 1

Miguel de Cervantes  
Tradução de Sérgio Molina  
Adaptação de Caco Galhardo

 20,5 x 27 cm • 48 págs. • 4 cores •  
Brochura • ISBN 978-85-7596-028-8

 Livro digital ISBN 978-85-7596-404-0  
(KF8) e 978-85-7596-388-3 (ePUB)

☆ Livro premiado!

Por meio dos traços bem-humorados de Caco Galhardo o leitor poderá visitar as passagens mais significativas do clássico de Cervantes, desde as reflexões iniciais, que remetem à transformação do pacato fidalgo no visionário cavaleiro andante, herói cujas aventuras atravessaram os séculos, até as grandes batalhas, com destaque para a famosa luta com os moinhos de vento, que ocupa dez páginas dessa adaptação para quadrinhos. A obra original, bem como esta tradução em quadrinhos, é composta de dois volumes.

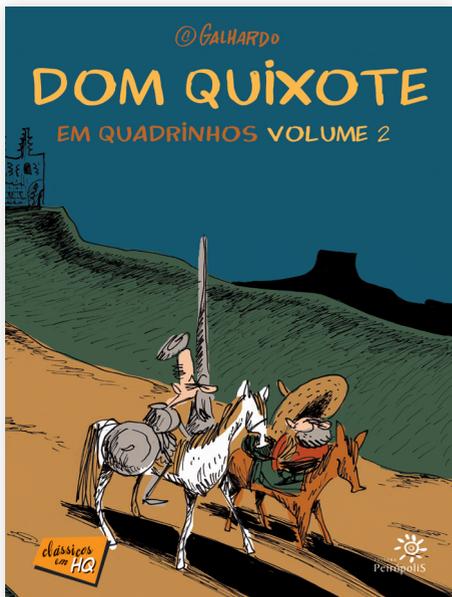
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapetropolis.com.br/produto/dom-quixote-em-quadrinhos/>





## Dom Quixote em quadrinhos Volume 2

Miguel de Cervantes  
Tradução de Sérgio Molina  
Adaptação de Caco Galhardo

📖 20,5 x 27 cm • 64 págs. • 4 cores •  
Brochura • ISBN 978-85-7596-312-8

📱 Livro digital ISBN 978-85-7596-405-7  
(KF8) e 978-85-7596-389-0 (ePUB)

★ Livro premiado!

Neste segundo volume da versão em quadrinhos da obra clássica de Cervantes, Dom Quixote, o cavaleiro da triste figura, sai novamente para conquistar o mundo ao lado de seu escudeiro, o fiel Sancho Pança. Juntos, enfrentarão leões selvagens, grutas fantasmagóricas, cavaleiros misteriosos e o sarcasmo das pessoas, em uma obra repleta de humor e lirismo, criada pelo talentoso Caco Galhardo. A versão em quadrinhos do clássico de Cervantes foi composta também em dois volumes, em dois momentos distintos, tal qual o processo de concepção da obra matriz, à época. Cervantes publicou seu *Dom Quixote* em 1605. Após dez anos de sucesso do livro, lançou o segundo volume (1615), com novas aventuras do cavaleiro andante e seu fiel escudeiro.

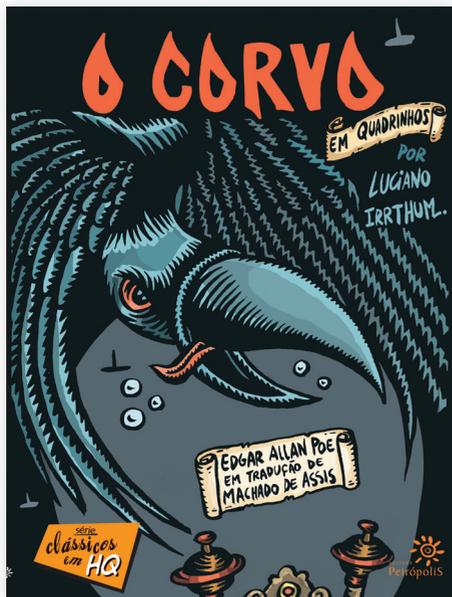
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/dom-quixote-em-quadrinhos-volume-2/>





## O corvo em quadrinhos

Edgar Allan Poe  
Tradução de Machado de Assis  
Adaptação de Luciano Irrthum

20,5 x 27 cm • 48 págs. • 4 cores •  
Brochura • ISBN 978-85-7596-168-1

Livro digital ISBN 978-85-7596-401-9  
(KF8) e 978-85-7596-385-2 (ePUB)



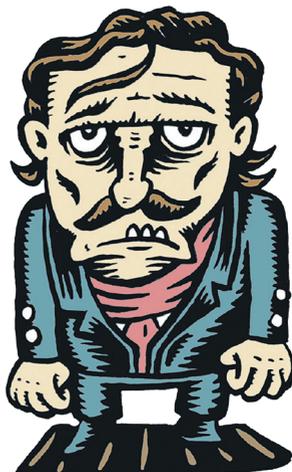
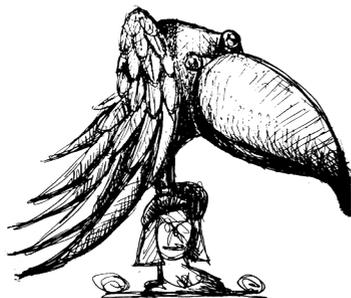
O célebre poema “O corvo” (*The raven*), do escritor norte-americano Edgar Allan Poe, ganhou sua versão em HQ em 2009, ano que marcou o bicentenário do nascimento do autor. Publicado pela primeira vez em 1945, o poema, admirado pela linguagem musical e pelo conteúdo metafísico, recebeu traduções de grandes expoentes da literatura mundial, como Baudelaire, Mallarmé, Fernando Pessoa e Machado de Assis. Aqui, o poema renasce das mãos do quadrinista Luciano Irrthum, que expressa sua reverência pela obra imprimindo-lhe o lirismo, a força e a visceralidade de seu traço.

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/o-corvo-em-quadrinhos/>





## Conto de escola em quadrinhos

Machado de Assis  
Adaptação de Laerte Silvano

20,5 x 27 cm • 52 págs. • 4 cores •  
Brochura • ISBN 978-85-7596-200-8

Livro digital ISBN 978-85-7596-400-2  
(KF8) e 978-85-7596-384-5 (ePUB)

☆ Livro premiado!

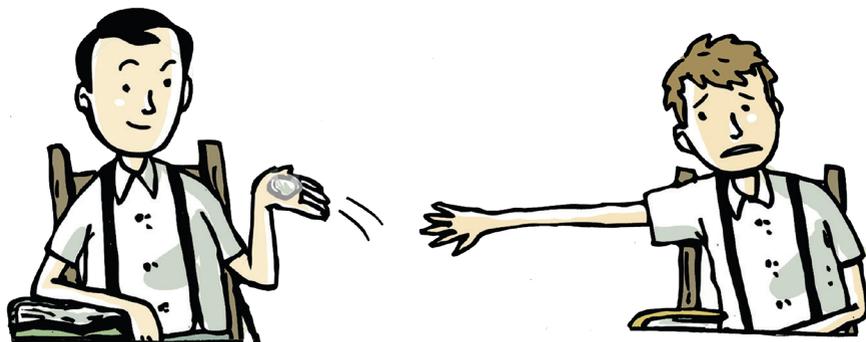
Um pai autoritário, um garoto cheio de curiosidade pela vida. A rua ensolarada convidava para outros destinos, mas o garoto decide tomar o rumo da escola para evitar problemas. Lá, depara com um professor sisudo, pai do colega que lhe faria uma proposta tentadora. Esses elementos do célebre “Conto de escola”, de Machado de Assis, receberam das mãos do quadrinista Laerte Silvano tratamento impecável. Siga o garoto Pilar nessa nova leitura de um grande clássico.

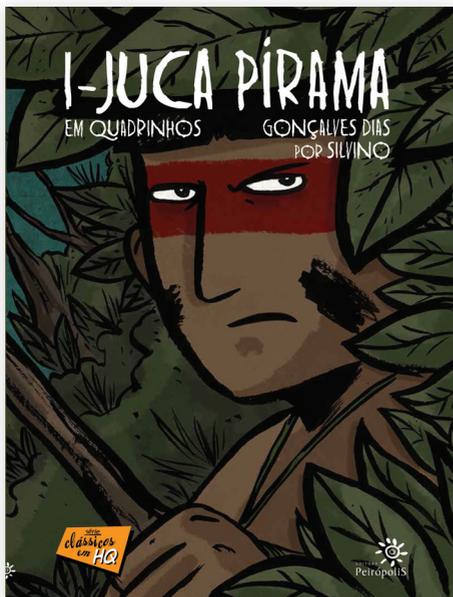
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/conto-de-escola-em-quadrinhos/>





## I-Juca Pirama em quadrinhos

Gonçalves Dias  
Adaptação de Laerte Silvano

20,5 x 27 cm • 48 págs. • 4 cores •  
Brochura • ISBN 978-85-7596-295-4

Livro digital ISBN 978-85-7596-408-8  
(KF8) e 978-85-7596-392-0 (ePUB)

### Para saber mais

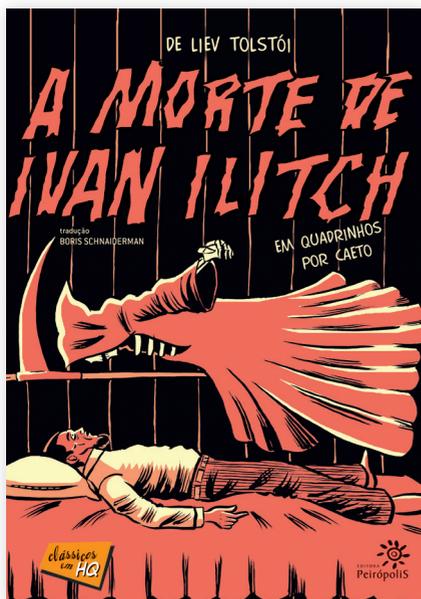
Para obter mais informações sobre  
essa obra, acesse o site através do QR  
code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/i-juca-pirama-em-quadrinhos/>

Versão para quadrinhos de um dos mais famosos poemas indianistas do romantismo brasileiro: “I-Juca Pirama”, de Gonçalves Dias. Publicado em 1851, o poema apresenta, em dez cantos, a história do grande guerreiro tupi e o drama de sua captura pelos índios timbiras. Na hora de entoar seu canto de morte antes de ser sacrificado e devorado pelos inimigos, o guerreiro pede que o deixem viver para cuidar do pai doente. O pedido é interpretado como covardia e ele é solto. A partir daí a história se desenrola até que ele possa provar sua coragem e recuperar a sua honra. Laerte Silvano esmerou-se na escolha de cores, texturas e atmosferas para compor as imagens e contou com a contribuição de Maurício Soares Filho para a elaboração do roteiro, que certamente aproximará as novas gerações dessa história romântica que expressa o rígido código de ética de um povo.





## A morte de Ivan Ilitch em quadrinhos

Liev Tolstói

Tradução de Boris Schnaiderman

Adaptação de Caeto

 20,5 x 27 cm • 80 págs. • 4 cores •  
Brochura • ISBN 978-85-7596-313-5

 Livro digital ISBN 978-85-7596-409-5  
(KF8) e 978-85-7596-393-7 (ePUB)

Obra do escritor russo Liev Tolstói, publicada em 1886, retrata a história de um juiz de instrução bem posicionado socialmente que fica doente de uma hora para outra. Ao se confrontar com a morte, Ivan Ilitch começa a perceber o vazio de uma vida baseada em aparências. Sua percepção se amplia à medida que observa a reação à doença da família e dos colegas de trabalho, para quem ele havia se tornado um estorvo a ser evitado. A narrativa, célebre pela profundidade que atinge em menos de cem páginas, é um acerto de contas de Ivan Ilitch consigo mesmo, quando se vê na mais absoluta solidão.

Considerada por muitos literatos a mais perfeita novela da literatura universal, *A morte de Ivan Ilitch* ganha versão em HQ pelas mãos do quadrinista Caeto (premiado por *Memória de elefante*), com base na tradução de Boris Schnaiderman.

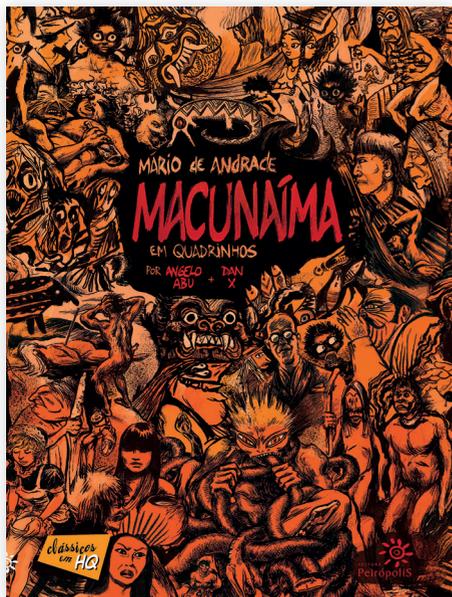
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/a-morte-de-ivan-ilitch-em-quadrinhos/>





## Macunaíma em quadrinhos

Mário de Andrade

Adaptação de Angelo Abu e Dan X

20,5 x 27 cm • 80 págs. • 4 cores •  
Brochura • ISBN 978-85-7596-382-1

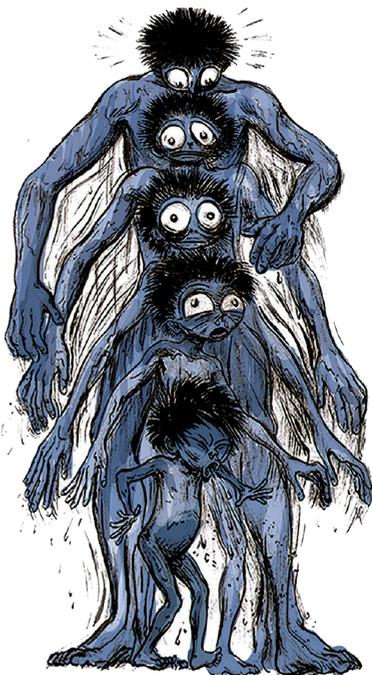
Livro digital ISBN 978-85-7596-411-8  
(KF8) e 978-85-7596-395-1 (ePUB)

Nunca houve um herói como Macunaíma. E nunca houve uma adaptação de sua história como esta.

Com uma incrível riqueza de imagens e cores, Angelo Abu e Dan X recriam de maneira vigorosa a saga imaginada por Mário de Andrade sobre um personagem singular, a quem falta caráter, mas sobra carisma – e preguiça. Macunaíma nasce índio, se transforma em um belo e loiro príncipe, encontra seres fantásticos da Floresta Amazônica, enfrenta armadilhas e perigos e viaja à cidade grande com seus irmãos em busca de mais confusões e enrascadas.

Uma história que se traduz com perfeição aos quadrinhos, em uma versão que se mostra tão divertida e irreverente quanto a obra original.

Este é o 15º álbum da coleção Clássicos em HQ.

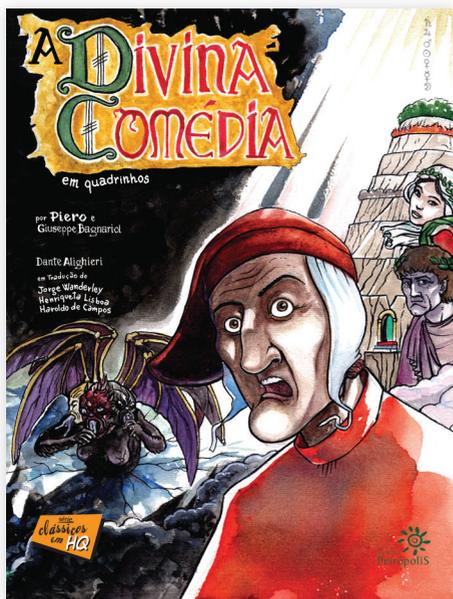


### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/macunaíma-em-quadrinhos/>



## A divina comédia em quadrinhos

Dante Alighieri

Tradução de Jorge Wanderley, Henriqueta Lisboa e Haroldo de Campos

Adaptação de Piero Bagnariol e Giuseppe Bagnariol

 20,5 x 27 cm • 72 págs. • 4 cores • Brochura • ISBN 978-85-7596-229-9

 Livro digital ISBN 978-85-7596-402-6 (KF8) e 978-85-7596-386-9 (ePUB)



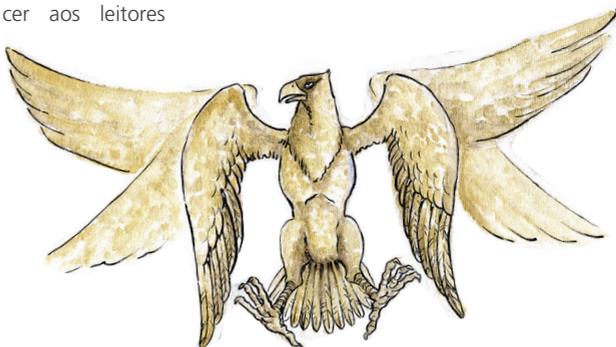
*A divina comédia em quadrinhos* é a transposição para a linguagem das HQs do poema épico de Dante Alighieri. Esse clássico renova-se nas aquarelas de Piero Bagnariol, que traduziu em imagens a obra reconhecida como a mais rica fonte da cosmovisão medieval. Piero contou com a parceria do pai, Giuseppe Bagnariol, para elaborar roteiros de passagem entre trechos do texto original. Esta versão contou com a consultoria da especialista na obra dantesca Maria Teresa Arrigoni, que orientou a escolha das traduções: Jorge Wanderley para o “Inferno” e Haroldo de Campos para o “Paraíso”. A tradução do “Purgatório” é de Henriqueta Lisboa. Um grande encontro de talentos para oferecer aos leitores a melhor tradução de *A divina comédia*. Mais informações no *blog* <http://divinacomediahq.blogspot.com>

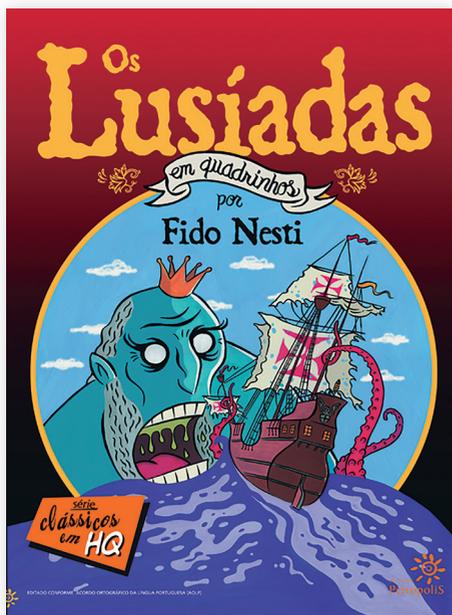
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/a-divina-comedia-em-quadrinhos/>





## Os lusíadas em quadrinhos

Luís Vaz de Camões

Adaptação de Fido Nesti

20,5 x 27 cm • 48 págs. • 4 cores •  
Brochura • ISBN 978-85-7596-073-8

Livro digital ISBN 978-85-7596-436-1  
(KF8) e 978-85-7596-422-4 (ePUB)

Ouça as narrações no site

☆ Livro premiado!

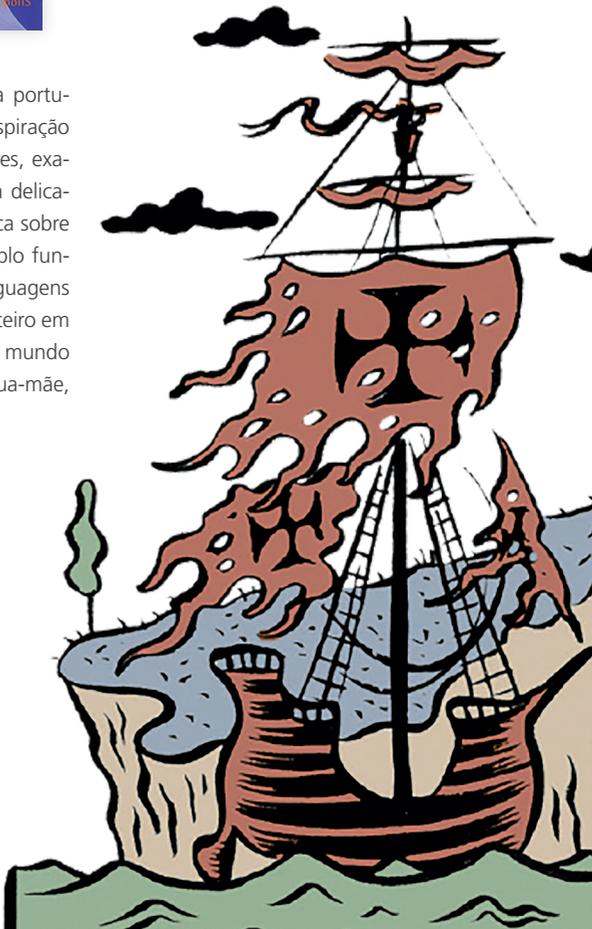
Episódios selecionados do clássico da língua portuguesa *Os Lusíadas*, de Camões, servem de inspiração ao quadrinista Fido Nesti. A profusão de cores, exageros e traços que oscilam entre a força e a delicadeza faz deste trabalho uma leitura antológica sobre essa obra clássica do mundo lusitano, exemplo fundamental de releitura e adaptação entre linguagens aparentemente inconciliáveis: um atraente roteiro em quadrinhos de aproximação do leitor com o mundo de Vasco da Gama e com a elegância da língua-mãe, imperdível pela ousadia e originalidade.

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/os-lusíadas-em-quadrinhos/>





## Auto da barca do inferno em quadrinhos

Gil Vicente

Adaptação de Laudo Ferreira

📖 20,5 x 27 cm • 56 págs. • 4 cores •  
Brochura • ISBN 978-85-7596-208-4

📱 Livro digital ISBN 978-85-7596-399-9  
(KF8) e 978-85-7596-383-8 (ePUB)



Grande clássico da literatura portuguesa, o *Auto da barca do inferno*, de Gil Vicente, é tido como um reflexo da mudança dos tempos, trazendo ao leitor contemporâneo o espírito da passagem da Idade Média para o Renascimento. Neste álbum, o quadrinista Laudo Ferreira retrata com fidelidade esse período marcado por grandes questionamentos sobre as balizas que até então regiam a vida social. A leitura artística contemporânea e instigante de Laudo Ferreira, com linguagem visual arrojada e atraente, mostra ao leitor jovem a dimensão revolucionária do trabalho de Gil Vicente e ainda proporciona o contato com a evolução da língua portuguesa, já que a edição mantém o português da época (fixado na Compilação de 1562).

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/auto-da-barca-do-inferno-em-quadrinhos/>





## Clássicos em HQ

Renata Farhat Borges (org.)

Entrevistas de Susana Ventura

 21 x 28 cm • 256 págs. • 4 cores •  
Brochura • ISBN 978-85-7596-323-4

 Livro digital ISBN 978-85-7596-398-2  
(KF8) e 978-85-7596-414-9 (ePUB)

☆ Livro premiado!

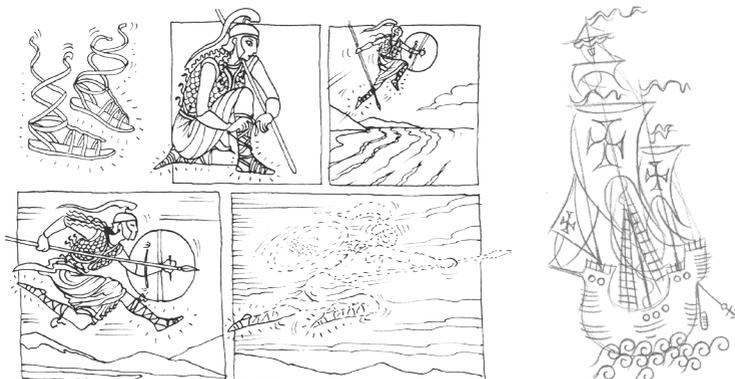
### Para saber mais

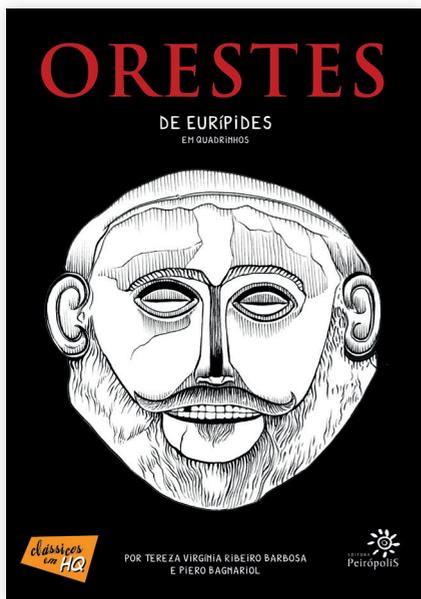
Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/classicos-em-hq/>

Este volume reúne trechos de álbuns da coleção Clássicos em HQ, textos sobre as obras literárias quadrinizadas e seus autores, testemunhos dos artistas envolvidos, além de entrevistas com os quadrinistas e roteiristas, feitas especialmente para esta edição. Criada em 2005, com a adaptação de Caco Galhardo para o clássico de Cervantes *O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha* (1605), a coleção vem conquistando leitores jovens e experientes, de quadrinhos e da literatura, em espaços formais e informais de educação. Com vários títulos já publicados e outros a caminho, essa empreitada em que tantos se aventuraram juntos é conduzida por alguns princípios norteadores surgidos da experiência editorial. O primeiro deles é o de que os artistas que se aventuram nas traduções para quadrinhos são leitores apaixonados pela obra clássica escolhida para adaptar, ou recriar, ou traduzir, ou tudo isso junto. A ideia da coleção é apresentar ao público uma leitura possível da obra, e não, logicamente, a única – mas ela deve ser a leitura de um leitor sagaz. O segundo critério é que se mantenham nos quadrinhos, em seus balões ou recordatórios, apenas textos originais da obra literária matriz – daí a escolha de traduções consagradas em língua portuguesa de obras em outros idiomas, o terceiro princípio da coleção.





## Orestes em quadrinhos

Piero Bagnariol, Tereza Virginia  
Ribeiro Barbosa

 20,5 x 22,5 cm • 80 páginas • 1 cor •  
ISBN 978-65-5931-034-0

 Livro digital ISBN 978-65-5931-036-4  
(KF8) e 978-65-5931-035-7 (ePUB)

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre  
essa obra, acesse o site através do QR  
code ou pelo endereço eletrônico:



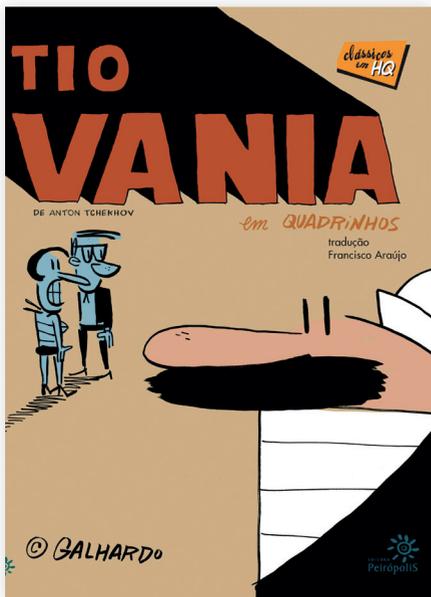
<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/orestes-em-quadrinhos/>

*Orestes*, de Eurípides, completa o ciclo da Guerra de Troia, do qual fazem parte a *Iliada* e a *Odisseia*. Versa sobre a morte de Clitemnestra, assassinada por Orestes, seu filho, com o apoio da irmã Electra. Os dois jovens matam a mãe para vingar o assassinato de seu pai, Agamenon. A obra é uma das mais representativas do tragediógrafo ateniense, constitui-se como um arquétipo da tragédia shakespeariana Hamlet.

A tragédia familiar ganha nova roupagem nessa edição em HQ e se atualiza em uma linguagem contemporânea, sem perder sua essência de obra clássica: segue tendo muito o que dizer aos leitores. O enredo trágico proposto por Eurípides e revisitado por Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa e Piero Bagnariol nos revela o lado sórdido que pode haver nas famílias, os desvios de seus membros e suas violências, e por consequência, nos faz deparar com as profundas questões que envolvem a formação ética do ser humano. A peça toca em temas polêmicos e em desejos profundos e inconfessáveis de todos e possibilita sua elaboração simbólica.

Como diz Álvaro Faleiros no prefácio ao álbum, "Não se trata apenas de projetar uma narrativa com suas figuras de linguagem refeitas em imagens, mas de trazer o próprio espaço cênico para a página, pois o que está em jogo é teatro".





## Tio Vania em quadrinhos

Anton Tchekhov

Adaptação de Caco Galhardo

📖 20,5 x 22,5 cm • 80 páginas • 4 cores  
• ISBN 978-65-5931-092-0

📱 Livro digital ISBN 978-65-5931-093-7  
(KF8) e 978-65-5931-088-3 (ePUB)

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



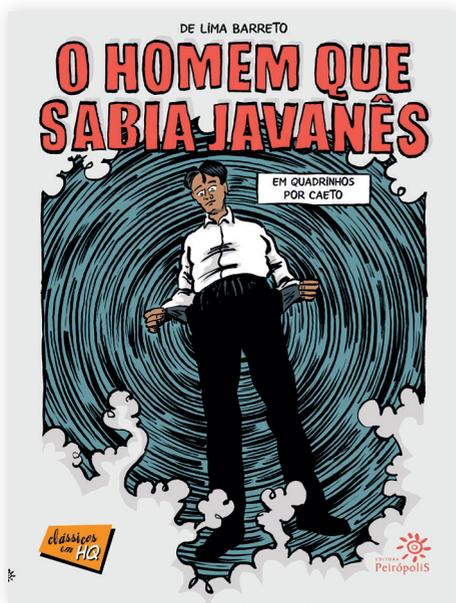
<https://www.editora-peiropolis.com.br/produto/tio-vania-em-quadrinhos/>

*Tio Vania*, texto teatral do dramaturgo russo Anton Tchekhov (1860-1904) encenado pela primeira vez há mais de um século, ganha nova roupagem, originalíssima. O cenário agora são os quadrinhos, e os “atores” saem diretamente das tirinhas de Caco Galhardo para representar os trágicos personagens do texto de Tchekhov.

Nas páginas da HQ, o clima da peça e o universo dos personagens são recriados como se estivéssemos vendo em um palco Elena, Sônia, Serebriakov, Teleguim, Marina Ástrov, Maria Vasílievna e Ivan ou tio Vânia, dando a oportunidade de os leitores conhecerem um dos grandes textos da dramaturgia mundial em um formato mais familiar e de grande circulação.

Os dramas vividos pelos personagens nos levam a refletir sobre o sentido da vida, sobre os caminhos e escolhas tomadas em cada trajetória. E não nos enganemos pela idade da peça: *Tio Vania* ainda tem muito a nos dizer. Trata-se de obra clássica que se atualiza a cada leitura e novas linguagens são sempre bem-vindas para convidar os leitores a descobrirem ou reentrarem no campo vasto desses escritos.





## O homem que sabia javanês em quadrinhos

Lima Barreto  
Adaptação de Caeto

20,5 x 27 cm • 56 págs. • 1 cor •  
Brochura • ISBN 978-65-5931-274-0

Livro digital ISBN 978-85-7596-399-9  
(KF8) e 978-85-7596-383-8 (ePUB)

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/o-homem-que-sabia-javanês-em-quadrinhos/>

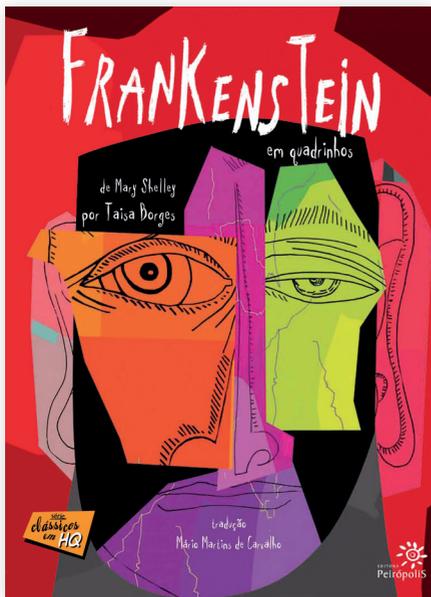
Um dos mais conhecidos contos do autor brasileiro Lima Barreto (1881 – 1922) ganha a sua versão em quadrinhos pelas mãos de Caeto.

Publicado originalmente em um jornal carioca, em 1911, O homem que sabia javanês narra em primeira pessoa as aventuras do jovem Castelo recém-chegado à capital brasileira, durante a República Velha. Sem muito apreço pelo trabalho, o rapaz vive deixando dívidas pelas pensões em que se hospeda, até se deparar com um anúncio publicado no Jornal do Commercio: certo Barão procura por um professor de javanês. Mesmo sem conhecer a língua falada em terras muito distantes, Castelo candidata-se à vaga.

Observador sagaz do mundo à sua volta, Lima Barreto não economiza no humor e no sarcasmo ao apresentar a história do farsante professor, expondo sem condescendências, uma sociedade que valorizava as aparências em oposição ao verdadeiro conhecimento.

Em diálogo muito afinado com o autor pré-modernista, Caeto consegue representar a ironia contida no texto e retratar a paisagem urbana do Rio de Janeiro, os personagens e os costumes do início do século XX, contribuindo para que possamos entrar, ainda mais, no clima da história.





## Frankenstein em quadrinhos

Mary Shelley  
Adaptação de Taisa Borges

20,5 x 22,5 cm • 80 páginas • 4 cores  
• ISBN 978-65-5931-092-0

Livro digital ISBN 978-85-7596-407-1  
(KF8) e 978-85-7596-391-3 (ePUB)

### Para saber mais

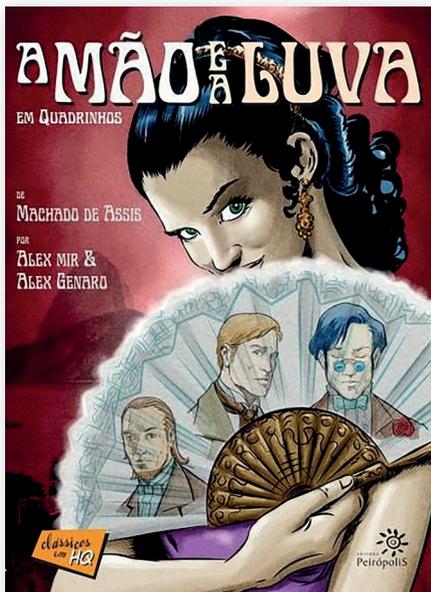
Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/frankenstein-em-quadrinhos/>

Nesta edição, a artista plástica Taisa Borges é a responsável pela bela versão em linguagem de HQ da narrativa criada pela inglesa Mary Shelley em 1817. A terrível trajetória de Victor Frankenstein é ilustrada de forma a alcançar em imagens toda a delicadeza e profundidade dos temas que atravessam a história e que ainda hoje ecoam na cultura, como as contradições que envolvem o desenvolvimento da ciência frente aos mistérios da natureza, o desejo de realizações grandiosas em contraponto ao sossego da vida doméstica, a dificuldade de o homem exercer uma conduta acolhedora frente a um outro radicalmente diferente.





Afilhada órfã da rica baronesa Mrs. Oswald, a astuta e forte Guiomar, e seus três pretendentes, são os protagonistas desse romance da primeira fase de Machado de Assis, *A mão e a luva* (1874), em que a tônica são a ambição e o desejo de ascensão social no rigoroso estatuto social burguês. Qual será o escolhido de Guiomar, aquele que lhe cabe na mão como luva? Como romance de folhetim, a obra tem uma estrutura equilibrada. Os capítulos são aproximadamente do mesmo tamanho e a história vai se desenvolvendo gradualmente até atingir um clímax e caminhar para o desenlace, estrutura revelada propositadamente na tradução em quadrinhos, que esbanja também recursos visuais para lembrar a época dos folhetins.

## A mão e a luva em quadrinhos

Machado de Assis

Adaptação de Alex Genaro, Alex Mir

📖 20,5 x 22,5 cm • 64 páginas • 4 cores  
• ISBN 978-85-7596-307-4

📱 Livro digital ISBN 978-85-7596-412-5  
(KF8) e 978-85-7596-396-8 (ePUB)

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editora-rapeiropolis.com.br/produto/a-mao-e-a-luva-em-quadrinhos/>





Inventário de infâncias  
Viagens pelos BRASIS

# Inventário de infâncias

## Viagens pelos BRASIS

Ana Carolina Carvalho

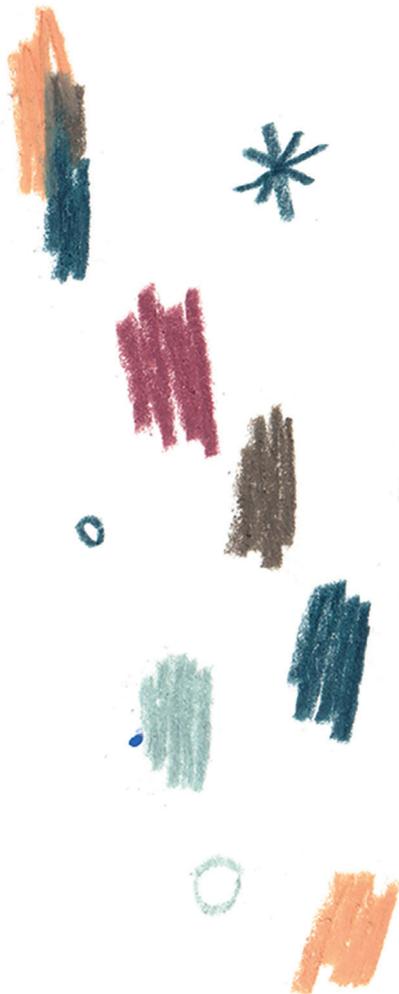
### Quintais, terreiros, chãos: paisagens e palavras das infâncias

Conhecer os BRASIS e suas crianças, as brincadeiras e os brincares, os quintais, terreiros e muitos chãos (as águas também), as cantigas e os enredos que acompanham meninos e meninas daqui e dali. Tudo isso em embalagens poéticas, permeadas com o narrar literário, que está presente nos cinco livros que compõem esta curadoria, ora em formato de relatos de viagens, ora em diários, e até mesmo em um conto de encantamento. Todos eles propondo viagens e mergulhos em outros BRASIS e suas tão diversas paisagens de infâncias. Essa é a proposta desta curadoria.

Mas, antes de começar a nossa viagem, o convite que fazemos a você é retornar ao quintal de sua infância, o lugar dos seus folguedos, como se dizia... Quintal, brincadeira, infância... O que essas palavras fazem lembrar? Como era a paisagem que rodeava sua casa? Rural, com chão de terra, árvores e sombras? À beira de um rio ou lagoa, onde se podia mergulhar e nadar? Urbana, dentro de um apartamento, cheio de armários, mesas, cadeiras? Ou um terreno cimentado, povoado de cantos imaginários? Onde quer que tenha sido, onde quer que ainda seja, em qualquer chão, em qualquer beira de mar ou de rio, as crianças brincam e inventam mundos.

### Narrar e brincar

E quais são as palavras que acompanhavam e acompanham esses brincares? Já parou para pensar que há sempre uma narrativa junto com as brincadeiras? Seja em enredos de jogos simbólicos, seja em cantigas e parlendas, que embalam os gestos das crianças, as palavras estão ali, como parte da paisagem do brincar.



Em seu belo poema *Evocação do Recife*, Manuel Bandeira (1970) nos fala exatamente disso, ao rememorar os sons de sua meninice:

[...]

A gente brincava no meio da rua

Os meninos gritavam:

Coelho sai!

Não sai!

À distância as vozes macias das meninas politonavam: Roseira dá-me uma rosa

Craveiro dá-me um botão

[...]

Narrar e brincar, tal como nos conta Gabriela Romeu (2022) no texto “Chão das infâncias”, “são verbos conjugados nas infâncias, independentemente do tempo e do lugar, mas, sim, variando conforme as ofertas locais e também temporais. E vale sempre ressaltar, principalmente àqueles que insistem no discurso de que ‘hoje não se brinca mais’: é possível observar nas cinco regiões que a criança brinca em todo território e em toda época, pois essa é uma atividade tão vital como respirar”.

## Inventário de infâncias: muitos brincarees

Em outro belo texto publicado no *síte* Infâncias, Gabriela Romeu disse:

“E o que é inventariar? Antes mesmo do verbo, o substantivo, o termo “inventário”, que é uma descrição e enumeração minuciosa de coisas – objetos, obras, palavras. E de seres, sensações, saberes. “Inventariar” é reunir, descrever e classificar um dado universo. É também uma palavra que ainda guarda outra. O vocábulo abarca a ideia de invento, ou invenção. Assim, as “coisas” listadas são também imaginadas, criadas e engendradas ao fazer poético. Todas e todos nós – educadores, crianças, artistas e poetas – somos inventariantes natos, desde o tempo de antes.

Aprendemos a inventariar na infância, ou seja, a agrupar, dividir, dispor, distribuir, quando lançamos mão desses verbos ao brincar/investigar/organizar com pedrinhas de todos os tipos no quintal ou enfileirar carrinhos dos mais variados no tapete da sala.

Um inventariante é um investigador que olha com vagar e demora. Mergulha na experiência, aquela que não se repete.

[...]

Já a palavra “invenção” nos dá outras pistas para pensar a ação inventariante, o ato de inventariar. O termo “invenção” tem origem no latim *invenire*, uma busca por relíquias ou restos arqueológicos, ou seja, pistas do passado. Inventar é uma operação que tem bem menos relação com uma iluminação súbita do que um trabalho árduo e contínuo com sobras, vestígios, refugos, resíduos. É menos *insight*, e muito mais ensaio. Assim como a imaginação, a memória entra nesse jogo de montar, um quebra-cabeça em que vamos encontrando e (des)encaixando as peças no percurso investigativo. Como num exercício de colagem, feito com os elementos do que somos, vivemos e sentimos, investigamos, indagamos e aprendemos, imaginamos, afirmamos e lembramos”.

Um inventário de infâncias partilha saberes e culturas produzidas pelas crianças, esses “passaros garis da natureza [que] fazem continuamente o trabalho de renovar as sobras do mundo” em suas brincadeiras, invenções e descobertas, como nos revelou Gandhi Piorsky no prefácio do livro *Terra de cabinha* de Gabriela Romeu.

Foi conhecendo as muitas infâncias que Gabriela descobriu que “as crianças têm muito a ensinar, basta adulto querer aprender”. Crianças produzem cultura, e é preciso ouvi-las em toda a sua força criativa. O trabalho de Gabriela Romeu, portanto, concretiza o tão mencionado e necessário “protagonismo” das crianças, muda o nosso jeito de vê-las e ouvi-

-las, relevando seus saberes e sua relação com o ambiente e a cultura em que estão inseridas.

A proposta de se fazer um inventário das infâncias espalhadas pelos diferentes quintais do nosso país é, portanto, uma maneira de se saber mais sobre o Brasil, observando, escutando e valorizando o que dizem e fazem as crianças, como se relacionam com a nossa cultura e como a produzem.

Assim, o título e o subtítulo desta curadoria, apenas aparentemente distantes, combinam-se, e muito! Esse é o caminho que vamos percorrer juntos: por meio dos livros de Gabriela Romeu e seus universos das infâncias, vamos nos aproximar da complexidade cultural desse imenso terreno chamado Brasil, com muito lirismo e pitadas de poesias.

## Etnografia das infâncias

“Etnografia” é um termo que costuma habitar espaços muito diferentes daqueles dedicados à infância e às escolas. Por ser um ramo da antropologia, usualmente não vemos essa forma de conhecimento do mundo nos livros voltados às crianças e jovens leitores. Conhecer uma cultura, um povo e seus modos de existir por meio da etnografia é mergulhar de um jeito muito particular em um universo, porque aquilo que passamos a conhecer nos é compartilhado por alguém que teve um contato muito intenso e prolongado com o seu objeto de estudo. Alguém que se deslocou, que topou um

mergulho, que realizou observações e abriu espaço para uma escuta muito atenta em relação àquilo que desejou pesquisar. Por isso mesmo, muitos livros lindos que nos contam sobre povos que desconhecemos e que nos apresentam outros jeitos de viver nasceram de trabalhos etnográficos, ou seja, da vontade e da curiosidade de conhecer o outro e seu mundo.

Recentemente, observamos um movimento crescente de se buscar conhecer, respeitar e valorizar as culturas das infâncias entendidas tanto como o que é produzido pelas crianças como aquilo que faz parte do patrimônio cultural desse período da vida, e o que é produzido pelos adultos que dialogam com o público infantil.

A jornalista e escritora Gabriela Romeu é uma das autoras que têm se dedicado à infância brasileira, inventariando brincadeiras e saberes e compartilhando, com o público, esses conhecimentos. Em seus livros, ela nos convida a enveredar pelos terrenos habitados pelas crianças, para que possamos conhecer os seus jeitos de viver e os modos de brincar, bem como partilhar seu encantamento com os mundos que descobriu. Para narrar as infâncias e contar o que conheceu, ela busca inspiração na literatura, enredando os leitores na sonoridade e musicalidade da língua, buscando referências poéticas e construindo narrativas bem ao modo dos textos das tradições orais.



## Um pouco mais sobre a autora

Jornalista, Gabriela trabalhou durante muitos anos no jornal *Folha de S. Paulo* como editora do extinto caderno Folhinha, um suplemento voltado para crianças, e depois como crítica de teatro infantil. O interesse pelas infâncias instigou-a a ir mais fundo nesse universo: como brincam as crianças de diferentes regiões do nosso país? Normalmente, estamos acostumados a conhecer as crianças dentro da escola, em contexto institucional, mas como são em seu cotidiano? De que forma brincam e como ocupam os quintais, os terreiros, as ruas, as casas? Essa é uma marca do trabalho de Gabriela Romeu. Por meio de dois projetos voltados às infâncias, o Mapa do Brincar ([www.mapado-brincar.com.br](http://www.mapado-brincar.com.br)) e o Infâncias ([www.infancias.com.br](http://www.infancias.com.br)), ela colheu e divulga as brincadeiras e a vida de meninos e meninas pelo nosso país.

No prefácio do livro *Lá no meu quintal*, Gabriela escreve, junto com sua parceira de trabalho, Marlene Peret: “Muita gente roda o Brasil para conhecer monumentos ou paisagens. Já nós decidimos percorrer os quintais para conhecer o lugar onde se brinca, e aprender, com meninos e meninas, jogos, versos e brinquedos. Essa incursão pelo brincar é uma visita a muitos Brasis”.

## Diversidade de gêneros e muitas linguagens em cada livro

Se Gabriela Romeu é uma inventariante poética das infâncias, dos quintais, brincadeiras e brincades, pode-se dizer que, de certa forma, seus livros inventariam gêneros literários e linguagens. Afinal, há vários deles em cada título e a escolha por essa diversidade não se dá à toa: cada livro é como um caleidoscópio, que vai revelando diferentes aspectos das culturas visitadas, oferecendo experiências e imagens diversas, ao mostrar a beleza da infância. De acordo com a própria acepção da palavra,



que se origina do grego: *kallós* (“belo”, “bonito”), *eidós* (“imagem”) e *skopeo* (“olhar para”, “observar”).

Além disso, ao olhar uma fotografia e ouvir um áudio com vozes de crianças brincando em um terreiro, por exemplo, o leitor pode sentir-se dentro da “cena”, ampliando, assim, os sentidos construídos a partir da leitura de um texto.

Já a diversidade de gêneros revela aos leitores algo muito importante: a cultura não está em um lugar só, mas toma corpo nas muitas produções, seja na receita, seja na cantiga e nos versinhos, nas lendas, nos verbetes...

*Terra de cabinha*, *Lá no meu quintal* e *Álbum de família* são títulos que acolhem vários gêneros ao buscar desenhar os muitos Brasis. Embora possam ser vistos como obras não ficcionais, por apresentarem uma preciosa pesquisa etnobiográfica como a coluna vertebral do livro, a presença tanto da linguagem poética quanto dos textos de diferentes gêneros amplia qualquer definição prévia, abrindo caminhos variados para se entrar em cada um dos títulos.

Também por contar com ricas ilustrações, fotografias e *QR Codes*, que levam os leitores a ouvir áudios e assistir a filmes, esses livros podem ser considerados registros etnográficos em diferentes linguagens (poética, fotográfica, audiovisual e plástica). Vale também dizer que essa variedade de textos e linguagens contempla e respeita as diferentes formas de perceber e apreender a realidade, construir conhecimento e expressar-se no mundo. E que, por fazer parte da vida, deve também estar presente na escola.

Em ***Terra de cabinha***, rico inventário da vida dos meninos e meninas do sertão do Cariri, há textos em prosa-poética, versos, lendas, trava-línguas, jogos, brincadeiras, adivinhas, memórias e receitas.

Já no livro ***Lá no meu quintal***, os leitores e leitoras encontrarão versinhos, cantigas de roda, parlendas, receitas de brincadeiras (textos instrucionais) e relatos biográficos e de viagem.

No ***Álbum de família***, temos a biografia ou *biofantasia* (texto híbrido que mistura a biografia convencional, calcada na pesquisa informativa de caráter não ficcional, com trechos de invenção poética inspirados na vida fabulosa da trupe Carroça de Mamulengos) como texto central e, ainda, canções, listas, receitas, poemas, aforismos.

***Irmãs da chuva*** é um conto de fadas bem brasileiro, mas por ali também é possível encontrar cantigas, rezas e versos. E, por fim, o ***Diário das águas***, que já apresenta o gênero no próprio título, não fica em um texto só: em meio à narração dos dias, há poemas, contos, versinhos, relatos, verbetes, receitas. Há também, nesse livro, o expediente dos *QR Codes*, que amplia as linguagens apresentadas aos leitores.

Esse encontro com gêneros variados – e a apresentação de diferentes linguagens – certamente enriquece a leitura, ampliando as aprendizagens e as possibilidades de abordagens das obras na escola e permitindo o planejamento de propostas que incluam práticas

sociais diversas atreladas aos diferentes textos e linguagens.

Nas diversidades textual e de práticas presentes nos títulos também reside a riqueza que existe na formação de nosso povo e que valoriza as diferentes fontes de conhecimento, sobretudo aqueles saberes transmitidos oralmente, muitas vezes distantes dos estudantes que vivem em centros urbanos do nosso país, sejam eles grandes ou pequenos.

Ingressar nos universos descortinados nos livros de Gabriela Romeu também permite aos estudantes expandir a noção daquilo que nos constitui como brasileiros: nossa memória, nossas histórias e a complexidade cultural que caracteriza o país. Conhecimentos que não estão necessariamente nos livros de História e de Geografia, por exemplo, mas que são também importantes meios para a reflexão e entendimento sobre os Brasis, já que se trata de bens culturais de natureza imaterial.

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), esses bens “dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas...” e devem, certamente, fazer parte do repertório de todos aqueles que buscam saber mais do nosso país.

Entre as competências específicas de Artes que precisam ser garantidas no Ensino Fundamental e que estão previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ressaltamos uma que dialoga com os conteúdos que se fazem presentes nos livros desta curadoria:

*Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.*

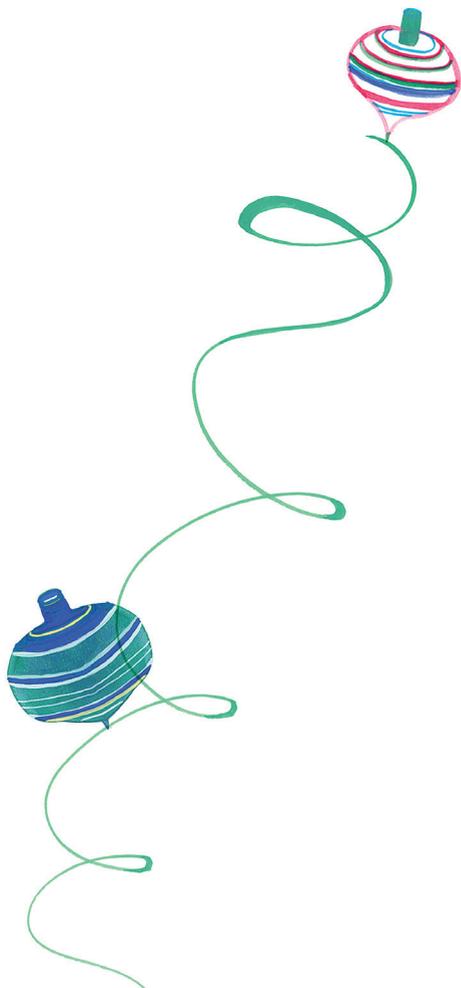
O convite que fazemos nesta curadoria é para que você, professor ou professora, viaje conosco para diferentes cantos dos muitos Brasis revelados por Gabriela Romeu e inventarie o que descobriu nas leituras para partilhar com as crianças e jovens estudantes.

Vamos lá?

## A partida, primeira viagem: o sertão verde do Cariri cearense

### *Terra de cabinha*: pequeno inventário da vida de meninos e meninas do sertão

Esse livro só existe por causa das muitas viagens de Gabriela Romeu ao sertão do Cariri, lugar para o qual ela sempre tem vontade de voltar.



Dessa vontade nasceu o livro, que é bem um jeito de se transportar para aquela paisagem do Ceará, na companhia dos *cabinhas*, que são os meninos e meninas do sertão, os pequenos e os já crescidos. E, se a palavra “cabinha” pode causar estranhamento, vale a pena conhecer de onde ela vem: “cabra”, entre outras acepções, é expressão utilizada para denominar o homem (cabra da peste, por exemplo, refere-se ao homem valente, temido). No falar do povo, cabra vira *caba*, e *cabinha* é a maneira carinhosa de se referir às crianças.

Ler esse inventário, portanto, é conhecer o Cariri por meio de seus quintais, terreiros, pelas vozes dos cabinhas - suas brincadeiras, histórias e receitas de brincar; pelas paisagens e pelo chão de terra, que acolhe piões, pulos e passos dos meninos, meninas e adultos.

Nesse olhar de dentro, nesse “estar junto” dos cabinhas, o livro também fortalece o sentimento de empatia, respeito e valorização daqueles que vivem nos sertões. Esse pedaço de terra conhecido como semiárido, onde o “povo reza pra chover” e que oferece surpresas ao leitor: é o oásis do sertão, por apresentar paisagens verdes e muitas fontes de água, onde os paredões da chapada do Araripe “guardam desenhos que dão notícias dos tempos do homem pré-histórico, que chegou à região do Cariri fugindo da aridez do sertão”, o chão mostra “muitos vestígios dos tempos dos dinossauros” e onde “brotou a flor mais antiga do mundo”. Tudo isso vai revelando um sertão que pode ser muito diferente do senso comum que se construiu em torno da região.

Além dos textos, o livro apresenta as ilustrações de Sandra Jávera, que empreendeu uma intensa pesquisa sobre o lugar para poder desenhá-lo, e as fotografias de Samuel Macedo, *cabinha* nascido no Crato, no Cariri cearense, e criado em Nova Olinda, na chapada do Araripe. Ali, ele aprendeu a ser cabinha e é com esse olhar e experiência que nos revela

esse pedaço do Brasil, suas maneiras de viver e seus saberes.

A composição dos textos, ilustrações, fotografias e áudios denota também um importante exercício documental – tudo ali é fonte de conhecimento sobre a complexidade cultural do Cariri – e pode ser um bom começo de conversa sobre modos de pesquisar, permitindo muitas aprendizagens para os estudantes: como organizar uma obra para compartilhar os elementos que nos contam de um lugar e sua cultura de modo a oferecer uma experiência aos leitores? De que maneira garantir essa multiplicidade de visões sobre aquilo que buscamos retratar e compartilhar?

Logo no início do livro, em um poema que traz lindamente a voz do menino do sertão – “Sou cabinha” –, há um pequenino inventário de palavras que fazem parte do vocabulário do Cariri, ditas de maneira própria, diferente daquelas que circulam em outros cantos do nosso país:

Aqui...  
máscara é *careta*  
chicote é *macaca*  
bobagem é *fiotagem*  
estilingue é *baladeira*  
malcriado é *maluvido*  
uniforme é *farda*  
quintal é *terreiro*  
verde é *verdím*  
bolinha de gude é *bila*  
e menino é *cabinha*.

Só essa lista já dá uma boa conversa sobre a oralidade, a plasticidade da língua, a apropriação tão bonita que podemos fazer dela, deixando bem claro o quanto a língua é sempre uma construção social, e não um código imutável. Nós conhecemos mundos também a partir dos jeitos de falar. Como desdobramento dessa lista, abrem-se muitos caminhos: será que lembramos de outras coisas que são

nomeadas de diferentes maneiras em lugares diversos? As famílias de origem dos estudantes têm modos diferentes de falar? Quais são as expressões que se distinguem? É possível criar um dicionário de expressões regionais brasileiras?

Ler *Terra de cabinha* é realizar um bonito e necessário exercício de alteridade, condição para se viver em sociedade: ouvir o outro, considerando-o naquilo que é diverso, próprio, singular. Diferente de mim. No caso desse livro, a porta está aberta para os quintais e as infâncias do Cariri, e o convite é para que os leitores conheçam e valorizem outros modos de existir. Mas também para que, a partir do diverso, crianças e jovens possam se voltar à sua própria experiência de infância: e eu? Do que e como brinco ou brincava? Como seria fazer um inventário da minha região, dos meus quintais, sejam de terra, de cimento ou de pisos diversos da sala do meu apartamento? Assim, pode-se convidar o grupo a inventariar seus brincares e brincadeiras para partilhar com outras crianças, descobrindo diferenças e semelhanças entre tantas infâncias.

## Segundo caminho

### *Lá no meu quintal: o brincar de meninas e meninos de norte a sul*

E, já que estamos pertinho dos quintais das infâncias, uma boa pedida é seguir viagem para conhecer o brincar de meninas e meninos de norte a sul do Brasil, em seus variados quintais: florestas, rios, terreiros... No livro, as cinco regiões do país estão representadas por meio de seis crianças: Arawari, Laísa, os irmãos Welleton e Joel, Milena e Valdecir. Cada capítulo do livro é dedicado a um quintal e nele conhecemos a criança retratada, exploramos o mapa do quintal, com os brinquedos, os animais, a vegetação, a terra e os elementos que compõem as brincadeiras, e, ainda, ampliamos o



repertório com a descrição de outros brincares. As fotografias de Samuel Macedo nos ajudam a entrar no clima e no ambiente do quintal, ao observarmos as crianças em ação. Os textos sobre as brincadeiras são variados e englobam desde os instrucionais até versinhos e cantigas que as acompanham, além de relatos biográficos e de viagem, por exemplo. As ilustrações de Kammal João nos oferecem seu olhar para o universo e os gestos de cada criança. Em cada capítulo, temos também a chance de ouvir as vozes dos meninos e meninas e vê-los em ação por meio dos *QR Codes* que nos levam aos arquivos de mídia.

Um desdobramento evidente a partir da leitura do livro é a ampliação do repertório de brincadeiras das crianças e jovens, que poderão colocar em ação o que foi aprendido na leitura. Os momentos de recreio, por exemplo, podem se tornar animados “quintais” para que as crianças e estudantes possam brincar e ensinar colegas de outras turmas.

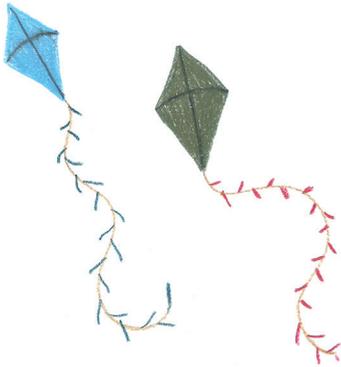
Além da brincadeira em si, é possível propor uma expansão de um dos capítulos do livro, incentivando os estudantes a eleger uma das crianças da turma para ser o “biografado” para descrever um pouco de sua vida, quintal ou local em que brinca e as suas brincadeiras preferidas. Para tanto, a leitura do livro ganha outros contornos: será preciso atentar para os formatos dos textos, as características das

imagens, as ilustrações e a composição das páginas, dividindo a turma para a produção do “capítulo extra” e combinando quais seriam os leitores do material e como este poderia ser divulgado. Para os estudantes que ainda não escrevem convencionalmente, pode-se pensar em uma produção coletiva de texto, em que as crianças ditam e o professor escreve. Para os estudantes que já escrevem autonomamente, o professor poderá atuar como um revisor e leitor mais experiente nesse processo de escrita.

### Terceira vereda

#### *Álbum de família: aventuras, memórias e fabulações da trupe familiar Carroça de Mamulengos*

As viagens de Gabriela Romeu pelo Brasil renderam, além de um inventário das infâncias, o encontro com uma trupe muito especial, o grupo Carroça de Mamulengos, uma das mais importantes companhias culturais do Brasil, com cerca de quarenta anos de estrada. Trata-se de uma família de multiartistas: palhaços, atores, bonequeiros, artesãos, contorcionistas, músicos e poetas. A brincadeira, em diálogo com a pesquisa e o terreno de exploração de Gabriela Romeu, está no âmago do grupo. Aliás, é dessa maneira que eles batizam seus espetáculos: como brincadeiras que têm a vida na estrada, as feiras e as romarias como matéria-prima.



Desse modo, exercem o viver em abundância e desejam transmitir essa alegria aos espectadores. Assim como nos livros em que conhecemos o Brasil por meio das infâncias e seus brincares, cantares e saberes, ampliamos mais um pouco a visão que temos sobre nosso país e sua complexidade cultural ao chegar mais perto dessa família brincante.

Com a leitura desse livro, amplia-se também o conhecimento sobre o gênero biografia, uma boa oportunidade para apresentar a diversidade textual aos estudantes. Contudo, indo um pouco além, há, nessa biografia, pitadas poéticas e fabulações da autora que acabam por caracterizar uma nova forma de biografar, a chamada *biofantasia*. O que se vê ali é a vida mesmo, são os caminhos de gente que existe, mas com um pouquinho de fantasia e licença poética, aproximando o texto do modo oral de narrar histórias, enredando o leitor no universo literário.

Dessa maneira, conhecemos a trupe, mas também podemos nos encantar com toda a poesia, o modo de escrever cheio de metáforas e sonoridades, entremeados com outros gêneros, como listas, versinhos e dizeres típicos dos espetáculos circenses e teatrais. Há também um jogo de realidade e fantasia na forma como a artista Catarina Bessell resolveu ilustrar

a trajetória do grupo, ao misturar fotografias com desenhos fantásticos. Uma boa pedida para se conversar sobre as relações entre as narrativas imagéticas e textuais.

A partir da leitura, são muitos os rumos que se podem tomar para se encantar com a história dessa trupe. Um deles? Ampliar as leituras com os autores e os textos citados no Baú dos Gomide, já pertinho do final do livro. Estão presentes ali os poetas Patativa do Assaré e Castro Alves, referências para o grupo; os personagens Lampião e Dom Quixote, que podem ser explorados em outros livros, por exemplo.

Outro caminho pode ser a leitura do encarte “Porta-retratos”, com fotos e relatos biográficos dos componentes do grupo. Além de se aproximar mais de cada participante do Carroça de Mamulengos, pode-se propor uma comparação de linguagens: como a história e o jeito de ser de cada um são retratados nas duas publicações: o Álbum de *família* e o “Porta-retratos”? Quais são as diferenças entre as duas linguagens? Assim, ampliam-se as competências dos estudantes, oferecendo parâmetros para leituras futuras.

## Quarto destino

### *Irmãs da chuva*

A linguagem com jeito de história, permeada de poesia e fabulação, que já se revelava nas páginas do Álbum de *família*, se estabelece com tudo nesse conto de fadas bem brasileiro que é o *Irmãs da chuva*. O enredo também é fruto das viagens de Gabriela Romeu e do mergulho etnográfico em outras águas, explorando novos terreiros, ouvindo com delicadeza e atenção as histórias que existem pelo Brasil, aqui e ali, sussurradas nas noites, espalhadas pelos ventos.

A autora nos conta uma história que, embora autoral, é inspirada nas narrativas tradicionais e nos saberes do povo, encharcados de

rezas, versinhos, pelejas, cantigas. Ao comentar sobre as fontes que buscou para escrever esse livro, Gabriela revela que a matéria-prima do conto reside em suas memórias de infância, nas histórias ouvidas das avós e tias, banhadas também de Brasis, e, não à toa, dedica o livro às suas antepassadas. O conto é, portanto, permeado de ancestralidades e memórias.

Ao escrever o material complementar de apoio ao professor, a crítica literária e educadora Cristiane Tavares situa o leitor diante do enredo: “*Irmãs da chuva* é uma história com duração exata de sete dias de tempestade que se passa em um vilarejo afastado das grandes cidades, de nome Tururu do Sul, onde as mulheres criavam sozinhas seus filhos, na beira do rio, porque os homens, pescadores, partiram dali quando o rio parou de dar peixes. As protagonistas são duas irmãs, Feliciane e Damiana, que nasceram com o dom de fazer chover no sertão. Para surtir efeito, o poder de fazer chover das duas irmãs tinha que seguir algumas regras: elas precisavam cantarolar juntinhas, no alto do cruzeiro de Tururu do Sul. É justamente porque uma delas, Feliciane, descumpra essa regra e canta sozinha, sem prestar muita atenção às palavras que entoava, que a chuva torrencial desaba sobre o vilarejo. A partir daí, tem início uma aventura para fazer parar a chuva. É a bordadeira de Tururu do Sul, Noquinha, que traça com agulha e linha o caminho que Feliciane e Damiana deveriam percorrer para chegar ao alto do cruzeiro e cantarem juntinhas para a chuva parar. Ela risca um “plano bordado”, indicando a cada uma delas o seu caminho. No percurso até o cruzeiro, as duas irmãs percorrem brejos, riachinhos, verdadeiras, pontes, rios, recebem ajuda dos moradores do vilarejo e de algumas personagens fantásticas que encontram: Pesadeira, Nhô Bento, Caboclo d’Água e tantas outras. Enquanto percorrem o trajeto, Feliciane e Damiana carregam seus objetos-amuletos, cantam e rezam.”

Como uma fábula tradicional, a narrativa

tem muitos elementos fantásticos, mágicos e misteriosos, como um conto de encantamento. As ilustrações também trazem muitas marcas do mistério e da ancestralidade, dialogando com a narrativa e a atmosfera do sertão, por meio das cores fortes e das referências utilizadas pela Anabella López, ilustradora argentina radicada em Pernambuco. Para compor o livro, ela realizou uma pesquisa profunda dos elementos ancestrais que compõem a cultura nordestina, mesclando africanidades e influências europeias, tais como as antigas runas e o Tarô de Marselha.

Além disso, uma boa pedida para a leitura de *Irmãs da chuva*, para além de apreciar a boa história, é observar cuidadosamente as ilustrações, notando os tons das cores e alguns símbolos que se repetem nas páginas, bem como as representações das irmãs Feliciane e Damiana. Também merece uma atenção especial a variedade das representações das demais personagens: quais são as cores da pele, como são os cabelos, as vestimentas e acessórios? Tudo isso contribui para forjar um olhar atento dos leitores para aquilo que a ilustração nos conta, ampliando os sentidos da leitura.

Outro desdobramento da leitura diz respeito ao repertório de cantigas, simpatias e rezas. Anotar as que aparecem no livro e compor um inventário de rituais e ações, a partir de uma pesquisa com as famílias e os funcionários da escola, constituem uma forma poética de valorização da grande diversidade cultural existente no nosso país.

## No leito de um rio, o quinto trajeto

### *Diário das águas*

Continuando a viagem pelos Brasis, vamos agora pelas águas, ou melhor, já vínhamos pelas chuvas das irmãs, agora mergulhamos nos rios e nos igarapés, acompanhados pelo

olhar sensível da Gabriela, que anota os dias e as impressões, os dizeres e as brincadeiras das crianças que entram nas águas para brincar.

Nas palavras da autora: “Foi mariscando lembranças de andanças por muitos rios que este diário nasceu, quase afluente de um desejo de radiografar a vida nas águas, uma tarefa tão fascinante quanto naufragável. Surgiu depois de algumas incursões por estradas de águas, em diferentes épocas, nas mais variadas missões, em diversas embarcações, de canoas a batelões, por rios como Amazonas, Tapajós, Xingu, São Francisco, Paraguai, Oiapoque, Humaitá, Santo Antônio...” Muito do que foi registrado no diário, a autora conheceu, viu e sentiu nas viagens que fez entre os anos 2012 e 2014, quando percorreu quintais de água pelo Infâncias, projeto que documenta a vida de meninas e meninos do Brasil. Foram viagens feitas ao lado da jornalista Marlene Peret e do fotógrafo Samuel Macedo. Portanto, será interessante observar que são registros irmãos dos livros *Terra de cabinha* e *Lá no meu quintal*, frutos diretos da mesma experiência.

Respeitando a configuração de um diário, o livro apresenta muitas características do gênero, a começar pelo próprio projeto gráfico, no formato de um caderno de anotações, com trechos escritos em letras cursivas, às vezes como um rascunho, como um rascunho, com marcas típicas de anotações íntimas. Os desenhos de Kammal João também sugerem traços feitos em cadernos, despreziosos, mas não sem cuidado. Ao contrário: há uma conversa sempre muito afinada com os escritos, com a atmosfera das águas e das margens, mesclando diferentes materiais: lápis, aquarela, terra. Tudo isso merece a atenção dos leitores: a forma do livro dialogando com o conteúdo e o gênero textual.

A divisão das páginas acompanha o passar dos dias e engloba acontecimentos ao longo de um ano. A escrita, bem pessoal, traz impressões, digressões, reflexões de uma viajante

que convida a mergulhos em outros tempos, alargando as margens e invitando a outros calendários, para além dos dias contados: períodos de cheias, vazantes, fases da lua... Outras vivências, outros saberes.

Entre o começo do diário, no dia 1º de janeiro, com o título “águas grandes”, e a escrita:

Meu batismo nas águas foi num desmedido Amazonas.

Fiquei léguas de dias a procurar a outra margem do rio

... e o dia 31 de dezembro, denominado “epílogo”, com o texto:

Voltei sem saber remar  
nem rimar

... o leitor vai conhecer brincadeiras de água, histórias, lendas, receitas para afastar boto, infinidades de nomes de peixes, palavras e novas expressões, muitas delas com os sentidos revelados em um glossário. Um mundo se abre nesse diário, na viagem e navegações que se propõem ao longo das águas no decorrer de um ano.

Há também a possibilidade de explorar as paisagens que circundam os meninos e meninas que brincam nos rios acessando o QR Code ao final do livro, para ampliar os olhares e compartilhar as impressões da autora e o que viram seus olhos nas paragens visitadas.

São muitos os convites que a leitura nos faz. O primeiro deles é esse mergulho poético, chamando para uma de troca de impressões: o que cada um vê quando viaja e conhece novas realidades? Quais podem ser as formas de se registrar viagens? Será que os leitores costumam fazer tais registros ou guardar diários? Conhecem outros diários publicados? Como são? Em que se parecem, em que se distanciam deste?

Outra conversa interessante pode girar em torno dos diferentes jeitos de conhecer lugares, culturas e realidades. Especialmente se os leitores tiverem feito o percurso proposto até agora, passando pelos livros indicados nesta curadoria. Como foi a experiência vivenciada em cada leitura? Como se apreendem e se compartilham as características dos lugares por meio de gêneros tão diversos?

## Chegada

Ao final dessa viagem pelos cinco livros de Gabriela Romeu, contamos com um inventário de brincadeiras, cantigas, histórias, saberes de meninos e meninas de muitos Brasis. Outros jeitos de viver a vida, forjando novos olhares para as nossas culturas. Qual será a visão de Brasil que os leitores puderam construir depois dessa jornada feita em companhia de Gabriela Romeu, Sandra Jávera, Kammal João, Catarina Bessell, Marlene Peret e Samuel Macedo?

Certamente, as leituras desses livros não se esgotam em uma primeira aproximação. São títulos que convidam a outros mergulhos, e é sempre bom tê-los por perto, para voltar a lê-los, explorando novos percursos, aprofundando pesquisas, puxando conversa...

E, conversa vai, conversa vem, descobre-se que há pessoas na escola que vieram desses lugares visitados pela autora, que podem acrescentar muitos saberes e conheceres a esse inventário...

Também pode ser interessante conciliar os olhares e impressões apresentados por Gabriela Romeu a outras fontes de conhecimento das mesmas regiões. Como a geografia física e a humana, por exemplo, nos retratam alguns desses lugares visitados pela autora? Quais são as diferenças de uma pesquisa com um viés mais acadêmico em relação a essas impressões e registros

dos saberes das pessoas – crianças e adultos, meninos e meninas – que ali vivem? Ao fim das leituras, pode-se também ressignificar nossas ideias sobre onde estão o conhecimento e a cultura - muito além de espaços formais educativos, como as escolas e universidades, por exemplo.

Enfim, são muitos os caminhos e desdobramentos que podem fazer parte da apreciação dessas leituras. Aqui, apresentamos algumas possibilidades, e certamente há outras, que cada professor ou professora poderá traçar com a sua turma de estudantes. E, ainda, para saber mais e conhecer novas abordagens dessas obras, indicamos materiais complementares elaborados por especialistas para cada um dos livros.

### Para saber mais

Irmãs da Chuva



<https://www.editorapeiropolis.com.br/pnld2023>

### Para saber mais

Terra de cabinha



<https://www.editorapeiropolis.com.br/pnld2020/#terrdecabinha>

### Para saber mais

Lá no meu quintal



<https://www.editorapeiropolis.com.br/la-no-meu-quintal-conteudo-complementar>

### Para saber mais

Terra de cabinha



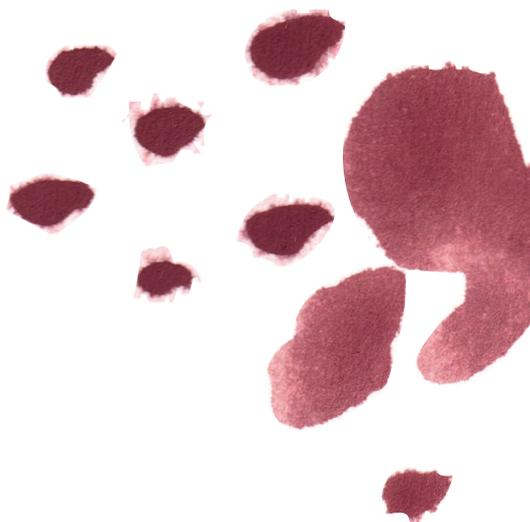
<https://www.editorapeiropolis.com.br/album-de-familia-conteudo-complementar/>

## Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

Bandeira, Manuel. *Estrela da vida inteira - poesias reunidas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/Instituto Nacional do Livro, 1970.

Romeu, Gabriela. Chão das Infâncias, In: Daher, Farias e Fedatto (orgs). *Primeiras leituras: arte e cultura na primeira infância*. Belo Horizonte: Ed. das Organizadoras, 2022.





Estante de Livros



## Terra de cabinha – Pequeno inventário da vida de meninos e meninas do sertão

Gabriela Romeu  
ilustrado por Samuel Macedo

17.5 x 27.5 cm • 96 páginas • 4 cores  
• ISBN 978-85-7596-415-6

Livro digital ISBN 978-85-7596-446-0  
(KF8) e 978-85-7596-418-7 (ePUB)

☆ Livro premiado!

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeirópolis.com.br/produto/terra-de-cabinha/>

*Terra de cabinha* é um livro que pode ser lido de muitas maneiras: como um diário de viagem pelo sertão do Cariri cearense; como inventário que apresenta bens culturais e artísticos dessa região brasileira; como registro etnográfico em diferentes linguagens (jornalística, poética, fotográfica, audiovisual e plástica); como almanaque contendo diversos gêneros textuais que informam, divertem e surpreendem, simultaneamente. Traz histórias, causos, brincadeiras, receitas, versos e adivinhas. Aqui, você ouve a voz do cabinha, dos mestres e contadores de histórias, e da pesquisadora visitante, que registrou num caderninho as coisas mais interessantes a respeito de como vivem aqueles meninos e meninas.





## Lá no meu quintal: O brincar de meninas e meninos de Norte a Sul

Marlene Peret, Gabriela Romeu  
ilustrado por Kamal João

19 x 25 cm • 4 cores •  
ISBN 978-85-7596-646-4

Livro digital ISBN 978-85-7596-647-1  
(KF8) e 978-85-7596-648-8 (ePUB)

☆ Livro premiado!

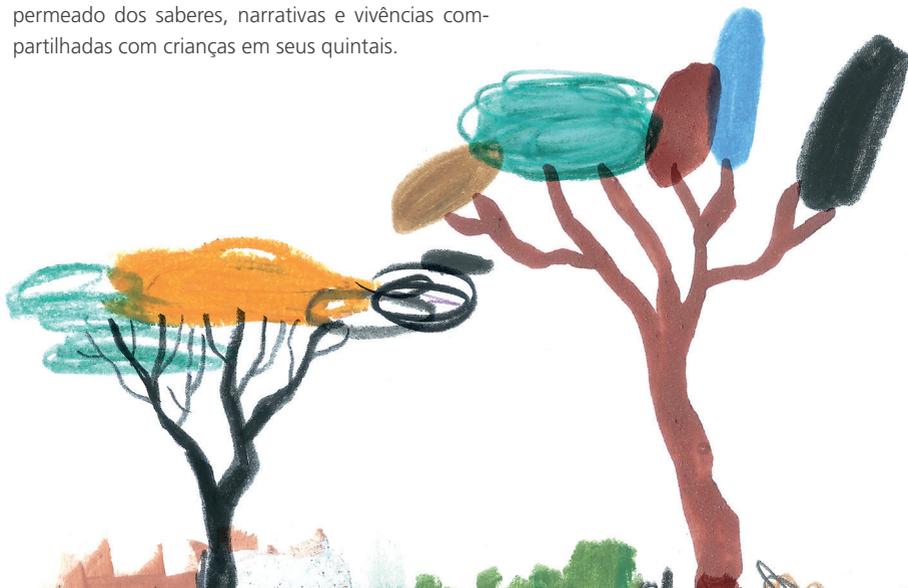
O brincar é uma espécie de língua-mãe da infância. E foi por meio dessa linguagem que Gabriela Romeu, Marlene Peret e Samuel Macedo conheceram o Brasil, conectando-se com as crianças das beiradas de rios, dos grandes centros urbanos, de comunidades quilombolas e povos indígenas – regiões algumas vezes próximas; outras, bem distantes. Os registros dessa longa viagem, que se iniciou em 2011, em textos, vídeos e fotos, estão reunidos neste livro, permeado dos saberes, narrativas e vivências compartilhadas com crianças em seus quintais.

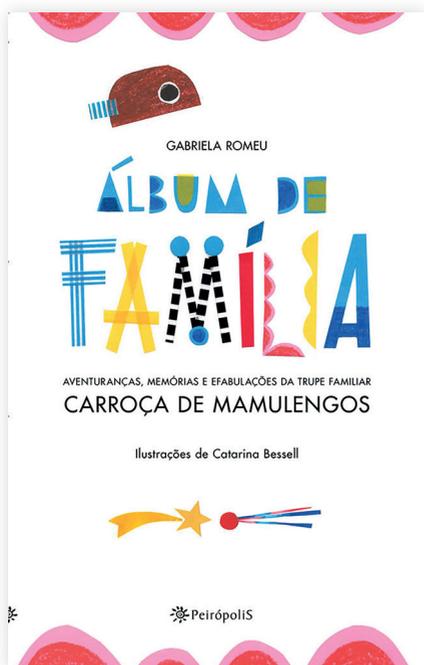
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/la-no-meu-quintal>





## Álbum de família: Aventuranças, memórias e efabulações da trupe familiar Carroça de mamulengos

Gabriela Romeu  
ilustrado por Catarina Bessell

17.5 x 27.5 cm • 96 páginas • 4 cores  
• ISBN 978-85-7596-601-3

Livro digital ISBN 978-65-8602-800-3  
(KF8) e 978-85-7596-602-0 (ePUB)

☆ Livro premiado!

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiro-polis.com.br/albumde-familia>

*Álbum de família* é uma biografia poética, a biofantasia da trupe familiar Carroça de Mamulengos, uma das mais importantes companhias culturais do país. O grupo mambembe foi criado há mais de 40 anos, na década de 1970, por Carlos Gomide, o Babau, menino de muitos sonhos, discípulo de mestres bonequeiros do nordeste tradicional, que se enamorou de uma moça de grandes saias rodadas e com ela se aventurou pela arte, trilhando juntos muitos caminhos. No espetáculo da vida, nasceram os oito filhos, todos crescidos na estrada, cada um deles com um talento diferente para desvendar o mundo, inaugurando uma cena nova.





## Irmãs da chuva

Gabriela Romeu  
ilustrado por Anabella López

 24 x 30 cm • 80 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-65-5931-031-9

 Livro digital ISBN 978-65-5931-033-3  
(KF8) e 978-65-5931-032-6 (ePUB)

 Livro premiado!

### Para saber mais

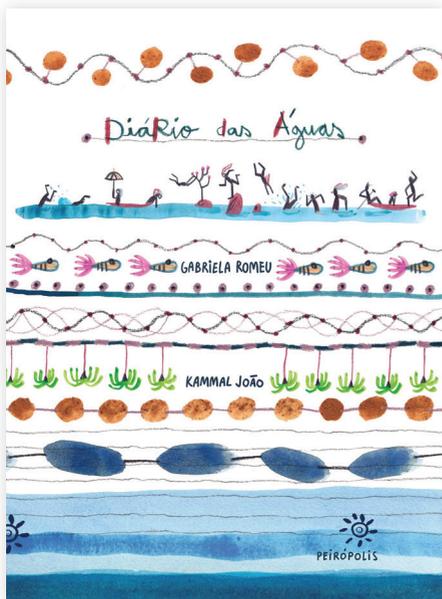
Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/irmas-da-chuva/>

No desenrolar dessa narrativa fantástica, que brinca com o sincretismo dos saberes do homem e as forças da natureza, o leitor vai reconhecer o encanto e a graça da cultura do Brasil mais profundo, ouvir os ecos de crenças e invenções dos muitos sertões brasileiros, que resistem na voz e coração de cantadores e contadores, de violas e pelejas, benzedeadas e suas proezas. Um verdadeiro conto de fadas brasileiro, ambientado entre o real e o imaginário, a poesia bordando a paisagem. As gravuras criadas pela artista Anabella López, argentina que adotou o nordeste brasileiro como residência e fonte criadora, recriam o imaginário sertanejo por meio da linguagem simbólica da narrativa do herói, das cartas do tarô, das runas e outras formas divinatórias.





Neste diário ilustrado, o tempo é o da escuta e o ritmo, o do rio. Os encontros são pelas funduras das águas e pelas suas margens, nas brincadeiras das crianças, nas memórias dos mais velhos e nos lampejos da imaginação de uma poeta viajante. Aqui, o leitor é convidado a olhar ao mesmo tempo para as miudezas e para a imensidão, como se a vista pudesse ultrapassar a bruma da natureza e investigar a origem e a beleza de todas as coisas. No vai e vem das páginas, surgem versos-piracemas, listas, nomes, receitas, poemas e dizeres compostos com os registros em desenho do artista Kammal. Suas ilustrações investigam os silêncios das entrelinhas, as brechas das palavras, os não ditos do texto.

## Diário das águas

Gabriela Romeu  
ilustrado por Kammal João

16 x 21.7 cm • 4 cores •  
ISBN 978-65-5931-221-4

Livro digital ISBN 978-65-5931-214-6  
(KF8) e 978-65-5931-222-1 (ePUB)

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/diario-das-aguas/>





# Madrinha Lua

e a poesia contemporânea  
na escola



# A leitura de literatura e a formação dos leitores na escola de hoje

Ana Carolina Carvalho

Há um sopro de renovação nos currículos de leitura nas escolas, por conta da publicação e divulgação da BNCC, bem como da necessidade de as escolas públicas e particulares brasileiras revisarem seus currículos.

## E o que se renova?

Primeiramente, o lugar do leitor. Aquela ideia do estudante passivo que conhecia as correntes literárias, lia alguns canônicos – ou o resumo deles – é coisa do passado. O leitor, além de solicitado a estabelecer relações com sua própria vida, suas leituras anteriores, seu entorno e os contextos de produção das obras literárias, é também autor e produtor/consumidor das produções artístico-literárias. Desse modo, é desejável uma **hibridização de papéis**. Entendemos que essa necessidade de formação desse a leitor/autor/produtor/consumidor inclui a circulação de **práticas contemporâneas de linguagem** nas escolas, com destaque para as culturas juvenis, os novos letramentos, os multiletramentos. Assim, ganham espaço na escola participações em eventos como: saraus, competições orais, audições, mostras, festivais, feiras culturais e literárias, rodas e clubes de leitura, cooperativas culturais, jogos, repentes, *slams*, para que se possa so-

cializar tanto leituras de obras consagradas, como também as de autoria dos estudantes, em diferentes formatos: poemas, contos e suas variedades, roteiros e microrroteiros, videominutos, *playlists* comentadas de música etc.

Faz parte do processo de formação deste leitor/autor/produtor/consumidor o alargamento das “referências estéticas, éticas e políticas que cercam a produção e recepção de discursos, ampliando as possibilidades de fruição, de construção e produção de conhecimentos, de compreensão crítica e intervenção na realidade e de participação social dos jovens, nos âmbitos da cidadania, do trabalho e dos estudos”.

(BRASIL, 2018, p.490)

Portanto, além do lugar de leitor, renovam-se os acervos, com especial atenção aos clássicos, mas também à produção contemporânea. E dentro dessa produção, observamos uma ampliação de vozes: femininas, negras, indígenas e dos canais de publicação – não apenas a produção reconhecida e divulgada pelo mercado editorial, mas o que ganha espaço em outros canais: blogs, vlogs e coleções com caráter mais independente, como a *Biblioteca Madrinha Lua*, organizada pela Peirópolis e que visa reunir algumas das poetas contemporâneas que estão nas brechas, nas frestas e nas fendas do debate literário mais amplo.

# LER poesia contemporânea na escola

Ana Elisa Ribeiro

A poesia é um gênero literário muito antigo, há tempos protagonista entre as outras formas literárias existentes, mas que também convive com uma diversidade interna. O que é isso? É dizer que há tipos de poesia, formas de poesia, modalidades que convivem há tempos imemorais e que continuam presentes hoje, em nossa sociedade.

Embora atualmente possamos pensar primeiro na poesia que vem dos livros, como é o caso da *Biblioteca Madrinha Lua*, esse gênero também vem da oralidade, transita como poucos entre as duas possibilidades. Podemos falar, por exemplo, de uma poesia mais clássica, ocupada da metrificação e da rima, e podemos também falar do verso livre, de pé quebrado, sem perder o ritmo e a cadência, escritos ou falados. Podemos falar também no cordel, expressão considerada popular e extremamente forte em nossa cultura. A poesia também está na música, em muitos estilos, cantada, falada, recitada. Pode-se ler poesia, falar poesia, declamar poesia, menos ou mais teatralmente. Muitas performances são possíveis, assim como é possível que existam livros de poesia que servem melhor à leitura silenciosa, funcionam melhor vistos-lidos, enquanto outros podem e devem ser também falados/ouvidos.

Nos dias de hoje, a poesia continua forte entre nós, tanto nos livros, que são publicados em número considerável, em especial por casas editoriais pequenas, e na internet, quanto na arte de rua, nas intervenções urbanas, nas batalhas, nos *slams*. Embora seja um gênero

às vezes evitado na escola, especialmente à medida que os alunos ficam mais velhos, trata-se de uma das expressões artísticas mais circulantes e populares que há, capaz de mobilizar, politizar, fazer pensar, mover e demover, arrebatador, e não apenas romanticamente.

Há algumas décadas, é notável a presença da poesia na internet: em blogs de poetas que ensaiam seus textos ali, em sites especializados, em e-books autopublicados, em espaços de poesia estritamente digital, isto é, uma poesia feita com os recursos desse ambiente e que só existem ali.

É muito interessante verificar as ambiguidades que a poesia guarda como gênero em circulação. Ao mesmo tempo que poetas sentem mais dificuldade de encontrar grandes editoras que invistam em suas obras, há e sempre houve uma movimentação independente muito poderosa, que pôs no mundo poesia em livros algumas vezes precários, em livros feitos à mão, em obras com poucos exemplares, mas que ganharam tanta importância quanto outros livros mais convencionais. Na atualidade, uma das possibilidades interessantes da poesia é o livro “cartonero”, que, mais do que um tipo de publicação, chega a ser uma espécie de movimento pela publicação sustentável e artesanal.

Também é interessante notar que embora todo e toda poeta ouçam que “poesia não vende”, é justamente esse o gênero que mais concorre em concursos e prêmios literários, por exemplo. Num dos maiores prêmios do Brasil, o Jabuti, a quantidade de livros de poesia supera em mais que o dobro o número de

romances concorrentes, às vezes o triplo, dependendo do concurso. É sinal de que a poesia persiste, atravessa muitas questões que poderiam intimidá-la, mas ela não se intimida. Ela encontra jeitos de existir e de chegar a leitores e leitoras, mesmo quando é desconsiderada pelo “mercado”.

## E na escola?

A escola tem de lidar, todos os dias, com pressões e tensões que vêm de fora, mas que também existem internamente. É comum que essas tensões sejam ambíguas, a exemplo do que ocorre com a leitura literária. Ao mesmo tempo que as leituras do cânone são criticadas e acusadas de serem difíceis e desestimularem o gosto pela leitura, há quem ache que apenas o que for canônico deve ocupar o tempo e o espaço da escola.

Por outro lado, enquanto alguns dizem que a literatura contemporânea seria mais adequada para o incentivo à leitura, trazendo proximidade e frescor aos jovens, há quem julgue que uma literatura ainda viva, que não passou por certos crivos e ainda não se canonicizou, não serve para estar dentro da escola.

É difícil atuar nessa divergência, ora tentando atrair jovens para a leitura que pareça mais interessante, ora tendo de apresentar a eles textos mais tradicionais, já legitimados em muitas instâncias. No entanto, o que

pensamos é que este é mais um campo ao qual faria bem o equilíbrio. Pensar de maneira não excludente pode ser favorável a todos e todas, isto é, buscando, na prática, conciliar o novo e o tradicional, inclusive abordando suas influências e heranças.

Enfrentando o preconceito e o desconhecimento daqueles e daquelas que, de fato, têm pouco envolvimento com a educação e a literatura, pode ser muito importante que a escola concilie propostas de leitura de autores e autoras contemporâneos, talvez até em diálogos próximos com eles ou elas, sem deixar de relacionar o que é feito hoje à existência de tradições e obras relevantes do passado, certamente lidas por muitos escritores e escritoras vivos/as.

Há ainda uma questão importante, que não podemos deixar de expressar: a escola é uma instância legitimadora dos textos literários e de seus autores e suas autoras. Não basta apenas receber, passivamente, o que já foi considerado bom e canônico. A escola é ativa nessa função e ajuda a chancelar e a dar a conhecer a literatura, mesmo no momento exato em que ela é produzida. A escola pode (e deve) estar em diálogo com a produção contemporânea, inclusive porque essa produção pode ter uma força mobilizadora e impulsionadora de muitas questões que dizem respeito à vida e ao futuro da juventude.

# Conhecendo a coleção, as poetas e seus livros

A *Biblioteca Madrinha Lua* é uma coleção de poesia contemporânea de autoria feminina inspirada numa das mais importantes poetas brasileiras do século XX: Henriqueta Lisboa. Para saber mais sobre a poeta, sua trajetória e obra, acesse: <https://www.editorapeiropolis.com.br/henriqueta-lisboa-vida-e-obra/>

A coleção é coordenada pela poeta Ana Elisa Ribeiro, que nos explica um pouco mais sobre a publicação:

“A primeira safra de livros da *Biblioteca Madrinha Lua* conta com oito obras de oito autoras brasileiras. Algumas delas optaram por produzir livros novos, inéditos, especialmente para a coleção, como é o caso de Líria Porto, Adriane Garcia ou Mariana Ianelli. Outras reuniram poemas inéditos e poemas já publicados, em outros livros ou em periódicos e na web, compondo um conjunto que só existe na *Madrinha Lua*.”

Cada autor ou autora tem seu processo criativo, mas é comum que a poesia vá sendo escrita ao longo dos anos e, na hora em que se decide publicar, os textos sejam relidos e reunidos em um conjunto. Outro modo de fazer é produzir um livro mais temático ou com algum propósito mais projetado, como foi com Adriane Garcia e Lubi Prates.

Os livros da *Biblioteca Madrinha Lua* são muito diferentes entre si. Como todas as autoras são poetas experimentadas, embora nem sempre sejam famosas ou midiáticas, elas sabem manejar a palavra, mas não apenas. Elas conduzem seus conjuntos de textos, compõem seus livros e têm forte intencionalidade. Adriane Garcia quis pôr seu foco na natureza, na ecologia; Lubi Pra-

tes traz questões raciais e identitárias; Fernanda Bastos vem com a ambientação carnavalesca para também tocar em questões de nossa sociedade, Amanda Ribeiro toca em questões de amor e sexualidade, e assim por diante.”

## Quem são as poetas? Vamos conhecê-las um pouco mais

Nas palavras de Ana Elisa Ribeiro: “as oito autoras que abrem a *Biblioteca Madrinha Lua* são mulheres brasileiras cujos projetos de vida envolvem a atividade de serem escritoras, publicarem seus livros e participarem do debate literário nacional. São um grupo heterogêneo: algumas bem jovens, um pouco acima dos vinte anos, e outras mais maduras, com mais de trinta, quarenta ou sessenta anos. Elas vêm das capitais e do interior dos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio Grande do Norte. Além de podermos ler seus textos, nos envolvendo com suas vozes líricas tão diversas, também temos a chance de, nos *videopoemas*, ouvir seus falares e seus sotaques, com seus timbres muito próprios. São mulheres de raças, credos, formações, profissões e orientações sexuais diversos, e certamente será possível depreender isso de seus poemas, embora devamos evitar dois extremos da leitura literária: colar suas biografias a seus textos ou ler os poemas como se nada deles dissesse respeito a quem os escreve.”

As poetas da *Madrinha Lua* são já autoras de alguns títulos, em muitos casos receberam prêmios e reconhecimentos importantes por suas obras, têm publicado com relativa frequência e, aqui reunidas, queremos que elas ganhem ainda mais força.”

## Adriane Garcia



Nasceu em Belo Horizonte em 1973, Adriane Garcia é poeta, escritora, teatroeducadora e atriz brasileira. Publicou diversos livros entre eles: *Fábulas para adulto perder o sono* (Prêmio Paraná de Literatura, 2013), *O nome do mundo* (Armazém da Cultura, 2014), *Só com peixes* (Confraria do vento, 2015).

*Estive no fim do mundo e me lembrei de você* é seu título na Coleção Biblioteca Madrinha Lua.

## Amanda Ribeiro



Nasceu em Belo Horizonte em 1989. É mestre em Estudos de Linguagem pelo CEFET-MG, professora, poeta e videopoeta. É autora de  *Livre é abelha* (Impressões de Minas, 2018). Ministra minicursos e oficinas sobre videopoesia e edição de livros para crianças.

*Máquina de costurar concreto* é o título de sua autoria publicado na Coleção Biblioteca Madrinha Lua.

## Fernanda Bastos



Nasceu em Porto Alegre em 1988. É jornalista, tradutora e editora de livros. É autora dos livros *Dessa Cor* (2018) e *Eu vou piorar* (2020), ambos publicados pela editora Figuras de Linguagem.

*Selfie-Purpurina* é o título de sua autoria publicado na Coleção Biblioteca Madrinha Lua da editora Peirópolis.

## Líria Porto



Mineira de Araguari, nascida em 1945, Líria Porto é poeta e professora aposentada. Publicou *Borboleta desfolhada, de lua, Asa de Passarinho, Garimpo* (finalista do prêmio Jabuti de poesia, 2015), *Cadela Prateada, Olho Nu e Nem cai nem haicai*.

*Quem tem pena de passarinho é passarinho* é o livro da autora na Coleção Biblioteca Madrinha Lua.

## Lubi Prates



Nascida em São Paulo, em 1986, Lubi Prates é poeta, tradutora, editora e curadora de literatura. Publicou *Coração na boca* (2012), e *Triz* (2016) e *Um corpo negro* (2018, finalista do 4º Prêmio Rio de Literatura e do 61º Prêmio Jabuti, traduzido em vários países). É fundadora da *nosotros*, editorial e editora da revista literária *Parêntesis*.

*Até aqui* é o título da autoria na Coleção *Biblioteca Madrinha Lua*.

## Mariana Ianelli



Nascida em 1979, em São Paulo, Mariana é poeta, ensaísta, cronista e crítica literária brasileira. Graduada em jornalismo e mestre em Literatura e Crítica Literária, é autora de vasta obra de poesia.

*Vida Dupla* é o título de sua autoria a ser lançado na Coleção *Biblioteca Madrinha Lua*.

## Marília Floôr Kosby



Nascida em Arroio Grande (RS) em 1984, é autora dos livros de poemas *Mugido [ou diário de uma doula]* (2017), *Os baobás do fim do mundo* (2011), *Siete colores* e *Um pote cheio de acasos* (2013). É doutora em Antropologia Social e atua também como compositora, participando de festivais de música popular.

*Genealogia das mulas* é o título de sua autoria a ser lançado na Coleção *Biblioteca Madrinha Lua*.

## Regina Azevedo



Nascida em Natal (RN), no ano 2000, Regina Azevedo publicou diversos livros de poemas: *Piruetta* (2017), *Vermelho Fogo* (2021) e *Carçaça* (2021). Integra a antologia *as 29 poetas hoje*, organizada por Heloísa Buarque de Holanda e publicada em 2021 pela Companhia das Letras.

*Lança chamás* é o título de sua autoria publicado na Coleção *Biblioteca Madrinha Lua*.

## Jaqueline Conte



Nascida em Maringá (PR) é jornalista, escritora infantojuvenil e poeta. Publicou *Na casa amarela do vovô: e outros poemas para brincar*, editado no Brasil (Pegaí e SESC) e em Portugal (Trinta por Uma Linha); *Passarinho às oito e pouco* (Insight); *Os jornais de Geraldine* (Arte & Letra), entre outros. É investigadora no Programa de Doutorado em Materialidades da Literatura da Universidade de Coimbra.

*Desterênci*a é o título de sua autoria publicado na Coleção Biblioteca Madrinha Lua.

## Tatiana Nascimento



Nascida em Brasília, em 1981, tatiana é poeta, slammer, cantora e compositora. Aos 35 anos, publicou lundu, sua primeira coletânea de poesias. É autora de esboço (2016), mil994 (2018), um sopro de vida no meio da morte e cuírlombismo literário: poesia negra LGBTQI+ desorbitando o paradigma da dor, e 07 notas sobre o apocalipse, ou, poemas para o fim do mundo (2019).

*um ebó di boca y otros [silêncios]* é o título de sua autoria publicado na Coleção Biblioteca Madrinha Lua.

# A leitura de poemas e seus desdobramentos: propostas para a escola

## Literatura e poesia na BNCC

Ana Elisa Ribeiro

A palavra literatura aparece 60 vezes nas 600 páginas da Base Nacional Comum Curricular. Embora isso nos pareça pouco, dada a magnitude do documento, é importante notar que literatura aparece desde a educação infantil até o ensino médio, aumentando a amplitude e a complexidade das propostas ou das recomendações.

Na educação infantil, fala-se em mediação, desenvolvimento do gosto, ampliação do conhecimento de mundo e estímulo à imaginação (ver p. 42). No ensino fundamental, mais especificamente no ensino de linguagens e suas tecnologias, a literatura aparece mais, por exemplo, como mote ou gatilho para a produção de outros gêneros discursivos, inclusive e principalmente multimídia. À página 74, em um quadro sobre práticas leitoras, uso e reflexão, literatura aparece no item de adesão às práticas de leitura, no seguinte contexto:

- Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura, textos de divulgação científica e/ou textos jornalísticos que circulem em várias mídias.
- Mostrar-se ou tornar-se receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativa, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas

experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

O destaque a este trecho da BNCC tem um objetivo: embora a literatura apareça ali como um item pouco especial em relação a outros, o parágrafo seguinte menciona a importância de que os e as estudantes sejam receptivos “a textos que rompam com seu universo de expectativa” e que “representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura”, e isso, é claro, a poesia, contemporânea ou anterior, pode fazer muito bem.

A página 75 é explícita ao defender o texto culto, o canônico, mas também a diversidade, a diferença e a ampliação de repertórios. Mais adiante, na página 86, o documento trata do direito de todos/as à literatura e à arte, algo que consideramos uma das missões da escola, inclusive contra a padronização e a pasteurização comumente oferecidas por muitas mídias acessadas por crianças e jovens.

A nona competência em linguagens (p. 87) explicita:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de

imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

Entre as habilidades descritas para as séries finais do ensino fundamental, a BNCC coloca (p. 187):

**(EF89LP36)** Parodiar poemas conhecidos da literatura e criar textos em versos (como poemas concretos, ciberpoemas, haicais, líras, microrroteiros, lambe-lambes e outros tipos de poemas), explorando o uso de recursos sonoros e semânticos (como figuras de linguagem e jogos de palavras) e visuais (como relações entre imagem e texto verbal e distribuição da mancha gráfica), de forma a propiciar diferentes efeitos de sentido.

Parece claro aí o impulso para a leitura da poesia, embora a sugestão seja partir dos “poemas conhecidos”, parodiando-os, enquanto nós preferimos pensar que a juventude possa se expressar na poesia mais criativamente ainda, propondo e elaborando seus textos, sua forma, sua conciliação entre mídias. Às vezes, somos surpreendidos/as por alunos/as tímidos/as em sala de aula, mas que mantêm forte atuação como criadores na internet, por exemplo. O que causa essa ruptura? Embora a BNCC reitere a relação entre poesia e imaginação, é imperativo dizer que não é só disso que esse gênero literário é feito ou só isso que ele promove. A poesia pode tocar com firmeza a vida real e dizer muito sobre questões importantes de nosso tempo. Pensamos ser fundamental o contato de jovens com textos ainda não tão conhecidos, mas que circulam justamente no debate literário contemporâneo.

No ensino médio, a BNCC (p. 499) afirma que “Em relação à literatura, a leitura do texto literário, que ocupa o centro do trabalho no Ensino Fundamental, deve permanecer nuclear também no Ensino Médio”. Passa, então, a advogar a intensificação do convívio dos e das

estudantes com esse gênero, novamente argumentando sobre a ampliação das visões de mundo, além das capacidades de ver e de sentir. O modo como isso aparece no documento ainda é relativamente pouco, perto de tudo o que a leitura literária pode provocar no encontro entre leitores, leitoras e o texto que pulsa.

Na página 500, a Base lista, novamente, a importância de se apresentar e conciliar o culto, o canônico e o popular, citando inclusive o periférico. Pela primeira vez, o documento explicita a “inclusão de obras da tradição literária brasileira e de suas referências ocidentais – em especial da literatura portuguesa –, assim como obras mais complexas da literatura contemporânea e das literaturas indígena, africana e latino-americana”. Uma segunda menção à literatura contemporânea aparece à página 523, em nova lista. Seguem-se então páginas que incluem a literatura em suas facetas periférica, marginal etc.

A palavra poesia aparece uma única vez na Base, à página 138, no contexto do ensino fundamental, com o objetivo de leitura e dos estudos de figuras de linguagem. Embora seja muito importante compreender e saber empregar figuras de linguagem, além de concordarmos que parte da matéria-prima do gênero está nesses recursos da língua, há muito mais que a poesia oferece. Já a expressão texto poético aparece 16 vezes, a maioria delas nos quadros de descritores de habilidades e objetos de conhecimento. O estudo da forma e do sentido é o foco aí.

Com essa passagem ligeira pela Base Nacional Comum Curricular, documento vigente no Brasil para o ensino básico, queremos dizer que, embora possamos flagrar nele a importância da leitura literária e, muito secundariamente, da produção literária, ainda é possível fazer muito mais e melhor, se formos diligentes e comprometidos/as com a literatura de nosso país (e não apenas), em especial conhecendo e valorizando a literatura contem-

porânea, que ainda não é canônica e nem se resume ao “marginal”. Há muito o que fazer na mediação da leitura de jovens, incluindo-os nessa cena, inclusive como possíveis criadores, motores de nossas culturas.

## Sobre o projeto de vida de ser escritor(a)

Os escritores e as escritoras foram um dia estudantes. No mínimo, aprenderam a lidar com textos, sejam orais ou escritos. Ainda que uma pessoa possa se tornar escritor/a por acaso, por agarrar alguma oportunidade fortuita na vida, é comum que escritores e escritoras tenham perseguido um desejo, um sonho, sem necessariamente abandonar outra profissão. Ser escritor ou escritora, de vários ou de um gênero literário específico, pode ser o projeto de vida de alguém, desde a mais tenra idade. Quando lemos ou ouvimos as histórias de vida de autores e autoras já conhecidos, é comum que eles e elas contem sobre sua relação longa com livros, primeiros textos literários, ideias de publicação e com a inspiração em algum escritor ou alguma escritora anteriores. Essa relação pode ter se dado na escola, mas também fora dela, em condições precárias, mas que foram fortemente reconhecidas e aproveitadas.

Para que a poesia e outros gêneros literários possam fazer parte do horizonte de vida de um/a jovem, pode ser fundamental que a

escola dê a eles e a elas condições de sentir que o livro literário e sua escrita são trabalho, exigem dedicação, estudo, leitura e que fazem parte de um universo que, além de artístico, é também econômico e cultural.

A literatura contemporânea goza de uma condição específica: autores e autoras vivos podem estar bem próximos da escola e da educação, desde que as instituições possam evitar a romantização excessiva dessa atividade, assim como não permitir a censura e conduzir leitura e produção textual com seriedade e abertura. Muitos textos publicados hoje são excelentes oportunidades para debates ricos, importantes e mobilizadores, em muitos sentidos.

É possível adotar livros de poesia contemporânea, lê-los em sessões de fruição, mas também de análise e debate, além de fazer que derivem deles produções multimodais, coletivas ou individuais. A poesia é um dos gêneros literários de mais fácil circulação, sendo possível apresentá-la e mesmo produzi-la de modos diversos, num trânsito multiletrado e multimodal muito rico. Do livro-palavra à imagem, ao som, ao palco, ao vídeo, à roda de leitura, ao *slam*, ao dizer, decorado e sem decorar, é possível fazer de cada obra um gatilho para muitas outras leituras e produções. Por fim, é fundamental lembrar: livros podem mudar pensamentos, influenciar pessoas e ajudar em mudanças importantes do mundo.

# Diálogos com as poetas

Ana Carolina Carvalho

Uma das vantagens de ser ler poesia contemporânea na escola certamente diz respeito ao fato de que as e os poetas não estão em extinção. Muito pelo contrário, são pessoas vivas e em grande parte das vezes, **disponíveis para o contato com os estudantes**. Pessoas do mesmo mundo, olhando paisagens semelhantes, respirando o mesmo ar e dialogando com o a realidade vivida pelos estudantes. A presença de autores e autoras contemporâneos nas redes sociais também é facilitador para o diálogo, não apenas porque é possível encontrá-los, mas também porque aparecem de muitas formas diferentes: em entrevistas, revistas eletrônicas, programas em formatos variados, blogues etc. Há tanto a possibilidade de conhecer outros textos poéticos desses autores e autoras, como também o cotejamento de sua produção com aquilo que é dito, com seus pensamentos, ações e inserções no mundo.

Em se tratando da leitura dos livros da *Biblioteca Madrinha Lua*, pode-se pensar tanto nessa expansão do olhar que alimenta a leitura, quanto na própria possibilidade de um diálogo mais direto com as poetas, por meio de entrevistas ou conversas agendadas com as/os estudantes. No caso da entrevista, a proposta agrega mais um gênero a ser trabalhado e os saberes envolvidos: como se constrói um roteiro para entrevista, o que é interessante perguntar e saber? Como esses conhecimentos podem ajudar a ler melhor a obra da poeta? Além disso, a aproximação com a autora também pode favorecer o envolvimento com a leitura de poemas, não apenas da autora em

questão, mas trazendo uma abertura maior para o gênero.

## Outras ideias para aproximar os estudantes da poesia contemporânea

Fruição, conversa, compartilhamento, produção e publicação. Essas podem ser formas de aproximação dos estudantes com a poesia contemporânea. Vamos pensar nas etapas necessárias?

### O que há para ler? O que já li e gostei?

Para começar, sugerimos que se faça um levantamento do acervo poético da escola, dando preferência a poetas contemporâneos. Pesquisa realizada e acervo levantado, pode-se deixar os títulos escolhidos à disposição para a leitura dos/as estudantes, que poderão levar emprestados ou realizar a leitura em diferentes momentos e formatos na escola. Leitura compartilhada, leitura pelo estudante a um grupo de colegas, leitura silenciosa. Aliás, o tempo para a leitura é fator crucial a ser garantido na escola. Será que há espaço para que os estudantes simplesmente leiam livros de sua preferência? Tempo para a leitura “gratuita”, sem utilidade direta? Trata-se de questão fundamental quando se pensa em formação de leitores e, mais do que isso, na perenidade da leitura literária na vida de cada um, na medida em que nos tornamos leitores frequentes quando conseguimos estabelecer diálogos íntimos com a literatura.

Para além do acervo proporcionado pela escola, vale também perguntar aos estudantes quais são as suas preferências literárias ao se

tratar de poesia contemporânea? Importante considerar aqui que os estudantes podem ter formado seu acervo pessoal não apenas lendo livros, mas entrando em contato com a poesia em diferentes suportes e canais. Há a poesia que se conhece por meio da mídia, blogs, youtube, *slams* etc.

## E a conversa? Como se faz para falar com outros sobre poesia?

Como cada poema toca os seus leitores e leitoras, para onde nos leva, o que nos faz sentir em nosso corpo, quais são as emoções que nos despertam? O que há na forma que nos encanta? A combinação de palavras formando ritmos, sonoridades, outras realidades? O olhar minucioso da ou do poeta para o ordinário, ressignificando o comum? O jogo com as palavras, a brincadeira com a língua? O som construindo sentidos? As figuras de linguagem? A síntese que faz conter um mundo num único verso? O eu-lírico e como ele apresenta aquilo que também nos arrebatava? A voz, o lugar de fala, o manifesto que pode existir na poesia? O que mais a poesia pode provocar nos leitores? Será capaz de emudecê-los ou entristecê-los? Pode ser instrumento de crítica social, ao propor olhares para a realidade? Tudo isso – e mais um pouco – pode fazer parte de uma conversa entre leitores e leitoras de poesia.

## O que se deseja compartilhar?

Depois de ler e fazer levantamento das preferências poéticas do grupo, a próxima etapa diz respeito ao que se deseja compartilhar com outros leitores. Neste momento, pode-se organizar um mural de poemas, com curadoria realizada pelos estudantes. A partir das preferências, como poderão compor, por exemplo, um mural com as “poesias do coração” de cada um e cada uma? Há poemas que fazem parte da mesma “família”, que dialogam entre si? O que os une? Autoria, tema, vozes ou “lugar

de fala”, meios ou momentos em que foram publicados? Forma?

Essa é uma etapa importante para a formação do leitor ou leitora de poesia, já que o grupo se debruçará sobre os poemas escolhidos para compor o mural, buscando agregá-los de acordo com determinados critérios, procurando enxergar semelhanças e proximidades e, portanto, refletindo sobre a sua forma, autoria, conteúdo etc.

Com a curadoria decidida, é hora de escolher onde ficará o mural para que possa atrair outros leitores e leitoras daquela comunidade escolar ou até mesmo fora dela, se for o caso: no pátio da escola, na biblioteca ou sala de leitura, na porta da escola ou recepção, por onde passam famílias e outras pessoas, além dos estudantes?

## Todos podem escrever poemas

Historicamente, a escola tem se ocupado em formar sobretudo leitores que leem ou no limite, que conhecem a poesia, suas correntes e autores. Contudo, uma das novidades trazidas pela BNCC está no fato de que formar leitor e leitoras na e da contemporaneidade significa lançar foco na autoria. Não apenas na autoria no momento da leitura, já que os leitores e leitoras são ativos, atribuindo sentidos ao que leem, mas também como produtores dos textos lidos, que, aliás, não precisam necessariamente ter sido publicados em livros. A presença da internet e seus variados canais de publicação democratizou a autoria, e acabou por indissociar a figura do leitor, do espectador e do produtor de textos. Tudo isso tem forte impacto nas propostas em torno da leitura na escola.

A leitura da poesia contemporânea, sobretudo aquela feita por poetas mais jovens, além de envolver os jovens, por conta da proximidade de vivências e experiências também poderá encorajá-los ou encorajá-las a escrever seus próprios poemas. Sabidamente, a auto-

ria de poemas na escola tem sido relacionada a paródias, que pode ser um exercício inicial interessante, mas acaba por limitar a criação do jovem estudante, já que ele apenas circula em meio a uma forma pensada por outro ou outra poeta. O que seria necessário planejar para que o/a jovem pudesse aventurar-se em escrita própria, verdadeiramente autoral? Pode-se elencar alguns caminhos:

- Quais são os autores/autoras que inspiram cada estudante? Com quais poemas dialogam mais? Quais são as referências de estilo, tema?
- Análise de poemas – do que falam e como expressam? Dialogam com outros textos, ou seja, apresentam intertextualidade? Onde nasceram e foram publicados? Isso faz diferença para a sua forma? De que maneira?
- Há rimas? Como são? Os versos são regulares? Há versos brancos ou soltos? Rimas cruzadas? O que podemos dizer sobre ritmo, sonoridade, figuras de linguagem, vocabulário?
- Exercícios para soltar a escrita - neste momento, pode-se sugerir alguns “exercícios” mais descomprometidos que ajudam a liberar a escrita poética dos estudantes como por exemplo: um “saco de palavras” em que vocábulos são sorteados para compor os poemas, podendo fazer um poema atentando ao som e sentido das palavras sorteadas, escolher apenas algumas palavras sorteadas, criando o restante do poema; sugerir a escrita a partir de algumas oposições: enquanto eu isso/você aquilo, poemas com rimas cruzadas ou rimas regulares etc.
- Primeiras escritas – sobre o que e como quero falar? Neste momento, os estudantes vão realmente escolher sobre o que irão falar. Nessa etapa, pode ser interessante retomar o universo de cada poeta, a sua voz lírica. No caso da *Biblioteca Madrinha Lua*,

por exemplo, enquanto Adriane Garcia poetiza sobre o meio-ambiente e relações dos homes com o planeta, Lubi Prates e Fernanda Bastos, de diferentes maneiras falam de ancestralidades e negritude; Amanda Ribeiro se debruça sobre o cotidiano, des-cortinando um mundo que pode habitar o ordinário da vida etc.

- Antes de os estudantes começarem a escrita propriamente dita, é importante ressaltar que este não é um processo linear: há idas e vindas, escritas e reescritas. Nesse processo, conta muito a leitura de outra pessoa – o leitor crítico, digamos assim, que poderá apontar aspectos que precisam ser mexidos para que o poema fique mais potente. As observações podem ser feitas oralmente ou por meio de bilhetes ou notas no próprio poema.
- Conhecer processo de escrita de outros poetas. Há na internet muitas entrevistas e materiais variados de poetas contando sobre como escrevem. Neste momento, pode ser interessante ter essas outras referências, conhecer outras formas de produção, rompendo possíveis visões mais romantizadas acerca da inspiração, por exemplo, e evidenciando o trabalho que há por trás de todo o texto literário – seja prosa ou poesia.
- Reescrita dos poemas a partir das observações e nova leitura para última revisão.
- Escolha do que vai ser publicado e onde será compartilhado com outros leitores: blogs, mural, redes sociais. Aqui, uma outra reflexão também se faz importante: o suporte influencia na forma?

## Práticas sociais para compartilhar poemas

Para além da publicação, há outras formas de compartilhamento dos poemas. O sarau é uma delas. Nesta modalidade, pode-se ampliar não só o número de participantes, como

misturar diferentes faixas etárias e públicos – um sarau aberto para a comunidade, um sarau online aberto ao público em geral, entre outras formas.

## Será que o sarau faz parte do repertório de todos?

Os saraus estão fazendo sucesso novamente. Muitos espaços culturais aderiram a essa prática antiquíssima, atraindo um público cada vez maior. Nos últimos anos inclusive, alguns eventos desse tipo ficaram bastante popularizados em diversas regiões do país, movimentando principalmente as periferias do Brasil. Um exemplo é o Sarau da Cooperifa, em São Paulo. O evento tem sido responsável por lançar vários escritores e poetas, dando voz a muitos talentos, mas sobretudo por juntar muitas pessoas em torno da poesia e da literatura, aproximando-as dessa forma de arte, fazendo com que a poesia desça do pedestal e beije os pés da comunidade.

Será que na sua região há algum sarau que se firmou nos últimos tempos? Faça uma pesquisa. Pergunte também aos estudantes se eles sabem o que é um sarau, se já frequentaram algum.

Caso esse tipo de evento seja desconhecido da maioria, pode-se fazer uma pesquisa como o grupo sobre as origens do sarau, de

onde veio esse nome e porque se convencionou chamar assim. Para ampliar as referências, pode-se consultar a revista online Arara em: <https://arararevista.com/voce-sabe-o-que-e-sarau/>

## Sarau presencial ou online?

Depois da pandemia, essa é uma questão que sempre nos colocaremos quando planejarmos uma ação coletiva. Embora nos tenha limitado as ações presenciais, o isolamento social nos trouxe outras possibilidades de formato que permitem não só atingir outros públicos, mas também incluir novas ferramentas e, portanto, novas aprendizagens para os envolvidos. Aliás, é fundamental que os estudantes se envolvam de diferentes maneiras na organização do sarau – desde o seu planejamento até a divulgação e participação.

## Do papel para as telas

Abrir um livro a ler um poema, ligar o computador, olhar o celular. A poesia pode habitar variados suportes e ser lida/ouvida/vista. Ciente do nosso tempo, as poetas da coleção *Biblioteca Madrinha Lua* prepararam outros modos de divulgação e apreciação de seus poemas, sobrepondo linguagens e estéticas. Vamos conhecer alguns videopoemas elaborados por Amanda Ribeiro Barbosa.

## De Adriane Garcia:

### Antropoceno, na voz de Adriane Garcia

Para obter as informações acesse o site através do *QR code* ou pelo endereço eletrônico.



<https://www.youtube.com/watch?v=QL-p06R8O9SU>

## De Regina Azevedo:

### Azul Intenso, na voz de Regina Azevedo

Para obter as informações acesse o site através do *QR code* ou pelo endereço eletrônico.



[https://www.youtube.com/watch?v=SqGMqBPply-Q&list=PLf9KaUAtkADO\\_YtNL5m1L2PW99VyKH-V1R&index=3](https://www.youtube.com/watch?v=SqGMqBPply-Q&list=PLf9KaUAtkADO_YtNL5m1L2PW99VyKH-V1R&index=3)

### Rugas, na voz de Lubi Prates

Para obter as informações acesse o site através do *QR code* ou pelo endereço eletrônico.



<https://www.youtube.com/watch?v=CA08PmAVfhc&t=80s>

### Gato sem rabo, na voz de Adriane Garcia

Para obter as informações acesse o site através do *QR code* ou pelo endereço eletrônico.



[https://www.youtube.com/watch?v=1dIDxWX-2NAM&list=PLf9KaUAtkADO\\_YtNL5m1L2PW-99VyKHV1R&index=4](https://www.youtube.com/watch?v=1dIDxWX-2NAM&list=PLf9KaUAtkADO_YtNL5m1L2PW-99VyKHV1R&index=4)

## De Líria Porto:

### Sem demasias ou delongas, na voz de Regina Azevedo

Para obter as informações acesse o site através do *QR code* ou pelo endereço eletrônico.



<https://www.youtube.com/watch?v=Ptqz-DR8SnE>

## De Lubi Prates:

### Você nunca esteve diante do horror, na voz de Lubi Prates

Para obter as informações acesse o site através do *QR code* ou pelo endereço eletrônico.



<https://www.youtube.com/watch?v=B1vnl-SG0cQY>

### Onde cantam os bem-te-vis, na voz de Líria Porto

Para obter as informações acesse o site através do *QR code* ou pelo endereço eletrônico.



<https://www.youtube.com/watch?v=u-dKB4uFIX4U>

# Oficina de Poemas com Amanda Ribeiro

Amanda Ribeiro, uma das autoras da Biblioteca Madrinha, é professora e atua na formação de educadores desenvolvendo um trabalho com oficinas de videopemas. Essa linguagem, ao apresentar uma fricção entre a literatura e o cinema, cria novo “processo de significação” que já não é mais nem um nem outro, mas um pouco dos dois, segundo Ana Paula Ferreira (2004<sup>1</sup>). Justamente por situar-se nesse novo terreno, mesclando linguagens, o trabalho com videopemas torna-se extremamente interessante para a formação do jovem leitor/autor/criador que atua em diferentes em gêneros e mídias.

## Inspirações para um videopoema

Amanda Ribeiro propõe um exercício denominado “Centelha” a partir de uma foto da infância. Para tanto, sugere a leitura do poema “Movie” de Ana Elisa Ribeiro, no livro *Álbum*, da editora Relicário:

### Movie

duas décadas e algo mais  
revimos os vídeos da nossa infância

rever os vídeos  
causou-nos um espanto  
inconfessável

os chuviscos e as cores  
esmaecidas  
da fita magnética  
não se pareciam  
com as fotos congeladas  
em álbuns coloridos

os vídeos  
tinham quase  
o poder  
da ressurreição

A partir do poema, pode-se pedir que os estudantes escolham uma foto significativa de sua infância, algo que de certo modo desejem “ressuscitar” por meio do videopoema. A narração do vídeo, poderá tanto trazer o poema de Ana Elisa, quanto contar com uma criação dos estudantes, ou até mesmo, uma mescla desses textos. Também é possível escolher poemas da Coleção Madrinha Lua que dialoguem com a foto escolhida pelo estudante. Com o texto em mãos, é hora de pensar nos efeitos visuais que farão parte do videopoema. Como inspiração, vale assistir aos que foram produzidos a partir de poemas da Coleção Madrinha Lua e/ou outros por meio de pesquisa na internet.

Para ajudar a situar o planejamento do professor, da professora, elencamos algumas habilidades que podem ser desenvolvidas a partir das abordagens aqui sugeridas:

**(EM13LP47)** Participar de eventos (saraus, competições orais, audições, mostras, festivais, feiras culturais e literárias, rodas e clubes de leitura, cooperativas culturais, jograis, repentes, *slams* etc.), inclusive para socializar obras da própria autoria (poemas, contos e suas variedades, roteiros e microrroteiros, videominutos, *playlists* comentadas de música etc.) e/ou interpretar obras de outros, inserindo-se nas diferentes práticas culturais de seu tempo.

<sup>1</sup> FERREIRA, Ana Paula. *Videopoesia: uma poética da intersemiose*. Em Tese, [S.l.], v. 8, p. 37-45, dez. 2004. ISSN 1982-0739.

**(EM13LP49)** Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

**(EM13LP50)** Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam.

**(EM13LP51)** Selecionar obras do repertório artístico-literário contemporâneo à disposição segundo suas predileções, de modo a consti-

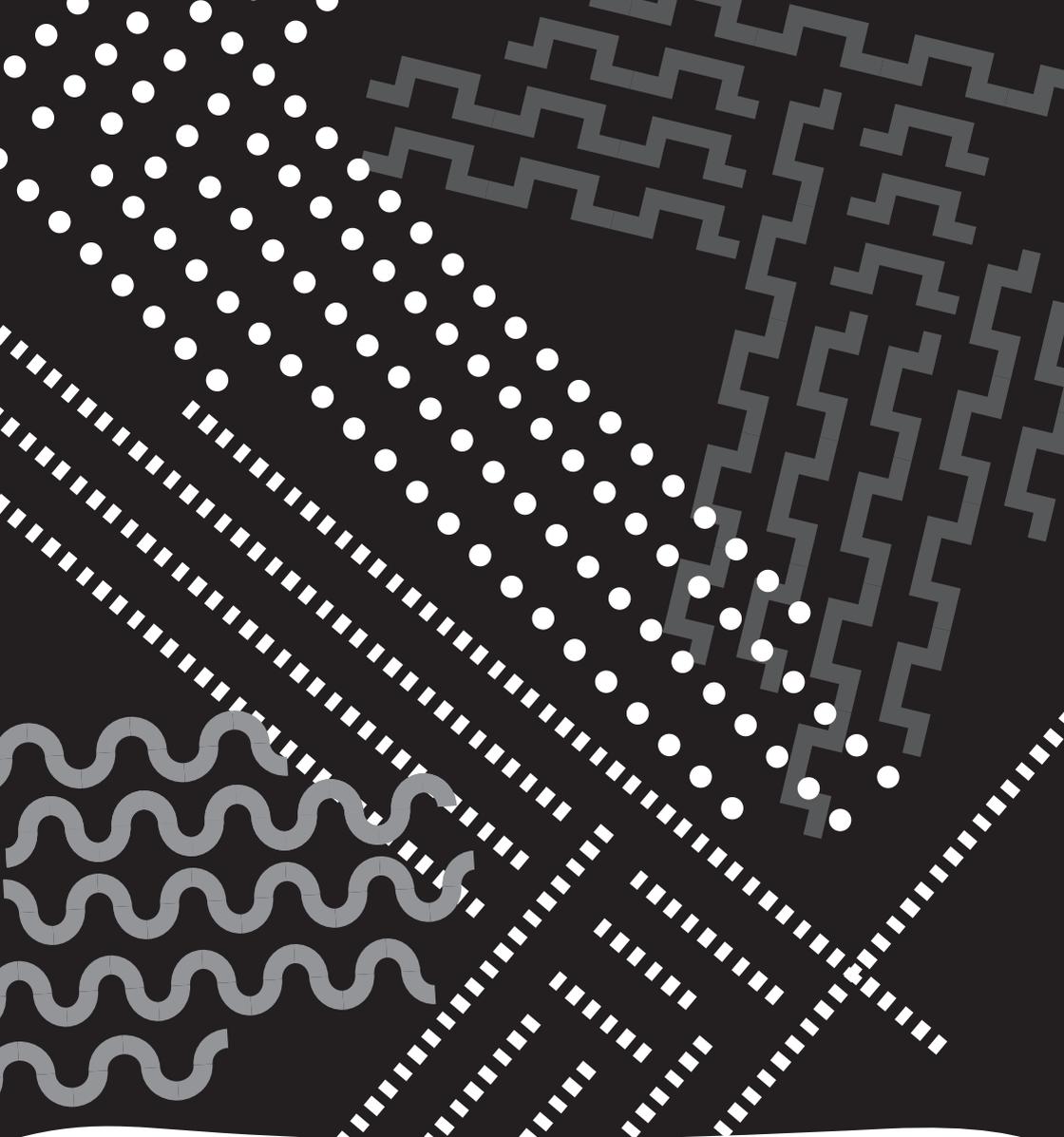
tuir um acervo pessoal e dele se apropriar para se inserir e intervir com autonomia e criticidade no meio cultural.

**(EM13LP53)** Produzir apresentações e comentários apreciativos e críticos sobre livros, filmes, discos, canções, espetáculos de teatro e dança, exposições etc. (resenhas, *vlogs* e *podcasts* literários e artísticos, *playlists* comentadas, fanzines, *e-zines* etc.).

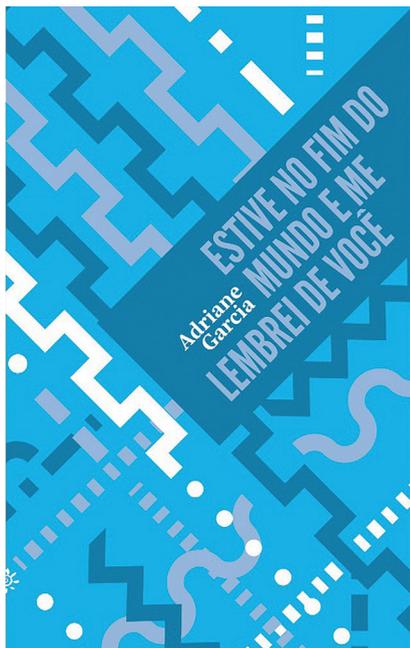
**(EM13LP54)** Criar obras autorais, em diferentes gêneros e mídias – mediante seleção e apropriação de recursos textuais e expressivos do repertório artístico –, e/ou produções derivadas (paródias, estilizações, *fanfics*, *fanclipes* etc.), como forma de dialogar crítica e/ou subjetivamente com o texto literário.

## Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.



Estante  
de LIVROS



## Estive no fim do mundo e me lembrei de você

Adriane Garcia

13 x 20 cm • 88 páginas • 1 cor • ISBN 978-65-5931-047-0

Livro digital ISBN 978-65-5931-046-37

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/estive-no-fim-do-mundo-e-me-lembrei-de-voce/>

Fazer poesia com o fim do mundo e ao olhar para ele, refletir sobre a humanidade. Os poemas de Adriane Garcia versam sobre a tensa relação que o homem estabeleceu com a natureza. Por vezes, os versos soam melancólicos, em outros momentos, combativos. Não raro as duas coisas juntas, mas sempre muito reflexivos, nos convidando a pensar: o que fizemos? O que fazer? Ao ler este livro, nos damos conta de que a poesia pode ser um caminho para encontrar saídas.

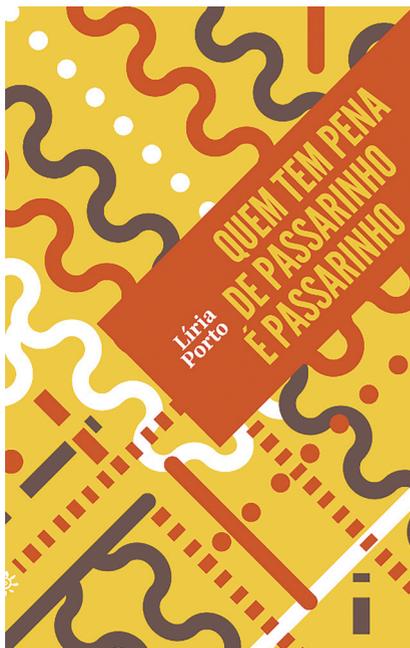
Nas palavras da poeta Ana Elisa Ribeiro, coordenadora da coleção, “Não é de guerra, mas é de tensão, de crítica, de ironia, de denúncia. Tem um calor de debate, de diálogo firme. Com ela não se nina, mas se desperta”.

A leitura de *Estive no fim do mundo e me lembrei de você* nos convida a muitos diálogos, com a própria literatura, investigando o caminho da poeta, suas referências e interlocuções – a própria coleção nos oferece muitas possibilidades de conversa entre os títulos; diálogos também com a geografia e suas contribuições para com a preservação do meio-ambiente, além de conversas com a biologia e a ecologia. Nesses caminhos interdisciplinares, a poesia pode despertar assuntos, pesquisas, ajudar a buscar evidências, notícias, e despertar a colaboração entre professoras e professores de diferentes áreas.

O tom dos poemas de Adriane Garcia também pode convidar a pensar na possibilidade da produção de uma poesia-denúncia, como um manifesto, que instiga posicionamentos e reflexões a partir do que a poeta comunica sobre seu tempo.



*Das estrelas me lembro, nunca mais as vi  
eram como vaga-lumes acesos no abismo escuro  
Se eu as tivesse contado e anotado em um caderno  
Hoje saberia quantas eram  
E quem me acompanhava olhando o breu.*



## Quem tem pena de passarinho é passarinho

Líria Porto

13 x 20 cm • 80 páginas • 1 cor • ISBN 978-65-5931-037-1

Livro digital ISBN 978-65-5931-038-8

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/quem-tem-pena-de-passarinho-e-passarinho/>

Líria Porto se insere na família dos poetas que nos amparam e ampliam o olhar para a natureza e os mistérios de suas belezas. A borboleta, o passarinho, as franjas de mar, os caminhos dos rios, de um rio, a garoa fina, a neblina. A vida que passa e as mudanças na paisagem, tudo isso habita a poesia de Líria Porto.

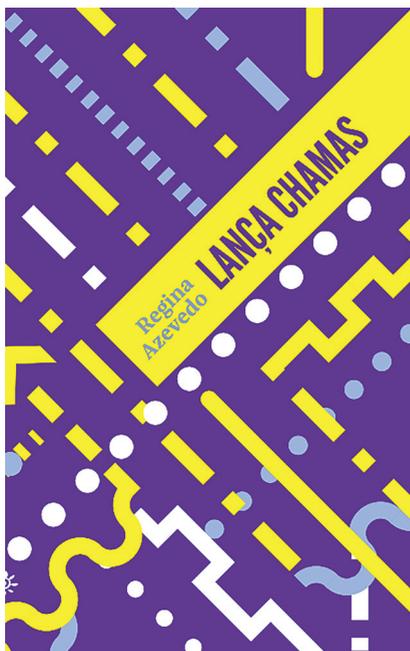
Nas palavras de Marília Kubota no prefácio do livro: “O olhar que se volta ao natural é a tentativa de reagir a um mundo em que a natureza é explorada à exaustão pela utilidade ao ser humano. Esse olhar difere da visão romântica ou simbolista, porque a natureza não é apenas uma paisagem para o individualismo. Confunde-se com o eu para o resgate de uma espiritualidade não num plano celeste, mas em nível terrestre. E assim a poesia é o veículo, a linguagem que conecta a natureza à potência de vida”.

E para onde nos leva a leitura do livro *Quem tem pena de passarinho é passarinho*? Um caminho possível é o de recuperar a linhagem de Líria Porto: com quais poetas ela dialoga? Em que tempos e lugares esses outros poemas foram escritos? Podemos observar uma filiação de Líria? A partir de suas leituras de poemas, com quais acha que os poemas de Líria estabelecem um diálogo?

O olhar de Líria – quais são as paisagens forjadas nos poemas de Líria? O que ela nos ajuda a olhar? Líria se insere na linhagem dos poetas que nos levam a pensar sobre a simplicidade e a complexidade, sobre a natureza e sua manifestação.

Para conhecer mais da obra da autora: blog Tanto mar: <http://liriaporto.blogspot.com/>

“*apraz-me olhar as árvores  
a calma com que se movimentam  
parecem-se as mulheres grávidas  
no aguardo do rebento*”



## Lança chamas

Regina Azevedo

 13 x 20 cm • 96 páginas • 1 cor • ISBN 978-65-5931-043-2

 Livro digital ISBN 978-65-5931-044-9

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapei-ropolis.com.br/produto/lanca-chamas/>

Regina inscreve: “escrevo como quem lança chamas”. São muitos os temas que estão em seus versos: o tempo, o passado, a ancestralidade, o agora, o futuro. A poesia escrita por mulheres, a mulher, o sexo. A idade. O lugar de onde ela vem, o nordeste, o interior. O seu interior, o das outras mulheres, a mãe, a avó.

Como Ana Elisa Ribeiro escreve no posfácio, “Regina construiu uma voz cheia do seu sotaque, do seu olhar, da sua reivindicação de ser escritora. Estão aí, na poesia dela, tanto a avó, quanto a neta, espelhadas em suas ferocidades, sem perder as ternuras”.

Os caminhos possíveis para a leitura de Lança Chamas são aqueles que colocam a poesia em diálogo com a origem: do lugar, da família, da mulher e jovem. De que forma a paisagem do sertão nordestino aparece na poesia de Regina? A poeta está perto dos jovens leitores: eles se veem nos poemas? De que forma? As vivências se assemelham? O que levamos de nossos antepassados? A partir da leitura, o que os jovens podem escrever sobre si mesmos? Suas origens? Suas vidas?



*sem piedade ou perdão  
escrever é sacudir a cidade  
já tenho até me acostumado  
a brincar com o fogo*



## Até aqui

Lubi Prates

 13 x 20 cm • 88 páginas • 1 cor • ISBN 978-65-5931-045-6

 Livro digital ISBN 978-65-5931-048-7

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/ate-aqui/>

Lubi Prates nos faz ver ancestralidades, africanas e latino-americanas, o afastamento e os encontros. As fronteiras, o estrangeiro, o isolamento, as heranças. Quem somos?

É poeta que explora também a poesia, faz pensar o que é o poema, pra que ele serve, o que ele faz com a gente, com a palavra. E o que é a palavra? Quem usa quem? Nós as usamos? Ou são as palavras que nos usam, como passagens?

E nas palavras de Ana Elisa Ribeiro, encontramos a poeta e sua força: Ela toca em feridas abertas latino-americanas, brasileiras, expõe a situação dos que se sentem estrangeiros, desterrados, renegados em seu próprio chão...

Os caminhos de leitura da obra podem tocar vozes ancestrais. Com que versos de outros poetas as palavras de Lubi Prates podem dialogar? Quais são os contemporâneos e contemporâneas, quais são as vozes que nos fazem pensar sobre a África, origens, desterrados? Seria possível forjar outra coleção, partindo de uma curadoria dos leitores que encontram semelhança e diálogos entre poetas? Aliás, é interessante atentar para o fato de que próprio livro *Até aqui* é o resultado parcial de uma antologia que a autora organiza de sua obra.



*minha pele não é casca  
é um mapa: onde África ocupa  
todos os espaços:  
cabeça útero pés*



## Máquina de costurar concreto

Amanda Ribeiro

 13 x 20 cm • 96 páginas • 1 cor • ISBN 978-65-5931-181-1

 Livro digital ISBN 978-65-5931-182-8

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/maquina-de-costurar-concreto/>

A poeta mineira Amanda Ribeiro, ao poetizar sobre o cotidiano e seus objetos, revela a sua imensidão e nos oferece meios para renomear aquilo que é ordinário da existência de cada pessoa. Fazendo poesia sobre aquilo que nos circunda, o que parece ser periférico, mas nunca insignificante, Amanda deixa “gravada sua sensibilidade nas superfícies que encontra por aí”, segundo as palavras da prefaciadora Flavia Péret. Além de escrever, Amanda Ribeiro também experimenta outras linguagens, como o vídeo, dando igual peso aos diferentes suportes para a exploração poética do cotidiano.

É possível, a partir da leitura da obra, focar o olhar para o cotidiano como alimento para a poesia. Muitas vezes, a poesia nos ajuda a delinear de outro modo os objetos mais simples, que nos circundam e guardam gestos, lembranças, histórias, sentimentos. Coisas que contam uma vida. Esse é o universo de Amanda Ribeiro. Há outros poetas alinhados com ela? Quais? Além de olhar para pedaços e rastros de uma vida no cotidiano, Amanda faz isso desde o lugar do feminino. Com que outras poetas ela pode dialogar? E quais são os objetos a partir dos quais os estudantes fariam poesia?



*hoje apaguei muitas fotos  
eu você ponto jotapegê  
e nem pude ter o prazer  
de rasgá-las ao meio  
com algum cuidado para deixar  
uma fresta do seu rosto  
ao lado do meu  
sorridente*



## Selfie-purpurina

Fernanda Bastos

 13 x 20 cm • 72 páginas • 1 cor • ISBN 978-65-5931-179-8

 Livro digital ISBN 978-65-5931-180-4

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



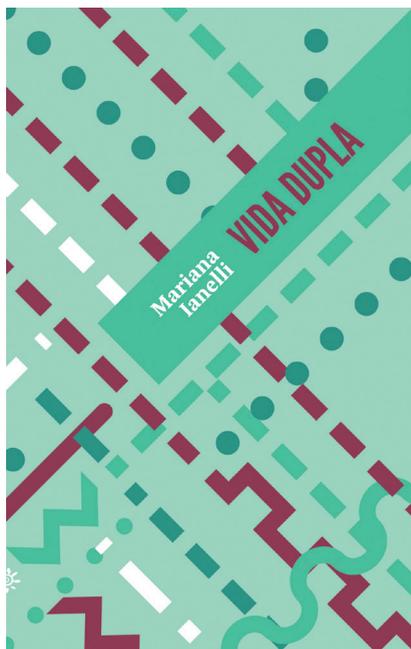
<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/selfie-purpurina/>

Nas palavras da prefaciadora, Cidinha da Silva, a poeta Fernanda Bastos faz “um retrato do carnaval gaúcho, suas alegorias e alegrias cantadas por uma filha e neta de sambistas, uma espectadora ilustre nascida em plena folia protagonizada por pessoas lutadoras, trabalhadoras durante o ano inteiro...” Para tecer seus poemas, Fernanda Bastos bebe “das águas da ancestralidade”, compondo um “poemário com ritmo, cadência e memória”, ainda segundo Cidinha da Silva.

Os caminhos para a leitura da obra podem percorrer questões sobre a representatividade por meio do carnaval. É possível refletir sobre a nossa História observando o desfile na avenida? Como uma festa popular nos fala de um país, de ancestralidades, de sobrevivência? Quais são os enredos presentes na poesia de Fernanda Bastos?



*No tempo em que nasci  
Se aprendia mais de África  
Na quadra  
Do que no curso normal  
que eu concluí*



## Vida dupla

Mariana Ianelli

 13 x 20 cm • 72 páginas • 1 cor • ISBN 978-65-5931-216-0

 Livro digital ISBN 978-65-5931-217-7

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



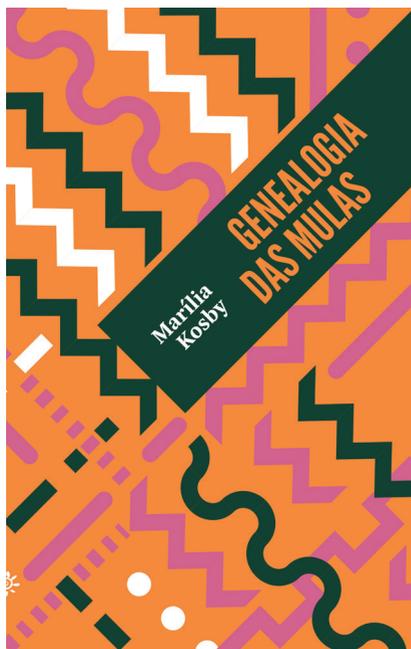
<https://www.editorapei-ropolis.com.br/produto/vida-dupla/>

Neste *Vida dupla*, Mariana Ianelli faz uma autêntica homenagem a Henriqueta Lisboa, criando uma voz lírica que se conecta com o incomum dos versos e paisagens da poeta mineira. Com fluidez e graça, além de certa devoção, Mariana esconde, na forma e no vocabulário, a matéria-prima emprestada para novos assombros e sobressaltos; amplia e encurta distâncias entre tempo e espaço, o invisível e a imagem que perscruta em outros mundos, num exercício de alteridade e espelhamento entre a poesia e o leitor.

Um dos caminhos possíveis para a leitura desde livro é olhar para o repertório de imagens que Mariana se utiliza para escrever seus poemas, mergulhando em seu universo, explorando o vocabulário e a sonoridade de sua poesia, os sentidos e as sensações que a poeta cria nos leitores. Fruir sua poesia.



*a vida  
mas sem medo  
mar aberto*



## Genealogia das mulas

Marília Floôr Kosby

 13 x 20 cm • 100 páginas • 1 cor • ISBN 978-65-5931-219-1

 Livro digital ISBN 978-65-5931-220-7

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



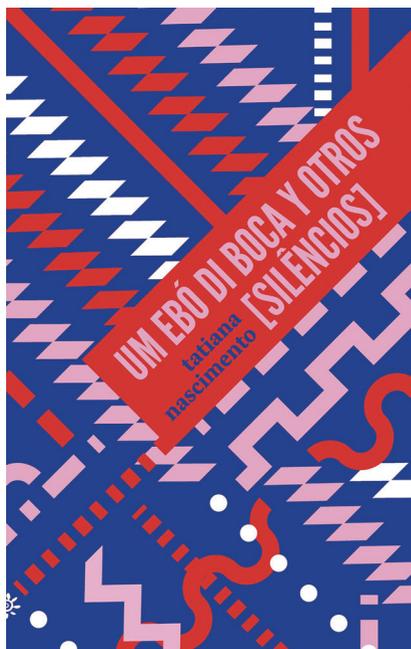
<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/genealogia-das-mulas/>

Marília Kosby traz o cenário dos pampas e tem uma voz que sabe ser possível caber assunto variado no poema: amor e morte, pois sim, a maternidade, a crueldade, o chinelo raider e os protocolos sanitários, tripas, gados, mulas e jornal nacional. A abertura de cada uma das 7 séries de poemas traz como epígrafe um excerto da obra *Receita para fazer mulas*, de Luiz Carlos Barbosa Lessa, folclorista, escritor e historiador gaúcho, provocando o leitor a pensar nas relações de dominação e de violência que existem na sociedade. Neste livro, Lessa expõe toda a crueldade que existe para que nasça a mula, animal híbrido (fruto do acasalamento forçado da égua com o jumento, ou da jumenta com o cavalo).

Da tradição, Marília alça voos críticos e agudos, e nos empresta seu olhar para o mundo. Como escreve a prefaciadora Renata Costa, “Marília se inscreve no rol de uma literatura sobre o pampa a partir da continuidade e da criação de chaves e fissuras próprias”.



*como explicar  
com palavras deste mundo  
que partiu de mim um barco  
malungo  
partiu de mim um barco  
levando-me  
e era um malungo*



tatiana nascimento, assim tudo escrito em minúscula, brinca com a linguagem. Há em seu livro poemas com palavras riscadas, perigoso virando precioso, texto que se distribui de jeito singular no papel, verso que é só dois pontos, ou escrito de ponta-cabeça, partitura musical, fotografia. Tudo pode virar poesia. Tudo é linguagem. Talvez por ser também editora, tatiana brinca com a página, o papel, a tipografia. Como escreve Ana Elisa Ribeiro, no posfácio, “tatiana nascimento faz renascer a língua portuguesa, mesclando castelhano e outras paragens em seus versos que formam caudalosas estrofes”.

A leitura deste livro convida a pensar: o que se pode criar quando se cria poesia?

## um ebó di boca y otros [silêncios]

Tatiana Nascimento

 13 x 20 cm • 100 páginas • 1 cor • ISBN 978-65-5931-280-1

 Livro digital ISBN 978-65-5931-279-5

### Para saber mais

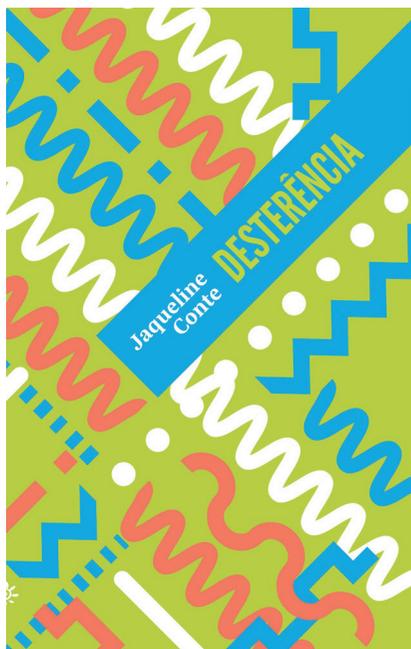
Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/um-ebó-di-boca-y-otros-silencios/>

“  
*curar não significa nunca mais  
vai doer,  
feliz não significa nunca mais  
vai chorar*

*ser forte não é rigidez  
(inquebrantável; tem alguma coisa,  
na fragilidade, pra se  
aprender)  
partiu de mim um barco  
levando-me  
e era um malungo*



## Desterênciã

Jaqueline Conte

 13 x 20 cm • 84 páginas • 1 cor • ISBN 978-65-5931-271-9

 Livro digital ISBN 978-65-5931-270-2

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/desterencia/>

Este é o nono volume da Biblioteca Madrinha Lua, um livro ensolarado, que ilumina a poesia da natureza e do humano. Segundo Maria Valéria Rezende, convidada a assinar o prefácio: “Há poetas que, para gerar seus versos, miram-se longamente no espelho; outros, como Jaqueline Conte, parece-me, colhem seus poemas olhando pela janela, pelas frestas, para longe, para o alto; descobrem e nos revelam a beleza que, para os distraídos e ensimesmados, se esconde na trama do mundo, mas, para os atentos e abertos, está sempre a dizer mais.”

Há também certa liberdade de temas neste livro e Jaqueline e uma boa conversa pode versar sobre o que alimenta ou faz nascer um poema?

“*é manhãzinha  
no canto da vidraça embaçada  
uma ranha prepara  
sua primeira teia*”



Teatro vivo  
na escola

# Vinde, Vinde Moços e Velhos Vinde todos, apreciar...

(Antonio Nóbrega, no CD *Pernambuco falando para o mundo*)

Ana Carolina Carvalho

## PERSONAGENS

Curadora de leituras  
Professora

## CENÁRIO

Qualquer sala de professores de qualquer escola brasileira.

## CURADORA (*entusiasmada, convidativa*)

Vai começar o espetáculo! Mas, antes disso... que tal uma conversa?

**PROFESSORA** (*surpresa*) Uma conversa sobre o quê?

**CURADORA** Ora, sobre o teatro! E sobre a escola. Sobre o teatro na escola! E a pergunta que não quer calar:

## O teatro está presente na sua escola?

**PROFESSORA** (*perplexa*) O teatro?

**CURADORA** Sim, o teatro mesmo, como dramaturgia lida e encenada. Para além da leitura de um texto literário qualquer, seguida de encenação, ou seja, para além da tão famosa “dramatização” que vira e mexe encontramos nas escolas.

**PROFESSORA** (*hesitante, tomada de dúvidas*) Bem... é que... o teatro... na verdade... a dramatização... não são a mesma coisa?

**CURADORA** Essa é uma dúvida corrente. Mas, na verdade não são, não! O que nos leva à mais uma pergunta:

## Por que a dramatização depois da leitura não é teatro?

Sabemos que essa é uma proposta um tanto comum nas escolas: a partir da leitura de um conto, por exemplo, propor aos estudantes que encenem a história. Em geral, a atividade surge como recurso de aproximação à obra literária, às vezes até mesmo no lugar da conversa; em outras ocasiões, como desdobramento após a interação entre os leitores. Você já presenciou, ou até mesmo planejou, esse tipo de atividade?



**PROFESSORA** Olha, eu não vou mentir. Já fiz isso muitas vezes! Então, não era teatro o que eu estava propondo?

**CURADORA** A questão é que esse tipo de proposta pode ficar a meio caminho: não é teatro propriamente dito e nem costuma se realizar a partir da leitura de um texto dramático. Afinal, conto é conto! E texto escrito para teatro é outra coisa: tem características próprias e solicita do leitor outras competências. Para um conto “virar” texto teatral, não basta transformar a narrativa em diálogos, é preciso realizar uma adaptação que inclua certas especificidades do texto escrito para o teatro, com suas marcas típicas e a sua forma.

## O que acontece é que o texto teatral não frequenta muito a escola...

**PROFESSORA** Pois é! Agora estou me dando conta disso!

**CURADORA** O desafio que enfrentamos ao levar esse tipo de texto para a escola é que, no geral, lemos muito pouco dramaturgia. Vamos fazer um rápido teste? De que texto dramático você se lembra de ter lido? Quantos consegue enumerar?

**PROFESSORA** (*pensativa*) Lido mesmo? Olha... agora, eu não me lembro, assim de cabeça... Ah, eu li Hamlet! Faz tempo, mas eu li! E li também Édipo rei. Isso... Li essas duas peças na vida. Mas faz tanto tempo... que nem me lembro direito como elas eram.

**CURADORA** Pode até ser que a gente encontre alguns leitores “fora da curva” e que tenham um vasto repertório desse tipo de texto. Mas, se sairmos por aí perguntando, será fácil concluir: em geral, lemos pouco ou, quase nada, desse gênero!

**PROFESSORA** Realmente! E o teatro está tão presente na história da humanidade... Como deixamos tão fora da escola?

**CURADORA** Exatamente! É um gênero que se liga a uma forma de arte milenar e fundamental. Gênero que tem como exemplo obras de alguns dos maiores escritores da humanidade. Sim! Vários deles eram dramaturgos. Desde a Idade Média até o século XX, grande parte das obras clássicas era formada por textos teatrais. William Shakespeare, Molière, Henrik Ibsen, Federico García Lorca e Samuel Beckett são alguns nomes que podemos citar, entre muitos outros. Além disso, obras teatrais clássicas e antiquíssimas continuam atuais e tendo muito a nos dizer, como esses que citamos, ou, se quisermos ir um pouco mais longe: Ésquilo, Sófocles e Eurípedes, dramaturgos que viveram na Grécia antiga. Isso, só para ficar nos mais conhecidos da sociedade ocidental. Existem muitos outros, homens, mulheres...

**PROFESSORA** Mas, por que, então, com tantos autores consagrados, lemos tão pouco o texto teatral?

**CURADORA** Tenho pensado muito sobre isso! Talvez pelo próprio paradoxo que há nessa arte. Em seu livro *Para ler o teatro*, a dramaturga e teórica francesa Anne Ubersfeld nos fala que o teatro é a arte do paradoxo: “a um só tempo produção literária e representação concreta; arte a um só tempo eterna (indefinidamente reproduzível e renovável) e instantânea (nunca reproduzível como idêntica a si mesma): arte da representação que é de um dia e nunca a mesma no dia seguinte”. Não é incrível isso? É sempre única!

**PROFESSORA** (*extremamente admirada*) Nossa! Eu nunca tinha pensado nisso! E acho que sempre associei teatro só aos palcos, mesmo. Nunca pensei em procurar textos teatrais para ler. Acho que esse paradoxo complica

mesmo, e muitas pessoas simplesmente se esquecem de que uma peça é escrita! Ficam achando que teatro é só a encenação. Algo distante da escola.

**CURADORA** Isso mesmo! Talvez pela própria força da representação, como marca do teatro, o texto dramaturgico tenha ficado de fora do cânone literário que costuma habitar as escolas. Então, a primeira questão que a gente precisa reconsiderar é que o texto teatral pode e deve, sim, ser lido, pela própria qualidade literária. Mesmo quando não temos a intenção de encenar aquela peça. Ainda que o teatro como encenação seja uma atividade que certamente deve estar presente na escola.

**PROFESSORA** Você falou em qualidade literária... Ou seja, texto dramaturgico é, sim, literatura!

**CURADORA** Isso mesmo! Mas, será que todos sabem ler o texto teatral?

**PROFESSORA** Aí é que está! Eu desconfio que não, porque nenhum texto é lido exatamente da mesma maneira, não é? Cada texto tem sua forma própria de ser lido.

**CURADORA** Sim! E é provável que o leitor com pouca ou quase nenhuma intimidade com esse tipo de texto se pergunte, apoiando-se naquilo que já conhece: posso ler o texto teatral como leio o conto ou o romance? Ou então: como eu faço para ler esse tipo de texto? Tem um modo próprio? E a resposta aqui seria:

### Deve-se ler o teatro como texto literário, mas considerando as suas especificidades

**PROFESSORA** E quais são essas especificidades?

**CURADORA** Boa pergunta! Para ler, é preciso saber o que é um texto de teatro, como ele se organiza.

### Então, vamos lá! Com vocês, o texto teatral!

O texto teatral, de modo geral, é composto de duas partes: os diálogos e as rubricas (também chamadas didascálias, essa palavrinha esquisita). Os diálogos, a gente sabe o que são. E as rubricas nada mais são do que as indicações cênicas, ou seja, as instruções que o autor (ou



autora) dá aos atores e atrizes para interpretar o texto dramático. A Anne Ubersfeld, já conhecida nossa, escreveu o seguinte sobre os diálogos e as rubricas: “A relação textual diálogo-didascálias é variável de acordo com as épocas da história do teatro. Às vezes inexistentes ou quase (mas plenas de significação quando existem), as rubricas podem ocupar um espaço enorme no teatro contemporâneo. [...] Mesmo quando parecem inexistentes, o lugar textual das rubricas nunca é nulo, pois elas abrangem o *nome das personagens*, não apenas na lista inicial, mas no interior do diálogo, e as indicações de lugar: ou seja, respondem às perguntas *quem?* e *onde?*”

A grande diferença entre os diálogos e as rubricas está na enunciação, ou seja, de quem é aquela voz. Os diálogos são compostos por frases ditas pelos personagens, ao passo que nas rubricas, a voz é a do autor, ao nomear quem fala, quando fala, quais são seus gestos, ações, sentimentos.

Portanto, as rubricas, mesmo quando o texto não será encenado, devem ser lidas, pois contribuem para que o leitor ou a leitora construam muito do imaginário (cenários, ações, vozes... enfim, muito do clima daquela narrativa).

**PROFESSORA** Interessante... Mas eu acho que tudo vai ficar mais claro quando a gente ler de fato uma peça teatral, não é? Parece tudo tão abstrato...

**CURADORA** Claro! Vamos ver alguns exemplos? Na peça *Atirem-se ao ar! O que nunca ninguém contou de uma viagem histórica*, de Antônio Torrado, as rubricas apresentam a descrição inicial das personagens, mas também elementos que compõem cada cena, da seguinte maneira:

---

## 1º ATO, CENA 4

*Bote sobre o mar. Nele vêm Dr. Hélio, já sem gesso no braço, e Patacho com os dois braços*

*em gesso. Patacho tem remos aplicados ao gesso dos braços. Só ele rema. Dr. Hélio de binóculos assestados para longe. Luz de madrugada.*

HÉLIO

O mar está calmo. Rema. Rema sempre.

PATACHO

Apetecia-me descansar só um bocadinho...

HÉLIO

Nem sonhos! Nós temos de nos afastar do hidroavião. Não podemos ser vistos.

PATACHO

(*Numa lamúria.*) Estou tão enjoado...

HÉLIO

E eu estou farto dessa chiadeira: “Estou enjoado... Estou enjoado...”

---

**CURADORA** A partir desse trecho da peça, muitos aspectos relativos à forma podem nos chamar a atenção. O que você reparou?

**PROFESSORA** Acho que a primeira coisa foi a diferenciação entre as tipografias das rubricas e dos diálogos, a distribuição do texto na página e essa divisão do texto em atos e cenas. Todos eles, eu percebi, interferem na leitura da peça.

**CURADORA** Leitora atenta, você! Mas esse foi um exemplo. Isso não quer dizer que todas as peças sejam escritas da mesma maneira, com rubricas e diálogos divididos dessa forma. Por isso é que eu disse que o texto, *de modo geral*, se organiza dessa maneira. Para ler o texto teatral, devemos, sim, conhecer essas características, mesmo que elas mudem de uma peça para outra. E aí está a beleza da criação: muitos dramaturgos brincaram com essa estrutura do texto teatral.

**PROFESSORA** Estou ficando curiosa...

**CURADORA** Então, vamos conhecer outro exemplo? Em *Jerusalém de nós*, peça de um ato de Leo Lama, notamos outro modo de apresentação das rubricas, ao indicar personagens, cenários, figurinos e observações sobre as próprias rubricas, que, aqui, ganham *status* de fala das personagens, mas fora do texto, como se fosse uma comunicação direta com a plateia. Olhe como a peça começa:

---

**NURIT**

**RECEPCIONISTA**

Cenário:

Não realista. Pode não haver cenário.

Figurinos:

A recepcionista supostamente estaria usando um jaleco cinza por cima de uma roupa de soldado. Nurit, uma roupa típica de professora da universidade de Jerusalém. No entanto, os figurinos podem ser completamente diferentes dos descritos nas rubricas.

Observação:

As rubricas, sempre no futuro do pretérito, devem ser ditas para a plateia, olho no olho, com as atrizes sendo elas mesmas, fora do contexto da cena. Cada atriz diz a ação da sua personagem, sem necessariamente realizar a movimentação narrada (a não ser quando indicado diferente).

**RECEPCIONISTA: A LUZ ASCENDERIA. A RECEPCIONISTA ESTARIA DIGITANDO EM UM COMPUTADOR.**

**NURIT: NURIT ENTRARIA EM CENA, UMA REPARTIÇÃO PÚBLICA. ELA ESTARIA SEGURANDO UM REVÓLVER.**

**RECEPCIONISTA: O que é isso? O que está acontecendo?**



**NURIT: Eu...**

**RECEPCIONISTA: O que a senhora pretende com esse revólver? Não me mate! A policia...**

**NURIT: Revólver? Que revólver?**

**RECEPCIONISTA: A senhora está segurando um revólver.**

**NURIT: NURIT PERCEBERIA O REVÓLVER.**

**RECEPCIONISTA: Cuidado com isso!**

---

**PROFESSORA** (*admirada*) Que interessante! Realmente, as rubricas viraram falas! Mas fora do diálogo das personagens. Notei que todas se referem às ações que as personagens fariam.

**CURADORA** Sim! São falas que servem para provocar a imaginação da plateia. Nessa peça, como indicado na rubrica, quase não há movimentação das atrizes. O movimento é imaginado pelo espectador.

**PROFESSORA** Muito interessante! E diferente de tudo o que eu vi no teatro... Mas, aqui, as rubricas ainda existem. E você tinha dito que nem sempre elas estão presentes. Você pode dar um exemplo de ausência total das rubricas?

**CURADORA** Claro! A liberdade que a gente observou nessas duas formas de textos teatrais contemporâneos pode levar a um extremo, retirando completamente as rubricas de algumas ações. Aliás, é curioso notar que a ausência dessas marcas não é privilégio de alguns textos atuais. De novo, eu peço ajuda a Anne Ubersfeld. Em seu livro, ela nos lembra que, inicialmente, não havia rubricas nas peças de Shakespeare e que elas foram retiradas dos próprios textos e surgiram depois da primeira edição de suas obras.

**PROFESSORA** (*animada*) Que legal saber disso! E eu, que sabia tão pouco sobre essa diversidade de formas do texto teatral, agora quero conhecer mais e mais.

**CURADORA** É pra já! No livro *O teatro que muda o mundo*, o dramaturgo e professor Tuna Serzedello nos apresenta a peça *Lance livre*, sem rubricas, apenas com a seguinte indicação:

---

(**Nota do autor:** Essa peça não é um monólogo, e não vem com manual, nem com uma série de instruções para a sua encenação. Como irão ver, não existem marcações de palco definidas e nenhuma indicação na margem do texto de quem fala o quê. As palavras podem ser ditas por qualquer número de atores e atrizes, de um a cem. E a direção pode ser simples ou elaborada quanto vocês quiserem. Meu único pedido é que algumas coisas sejam deixadas para a imaginação da plateia.)

(A pontuação do texto propõe um pulsar para o espetáculo. As faltas de pontuação são propositais para manter o ritmo da peça.)

Abro os olhos

Vejo vermelho

Viscoso

gosto de metal na boca

É sangue

É meu

A poça que envolve a minha bochecha

É minha

Vejo o mundo de baixo para cima

Tenho 3 balas no meu corpo

---

**PROFESSORA** (*animada*): Nossa! Incrível! Dá vontade de sair falando esse texto...

**CURADORA** E o que você me diz de uma peça escrita só com rubricas?

**PROFESSORA** Como assim? Isso existe?

**CURADORA** Existe e foi escrita por um dos maiores dramaturgos de nossa história: Samuel Beckett. Trata-se de sua peça *Ato sem palavras*, encenada a partir das rubricas, sem que se tenha um só diálogo. Olhe só:

---

Personagem: Um homem. Seu gesto instintivo é dobrar e desdobrar um lenço.

Cenário: Espaço deserto. Luz intensa.

Ação: Empurrado pelas costas da lateral direita, o homem tropeça, cai, levanta-se em seguida, sacode o pé, reflete.

Assovio da lateral direita.

Reflete.

Sai pela direita.

Imediatamente volta a ser empurrado para a cena, tropeça, cai, levanta-se em seguida, sacode o pé, reflete.

Assovio da lateral esquerda.

Reflete.

Sai pela esquerda.

Em seguida volta ser empurrado para a cena, tropeça, cai, levanta-se em seguida, sacode o pé, reflete.

Assovio da lateral esquerda.

Reflete, vai até a lateral esquerda, para antes de chegar, salta para trás, tropeça, cai, se levanta em seguida, sacode o pé, reflete.

Uma arvorezinha desce do teto, aterriza. Tem apenas um galho a três metros do chão e no alto algumas folhas que projetam uma pequena sombra.

O homem continua refletindo.

[...]

---

**PROFESSORA** (*muda, admirada e surpresa com o texto*)

**CURADORA** Mas nem só de rubricas (ou da ausência delas) e de diálogos (ou do silêncio) são feitas as peças! O que mais você costuma notar que pode fazer parte desse tipo de texto?

**PROFESSORA** (*reticente, com certo receio de opinar*) O ato... As cenas?

**CURADORA** Isso mesmo, não precisa ter medo de errar! Estamos todos sempre aprendendo! São esses mesmo os outros componentes das peças teatrais.

## O ato

**CURADORA** Para sermos mais precisos, vamos consultar o *Dicionário de teatro*, de Patrice Pavis. Ele diz que o ato pode ser entendido como “a divisão externa da peça em partes de importância sensivelmente igual em função do tempo e do desenrolar da ação”.

**PROFESSORA** Ah, claro... Eu me lembro de ter visto peças de mais de um ato. Tem até um intervalo no meio! Toca aquele sinal, a gente tem alguns minutos para ir ao banheiro, se esticar um pouco, tomar água...

**CURADORA** Mas você sabe que nem sempre o fim de um ato e o começo de outro são anunciados com esse sinal de que você se lembrou. É interessante saber que, ao longo do tempo, as marcações que indicavam a mudança de ato em uma peça foram se alterando. Olha o que o Pavis fala a respeito dessas formas variadas de marcar os atos: intervenção do coro, baixar as cortinas (a partir do século XVII), mudança de luz ou *blackout*, refrão musical, cartazes...

**PROFESSORA** Por que tanta diferença?

**CURADORA** Porque os cortes entre os atos respondem a variadas necessidades das peças e, também, às condições de encenação. As tragédias gregas, por exemplo, não conheciam as subdivisões em atos, mas havia o coro, que surgia para marcar os diferentes episódios. E, quando as peças eram encenadas à luz de velas, era preciso mudá-las de lugar, alterar o cenário... Mas é claro que os atos servem também para indicar alterações no próprio texto, como os cortes temporais e os cortes narratológicos, que têm a ver com o conflito, o seu desenvolvimento e a sua resolução, por exemplo.





**PROFESSORA** Mas algumas peças não têm essa divisão em atos, não é?

**CURADORA** Sim! Aqui mesmo vimos exemplos de peças de um único ato.

**PROFESSORA** E as cenas?

**CURADORA** As cenas são o segmento temporal do ato, ou seja, representam um momento em que uma ação ocorre. Em geral, a entrada ou a saída de personagens na ação marca o fim de uma cena. E, se a gente fizesse um paralelo dessa nossa conversa com uma peça teatral, poderíamos dizer que estamos chegando ao final de um ato.

**PROFESSORA** Já? Mas essa conversa está tão boa...

**CURADORA** E vai ficar ainda melhor no próximo ato! Ou seria... na próxima peça? Com

esse sobrevoos pelos textos teatrais, você pode agora ampliar o seu repertório e os dos seus estudantes sobre os textos teatrais, criando uma intimidade com os diálogos, as rubricas, as cenas e os atos, conhecendo muitos modos de escrita para a representação da vida e da condição humana, seus medos, anseios e desejos, nos palcos. Aceita esse convite?

**PROFESSORA** Claro! Me deu vontade de ler mais e mais texto teatral! Mas e agora? O que vamos fazer? Você disse que teria mais um ato ou seria uma peça... Como vai ser?

**CURADORA** Calma! Agora, a gente vai conhecer uma proposta para o teatro na escola, escrita por Tuna Serzedello. Vamos lá?

**PROFESSORA** (*ansiosa*) Não vejo a hora!

**CURADORA** A hora é agora!

# Uma proposta para o teatro na escola

Tuna Serzedello

## Um atalho para a professora e o professor. Teatro para ser lido, representado, experimentado.

No conto infantil, Chapeuzinho Vermelho pega um atalho pelo bosque e, com a intenção de chegar mais cedo à casa da avó, acaba encontrando o Lobo Mau. Que caminho você, como professora/professor, escolhe em suas aulas? Independentemente do seu *Waze* educacional, você não escapará do conflito. Não com o Lobo, mas com sua classe, com as diferentes individualidades, vontades, especificidades de cada aluno. E, se o conflito é inerente à sala de aula, você, como docente, precisa (além de uma dose de doçura), conhecer algumas técnicas teatrais, pois o teatro se organiza a partir do conflito e é por meio da resolução do conflito que se chega (às vezes) a um final feliz.

## Prólogo

No início de uma peça de teatro, e do ano letivo, temos a famosa apresentação das personagens. No teatro, ela se dá pelas ações das personagens e, na vida real, também. Não vemos os seus pensamentos, mas vemos aquilo que fazem! A professora e pesquisadora Marina Marcondes Machado diz, em um artigo, que a criança é *performer*, a partir da noção de infância proposta por Maurice Merleau-Ponty, e aponta que, para lidar com essa criança, o professor também é um *performer* e que o es-

*tado de aprendizado nas aulas é um estado permanente de jogo*. Portanto, aprofundar a sua formação docente com algumas técnicas teatrais é um atalho para chegar ao coração dos seus alunos e alunas, mas não sem antes aprender a domar o Lobo Mau.

Temos duas maneiras de pensar o teatro na escola: uma, como ferramenta; outra, como conteúdo. E, se o teatro é a arte que congrega todas as outras linguagens em si, nada melhor do que apropriar-se dos seus conceitos a respeito de todas as formas e usá-los das duas maneiras mencionadas acima.

## Ato 1 – O professor como *performer*

Se a sala de aula é um grande palco, como preparar-se para a longa temporada de um ano letivo de apresentações? Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), temos algumas pistas para ajudar a percorrer esse caminho:

(EF69AR27) Pesquisar e criar formas de dramaturgias e espaços cênicos para o acontecimento teatral, em diálogo com o teatro contemporâneo.

Se imaginarmos cada aula como uma narrativa, podemos construir uma dramaturgia para cada conteúdo, dialogando com os discentes. Como aplicar o seu conhecimento de curvas dramáticas em sala de aula? Pode-se, por exemplo, pensar seu currículo a partir da função dos alunos e alunas.

- *Aulas em que a classe atuará como plateia (como aulas expositivas) e nas quais o foco será sua preparação como performer* – O que fazer para tornar a aula memorável? Levar um adereço? Um figurino especial? Usar uma máscara? Uma mudança no tom de voz? Uma movimentação diferente na sala? Iluminação especial? Uma trilha ou alguns efeitos sonoros? Deitar-se no chão? Subir na cadeira? Um cenário montado com uma nova disposição das carteiras na sala? Sua criatividade não tem limites.
- *Aulas em que a classe será um coletivo teatral* – Com funções definidas, cada estudante vai desempenhar uma tarefa: escrever, desenhar, atuar, tocar, produzir, organizar, registrar, divulgar. Percebeu que esses verbos são todos de ação? Então, eles podem servir para diversos tipos de aula.
- *Aulas em que a classe é “espect-ator”* – o dramaturgo Augusto Boal cunhou esse termo em sua obra *Teatro do oprimido* para fazer com que os espectadores saiam do seu papel passivo para assumirem o destino das histórias no palco e assim tornarem-se protagonistas de suas próprias vidas. Vale a ler essa obra para apropriar-se das técnicas de “teatro-fórum”, que podem ser aplicadas para diversas atividades pedagógicas.

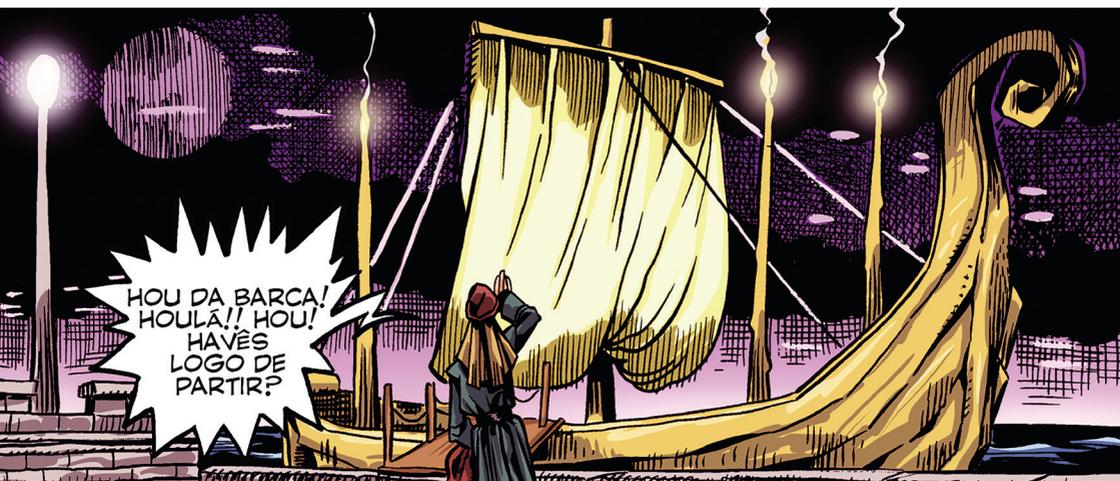
## Ato 2 – Ampliar o repertório cultural e as formas de ler o mundo

É difícil ler o mundo contemporâneo ao mesmo tempo que estamos inseridos nele. Augusto Boal diz que o ser humano é teatro, pois é a única espécie da natureza capaz de ser ator e espectador de seus próprios atos. Boal nos mostra uma importante ferramenta para apreender criticamente a realidade ao representá-la para nos distanciarmos dela e, ao mesmo tempo, entendermos seus mecanismos, ampliando o conceito de distanciamento do dramaturgo e poeta alemão Bertolt Brecht para aplicá-lo em diversas áreas do conhecimento.

Para dialogar com o mundo contemporâneo, a partir da sala de aula, é importante ampliar as estratégias para além do uso de vídeos, colocar alunos e alunas para representar essas questões ou construir saídas para situações complexas usando o corpo todo em vez de somente o cérebro.

(EF15AR22) Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo este-reótipos.

Quais são as formas de dramaturgia que nos cercam hoje em dia? Nunca fomos tão envolvidos por histórias e narrativas como agora. Os jovens e crianças que frequentam as salas de aula têm milhões de horas de tela na sua bagagem cultural, consumindo narrativas e



histórias, provenientes de séries, *games* e *reels*. Ter acesso a tantas histórias pode nos paralisar ao tentarmos construir a nossa própria. Precisamos dar ferramentas para que aprendam a construir narrativas, aos alunos e alunas para que conectem a sua individualidade ao mundo exterior e se vejam como agentes de mudança dessa sociedade.

Para tanto, ler/representar dramaturgias em sala de aula é um atalho incrível. Quanto conhecemos dos gêneros dramatúrgicos? O que transforma algo em uma comédia? É possível construir uma situação para fazer rir? Quais são os elementos do drama? Como, a partir de uma situação ficcional, conseguimos emocionar alguém? Como fazer alguém sentir? Percebem que as formas dramatúrgicas têm em comum um sentimento e uma intencionalidade para atingir aquele sentimento nos outros?

Para entender como isso é feito, precisamos de uma investigação. Ler/representar textos teatrais em sala de aula é uma aventura deliciosa. Exige mudança de vozes, muitas vozes, diversos leitores e leitoras. Exige interpretação de texto: o que ele/ela quis dizer com essa frase, nesse contexto? Será que esse “Eu te amo” queria mesmo expressar amor? E se isso for dito de outro jeito? Com raiva, com pressa, com vontade de chorar, aos gritos, sussurros. O *como* dizer interfere no significado do que é dito?

Em um romance, o autor nos dá informações sobre o que está acontecendo ao redor da personagem, se os seus olhos estão marejados, se o cheiro é de relva úmida, se ele lembrou

da sua infância ao ver um brinquedo, e assim por diante. No teatro, precisamos de um leitor/ator, leitora/atriz que se coloque no lugar das personagens e

tente pensar como elas. Exige uma leitura ativa. Na literatura dramática, a ação ocorre no conflito, no embate de vontades. Dramaturgos e dramaturgas são econômicos e econômicas, usam poucas palavras para compor uma cena. Cabe a nós entender pelo contexto da cena, o que está se passando. E, muitas vezes, as mesmas palavras e a mesma cena podem significar, coisas distintas, dependendo da maneira com que é representada. Percebem a riqueza da leitura de peças em sala de aula?

Você não terá leitores/leitoras em sala, mas sim encenadores/encenadoras! Ao lermos uma peça e fazermos escolhas sobre como encenar uma cena, já podemos considerar esse movimento como uma primeira encenação.

O texto teatral pode, ou não, trazer rubricas da autora/autor para orientar sua leitura e encenação. Para que servem essas rubricas? Elas ajudam o leitor/encenador, a leitora/encenadora? No teatro contemporâneo, em especial naquele para jovens, as rubricas estão em extinção, justamente para dar mais liberdade à encenação e para romper com os papéis de gênero, espaço e individualidade. E se a cena for lida em coro?

Ao lermos um texto contemporâneo, como podemos interferir em sua encenação levando em conta as nossas escolhas? Experimentalmente ler com a turma a peça *Lance livre*, que integra o livro **O teatro que muda o mundo**, para saborear essa investigação.

A leitura de textos teatrais na escola exercita ainda duas importantes habilidades para atuar no mundo contemporâneo: ouvir e colocar-se no lugar do outro. O teatro tem clara essa função de um silenciar enquanto o outro fala. É preciso ouvir para não perder a deixa. Essa necessidade formal é um convite à empatia, para ver o mundo literalmente com os olhos do outro ao viver uma personagem ficcional. O teatro é uma aula de cidadania e formação socioemocional.



### Ato 3 – Não sou um, sou muitos

Há diversas formas de ver e fazer teatro. No palco, todas as habilidades humanas estão reunidas: o saber matemático, da geometria ao cálculo; da ótica à propagação do som: a arquitetura, a manufatura, a música, a moda, a dança, a tecnologia, o cinema, a poesia – tudo o que você puder imaginar cabe no palco de uma peça teatral.

As combinações das disciplinas formais com as habilidades e os desafios são um convite para usar o teatro em seus planejamentos. Quais são as fronteiras do teatro? Qual a diferença em se realizar um trabalho para a cena sozinho, em duplas, trios ou coletivamente? Como dividir funções e somar talentos? Todas as habilidades são necessárias para a construção de um espetáculo.

(EF69AR28) Investigar e experimentar diferentes funções teatrais e discutir os limites e desafios do trabalho artístico coletivo e colaborativo.

Conhecer as formas de produção artística de diferentes espetáculos pode ser um disparador importante para um projeto com vistas na proposta pedagógica mencionada acima. Qual a diferença de um espetáculo de bonecos ou com manipulação de objetos e um com atuadores de carne e osso? É possível um espetáculo teatral sem nenhuma fala? A peça *A hora em que não sabíamos nada uns dos outros*, do ganhador do prêmio Nobel Peter Handke, por exemplo, é apenas uma sequência de ações sem fala, e pedir para criar uma lista de ações para um tema que você trabalha em sala, como acabar com o aquecimento global. Como fazer uma peça usando sombras? Como a iluminação interfere na maneira com que entendemos uma história? Como falar um texto de modos diferentes?

O conceito de *site specific* também pode atender à proposta pedagógica citada. Ele diz respeito a obras criadas de acordo

com o ambiente e com um espaço determinado. Assim, o que aconteceria se uma história fosse encenada na quadra de esportes? Ou na cantina ou no pátio? Existe uma história “do lugar”? Essa história pode ser contada ou inventada. Pode-se também a turma para um lugar específico – *site specific* – e pesquisar sua história, por meio de fotografias, papéis oficiais, construções, para criar um tipo de documentário, ou captar as sensações e emoções exaladas pelo local, para criar algo ficcional. E essa criação pode ser encenada naquele mesmo lugar que a inspirou.

Uma aluna pesquisa, outro escreve, um transcreve entrevistas, outra aluna faz a entrevistada. Uma aluna desenha figurinos, outro produz, um atua, outra toca. O coletivo torna-se forte com a soma das individualidades. E, com essa experiência, podemos nos perceber também como um coletivo uno, como se o grupo todo fosse um indivíduo único com múltiplos talentos, prontos para serem desenvolvidos através do que foi assimilado por meio do aprendizado em pares.





#### Ato 4 – Sou muitos e sou um

Minha voz e meu corpo são um só, mas as possibilidades que ele tem são inúmeras. Experimentar com meu corpo tudo o que nem imagino que possa fazer é um desafio delicioso.

(EF69AR29) Experimentar a gestualidade e as construções corporais e vocais de maneira imaginativa na improvisação teatral e no jogo cênico.

Essa experimentação pode se dar em conjunto, em trabalhos de improvisação, ou em grupos ou individualmente, com a observação dos outros. É quase um estudo de fenomenologia resgatar o que outros vivem e transformá-lo em cena. Do que preciso para criar uma cena?

Se colocarmos um objeto qualquer em um museu, apenas pelo fato de estar exposto naquele ambiente ele, “se transforma” em arte? Se o objeto não muda, a mudança da maneira de observá-lo arte? Seria arte “apenas” uma maneira de ler o mundo? Como fazer com que outros experimentem novas leituras do mundo? Clarice Lispector disse: “Não se ‘faz’ uma frase. A frase nasce”. Como criar um ambiente propício para que a turma descubra o que faz a sua criatividade nascer?

Jogos teatrais, em especial os criados por Viola Spolin, autora e diretora autora e diretora de teatro, considerada a criadora do teatro improvisacional, constituem uma boa

base para iniciar essa metodologia, que pode também ser experimentada a partir de outras linguagens artísticas, como a história em quadrinhos (HQs).

As HQs são seqüências de imagens estáticas que contam uma história. As narrativas também são contadas em “balões”, que são as falas das personagens e dos quadrinhos, uma espécie de rubrica do teatro. Pode-se trabalhar a contextualização dessas artes e encenar uma peça inspirada em quadrinhos ou criar HQs com base em uma dramaturgia. A coleção Clássicos em Quadrinhos pode ser uma boa inspiração para essas aulas. O autor e cartunista Caco Galhardo até emprestou e transformou em atores seus personagens das tiras dos jornais para a produção do seu livro *Tio Vânia em quadrinhos* – um belo exemplo de criatividade –, adaptado do clássico texto teatral de Anton Tchekhov, *Tio Vânia*.

A fotografia e o cinema também seguem essa lógica do quadrinho. Em uma foto, não há texto, mas há intencionalidade, iluminação, tensão, cores, enquadramento. O que aconteceu minutos antes da captura daquela imagem? E depois? Uma cena de filme é a sucessão de quadros parados, como uma HQ; não é à toa que os diretores de cinema elaboram *storyboards* para planejar as filmagens. Novamente socorrendo-nos de Augusto Boal, ele criou uma técnica que pode ajudar a embasar

trabalhos com fotos, cinema e HQs - é o teatro imagem, “uma ferramenta essencial para envolver o espectador, estimulando sua criatividade” (*Jogos teatrais para atores e não atores*).

### Ato 5 – Ser e crescer: eis a questão

As peças de Shakespeare têm cinco atos de duração. Não por acaso, o texto deste nosso livro também foi dividido dessa forma, para convidar você a entrar no universo dos dramaturgos. O quanto você conhece de dramaturgia e da história do teatro? De que maneira as formas com que as peças são escritas revelam o momento histórico e uma crítica aos valores e normas vigentes?

A leitura de textos teatrais de diferentes épocas nos leva a conhecer sobre como cada sociedade era organizada. Analisar quem está em cena, o quanto dura a peça, qual o tamanho de cada fala, quem fala mais e por quê – e o *que* – diz. Se os textos são divididos em atos, partes, sem divisões. De que se precisa para colocar um texto em cena e que outras linguagens podem amplificar aquele discurso ou mesmo criar um atrito para obter uma visão crítica do que é dito.

(EF69AR30) Compor improvisações e acontecimentos cênicos com base em textos dramáticos ou outros estímulos (música, imagens, objetos etc.), caracterizando personagens (com figurinos e adereços), cenário, iluminação e sonoplastia e considerando a relação com o espectador.

Dentro desse contexto, pode-se criar um universo para cada texto teatral. Pensando na sua forma. Em uma peça de cinco atos, por exemplo, quantos personagens e acontecimentos devem ocorrer para que a história tenha essa duração? E se for uma obra de cinco minutos? E de um minuto?

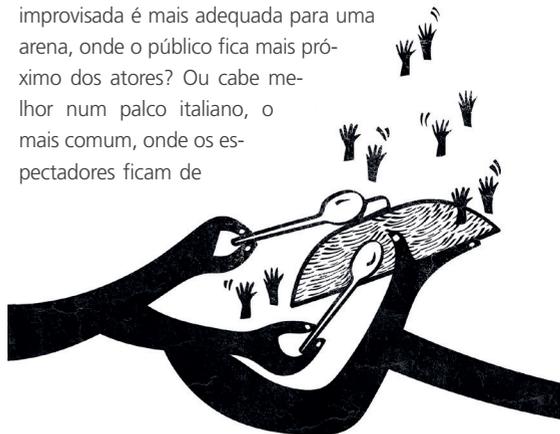
Além do tempo e da forma, outro disparador para elaboração dessas improvisações indicadas pela BNCC podem ser figurinos e

objetos. Nesse caso, peça a cada aluno ou aluna que traga um objeto de casa que seja importante na vida dele ou dela, algo com significado, que tenha uma história por trás. Não a foto do objeto, mas o próprio artefato, para que possa ser visto, manuseado. Na escola, faça uma exposição com esses objetos, para que todos os alunos e alunas possam observá-los. Depois, peça a cada um deles e cada uma delas que escolha um objeto exposto, mas que não seja aquele que ele ou ela trouxe. A seguir, peça-lhes que examinem, individualmente ou em grupo, o objeto selecionado, observem-no meticulosamente e, por fim, e imaginem uma história para ele. O que o tornou tão especial?

Algumas histórias, criadas e inspiradas nos objetos de estimação dos alunos e alunas podem ser lidas e encenadas, e, em um outro momento, confrontadas com a história real deles.

A improvisação quase não tem limites. Pensem, ou imaginem: que narrativa pode ser construída com base numa sinfonia de Mozart? E num *rock* do Nirvana? E numa canção da Taylor Swift? E, ainda, como seria uma cena criada para a canção de Taylor Swift com trilha sonora de uma sinfonia de Mozart?

Além de trabalhar o sentido da audição, devemos desenvolver a observação. O que se aprende ao observar colegas? Como se vê melhor determinada cena? Quais são as possibilidades de se dispor uma plateia? A cena improvisada é mais adequada para uma arena, onde o público fica mais próximo dos atores? Ou cabe melhor num palco italiano, o mais comum, onde os espectadores ficam de



frente para a cena? Como um elenco e a direção da cena delimitam o espaço cênico? Qual a diferença do lugar em que se vê? O lugar do qual eu vejo muda o entendimento daquilo que vejo?

## Epílogo

Epílogo prevê conclusão, um desfecho da história. É a hora de se conhecer o destino das personagens. Mas, nesse caso, se você leu este texto até aqui, deve ter percebido que a personagem principal é você! E, portanto, o seu destino está em aberto. Você pode construir e escrever o fecho final da maneira que quiser! O que podemos fazer é ajudar algumas pistas, indicando leituras para você abrir seu caminho, sem atalhos, mas com muita garra, até o seu destino.

Em *Noite de brinquedo*, por exemplo, você pode refletir sobre o quanto dura um reinado – e uma infância – a partir de uma peça que une personagens lendárias e encantadas, como palhaços do reisado, uma vaqueira mestra do aboio e muitos outros, em uma viagem pelo sertão brasileiro.

Se preferir uma viagem de avião, pode acomodar-se na leitura da peça *Atirem-se ao ar!*, uma história divertida que conta a história da primeira viagem de avião de Portugal ao Brasil. E, por falar em teatro e portugueses, nada melhor que uma história sobre a menina que nasceu nos bastidores de um espetáculo e que nutre uma paixão especial pela obra de Gil Vicente, o livro *Meia hora para mudar a minha vida*, que é um verso da canção *Vambora*, de Adriana Calcanhotto.

Se quiser trabalhar com as histórias em quadrinhos, como foi sugerido no Ato 4 deste texto, além do lá citado *Tio Vania em quadrinhos*, conte com outras criações que adaptam obras clássicas em formato de HQ, não para substituir a leitura do original, mas para ampliar as suas possibilidades, como o clássico da dramaturgia portuguesa: *Auto da barca do inferno em quadrinhos* ou a tragédia grega *Orestes em quadrinhos*.

Mas, como você é uma educadora (ou educador), não poderíamos deixar de fora a peça radiofônica de Francisco Marques Virgula Chico





dos Bonecos *Muitas coisas, poucas palavras – A oficina do professor Comênio e a arte de ensinar e aprender*, nela, Chico dos Bonecos conversa com João Amós Comênio, educador nascido na Morávia, em 1592, dedicado à arte de ensinar e considerado o pai da escola pública. Comênio foi um observador atento do que acontecia em sua sala de aula. Com base na sua observação, escreveu *Didática magna*, publicada em 1657. Suas ideias são apresentadas com muita graça e em meio a músicas, diálogos e versos.

E, por fim, para arrematar todo esse conhecimento e alinhar essas ideias e obras sugeridas, o livro **O teatro que muda o mundo – Experiências com teatro jovem** traz experiências reais, dicas de planejamento, erros a serem evitados, e ainda conta com um capítulo sobre aulas de teatro *online* e uma dramaturgia contemporânea inédita para jovens.

Construa um novo começo para você com essas leituras e proporcione múltiplos finais felizes para cada aluno e aluna que passar pela sua vida.

## Referências bibliográficas

BOAL, Augusto. *O teatro do oprimido*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional

Comum Curricular. Brasília: 2018.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

\_\_\_\_\_. *Jogos teatrais para atores e não atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LAMA, Leo. *Jerusalém de nós*. São Paulo: É Realizações, 2021.

LISPECTOR, Clarice. *De escrita e vida – crônica para jovens*. São Paulo: Rocco, 2010.

MACHADO, M.M. *Merleau-Ponty e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

\_\_\_\_\_. *A criança é performer*. Educação e Realidade, v. 35, n. 2, 2010. In: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/11444>

PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

SERZEDELLO, Tuna. *O teatro que muda mundo: experiências com teatro jovem*. São Paulo: Peirópolis, 2023.

TORRADO, Antônio. *Atirem-se ao ar! O que nunca ninguém contou de uma viagem histórica*. São Paulo: Peirópolis, 2015.

UBERSFELD, Anne. *Para ler o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2005.



Estante de Livros



## Auto da barca do inferno em quadrinhos

De Gil Vicente, por Laudo Ferreira, com cores por Omar Viñole.

20 x 27 cm • 56 páginas • 4 cores • ISBN 978-85-7596-208-4

Livro digital ISBN 978-85-7596-399-9 (KF8) e 978-85-7596-383-8 (ePUB)

☆ Livro premiado!

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



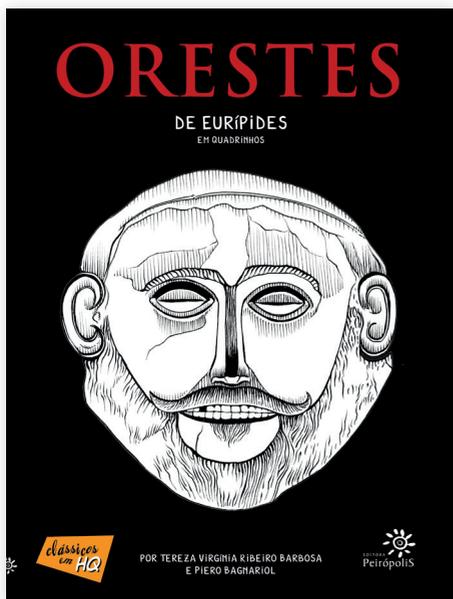
<https://www.editorapeiopolis.com.br/produto/auto-da-barca-do-inferno-em-quadrinhos/>

Nesta versão do *Auto da barca do inferno em quadrinhos*, Laudo Ferreira mergulha na obra de Gil Vicente e dá vida às suas personagens: os tipos sociais criados pelo autor português – o fidalgo, a cafetina, o frade, o enforcado, o onzeneiro, o sapateiro, o parvo, o judeu e os homens do judiciário – ganham uma estranha atualidade no traço do quadrinista, enquanto o Diabo e o Anjo, alegorias atemporais, atravessam os tempos em plena saúde. O leitor é transportado para a sociedade portuguesa dos 1500, quando o Brasil estava sendo colonizado, a bordo do humor e do sarcasmo de Gil Vicente.

Esta edição em HQ do clássico medieval contou com a consultoria literária do professor de literatura, dramaturgo e diretor teatral Maurício Soares Filho, que já realizou uma montagem de Gil Vicente com jovens estudantes.

As cores deste *Auto da barca do inferno em quadrinhos* são de Omar Viñole, parceiro de Laudo Ferreira neste e em diversos outros trabalhos.





## Orestes de Eurípedes em quadrinhos

Por Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa e Piero Bagnariol

 20,5 x 27 cm • 80 páginas • 4 cores • ISBN 978-65-5931-034-0

 Livro digital ISBN 978-65-5931-036-4 (KF8) e 978-65-5931-035-7 (ePUB)

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:

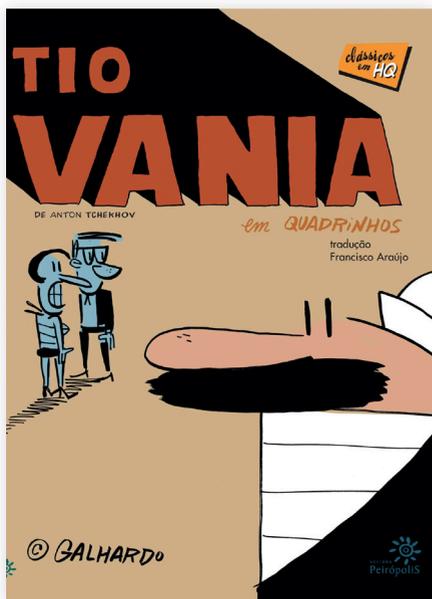


<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/orestes-em-quadrinhos/>

*Orestes*, de Eurípedes, completa o ciclo da guerra de Troia, do qual fazem parte a *Iliada* e a *Odisseia*. Versa sobre a morte de Clitemnestra, assassinada por Orestes, seu filho, com o apoio da irmã Electra. Os dois jovens matam a mãe para vingar o assassinato do pai, Agamêmnon. A obra é uma das mais representativas do tragediógrafo ateniense, constitui-se como um arquétipo da tragédia shakespeariana *Hamlet*.

A tragédia familiar ganha nova roupagem nessa edição em HQ e se atualiza em uma linguagem contemporânea, sem perder sua essência de obra clássica. O enredo trágico proposto por Eurípedes e revisitado por Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa e Piero Bagnariol nos revela o lado sórdido que pode haver nas famílias, os desvios de seus membros e suas violências, e, por consequência disso, nos faz deparar com as profundas questões que envolvem a formação ética do ser humano. A peça toca em temas polêmicos e em desejos profundos e inconfessáveis de todos, possibilitando sua elaboração simbólica.





## Tio Vania em quadrinhos

De Anton Tchekhov por Caco Galhardo.

📖 20,5 x 27 cm • 88 páginas • 4 cores • ISBN 978-65-5931-092-0

📱 Livro digital ISBN 978-65-5931-088-3 (KF8) e 978-65-5931-093-7 (ePUB)

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/tio-vania-em-quadrinhos/>



*Tio Vania*, texto teatral do dramaturgo russo Anton Tchekhov (1860-1904) encenado pela primeira vez há mais de um século, ganha nova roupagem, originalíssima. O cenário agora são os quadrinhos, e os “atores” saem diretamente das tirinhas de Caco Galhardo para representar os trágicos personagens do texto de Tchekhov. Nas páginas da HQ, o clima da peça e o universo dos personagens são recriados como se estivéssemos vendo-os em um palco, dando a oportunidade de os leitores conhecerem um dos grandes textos da dramaturgia mundial em um formato mais familiar e de grande circulação. Os dramas vividos pelos personagens nos levam a refletir sobre o sentido da vida, sobre os caminhos e escolhas tomadas em cada trajetória. E não nos enganemos pela idade da peça: *Tio Vania* ainda tem muito a nos dizer. Trata-se de obra clássica que se atualiza a cada leitura, e novas linguagens são sempre bem-vindas para convidar os leitores a descobrirem ou reentrarem no campo vasto desses escritos.



## Atirem-se ao ar! O que nunca ninguém contou de uma viagem histórica

António Torrado

 14 x 21 cm • 184 páginas • 1 cor • ISBN 978-85-7596-369-2

 Livro digital ISBN 978-85-7596-535-1 (ePUB)

Como um avião, tão mais pesado que o ar, pode vencer o balão, tão menos pesado que o ar, e conquistar os céus, frequentados apenas pelos passarinhos? Essas e outras perguntas encaifavam o dr. Hélio Dantas, incansável inimigo de dois heróis reais: Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Foram eles os primeiros a alcançar o Brasil por via aérea, vindos de Portugal. Por pouco e por culpa das tropelias do dr. Hélio, não ficavam pelo caminho, mas os dois valentes tudo venceram para, depois, muito se rirem dos acidentes da viagem. Riem eles e ri o leitor, ao longo dessa peça teatral de autoria de uma das grandes expressões da literatura para crianças e jovens em língua portuguesa.

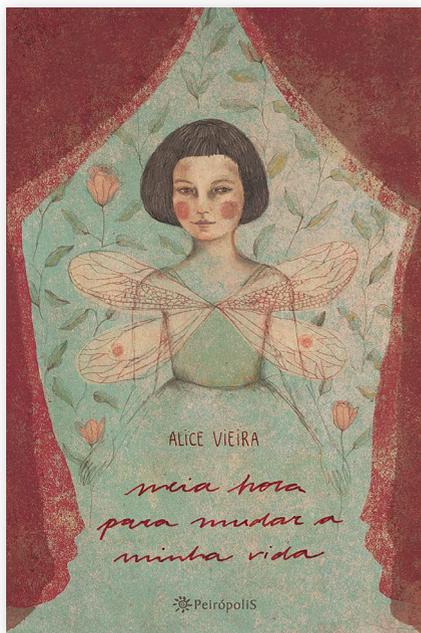
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/atirem-se-ao-ar/>





## Meia hora para mudar a minha vida

Alice Vieira

Ilustrado por Anna Cunha

 14 x 21 cm • 160 páginas • 1 cor • ISBN 978-85-7596-255-8

 Livro digital ISBN 978-85-7596-436-1 (KF8) e 978-85-7596-422-4 (ePUB)

 Livro premiado!

Branca nasceu nos bastidores de um palco, sob a salva de palmas do final de um espetáculo da Feira, como era chamado o lugar, uma comunidade de atores e artistas que tinha paixão pelo teatro, pela arte e, em especial, pelas peças do dramaturgo Gil Vicente. Cresceu forte e equilibrada num ambiente que parecia disfuncional a alguns, bem diferente de um núcleo familiar tradicional. Entre a casa da avó distante, o endereço do pai na Suíça e o acolhimento da casa de infância (a Feira), eram muitas as escolhas da jovem Branca, aos 16 anos.

Livro de uma das mais renomadas escritoras portuguesas que se dedicam à criança e ao jovem, em que ela entrelaça uma canção de Adriana Calcanhotto (*Vambora*) com o teatro de Gil Vicente e a vida de uma adolescente, é leitura imperdível.



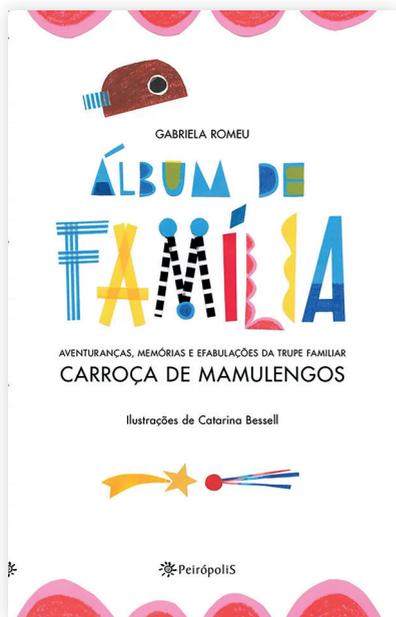
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/meia-hora-para-mudar-a-minha-vida/>





## Álbum de família Aventuras, memórias e efabulações da trupe familiar Carroça de Mamulengos

Gabriela Romeu  
Ilustrado por Catarina Bessell

 17,5 x 27,5 cm • 96 páginas • 4 cores  
• ISBN 978-65-8602-899-7

 Livro digital ISBN 978-65-8602-800-3  
(KF8) e 978-85-7596-602-0 (ePUB)

☆ Livro premiado!

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:

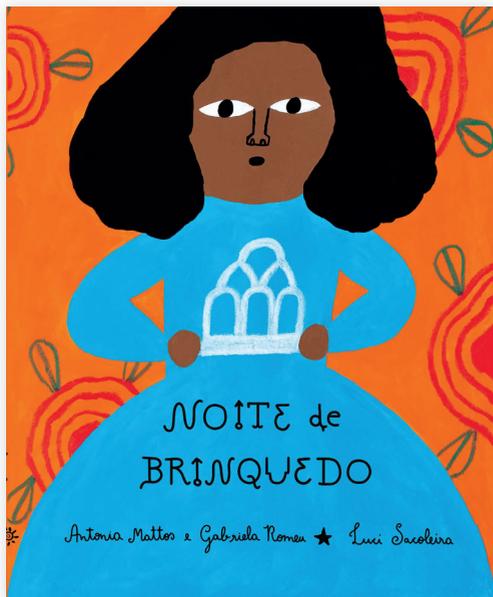


<https://www.editorapeiropolis.com.br/albumdefamilia>

*Álbum de família* é uma biografia poética, a biofantasia da trupe familiar Carroça de Mamulengos, uma das mais importantes companhias culturais do país, escrita pela escritora, jornalista, documentarista e crítica teatral Gabriela Romeu, com ilustrações de Catarina Bessell e apresentação de Chico César.

O grupo mambembe foi criado há mais de 40 anos, na década de 1970, por Carlos Gomide, o Babau, menino de muitos sonhos, discípulo de mestres bonequeiros do Nordeste tradicional, que se enamorou de uma moça de grandes saias rodadas e com ela se aventurou pela arte e pela vida. No espetáculo da vida, nasceram os oito filhos, todos crescidos na estrada, cada um deles com um talento diferente para desvendar o mundo e inaugurar uma cena nova no espetáculo da vida.





## Noite de brinquedo

Antonia Mattos, Gabriela Romeu  
ilustrado por Luci Sacoleira

 18,5 x 23 cm • 128 páginas • 4 cores • ISBN 978-65-5931-236-8

 Livro digital ISBN 978-65-5931-239-9 (KF8) e 978-65-5931-235-1 (ePUB)

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



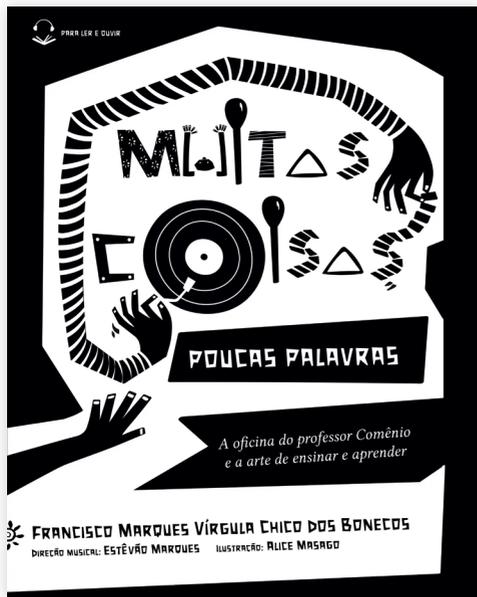
<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/noite-de-brinquedo/>



Este livro nos apresenta a jornada de Maria, uma menina rainha que cresceu brincando reisado, folguedo popular que é uma mistura de teatro, brincadeira e festejo. Até que um dia, assim como manda a tradição desse brinquedo popular, ela precisa passar a coroa para uma menina mais nova. Não bastasse o desafio de viver esse rito de passagem e crescer, coisas estranhas acontecem no terreiro de Yayá, a avó de Maria, e ela é convocada a atravessar o sertão numa noite escura sem fim.

O texto, que tem também uma versão em dramaturgia, foi escrito por Gabriela Romeu e Antonia Mattos, diretora do grupo teatral Clã do Jabuti. As ilustrações são da cearense Luci Sacoleira.





A peça radiofônica é um estonteante registro de leitura feito de forma criativa e mirabolante pelo poeta e educador Francisco Marques (Chico dos Bonecos) sobre a *Didática magna*, de João Amós Comênio, nascido em 1592, na Moravia, atualmente a porção oriental da República Tcheca, e considerado o pai da escola democrática.

Além do diálogo criativo do professor com o leitor e ouvinte, em formato de peça radiofônica, Chico exercita outros gêneros textuais – a poesia, a biografia, a entrevista, a prosa – e oferece, em tom lúdico, oportunidades maravilhosas de reflexão sobre a arte de ensinar e aprender e mostra como são contemporâneas, para os desafios da educação atual, as ideias de Comênio.

## Muitas coisas, poucas palavras

### A oficina do professor Comênio e a arte de ensinar e aprender

Francisco Marques Vírgula Chico dos Bonecos  
ilustrado por Alice Masago

 16 x 20 cm • 120 páginas • 1 cor • ISBN 978-65-5931-241-2

 Livro digital ISBN 978-65-5931-244-3 (KF8) e 978-65-5931-240-5 (ePUB)

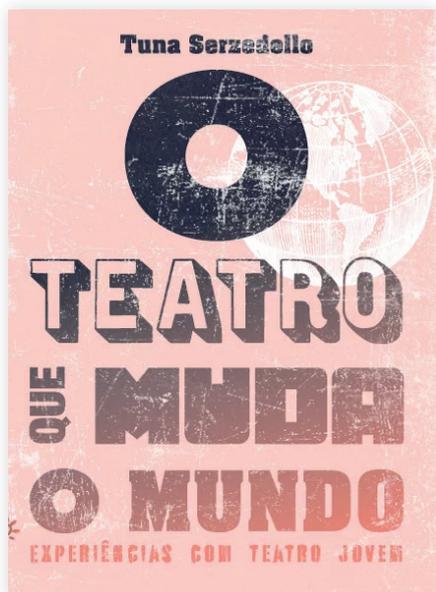
#### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/muitas-coisas-poucas-palavras/>





## O teatro que muda o mundo: experiências com teatro jovem

Tuna Serzedello

 20,5 x 27,5 cm • 144 páginas • 2 cores • ISBN 978-65-5931-089-0

 Livro digital ISBN 978-65-5931-090-6 (ePUB)

### Para saber mais

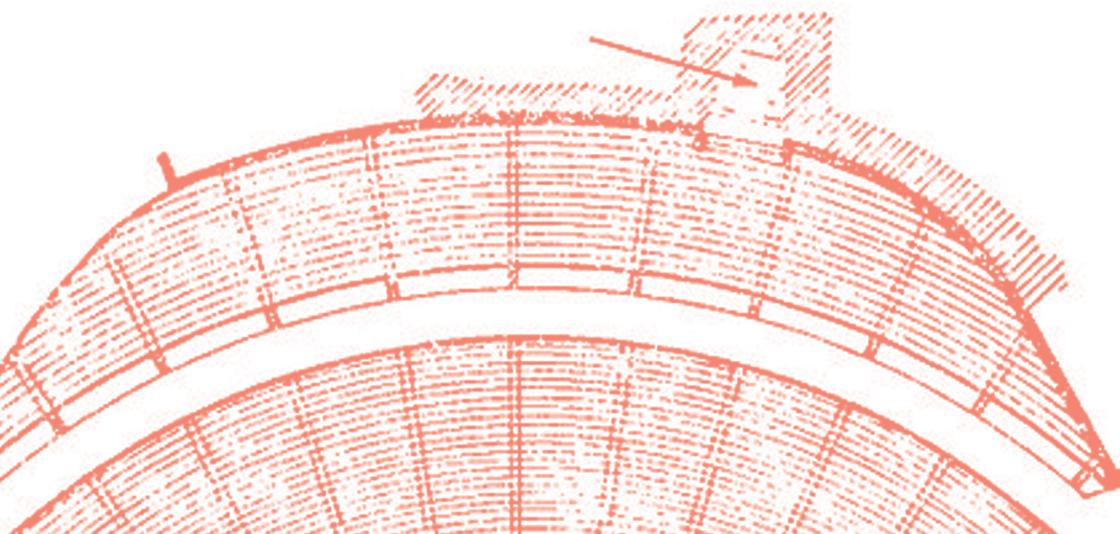
Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/o-teatro-que-muda-o-mundo/>

Neste livro, o ator, diretor, professor de teatro e dramaturgo Tuna Serzedello compartilha com os leitores sua experiência de mais de vinte anos de trabalho com teatro de jovens. Em linguagem acessível, numa conversa aberta e generosa com os educadores, o autor aborda aspectos como: a composição do grupo, a escolha do texto a ser encenado e a divisão dos papéis, a criação coletiva e a responsabilidade de todos em face da encenação, do improviso, dos erros, dos acertos e da descoberta do talento dos jovens, respeitando a singularidade de cada um deles.

Escrito em tempos de pandemia, a modalidade *online* não poderia ficar de fora. Para a escrita desse capítulo, o autor convidou a diretora teatral Soledad Yunge para compartilhar a experiência durante o isolamento social e para mostrar como as vivências propostas forneceram outros caminhos e possibilidades para essa arte do encontro e da presença.





Literatura Indígena

# Com as palavras dos povos originários

Ana Carolina Carvalho

## Por que ler autores indígenas?

Por muito tempo, indígenas foram narrados e apresentados por autores brancos, na maioria das vezes reforçando uma visão estereotipada e romantizada, muito longe da realidade e da diversidade que compõem os cerca de 900 mil índios no Brasil, que se dividem entre 305 etnias e falam ao menos 274 línguas. Esses dados fazem do Brasil um dos países com maior diversidade sociocultural do planeta!

Recentemente observamos esforços na educação e na sociedade no sentido de ampliar olhares para a cultura e modos de vida dos povos indígenas, divulgando saberes, valores, visões de mundo, narrativas e toda a memória oral desses povos, em toda a sua diversidade.

Com o intuito de romper visões preconceituosas, estereotipadas e muito distantes da realidade, bem como valorizar o patrimônio cultural desses povos, foram aprovadas leis que exigem a inserção da cultura indígena na escola, como a **Lei N.11.645**, de 10 de março de 2008, a fim de garantir que “nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torne-se obrigatório o estudo da **história e cultura afro-brasileira e indígena**”. Essa é uma aposta acertada: ao se modificar a visão dos jovens estudantes, vai se mudando também a visão da sociedade sobre essas culturas.

Segundo a jornalista Julie Dorrico<sup>1</sup>, para artigo da Revista 451: “ao desmistificar desde cedo pelo livro indígena as imagens pejorativas

*cimentadas ao longo dos séculos, as crianças e os educadores não indígenas poderiam (e podem) aprender a respeitar a diversidade pluriétnica. Por isso, a literatura indígena infantojuvenil dá-se a conhecer via narrativa: na descrição do cotidiano, dos modos de vida tradicionais, da história das organizações sociais, das crenças, das lutas políticas, indo por outro caminho que não a famigerada armadilha do exótico, que os lança ao passado e os proíbe de desfrutar o presente”.*

## As culturas indígenas por meio da literatura

Uma das formas de atualizar as culturas indígenas é por meio da arte – o cinema, a literatura, a música, as artes visuais – divulgada para o grande público. Na esteira da ampliação desses conhecimentos nas escolas, foi se consolidando uma literatura de autoria indígena voltada para os públicos infantil e juvenil, sobretudo a partir dos finais da década de 1990. Literatura essa que nos aproxima das fábulas, cosmogonias e mitos de origens dos povos indígenas, das tradições e valores transmitidos por meio de narrativas com fortes traços da oralidade.

Janice Cristine Thiél, professora da área de Letras da PUC-PR, aponta para a importância do letramento histórico, literário e cultural que as obras de autores indígenas favorecem. No prefácio do livro. *Terra dos mil povos*, de Kaká Werá Jecupé, ela escreve: “aprendi com a obra de Jecupé que existe, sim, literatura indígena brasileira, que deve ser lida conforme parâ-

<sup>1</sup> Dorrico, J. Ouvir a diferença, artigo publicado na revista 451. #38, outubro/2020. Disponível em: <https://quatrocincom.folha.uol.com.br/br/artigos/literatura-infantojuvenil/ouvir-a-diferenca> acesso em 08/07/22.

metros próprios de autoria, gênero literário e construção multimodal. Quando ouvi pela primeira vez o nome do autor em uma aula, preparando-me para o doutorado, tornei-me consciente de quanto desconhecia as diferentes vertentes da literatura brasileira e como o letramento que recebemos na escola não nos prepara para ler essa literatura e compreender sua complexidade. Portanto, a publicação de obras indígenas faz mais do que promover a inclusão das etnias nativas: promove o letramento histórico, literário, cultural e crítico de leitores e cidadãos”.

## O que é preciso saber para ler literatura indígena? E o que a literatura indígena pode ensinar a todos os brasileiros?

Em artigo sobre a literatura indígena para a revista Educação e Realidade<sup>2</sup>, a professora Janice Thiel escreve: “As obras indígenas, voltadas para o público infanto-juvenil e para o público maduro, apresentam uma interação de multimodalidades: a leitura da palavra impressa interage com a leitura das ilustrações, com a percepção de desenhos geométricos, de elementos rítmicos e performáticos. Os grafismos indígenas constituem narrativas e devem ser valorizados por sua especificidade, podendo inclusive indicar a autoria do texto indígena, se coletiva/ancestral ou individual. Ademais, a leitura da literatura indígena deve levar em conta o entre-lugar cultural dessa produção que está em uma zona de contato e conflito localizada entre a oralidade e a escrita, entre línguas nativas e europeias, entre tradições literárias europeias e indígenas, entre sujeição e resistência”.

Ao ler literatura indígena, além de entrar em contato com toda a especificidade dessas

narrativas, valorizando formas literárias diversas, os leitores também têm a chance de aprender com o diferente, respeitando-o e reconhecendo seus valores, tradições, saberes e formas de estar no mundo.

## Folclore e literatura indígena

É provável que, ao pensar nos personagens que fazem parte de “nosso folclore”, a grande maioria das pessoas se lembre do curupira, do saci-pererê, da lara, do boitatá, a cobra-grande, o boto... O que muita gente desconhece, devido à apropriação que portugueses fizeram das culturas indígenas, é que vários encantados e entidades faziam parte da espiritualidade de diversos povos originários. O saci-pererê, por exemplo, vem de uma entidade guarani, denominada Jaxy Jaterê, conhecido protetor da floresta para tal etnia. O mapiquari refere-se a uma entidade dos maraguás e dos saterê-mawé. Dizer que todos fazem parte do mesmo “folclore” é negar e desconhecer suas origens e a enorme diversidade cultural que existe entre os povos indígenas, e está mais do na hora de se reconhecer essas origens.

## Uma breve história da literatura indígena infantil e juvenil publicada no Brasil

“Escolhemos o modelo de conversar com a criança, de conversar com o jovem, porque eles são muito mais livres de preconceitos do que os mais velhos. As crianças são muito mais abertas ao aprendizado, a ouvir a diferença, muito mais curiosas do que os mais velhos. Então isso também foi uma estratégia. E também porque os nossos mitos de origem, as nossas cosmologias, as nossas fábulas têm muito a ver com esse universo infantojuvenil”.

Kaká Werá Jecupé, em entrevista à coleção Tembetá (Azougue, 2017).<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Thiel, J. C. (2013). A Literatura dos Povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural. *Educação & Realidade*, 38(4). Página 1178. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaorealidade/artic/view/38161> acesso em 08/07/22.

<sup>3</sup> Dorrico, Julie. Ouvir a diferença. *Revista 451*, 38, out 2020.

Daniel Munduruku, Kaká Werá Jecupé, Yaguarê Yamã, Olívio Jekupé fazem parte do grupo de autores que passam a escrever literatura infantil, em meados dos anos 90, quando crescia a demanda por obras desse tipo nas escolas. Até então, não é que a literatura escrita por autores indígenas não existisse, mas era muito mais difícil publicá-la. O livro *Histórias de Índio*, 1996<sup>4</sup>, escrito por Daniel Munduruku, de certo modo, abriu o caminho para que outros autores indígenas também fossem publicados e adotados nas escolas, compondo um conjunto importante de obras que vêm contribuindo para a propagação das culturas, saberes e valores indígenas.

De acordo com a escritora e professora Graça Graúna, na entrevista para a matéria do site *Uol*, esse movimento inaugurou o que ela chama de “literatura indígena contemporânea”, que são os livros com autoria individual e alguns elementos da literatura ocidental em sua estrutura textual, diferenciando-se dos mitos orais da “literatura indígena clássica”.

No final dessa década, em 1998, a Editora Peirópolis publica *A terra dos mil povos*, de Kaká Werá Jekupé, uma das obras precursoras para a construção de um novo olhar para os mil povos brasileiros. Em seguida, no início dos anos 2000, a editora lança vários livros dentro da coleção *Memórias Ancestrais*, coordenada por Daniel Munduruku. Os livros dessa coleção, além de trazer narrativas de tradição oral, apresentavam ilustrações feitas por indígenas, contribuindo para que tanto a estética da narrativa textual quanto visual estivessem presentes nas obras. Os títulos dessa coleção foram: *As serpentes que roubaram a noite e outros mitos* (2001), de Daniel Munduruku; *Puratig: o remo sagrado* (2001), de Yaguarê Yamã, pertencente ao povo Saterê Mawé e Maragá; *Irakisu: o menino criador* (2002), de Renê Kithãulu, indígena do povo Nambikwara; e *Verá, o contador de histórias* (2003, fora de catálogo), de Olívio Jekupé, do povo Guarani.

Ao longo dos anos 2000, outras iniciativas se colocaram como incentivos importantes para a publicação da literatura indígena no Brasil. Dentre elas, podemos citar o concurso

FNLIJ Tamoios de Textos de Escritores Indígenas, existente desde 2004.

As publicações de livros de autoria indígena seguem ganhando espaço em diferentes casas editoriais e tem marcado presença nas estantes de escolas e bibliotecas. Desde que publicou o primeiro livro de autor indígena, a editora Peirópolis vem sistematicamente dando voz a autores de variados povos, compondo em seu catálogo um retrato consistente multifacetado dos povos originários.

Os autores e autoras de origem indígena também se multiplicaram. Além dos já citados, lembramos ainda: Eliane Potiguara; os Guaranis Werá Jeguaka Mirim e Maria Kerexu; os Maragás, Roni Wasiry Guará e Lia Minapóty; Cristina Wapichana, Tiago Hakiy (Saterê Mawé); Edson Krenak, Jaime Diákara, Ely Macuxi, Edson Kayapó, Aline Kayapó, Shirley Krenak, Ariabo Kezo (Balatiponé), Rosi Waikhon (Waikana/Piratapuaia), Graça Graúna, Aline Pachamama, Denízia Kawany Fulkaxó, Vângri Kaingang, Kamuu Dan Wapichana, Chirley Pankará, entre outros. Vários deles receberam prêmios literários, em um importante e fundamental reconhecimento não só da qualidade das publicações, como da pertinência e necessidade de que se tenha cada vez mais espaço para as nossas vozes ancestrais.

## **Linha do tempo dos livros publicados pela Editora Peirópolis**

- 1998 – *A terra dos mil povos*, Jecupé Kaká Werá
- 2001 – *Tupã Tenondé*, Kaká Werá Jecupé
- 2001 – *Puratig, o remo sagrado*, Kaká Werá Jecupé
- 2001 – *As serpentes que roubaram a noite e outros mitos*, Daniel Munduruku
- 2007 – *As fabulosas fábulas de Iauaretê*, Kaká Werá Jecupé
- 2007 – *Sehaypóri, O livro sagrado dos saterê-mawé*, Yaguarê Yamã
- 2011 – *O sinal do Pajé*, Daniel Munduruku
- 2012 – *Contos da Floresta*, Yaguarê Yamã
- 2017 – *A origem do beija-flor*, Yaguarê Yamã

<sup>4</sup> Giacomo, Fred. *Breve história da literatura indígena contemporânea: pioneiros*. Disponível em: <https://www.uol.com.br/coa/colunas/arte-fora-dos-centros/2020/07/23/brave-historia-da-literatura-indigena-contemporanea-pioneiros.htm>. Acesso em 08/07/22.

## Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

DORRICO, J. Ouvir a diferença, artigo publicado na revista 451. #38, outubro/2020. Disponível em: <https://quatrocincom.folha.uol.com.br/br/artigos/literatura-infantojuvenil/ouvir-a-diferenca> acesso em 08/07/22

GIACOMO, Fred. *Breve história da literatura indígena contemporânea: pioneiros*. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/arte-fora-dos-centros/2020/07/23/breve-historia-da-literatura-indigena-contemporanea-pioneiros.htm>. Acesso em 08/07/22.

THIEL, Janice. *A literatura dos povos e a formação do leitor multicultural*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade)>



# Os autores

## Kaká Werá Jecupé



Kaká Werá Jecupé nasceu em São Paulo no ano de 1964. É escritor, ambientalista e tradutor. Descende do povo Tapuia e foi acolhido pelos Guarani, junto aos quais desenvolveu uma extensa pesquisa histórica, linguística e cultural. Tornou-se um dos precursores da literatura indígena no Brasil e hoje é uma autoridade na difusão dos saberes e valores ancestrais.

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre o autor, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.kakawera.com/>

## Yaguarê Yamã



Yaguarê Yamã nasceu em 1973 no Parintins, Amazonas. Pertence ao clã Aripunãguá, dos Maraguá e descende dos Sateré-Mawé por parte de pai. É escritor, professor, geógrafo, artista plástico e líder indígena. Atualmente milita no movimento indígena lutando pela demarcação das terras de seu povo, pela conscientização dos ribeirinhos e pela inclusão do indígena na sociedade brasileira.

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre esse autor, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<http://yaguareh.blogspot.com/>

## Daniel Munduruku



Daniel Munduruku nasceu em Belém no ano de 1964. É escritor e professor, pertencente ao povo indígena Munduruku. Ele é autor de 54 livros publicados por diversas editoras no Brasil e no exterior, a maioria classificados como literatura infanto-juvenil e paradidáticos. É graduado em Filosofia, História e Psicologia, tem Mestrado e Doutorado em Educação pela USP (Universidade de São Paulo) e Pós-Doutorado em Linguística pela UFSCar (Universidade Federal de São Carlos). Já recebeu vários prêmios nacionais e internacionais por suas obras literárias.

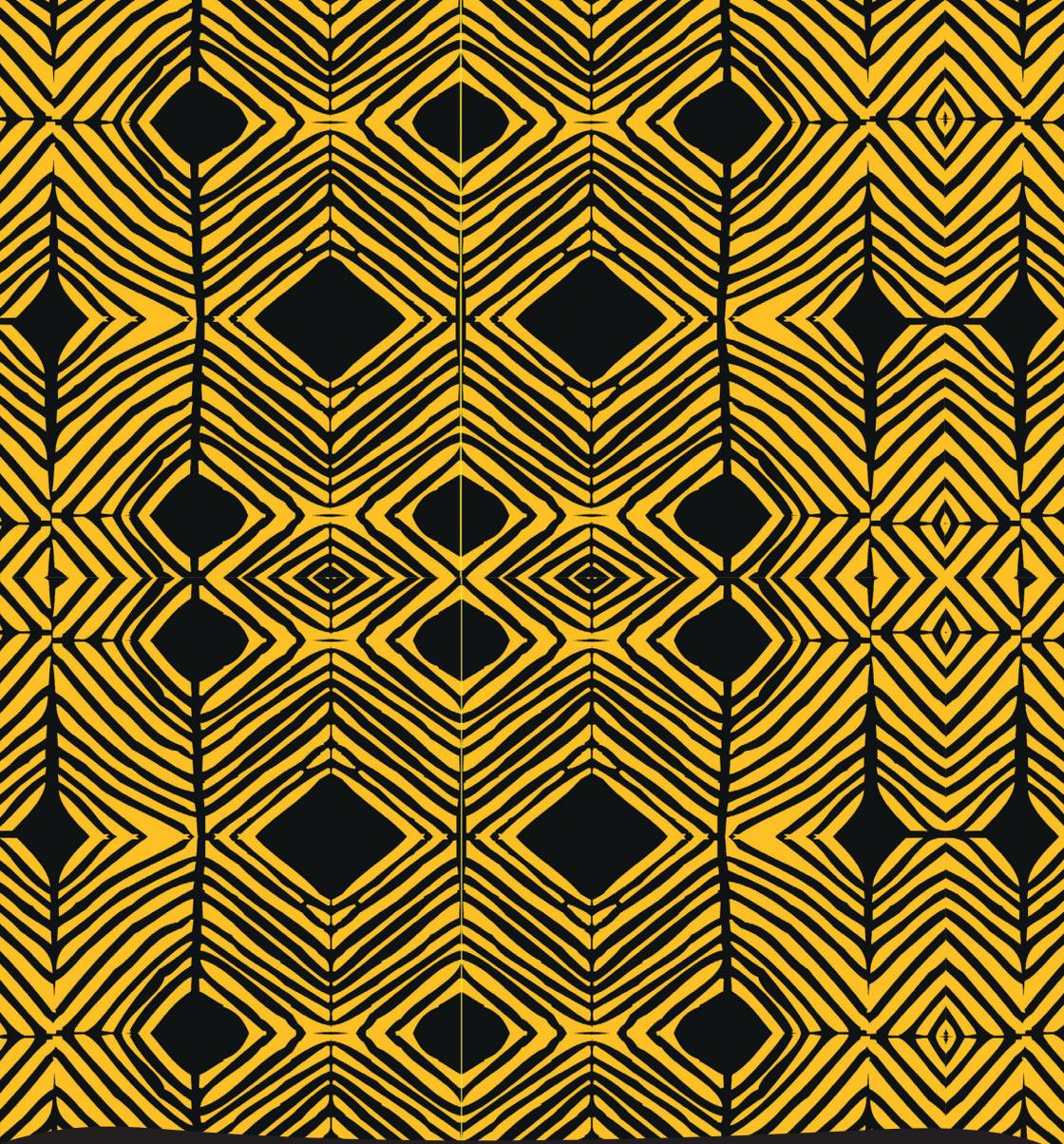
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre esse autor, acesse o site através do *QR code* ou pelo endereço eletrônico:

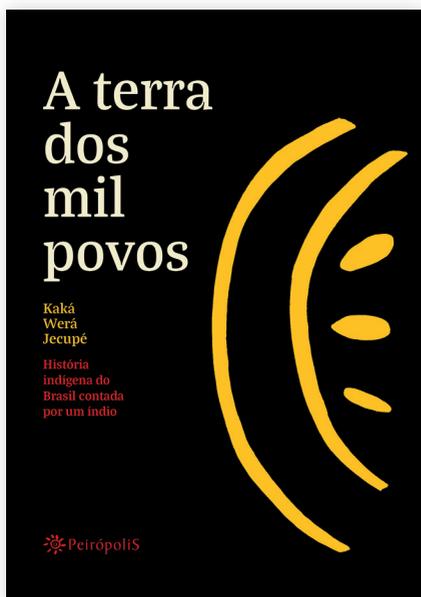


<http://danielmunduruku.blogspot.com/>





Estante de Livros



## A terra dos mil povos

História indígena do Brasil  
contada por um índio

Kaká Werá Jecupé  
*ilustrado por Taisa Borges*

 19.5 x 25 cm • 130 páginas • 1 cor •  
ISBN 978-65-86028-04-1

 Livro digital ISBN 978-65-8602-803-4

 Livro premiado!



Nas palavras de Kaká Werá Jecupé: “O Brasil sempre foi uma terra de mil povos, diversas civilizações se desenvolveram no Brasil, construindo uma sabedoria que até hoje não é conhecida por grande parte dos brasileiros”, embora os influenciem, fazendo com que todo brasileiro seja um pouco tupi, mesmo sem o saber.

*A terra dos mil povos* é uma obra que conta a história do Brasil sob o ponto de vista de um indígena e, desse modo, apresenta informações mais profundas sobre nossa ancestralidade e sobre a diversidade, enfocando as culturas mais antigas do Brasil, os seus valores e suas tradições.

Neste link <https://www.facebook.com/watch/?v=268024124541579> Kaká Werá fala um pouco sobre o livro:

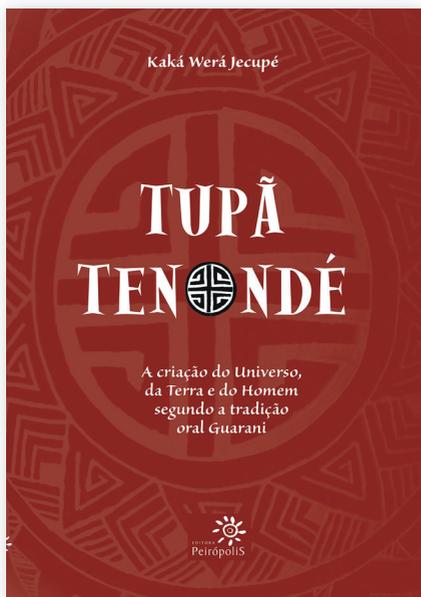
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/a-terra-dos-mil-povos/>





## Tupã Tenondé

A criação do Universo, da terra  
e do homem segundo a tradição  
oral Guarani

Kaká Werá Jecupé

 19.5 x 25 cm • 107 páginas • 1 cor • ISBN 978-65-8602-821-8

 Livro digital ISBN 978-65-8602-821-8

### Para saber mais

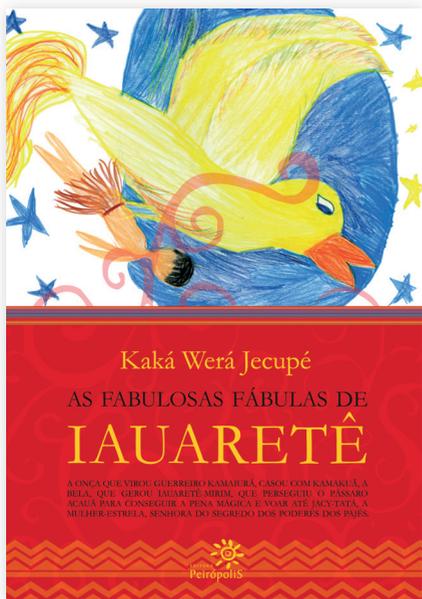
Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/tupa-tenonde/>

*Tupa Tenondé* é um livro que nos fala sobre a criação do Universo, da Terra e do Homem, segundo a tradição oral guarani. Ao longo de suas páginas, revelam-se os ensinamentos secretos da tradição oral Guarani, antes só divulgados aos pajés. Ainda que não torne seus leitores pajés, *Tupã Tenondé* certamente vai cumprir sua missão original, que é a de formar corações valorosos, preparados para respeitar e valorizar a diversidade cultural.





## As fabulosas fábulas de Iauaretê

Kaká Werá Jecupé  
ilustrado por Sawara

 20 x 27 cm • 88 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-85-7596-098-1

 Livro premiado!

*As fabulosas fábulas de Iauaretê* apresentam aos leitores os melhores momentos de uma das mais divertidas lendas do ideário Guarani: as aventuras da onça Iauaretê, que virou gente, e de seus filhos, Juruá e Iauaretê-mirim. Acompanhadas por desenhos de Sawara, filha de 11 anos do autor, as fábulas deste livro falam de medo, coragem, dúvida, amor, morte, paz, oportunidade, erros e acertos que vivenciamos, divertindo e emocionando adultos e crianças.

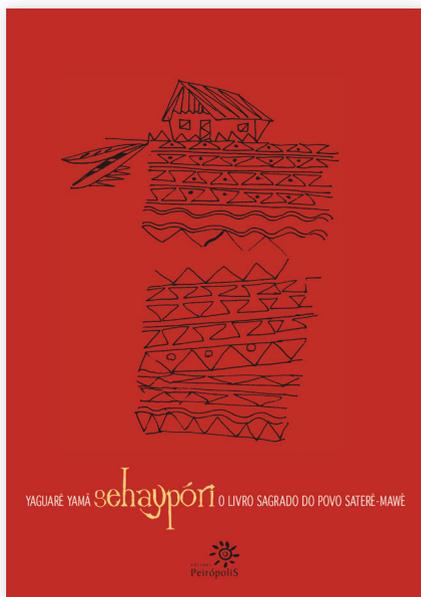
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/as-fabulosas-fabulas-de-iauarete/>





## Sehaypóri

### O livro sagrado do povo saterê-mawé

Yaguare Yamã

 19 x 25 cm • 160 páginas • 2 cores • ISBN 978-85-7596-077-6

 Livro digital ISBN 978-85-7596-288-6

 Livro premiado!

#### Para saber mais

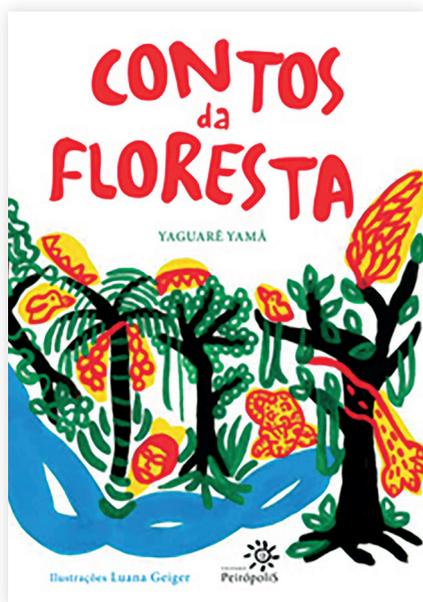
Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiriopolis.com.br/produto/sehaypori/>

*Sehaypóri: O livro sagrado do povo Saterê-Mawé* é, como diz o autor, uma homenagem aos pajés de sua nação, que buscam no espírito natural a resposta para as dúvidas da alma. Como seus antepassados, Yaguare narra as memórias de sua gente para preservar a tradição de uma geração para outra. As lendas e fábulas de animais reunidas neste livro, ensinam a origem das coisas e apresentam a cultura e o imaginário deste grupo.





## Contos da floresta

Yaguareê Yamã

ilustrado por Luana Geiger

19 x 25 cm • 64 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-85-7596-133-9

☆ Livro premiado!

### Para saber mais

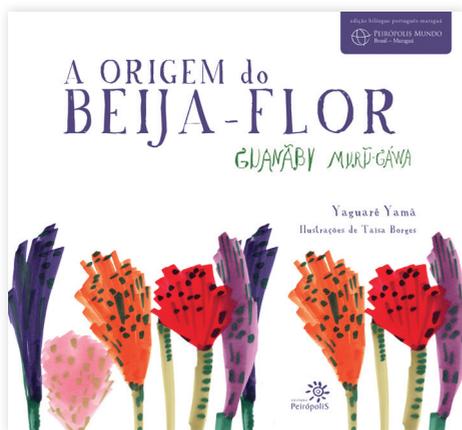
Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/contos-da-floresta/>

Neste livro o escritor Yaguareê Yamã recria mitos e lendas do povo indígena Maraguá, conhecido na região do Baixo-Amazonas como “o povo das histórias de assombração”. Entre as histórias, há lendas e mitos sobre animais fantásticos, narradas em pequenos textos cheios de ritmo e suspense. As histórias estão imersas na natureza, com personagens em intensa relação com a floresta, sempre considerada em seu inesgotável mistério. Ao final, uma entrevista com o autor e um glossário com termos da Língua Regional Amazônica e do idioma Maraguá, contribuindo para a difusão da cultura desse povo.





## A origem do beija-flor

Yaguarê Yamã

ilustrado por Taisa Borges

25 x 23 cm • 36 páginas • 4 cores • ISBN 978-85-7596-246-6

Ouça as narrações no site

### Para saber mais

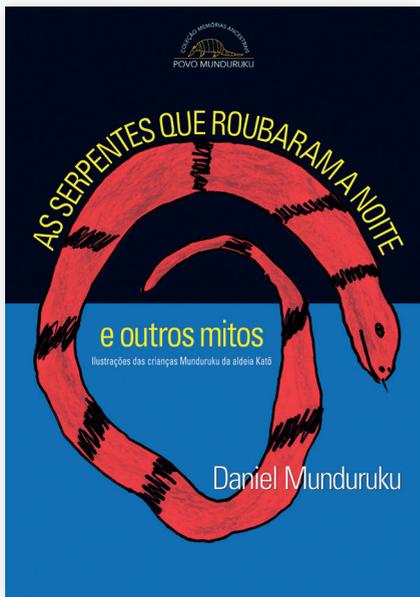
Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/a-origem-do-beija-flor/>

Neste livro, Yaguarê Yamã registra o mito da origem do beija-flor, que vive na memória dos antigos pajés do povo Maraguá, habitante do vale do rio Abacaxis, no Amazonas. Esse povo valoriza muito o contador de histórias, personagem sempre requisitado no cotidiano e nos festejos da tribo e é conhecido como “os índios das histórias de fantasmas”. A delicada história é apresentada em português e em maraguá, dialeto misto de Aruak com Nhengatu, e integra a coleção Peirópolis Mundo, que busca valorizar línguas minoritárias de todas as partes do planeta.





## As serpentes que roubaram a noite e outros mitos

Daniel Munduruku

*ilustrado pelas crianças Munduruku da aldeia Katô*

 20.5 x 27 cm • 56 páginas • 4 cores • ISBN 978-85-8566-358-2

☆ Livro premiado!

Ilustrado pelas crianças da aldeia Katô, este livro traz mitos contados pelos anciões da aldeia – histórias que nos remetem a um tempo muito distante de nossos dias e que são contadas e recontadas às crianças indígenas como forma de despertar nelas o amor pela própria história e pelas lutas de seu povo. Tocam o fundo do coração e são uma excelente oportunidade de integração com o universo infanto-juvenil indígena e seus valores.

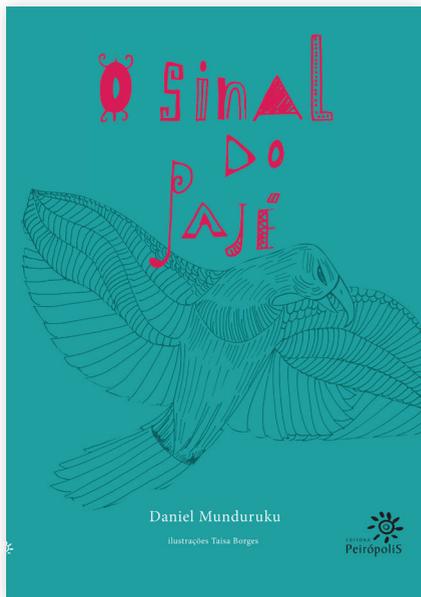
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/as-serpentes-que-roubaram-a-noite-e-outros-mitos/>





## O sinal do pajé

Daniel Munduruku  
ilustrado por Taisa Borges

17 x 24 cm • 56 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-85-7596-239-8

☆ Livro premiado!

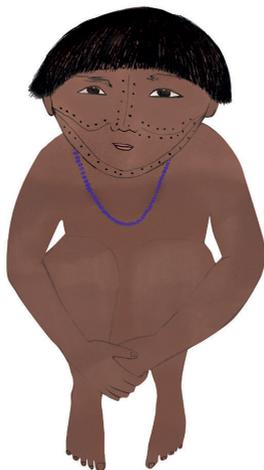
### Para saber mais

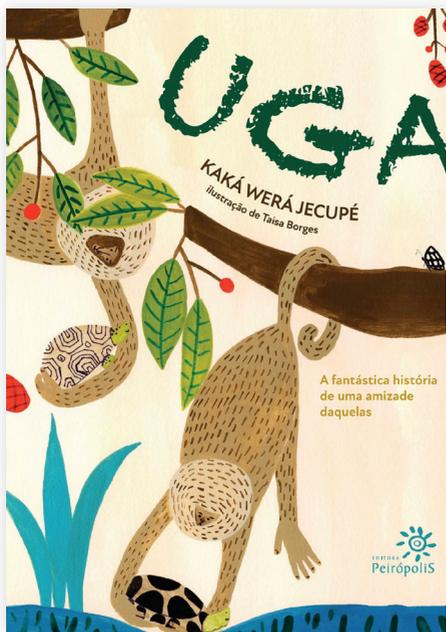
Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/o-sinal-do-paje/>

Nas aldeias indígenas brasileiras é costume que os curumins – garotos prestes a entrar na fase adulta – sejam introduzidos à “casa dos homens” por um rito de passagem que inaugura essa nova fase. Nessa época da vida, os jovens que vivem nas aldeias passam pelas mesmas aflições que qualquer jovem da cidade. Perguntam-se sobre que futuro os aguarda e o que a liberdade lhes reserva. O pajé e os anciões dizem-lhes que é preciso continuar acreditando na Tradição, em seus valores e na sua cultura. Mas, mesmo assim, eles vivem aqueles conflitos que angustiam as pessoas quando precisam optar entre dois ou mais amores na vida: tradição ou modernidade? Pais ou amigos? Crescer ou permanecer criança?





## Uga: A fantástica história de uma amizade daquelas

Kaká Werá Jecupé  
ilustrado por Taisa Borges

26 x 20 cm • 64 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-65-5931-247-4

Livro digital ISBN 978-65-5931-251-1  
(KF8) e 978-65-5931-248-1 (ePUB)

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre  
essa obra, acesse o site através do QR  
code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/uga-uma-amizade-daquelas/>

Assim caminhavam  
dois grandes amigos.  
Passos bem ritmados por  
uma forte amizade.

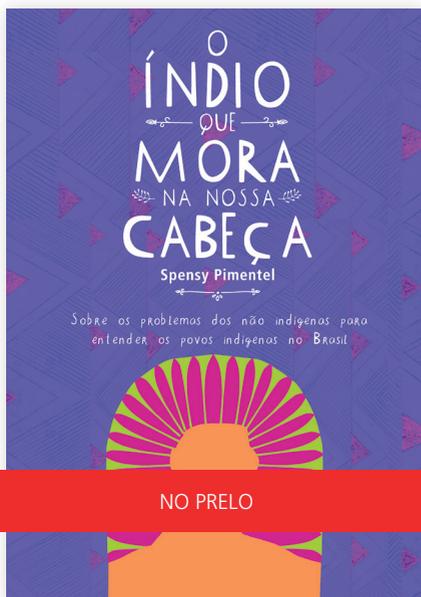


Uga e Jabu, amigos de longa data, andam juntos pela floresta, sonhando comer deliciosas jabuticabas descobertas por Leta, a borboleta. Mas as tais frutinhas não chegam nunca! Será que eles foram enganados? Será que é uma armadilha para serem caçados?

Em um enredo ambientado na floresta, onde os animais têm de ser muito espertos para lidar com possíveis perseguidores, esta história mostra, por meio da jornada de dois amigos, o poder da solidariedade, o valor da empatia e a magia da arte das narrativas inspiradas nos saberes dos povos originários.

Seguindo a sequência de *As fabulosas fábulas de Iauaretê*, este livro marca o início da série *Fabulosas Fábulas*, de Kaká Werá, a ser publicada pela Editora Peirópolis.





## O índio que mora na nossa cabeça

Spensy Pimentel  
ilustrado por Taisa Borges

 18,5 x 23 cm • 128 páginas • 1 cor • ISBN 978-65-5931-208-5

 Livro digital ISBN 978-65-5931-213-9 (ePUB)

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiopolis.com.br/produto/o-indio-que-mora-na-nossa-cabeça>

Com um título bastante provocativo, o antropólogo e jornalista Spensy Pimentel convida não-índigenas a desconstruir a imagem que costumam ter a respeito dos povos originários, forjada há tempos pelos brancos (a bem dizer desde o “descobrimento” do Brasil). Ele escreve em seu livro: “os maiores obstáculos que os brasileiros enfrentam para entender os índios não estão naquilo que eles não sabem, e sim naquilo que pensam que sabem. Provavelmente, desde a sua infância, na sua família ou escola, as pessoas lhe disseram ou mostraram uma série de coisas a respeito do que é um índio. No Brasil, é muito comum que as escolas comemorem o Dia do Índio, no dia 19 de abril, e façam as crianças se “vestirem” ou se pintarem de índio”.

Deste modo, trazendo informações sobre diversos aspectos acerca da realidade dos povos indígenas brasileiros, o livro abre espaço para que, de fato, os não indígenas possam conhecer reconhecer a diversidade, modos de vida, cultura e os saberes desses povos. Abre espaço para que se possa realmente enxergar os indígenas naquilo que eles são e não a partir de estereótipos criados por não indígenas. E por meio desse olhar, considerar também caminhos para a preservação das culturas indígenas e possibilidades de convivência, compondo, junto com a literatura, importante arsenal para ampliação desse conhecimento.



# Literatura Portuguesa

# Minha pátria é a língua portuguesa

Será que você já ouviu ou leu essa frase antes?

Ana Carolina Carvalho

Ela se tornou uma frase famosa e foi citada em muitos lugares, mas foi escrita por Bernardo Soares, considerado um semi-heterônimo de Fernando Pessoa e está no *Livro do Desassossego*, obra publicada muitos anos depois da morte do poeta e tida por muitos críticos como um importante marco da produção literária em português. O livro é fragmentário, composto por diversos textos em prosa. Neste, em que aborda a relação com a Língua Portuguesa, o poeta faz uma ode à palavra, ao mundo que pode ser construído por ela. Chega a afirmar que ortografia é gente. E que não se importaria se lhe fossem tomadas as terras em que vive, desde que não tocassem em sua Língua Portuguesa. Começa seu texto já dizendo ao que veio:

*Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de falar. As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas.*

Anos depois, em 1984, no Brasil, Caetano Veloso compõe a canção Língua. A frase antes escrita por Fernando Pessoa/Bernardo Soares ganha outra forma, mais autoral, mais pessoal:

## Minha pátria é minha língua.

*“Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões. Gosto de ser e de estar.”*

Ao começar a canção dessa maneira, Caetano retoma muitos sentidos expressos pelo poeta português, como a sensação e sensorialidade das palavras tanto na língua falada

como na escrita, mas acrescenta a inventividade da nossa língua portuguesa falada no Brasil: roçamos na Língua de Luís de Camões, ela está ali, presente em nossa Língua, que nasce da primeira, mas é outra. Transformamos, recriamos sintaxes.

Contudo, ao falarmos o Português, voltamos nossos olhos, ouvidos e coração para o além-mar (ainda que tenhamos outras influências e mesclamos outras linguagens, novas falas, outros sotaques). Herdamos da Língua Portuguesa a saudade, palavra única, e também ganhamos a possibilidade de nos narrarmos complexos. Gosto de ser e de estar, cantou Caetano, numa alusão e comparação com o inglês e seu verbo “to be”, que junta o ser o estar numa mesma expressão. A Língua Portuguesa ganha em meandros.

Por tudo isso que herdamos e pelo que somos, já que também somos a nossa Língua e nos narramos por meio dela, conhecer a literatura portuguesa é certamente saber mais de nós mesmos, saber sobre aquilo que nos originou, que nos compõe e que nos forma cotidianamente. Como também já escreveu Susana Ventura em texto para essa editora: “Somos brasileiros. A língua portuguesa está conosco todas as horas do dia e da noite: sonhamos em português, pensamos em português, falamos português. Lemos em português, escrevemos em português, expressamos nossos sentimentos em português. Com a língua portuguesa tecemos o nosso dia a dia”.

# Quanto da Literatura Portuguesa Contemporânea conhecemos?

É comum que tenhamos lido textos portugueses mais antigos. E talvez, ao sermos perguntados quais são os autores portugueses que mais conhecemos, venham à mente: Luís de Camões, Gil Vicente, Fernando Pessoa (e seus heterônimos), Eça de Queirós. Mais recentemente, outros ficaram conhecidos por aqui, como o José Saramago, Antonio Lobo Antunes, Gonçalo Tavares, Inês Pedrosa, José Luís Peixoto, Miguel Sousa Tavares

Pode ser que outros nomes nos venham à mente, mas certamente não serão tantos assim. Você se lembra de algum outro autor ou autora portuguesa, que não tenhamos citado? E de autores que escrevem para crianças e jovens leitores?

A proposta desta **curadoria** é ampliar esse conhecimento, trazendo aqui autores contemporâneos portugueses, que publicaram obras para o público infantil e juvenil e fazem parte do catálogo da editora Peirópolis. Desse modo, vamos expandir essa nossa mesma pátria ou seria mátria, com suas fronteiras marcadas pela Língua mãe Portuguesa?

Começamos, então, com quatro nomes de autores vivos, que também podem fazer parte do repertório de literatura portuguesa na escola (e fora dela):

- Afonso Cruz
- Alice Vieira
- José Jorge Letria
- Lídia Jorge

Vamos conhecê-los um pouco mais?

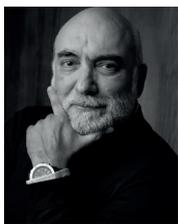


**Afonso Cruz** nasceu em Figueira da Foz em 1971 e é escritor, músico, cineasta e um dos mais relevantes ilustradores portugueses contemporâneos. Publicou mais de trinta livros, alguns deles premiados. Entre eles, há títulos de literatura adulta, infantil e juvenil.

Pela editora Peirópolis, publicou *A contradição humana* e *O pintor debaixo do lava-loiças*.



**Alice Vieira** nasceu em Lisboa, em 1943 e é jornalista e escritora. Ao longo de quarenta anos de escrita, publicou mais de 80 obras e é considerada uma das mais importantes autoras portuguesas de literatura infanto-juvenil, tendo recebido vários prêmios. Pela editora Peirópolis, publicou *Meia hora para mudar a minha vida*, Prêmio FNLIJ 2016 na categoria Literatura em Língua Portuguesa.



**José Jorge Letria** nasceu em Cascais, em 1951 e é jornalista, poeta, dramaturgo e autor de muitos títulos voltados ao público infanto-juvenil. Pela editora Peirópolis, tem vários livros, alguns em parceria com seu filho, André Letria. Os títulos são: *Versos para os pais lerem aos filhos em noite de luar*, *Animais Fantásticos*, *Avô conta outra vez*, os três em parceria com André Letria; *Rimas de lá e de cá*, em parceria com José Santos; o *livro extravagante e outros poemas* e *Brincar com as palavras*.



**Lídia Jorge** nasceu em Boliquite, no Algarve, em 1946. Foi professora de língua portuguesa e trabalhou em Angola e Moçambique. É uma das mais importantes vozes da atual literatura portuguesa, tendo escrito romances, contos, crônicas, poesia e teatro. Pela editora Peirópolis, tem o conto *A instrumentalina*, originalmente publicado em 1992.





# Ligações entre OS LIVROS

# Autores e ilustradores de lá e de cá

## Propostas de sequência de leituras

*Afonso que ilustrou para José, que foi parceiro de Yara, que desenhou para Letria, que escreve para as crianças portuguesas como Lidia Jorge, que ganhou ilustrações de Anna Cunha, que também desenhou para Alice Vieira, que gosta da Adriana Calcanhoto, que é uma cantora brasileira que mora em Portugal...*

Agora que você já conheceu um pouco mais sobre esses quatro autores portugueses contemporâneos (e vivos), que tal pensar nas ligações entre eles e entre autores de lá e de cá? E nesse ir e vir dos textos em português, que tanto têm marcado a construção de nossa língua como uma grande pátria?

Anna Cunha, ilustradora brasileira, é responsável pelas imagens que estão nos livros de Lidia Jorge e Alice Vieira.

Yara Kono, brasileira que vive em Portugal, ilustrou o livro de José Santos e José Jorge Letria, *Rimas de lá e de cá*. Além disso, é parceira de outra autora portuguesa, Ana Saldanha, com livro o *Eu só só eu*.

Afonso Cruz, além de ilustrar seus livros, também é responsável pelas imagens do livro *Viagem às terras de Portugal*, de José Santos, autor brasileiro, que tem um pé na terrinha e, como já sabe, parceiro de José Letria.

E mais: Yara Kono faz parte do Planeta Tangerina, editora Portuguesa, que tem vários livros ilustrados publicados pela editora Peirópolis.

### Outros livros do Planeta Tangerina na editora Peirópolis: livros ilustrados

Da autora Isabel Minhós Martins, em parceria com:

#### **Madalena Matoso**

- *Com o tempo*
- *Enquanto meu cabelo crescia*

- *Este livro está te chamando (não ouve?)*

#### **Bernardo Carvalho:**

- *Obrigado a todos!*
- *Um livro para todos os dias*
- *O mundo num segundo*

#### **Escolhendo leituras e caminhos a seguir**

A estante dos livros portugueses contemporâneos foi crescendo. Um autor foi levando a outro, que trouxe outro ilustrador... e assim fomos ampliando títulos e possibilidades de leituras. Quais caminhos você pode escolher para conhecer e compartilhar com a sua turma um pouco da literatura portuguesa produzida nos dias de hoje para crianças e jovens?

- Fazendo uma seleção só de livros ilustrados?
- Ou de poemas?
- Buscando a literatura feita por mulheres?
- Seguindo a trilha da relação entre os autores e ilustradores? Quem leva onde ou para quem?
- Aproximando autores brasileiros e portugueses?
- Considerando a faixa etária com a qual trabalha, e o percurso de leituras de sua turma, quais livros você escolheria para compor uma sequência de leituras de autores portugueses?

E o que mais pode ser visto nessa literatura atual contemporânea?

- Há aspectos que nos ajudam a identificar que determinado livro foi escrito por um autor ou autora portuguesa? Quais?
- Conhecer o que tem sido publicado atualmente em Portugal fez com que você mudasse de ideia sobre a literatura portuguesa? De que jeito?
- O que é possível destacar sobre o jeito português de escrever e o modo brasileiro? Onde essas línguas se encontram? Onde elas se separam?

## E se a gente fosse para o passado?

Propomos aqui um caminho inverso. De trás para frente. Começamos lendo os contemporâneos, agora vamos propor outra sequência de leituras, percorrendo um caminho pelo passado da Literatura Portuguesa, onde também estão as nossas raízes. E lendo os clássicos, pode-se refletir com a turma de estudantes mais velhos (do anos finais do ensino fundamental ou do ensino médio) o quanto de nossa literatura atual – portuguesa e brasileira – ainda bebe em fontes de outrora?

Já no livro de Alice Vieira, *Meia hora para mudar a minha vida*, encontramos uma pista: a personagem principal, Branca, vive em um teatro que encena peças de Gil Vicente (1465-1536) considerado o primeiro grande dramaturgo português. No livro de Alice, há uma crítica velada (ou nem tanto assim): pouca gente de hoje o conhece realmente. E olha que ele ainda tem muito o que dizer! Suas peças tinham um cunho social e apresentavam uma visão crítica da sociedade portuguesa dos séculos XV e XVI. Claro que muita coisa mudou de lá para cá, mas... Será que ainda encontramos semelhanças? Certamente, sim, já que os clássicos são aquelas obras que continuam tendo o que nos dizer.

No catálogo da Peirópolis, uma das peças mais conhecidas de Gil Vicente, *O auto da bar-*

*ca do inferno*, aparece em outra linguagem, bastante contemporânea, a HQ. Quem nos traz essa versão é o quadrinista Laudo Ferreira.

Aliás, há outro grande clássico português vertido para os quadrinhos: *Os Lusíadas*, de Luís de Camões (1524-1579/80) que ganhou traços de Fido Nesti.

E deste autor mais do que clássico, há mais de sua pena nos livros *Versos e Amor e Morte* e *Antologia de Poemas Portugueses para a Juventude*, organizado por Henriqueta Lisboa.

E ainda temos, um pouquinho mais adiante, dois livros que trazem contos tradicionais e suas versões escritas por autores do século XVIII e XIX: *Dez contos do além-mar*, pequena coletânea de Contos populares recolhidos e escritos por Adolfo Coelho e Teófilo Braga, organizado por Ana Carolina Carvalho. Ao ler essa antologia, pode ser interessante refletir sobre a universalidade dos contos tradicionais - será que você já leu ou ouviu histórias parecidas com essas? De onde tinham vindo? E se há semelhanças, certamente há singularidades: o que chamou a sua atenção no modo português de contar uma história tradicional? Um pouco mais para frente no tempo, foi escrito o livro *Branca Flor e outros contos*, por Ana de Castro Osório (1872 – 1935) e organizado pelo escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós. Depois de ler, você pode refletir ou propor ao seu grupo: o que chama a atenção na escrita de Ana de Castro Osório, Adolfo Coelho e Teófilo Braga?

Com vasta produção literária ao longo do século XX, ainda podemos encontrar os poetas Florbela Espanca, na antologia de poemas para a juventude, organizada por Denyse Cantuária; e Fernando Pessoa, no livro *Apetece-lhe Pessoa?* Antologia poética de Fernando Pessoa para ver e ouvir, com poemas gravados por José Jorge Letria (a essas alturas nosso grande conhecido) e Susana Ventura, oferecendo um

panorama variado sobre a literatura portuguesa atual e passada.

E por fim, com o nosso ciclo de leituras se fechando, ainda há a peça de um grande dramaturgo português, António Torrado (1939-2021), que escreveu o texto: *Atirem-se ao ar!* O que nunca ninguém contou em uma viagem histórica, sobre os primeiros pilotos corajosos a alcançar o Brasil por via aérea, vindos de Portugal.

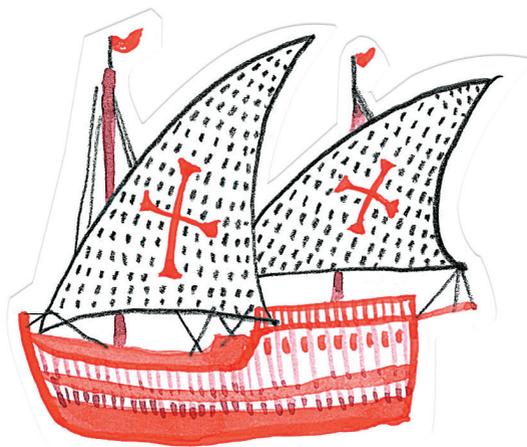
E assim terminamos a nossa viagem literária e digital, que também buscou aproximar, pelas letras, Brasil e Portugal.

Ao final dessa sequência de leituras, pode-se propor diferentes desdobramentos:

- Um mural virtual de indicações literárias com resenhas sobre os livros lidos;
- Um sarau com a leitura de poemas e trechos de livros;
- Uma antologia portuguesa, organizada com os textos preferidos da turma, refletindo sobre as características e a edição de uma antologia - como escolher os textos? O que há em comum, o que os relaciona?
- Outras leituras, buscando mais referências contemporâneas de autores portugueses, por exemplo, ampliando o repertório literário da turma.

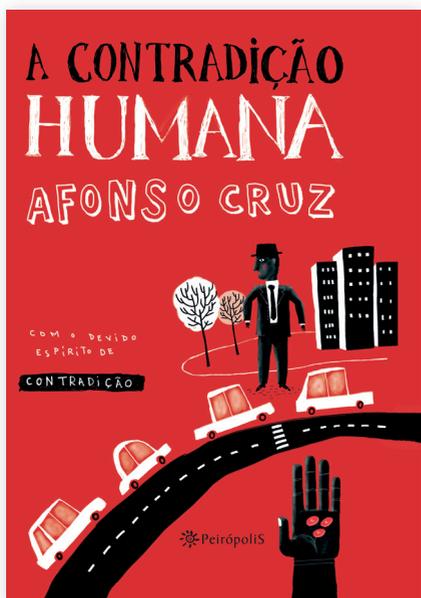
## Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.  
PESSOA, Fernando. *O livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.  
VELOSO, Caetano. *Letras* (org Eucanaã Ferraz). São Paulo: Companhia das Letras, 2022.  
VENTURA, Susana. *De onde vem o português?* São Paulo: Peirópolis, 2015.





Estante  
de Livros



Vencedor do Prémio SPA/RTP para melhor livro de literatura infantojuvenil de 2011 e selecionado para a exposição White Ravens (2011), este livro apresenta bravos domadores de leão que não domam o próprio medo de microscópicos micróbios, pessoas solitárias cercadas de “amigos”, entre outras incoerências de um mundo em que, contraditoriamente, todas as coisas estão ao avesso, embora permaneçam em seus lugares. Sericamente humorístico, o livro possui resolução plástica que se revela inovadora e impressionante ao folhear de uma página a outra. Divertido e questionador, esse livro é perfeito para leitores inquietos e curiosos a respeito de um mundo contraditório, onde nada que se espera é o que parece.

Livro editado com o apoio da DGLAB – Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, órgão do Ministério da Cultura de Portugal.

## A contradição humana

Afonso Cruz

*ilustrado por Afonso Cruz*

19 x 26 cm • 32 páginas • 2 cores •  
Capa dura • ISBN 978-85-7596-335-7

☆ Livro premiado!

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/a-contradicao-humana/>





## O pintor debaixo do lava-loiças

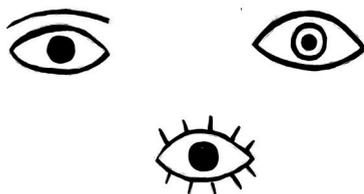
Afonso Cruz

ilustrado por Afonso Cruz

 14 x 21 cm • 180 páginas • 1 cor • ISBN 978-85-7596-373-9

 Livro digital ISBN 978-85-7596-429-3 (ePub) e 978-85-7596-443-9 (KF8)

 Livro premiado!



Esta história mistura fatos reais com a mais pura fantasia do escritor e artista multimeios português Afonso Cruz. O protagonista deste relato permeado de metáforas foi inspirado na vida dos avós do autor que, sim, esconderam um pintor judeu eslovaco que fugia do nazismo, embaixo da pia de sua casa.

Ao acompanhar a trajetória de Jozef Sors, Afonso Cruz constrói habilmente um novo romance de formação, investindo com fé e sensibilidade no poder transformador da literatura e possibilitando outros olhares sobre as relações entre o coletivo e o individual em meio ao ambiente de conflito e perseguição que marcou o século XX, com suas duas guerras mundiais.

Para oferecer mais autonomia de leitura, a editora preparou um glossário de palavras e expressões da língua portuguesa que têm uso diferente daquele a que estamos acostumados ou são pouco conhecidas no Brasil, além de alguns dados culturais.

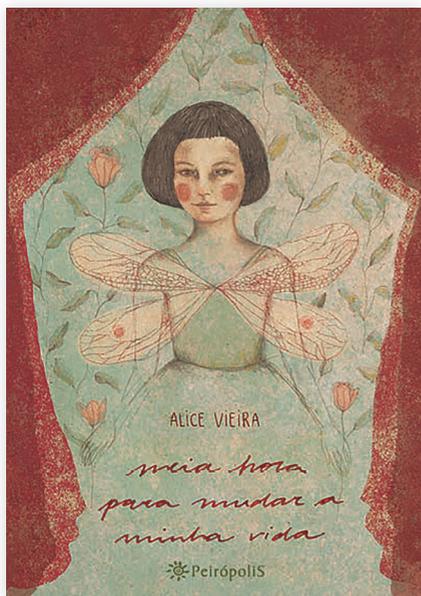
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeirópolis.com.br/produto/o-pintor-debaixo-do-lava-loiças/>





## Meia hora para mudar a minha vida

Alice Vieira

*ilustrado por Anna Cunha*

 14 x 21 cm • 160 páginas • 1 cor • ISBN 978-85-7596-361-6

 Livro digital ISBN 978-85-7596-562-7

 Livro premiado!

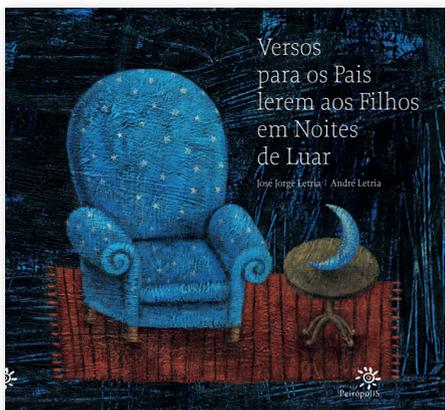
Neste livro acompanhamos a história de Branca, menina criada em um ambiente completamente diferente dos lares tradicionais, em meio aos artistas da “Feira” e de peças de Gil Vicente. Se Branca não vivia em um lar convencional, não lhe faltavam alegria, afeto e cuidado. Até que um dia tudo muda em sua vida e ela vai parar na casa de sua avó, figura ausente e sisuda. Seu processo de amadurecimento se dá em meio a perdas, saudades e encontros com outras possibilidades de existência. Neste processo, uma brasileira se torna figura crucial para a menina portuguesa.

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeirópolis.com.br/produto/meia-hora-para-mudar-a-minha-vida/>



## Versos para os pais lerem aos filhos em noites de luar

José Jorge Letria  
ilustrado por André Letria

 24 x 26 cm • 60 páginas • 4 cores • ISBN 978-85-7596-173-5

 Livro digital ISBN 978-85-7596-485-9 (KF8) e 978-85-7596-484-2 (ePUB)

☆ Livro premiado!

Esse é um livro de versos carregados de ternura e imaginação que pretende fazer a ponte entre pais e filhos, entre avós e netos, num tempo cada vez mais vazio de sonho e de afeto. Um livro que será lido com prazer pelos mais velhos para os mais novos, para incutir neles a paixão pela leitura. Um livro de todas as idades e para todas as idades que guarda em si, intacto, o tesouro da infância. Versos onde se cruza a lembrança do passado com o sabor do futuro. Um livro em que a poesia é vivida como um ato de amor. Para ler e recordar sempre. Livro editado com o apoio da DGLAB – Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, órgão do Ministério da Cultura de Portugal.

Livro editado com o apoio da DGLAB – Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, órgão do Ministério da Cultura de Portugal.

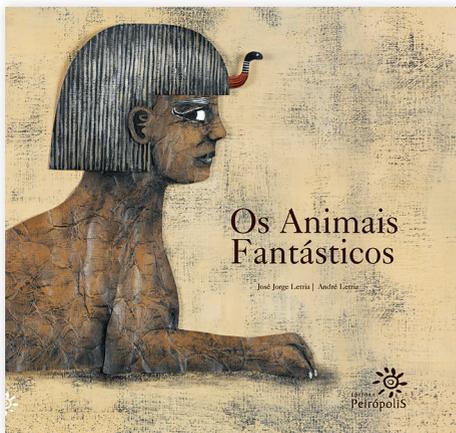
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiro-polis.com.br/produto/versos-para-os-pais-lerem-aos-filhos-em-noites-de-luar/>





## Os animais fantásticos

José Jorge Letria  
ilustrado por André Letria

 24 x 25 cm • 44 páginas • 4 cores • ISBN 978-85-7596-144-5

 Livro digital ISBN 978-85-7596-483-5 (KF8) e 978-85-7596-482-8 (ePUB)

☆ Livro premiado!

Neste livro, pai e filho constroem uma espécie de dicionário poético e imagético de animais que foram imaginados pelos seres humanos. Sem existência real, esses animais atravessaram séculos e continentes e seguem encantando crianças e adultos com suas características muitas vezes híbridas, sempre inusitadas, fantásticas e poderosas. Junto à beleza dos poemas o leitor encontrará as caprichadíssimas ilustrações de André, fazendo da experiência de leitura desse livro um verdadeiro encontro com a Arte.

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/os-animais-fantasticos/>





## Avô, conta outra vez

José Jorge Letria  
*ilustrado por André Letria*

 23,5 x 25,5 cm • 44 páginas • 4 cores  
• Capa dura • ISBN 978-85-7596-176-6

 Livro digital ISBN 978-85-7596-487-3  
(KF8) e 978-85-7596-486-6 (ePUB)

☆ Livro premiado!

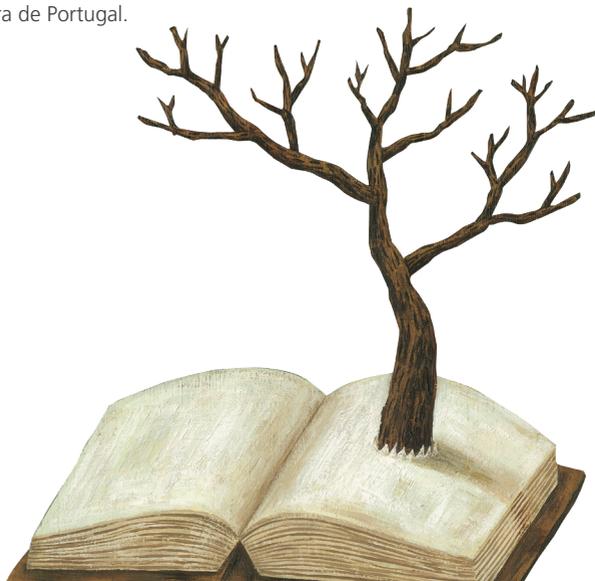
Que avô ou avó não deseja contar aos netos as histórias que permaneceram na memória da sua infância? Que neto não gosta de ouvir aquilo que os avós, com mais tempo e tranquilidade que os pais, têm para lhes contar? Esse livro de José Jorge Letria e André Letria, pai e filho com vasta obra já criada em parceria, celebra esses momentos mágicos que são os de partilha de memórias e de comunicação afetuosa entre os mais velhos e os mais novos, todos sem idade no momento da festa de contar e ouvir contar. Um livro para avós, pais e netos se lembrarem sempre do valor da palavra e da ternura que é capaz de unir gerações. Livro editado com o apoio da DGLAB – Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, órgão do Ministério da Cultura de Portugal.

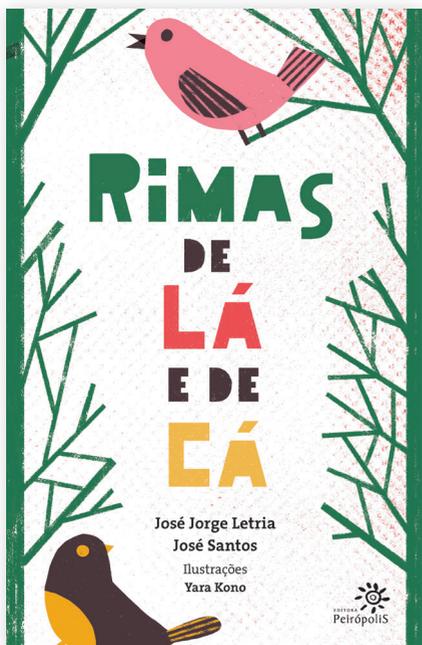
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/avo-conta-outra-vez/>





## Rimas de lá e de cá

José Jorge Letria, José Santos  
*ilustrado por Yara Kono*

 17,5 x 27,5 cm • 44 páginas • 4 cores  
• ISBN 978-85-7596-316-6

 Livro digital ISBN 978-85-7596-471-2  
(KF8) e 978-85-7596-470-5 (ePUB)

☆ Livro premiado!



Como um diálogo poético, dois Josés, um brasileiro e outro português, criam versos sobre as características de suas terras Brasil e Portugal. Quais são as músicas, as aves que gorjeiam aqui e lá, os peixes que nadam nas águas de lá, e os que encontramos nas águas daqui? O que se fala nos dois lugares, quais são as festas, as músicas, os autores de literatura, os monumentos? Enfim, tintim por tintim os dois Josés contam tudo sobre as suas terras, sua gente e sobre o que, ali e aqui, acontece.

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/rimas-de-la-e-de-ca/>





## O livro extravagante e outros poemas

José Jorge Letria, José Santos  
*ilustrado por Taisa Borges*

 17 x 27 cm • 48 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-85-7596-199-5

 Livro premiado!

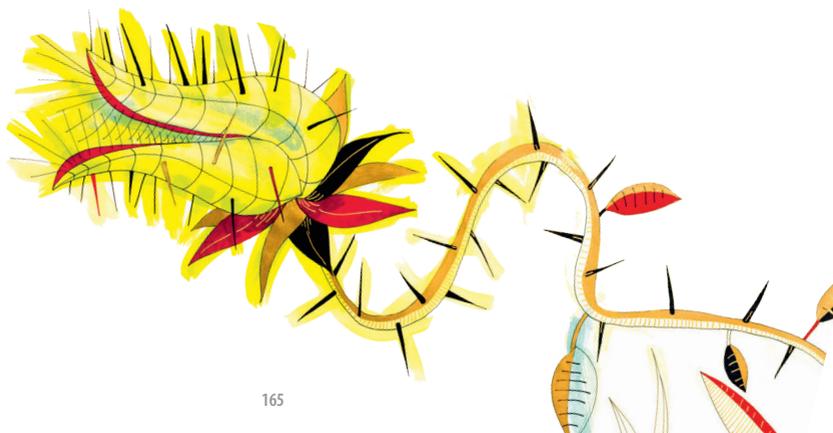
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeirópolis.com.br/produ-to/o-livro-extravagante-e-outros-poemas/>

A poesia de José Jorge Letria vem de longe para coçar nossos ouvidos, alegrar o coração e fazer sorrir. Um dos mais destacados nomes da literatura infantojuvenil em Portugal, ele nos presenteia com essa coletânea que é pura alegria. Livro foi editado com o apoio da DGLAB – Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, órgão do Ministério da Cultura de Portugal.





## Brincar com as palavras

José Jorge Letria  
ilustrado por Sílvia Amstalden

 20,5 x 22,5 cm • 50 páginas • 4 cores  
• ISBN 978-85-7596-255-8

 Livro digital ISBN 978-85-7596-436-1  
(KF8) e 978-85-7596-422-4 (ePUB)

☆ Livro premiado!

*Brincar com as palavras* é uma obra única: o texto de alta voltagem poética de José Jorge Letria encontra o trabalho da artista plástica rara que é Sílvia Amstalden. O projeto gráfico é belo, intrigante e inovador. O “brincar” com o alfabeto criado pela artista para essa obra espelha e amplia o texto de Letria, instigando os leitores a brincar com palavras e imagens.

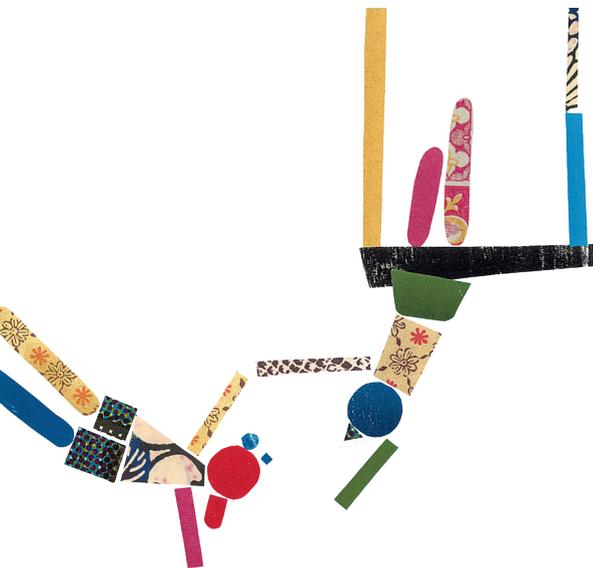
Livro editado com o apoio da DGLAB – Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, órgão do Ministério da Cultura de Portugal.

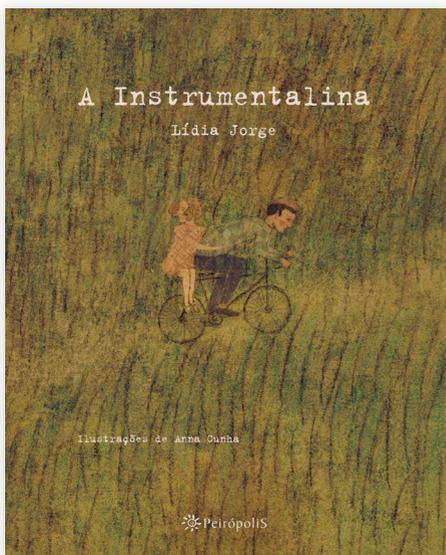
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/producao/o-livro-extravagante-e-outros-poemas/>





## A instrumentalina

Lídia Jorge

*ilustrado por Anna Cunha*

 18,5 x 23 cm • 48 páginas • 4 cores • ISBN 978-85-7596-372-2

 Livro digital ISBN 9788575964446 (KF8) e 9788575964316 (ePUB)

 Livro premiado!

Neste livro, Lídia Jorge constrói uma história a partir das memórias de uma menina e os tempos passados na casa de seu avô: um homem bastante severo, que não aceitava o jeito de ser do tio, alma livre, que se locomovia para todo o canto em sua instrumentalina. A menina, encantada pelo tio, descobre a cruieza de seu avô e dos tempos de sua infância, quando ser diferente era sinônimo de inadequação e retaliação. Descobre também que as pessoas podem escolher seguir seus caminhos, como o tio em sua fuga. Já adulta, a menina refaz o tempo vivido enquanto espera o reencontro com o tio nunca mais visto.

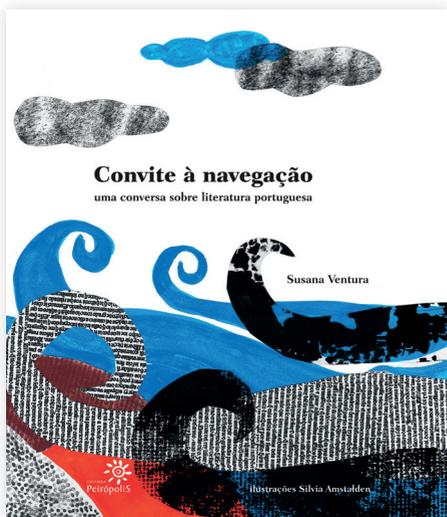
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/a-instrumentalina/>





## Convite à navegação

Susana Ventura

ilustrado por Sílvia Amstalden

19 x 24 cm • 128 páginas • 2 cores •  
ISBN 978-85-7596-253-4

Livro digital ISBN 978-85-7596-263-3  
(ePUB)

☆ Livro premiado!

*Convite à navegação* é uma conversa sobre a literatura portuguesa de suas origens, que se mesclam à história da Península Ibérica até 1580, ano da morte de Luís de Camões. O texto é construído de maneira a tecer laçadas em direção ao presente, perspectivando autores como Fernando Pessoa e José Saramago, herdeiros da rica literatura portuguesa que começou a ser construída no século XII.

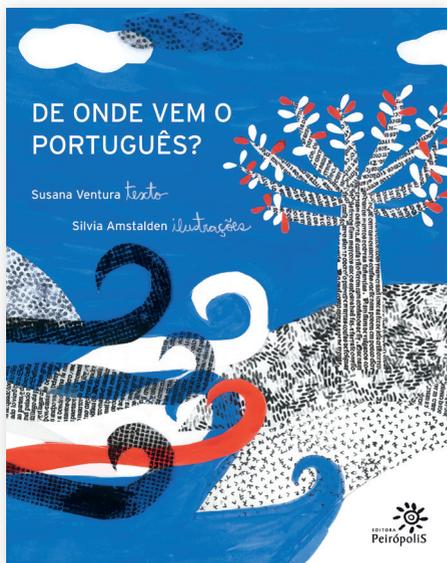
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/convite-a-navegacao/>





## De onde vem o português?

Susana Ventura  
ilustrado por Sílvia Amstalden

📖 19 x 24 cm • 48 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-85-7596-344-9

📱 Livro digital ISBN 978-85-7596-263-3  
(ePUB)

☆ Livro premiado!

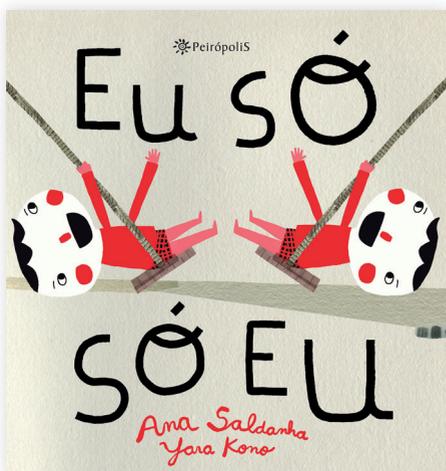
Quem nunca se perguntou de onde vem o Português, a quinta língua mais falada no mundo? Neste livro de Susana Ventura, o pequeno leitor é convidado a navegar pelas origens da Língua Portuguesa, dos castelos medievais na Península Ibérica às terras além-mar. *De onde vem o Português?* traz à tona as mudanças pelas quais a nossa língua-mãe passou até tornar-se o idioma adotado por você e por mim, exercitado com suas diferenças em nove países e compartilhado por cerca de 250 milhões de pessoas. Em letra bastão.

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



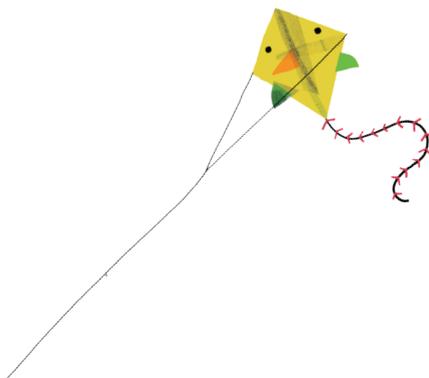
<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/de-onde-vem-o-portugues/>



## Eu só só eu

Ana Saldanha  
*ilustrado por Yara Kono*

 24,5 x 24,5 cm • 36 páginas • 4 cores •  
Capa dura • ISBN 978-85-7596-336-4



Era uma vez uma criança que tinha tudo só para ela: pai, “abraço exclusivo”, quarto, jardim, o livro mais bonito... Que bom? Que mau? Vamos descobrir juntos? Livro editado com o apoio da DGLAB – Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, órgão do Ministério da Cultura de Portugal.

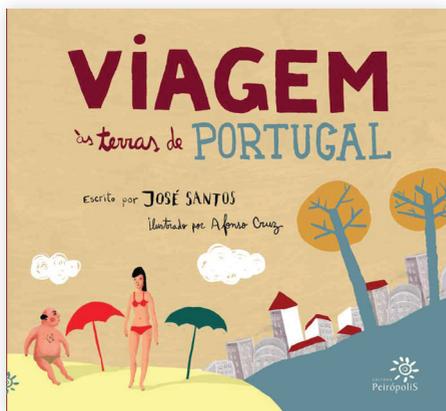
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/eu-so-so-eu/>





## Viagem às terras de Portugal

José Santos

*ilustrado por Afonso Cruz*

22,5 x 25 cm • 52 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-85-7596-240-4

Livro digital ISBN 978-85-7596-473-6  
(KF8) e 978-85-7596-472-9 (ePUB)

☆ Livro premiado!

Foi pra Portugal, perdeu o lugar. Errou!! Numa viagem a Portugal, a gente só tem a ganhar: se diverte com os novos significados para as mesmas palavras, deita gostoso no berço da língua-mãe, conhece a terra dos nossos avós. E, de quebra, ganha amigos que moram do outro lado do oceano, mas falam a mesma língua que nós!

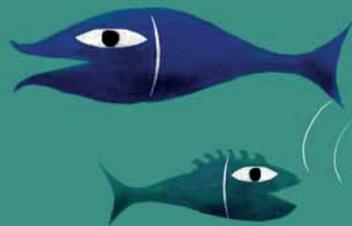
Livro editado com o apoio da DGLAB – Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, órgão do Ministério da Cultura de Portugal.

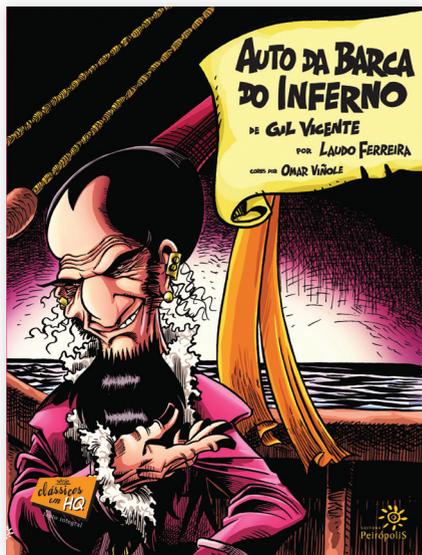
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiro-polis.com.br/produto/viagem-as-terras-de-portugal/>





## Auto da barca do inferno em quadrinhos

Gil Vicente

ilustrado por Laudo Ferreira

 20,5 x 27 cm • 56 páginas • 4 cores • ISBN 978-85-7596-208-4

 Livro digital ISBN 978-85-7596-399-9 (KF8) e 978-85-7596-383-8 (ePUB)

☆ Livro premiado!

Estima-se que Gil Vicente tenha nascido por volta de 1465, mas sua estreia como dramaturgo e também ator se deu em 1502, com o Monólogo do vaqueiro, apresentado nos aposentos de D. Maria, esposa de D. Manuel, por ocasião do nascimento daquele que seria o Rei D. João III.

Grande clássico da literatura em língua portuguesa, o *Auto da barca do inferno*, de Gil Vicente, é tido como um reflexo da mudança dos tempos, trazendo ao leitor contemporâneo o espírito da passagem da Idade Média para o Renascimento. Nesse álbum, o quadrinista Laudo Ferreira retrata com fidelidade esse período marcado por grandes questionamentos sobre as balizas que até então regiam a vida social. Livro editado com o apoio da DGLAB — Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, órgão do Ministério da Cultura de Portugal.

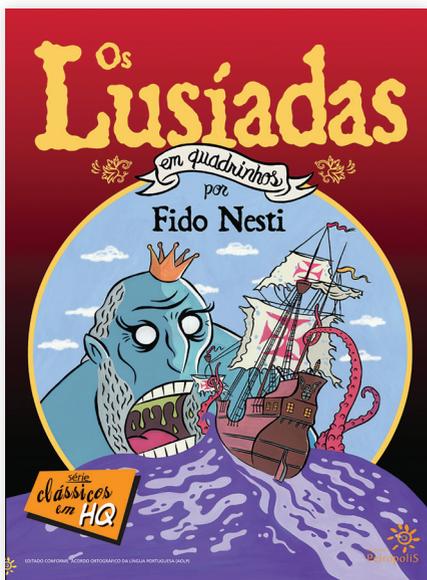
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/auto-da-barca-do-inferno-em-quadrinhos/>





## Os Lusíadas em quadrinhos

Luís de Camões

ilustrado por Fido Nesti

 20,5 x 27 cm • 48 páginas • 4 cores • ISBN 978-85-7596-073-8

 Livro digital ISBN 978-85-7596-399-9 (KF8) e 978-85-7596-383-8 (ePUB)

 Livro premiado!

Um dos grandes poemas épicos do ocidente e obra máxima da língua portuguesa, *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, recebeu sua versão em HQ por meio do traço marcante do cartunista Fido Nesti, que também foi o responsável pela escolha dos episódios. Nessa obra é o próprio Camões quem guia o leitor numa viagem literária. Nela será possível encontrar Vasco da Gama, Inês de Castro, o Velho do Restelo e a paradisíaca Ilha dos Amores, regida por vários dos deuses da mitologia. A profusão de cores, a caracterização marcada das personagens épicas e, em contraponto, a delicadeza conferida aos detalhes fazem desse trabalho uma leitura antológica sobre uma obra clássica da literatura europeia. A adaptação realizada por Fido Nesti é exemplo fundamental de releitura e coexistência entre linguagens aparentemente inconciliáveis. Livro editado com o apoio da DGLAB – Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, órgão do Ministério da Cultura de Portugal.

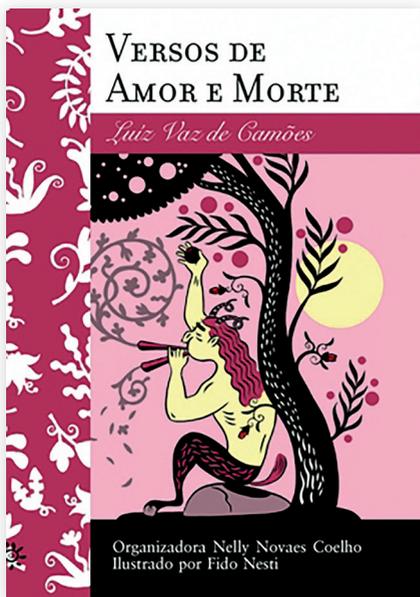
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/os-lusíadas-em-quadrinhos/>





## Versos de amor e morte

Luís Vaz de Camões

Organização, notas e texto de apresentação  
de Nelly Novaes Coelho  
ilustrado por Fido Nesti

 13 x 18 cm • 88 páginas • 1 cor •  
ISBN 978-85-7596-080-6

 Livro digital ISBN 978-85-7596-515-3  
(ePUB)

☆ Livro premiado!

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre  
essa obra, acesse o site através do QR  
code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/versos-de-amor-e-morte/>

*Versos de amor e morte* é uma antologia dedicada aos poemas de Luís de Camões, editada em formato “bolso” para expandir a abordagem iniciada com a obra do autor em quadrinhos. A seleção dos sonetos feita pela crítica Nelly Novaes Coelho apresenta aguçadas leituras de cada um dos textos, dividida em sete categorias temáticas.

Trata-se de um trabalho impressionante de resgate da composição e da lírica camoniana com atenção especial aos temas que mais mobilizam o homem: o amor e a morte. Livro editado com o apoio da DGLAB – Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, órgão do Ministério da Cultura de Portugal.





## Dez contos do além-mar

Adolfo Coelho e Teófilo Braga  
*Organização de Ana Carolina Carvalho  
ilustrado por Taisa Borges*

 17 x 24 cm • 48 páginas • 4 cores • ISBN 978-85-7596-197-1

 Livro digital ISBN 978-85-7596-436-1 (KF8) e 978-85-7596-422-4 (ePUB)

 Livro premiado!

### Para saber mais

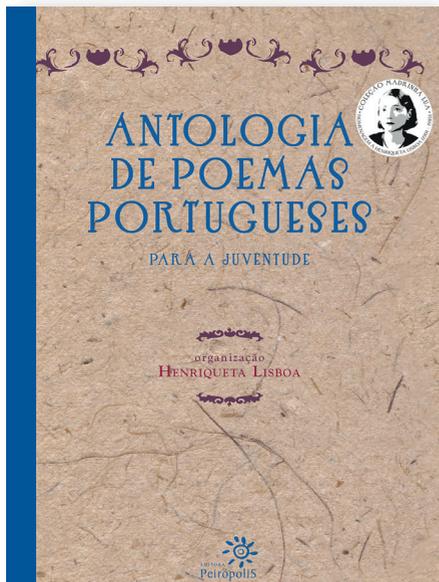
Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/dez-contos-do-alem-mar/>

Em 1867, Teófilo Braga comparou a edição de seu livro a uma garrafa jogada ao mar, com o objetivo de marcar e difundir a existência do povo português. Quase 150 anos depois, Ana Carolina Carvalho a recolhe, junto com outros contos de Adolfo Coelho, e lança sua garrafa, uma antologia de antigas histórias populares. Com essa garrafa em mãos, faz-se possível uma viagem para o além-mar, pelos caminhos da literatura oral e escrita, pela história e cultura dos nossos antepassados – que conduzem à língua portuguesa, nossa língua-mãe, e a nós mesmos. O João Grilo, a Linda Branca, a Raposa, o Pedro de Malas Artes, o João Pequenito e até a Comadre Morte aparecem nessas histórias, que cruzaram o oceano e os séculos só para o leitor brasileiro descobrir um pouco mais sobre si mesmo e sua cultura, na voz dos antepassados. Livro editado com o apoio da DGLAB – Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, órgão do Ministério da Cultura de Portugal.





## Antologia de poemas portugueses para a juventude

Organização de Henriqueta Lisboa  
*ilustrado por Taisa Borges*

 19 x 26 cm • 64 páginas • 1 cor •  
ISBN 978-85-7596-030-1

☆ Livro premiado!

Organizada pela mineira modernista Henriqueta Lisboa, uma das maiores poetisas brasileiras, com prefácio de Bartolomeu Campos de Queirós, essa antologia contempla poemas do além-mar. Dos clássicos aos modernos, você vai encontrar aqui Antônio Nobre, Luís de Camões, Fernando Pessoa, Almeida Garrett e muitos outros – vozes poéticas escolhidas por Henriqueta para falar aos ouvidos dos jovens leitores brasileiros que, juntas, compõem paisagem de incrível beleza, em que o que se apreende é a essência da poesia e da língua portuguesa. Livro editado com o apoio da DGLAB – Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, órgão do Ministério da Cultura de Portugal.



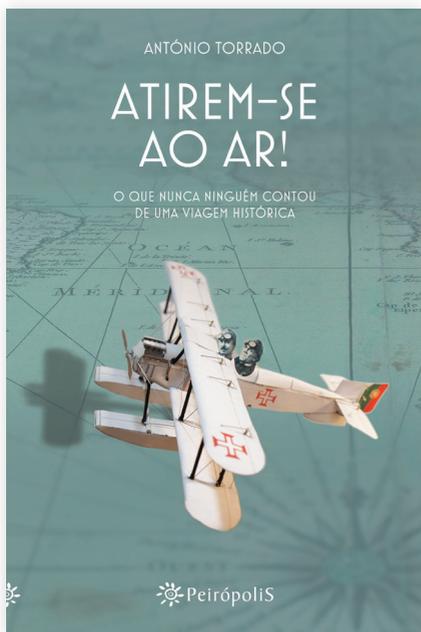
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editorapeirópolis.com.br/produto/antologia-de-poemas-portugueses-para-a-juventude/>





## Atirem-se ao ar!

António Torrado

 14 x 21 cm • 184 páginas • 1 cor • ISBN 978-85-7596-369-2

 Livro digital ISBN 9788575965351 (ePUB)

Como um avião, tão mais pesado que o ar, pode vencer o balão, tão menos pesado que o ar, e conquistar os céus, frequentados apenas pelos passarinhos? Essas e outras perguntas encafifavam o dr. Hélio Dantas, incansável inimigo de dois heróis reais: Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Foram eles os primeiros a alcançar o Brasil por via aérea, vindos de Portugal. Por pouco e por culpa das tropelias do dr. Hélio não ficavam pelo caminho, mas os dois valentes tudo venceram para, depois, muito se rirem dos acidentes da viagem. Riem eles e ri o leitor ao longo dessa peça teatral de autoria de uma das grandes expressões da literatura para crianças e jovens em língua portuguesa.

Livro editado com o apoio da DGLAB – Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, órgão do Ministério da Cultura de Portugal.

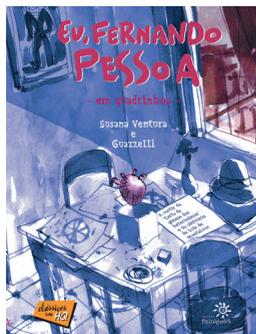
### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



<https://www.editora-peirópolis.com.br/produto/atirem-se-ao-ar/>

## Conheça mais livros que fazem essa ponte!



Baixe o catálogo completo pelo QR Code ou pelo endereço eletrônico: <https://www.editora-peiropolis.com.br/Catalogo-Literatura-Portuguesa-2022-Peiropolis.pdf>

Somos brasileiros e a língua portuguesa está conosco todas as horas do dia e da noite: sonhamos, pensamos, falamos, lemos e escrevemos em português, expressamos nossos sentimentos em português. Com a língua portuguesa tecemos o nosso dia a dia.

Ao longo dos anos, a Peirópolis vem construindo com entusiasmo um catálogo de literatura portuguesa com muitas descobertas culturais e linguísticas que nos lembra similaridades insuspeitadas entre um país e outro que falam a mesma língua.



# Narrar histórias na escola?

Sim, faz todo o sentido para todas as idades

Ana Carolina Carvalho

A afirmação de que a escola é lugar de leitura não causa nenhum estranhamento. Afinal, é exatamente isso uma das coisas que esperamos que essa instituição promova: a formação de leitores autônomos, críticos e plenos, ou seja, leitores que circulem por diferentes gêneros textuais, compreendendo seus diversos usos, práticas e funções sociais, estabelecendo relações a partir das leituras: com sua vida, o mundo, outros textos. Assim, as histórias lidas costumam ser valorizadas e ter seu espaço garantido na escola.

## Mas... E a narração de histórias?

Elas também são importantes na escola? Se sim, por quê? E são pertinentes a todas as etapas da educação básica? Ou apenas para aqueles que ainda não leem de forma convencional e autônoma? Muitas vezes, ouvimos afirmações do tipo:

- “Para as crianças pequenas, é melhor contar histórias do que ler. Afinal, dessa forma, elas compreendem melhor o enredo e prestam mais atenção”.
- “Depois que aprendem a ler, é importante que o façam sozinhos, para treinar as habilidades de leitura e, também, para que exerçam a leitura como acontece na vida: silenciosamente e de forma solitária”.

Em relação à primeira afirmativa, consideramos que ler e contar são ações distintas e envolvem diferentes aprendizagens para as crianças, que certamente não se restringem à compreensão da história.

## O que está em jogo nas duas situações?

Ao ler uma história para as crianças, elas entram em contato com a linguagem escrita, que se estrutura de modo muito diverso da linguagem falada, utilizando diferentes expressões e construções. Além disso, ao ouvir uma história lida, as crianças aprendem a reconhecer o estilo de um autor ou autora, o modo como ele ou ela combinou as palavras para que gerem efeitos estéticos no leitor, ou seja: as crianças entram em contato com a beleza da linguagem escrita, podendo fruí-la esteticamente. As crianças aprendem que a língua escrita é estável – não importando quem lê e quando lê – o texto é sempre o mesmo. E ainda, no caso dos livros ilustrados, as crianças aprendem a construir sentidos a partir da inter-relação entre diferentes narrativas, a textual e a visual. Por último, mas não menos importante, ao acompanhar a leitura em voz alta pelo adulto ou outro leitor mais experiente, as crianças podem aprender os comportamentos leitores, que são as ações que fazemos quando lemos (conversar, voltar ao texto para verificar o que se compreendeu, pular o que não interessa etc).

E no caso da narração oral de histórias, o que as crianças podem aprender? Em primeiro lugar, que a língua oral é maleável às circunstâncias, ou seja, eu não conto uma história sempre do mesmo jeito, sou afetado pelo público, pelo momento (por mais que tenha ensaiado e me preparado). As crianças também entram em contato com um patrimônio oral e imaterial: as histórias passadas de boca em boca, e compreendem que o conhecimento não está apenas nos livros, mas naquilo que as pessoas sabem de memória. Além

disso, vão aprendendo que há muitos jeitos diferentes de contar uma história, há expressões mais comuns a certos contadores, e ainda que guardem muitas semelhanças, cada um tem o seu jeito de contar, de se relacionar com o público e com a história. Finalmente, as crianças aprendem a imaginar aquilo que escutam, criando mentalmente os cenários, as personagens.

E quanto à compreensão? Essa é uma questão... Será que todos precisamos entender da mesma maneira as histórias lidas e contadas? Nós mesmos não vamos compreendendo um mesmo enredo de modos diferentes ao longo da vida? Pois então, uma boa história bem lida e bem contada vai percorrer diferentes caminhos entre aqueles que entram em contato com ela. E essa é a beleza da experiência com a literatura, seja escrita ou oral.

Quantas aprendizagens essas situações de contato com as histórias podem nos dar!

Até aqui, focamos mais nas crianças menores, embora essas aprendizagens perdurem ao longo da escolaridade. Mas, o que dizer da narração de histórias entre aqueles que já sabem ler por conta própria? Anteriormente, vimos que as aprendizagens envolvidas na leitura e na narração são bem diferentes, certo? Uma experiência não substitui a outra. Portanto, faz todo o sentido seguir com as duas modalidades. Mas, e quando os jovens estudantes já compreenderam as diferenças entre elas? Quando já reconhecem a linguagem oral é maleável e diversa da linguagem escrita, por exemplo?

## **Quais seriam as outras aprendizagens e experiências que a narração de histórias poderia proporcionar aos jovens estudantes?**

Para tentar responder a essas questões, vamos pensar um pouco sobre o mundo em que vivemos? Um mundo permeado pela agilidade,

pela sobreposição de informações que se sucedem dia a dia ou hora a hora, pelo excesso de opiniões rapidamente construídas, pelo fazer automatizado, pela profusão de imagens que nos assolam, muitas vezes estereotipadas.

Diante desse contexto contemporâneo, a proposta de se compartilhar histórias narradas pode significar uma parada.

Parar para ouvir o outro e o seu jeito de contar. Parar para escolher o que cada contador vai narrar. Parar para perceber a reação dos outros diante de uma história. Parar para refletir sobre a vida, sobre o mundo em que vivemos e como aquela história se relaciona com o momento de cada um. Parar para construir sentidos pessoais. Parar para imaginar cenários, personagens, outros tempos e mundos, diferentes dos nossos. Parar para fantasiar.

Ademais disso tudo, ao ouvir uma história contada, vivemos uma experiência de encontro, muito diferente do que experimentamos em nosso cotidiano. Estar diante do outro de um jeito renovado, por meio do encontro com o outro e seu modo muito próprio de contar, e com o enredo, com o mistério que é a vida, com a complexidade do humano.

Quantas coisas se passam dentro da gente quando ouvimos uma história!

Além disso, também podemos aprender a nos narrar melhor e, portanto, a nos conhecer melhor.

E tudo isso faz parte do que precisa acontecer na escola? Claro que sim! A escola é o lugar em que todas essas experiências precisam acontecer. Muitas delas, e claro, as aprendizagens que proporcionam e que estão, inclusive, previstas na BNCC. Vamos ver como esse documento pode dialogar com o que estamos falando?

Algumas competências específicas da BNCC (destacamos duas por aqui – a número 1 e a número 5) para a área de linguagens do Ensino Fundamental envolvem:

- compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de



natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais;

- desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Além disso, tudo o que estamos abordando também dialoga com alguns objetivos, ligados ao eixo da oralidade. Em se tratando da “consideração e reflexão sobre as condições de produção dos textos orais que regem a circulação de diferentes gêneros nas diferentes mídias e campos de atividade humana”, espera-se que os estudantes possam:

- refletir sobre diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos orais e sobre as diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam, incluindo-se aí a multimodalidade e a multisssemiose;
- conhecer e refletir sobre as tradições orais e seus gêneros, considerando-se as práticas sociais em que tais textos surgem e se perpetuam, bem como os sentidos que geram.

Para os anos iniciais do EF, ainda destacamos algumas habilidades previstas na BNCC:

#### **Do 1º ao 5º ano**

(EF15LP19) Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor.

#### **Para o 3º ano**

(EF03LP27) Recitar cordel e cantar repentes e emboladas, observando as rimas e obedecendo ao ritmo e à melodia.

#### **Do 3º ao 5º ano**

(EF35LP11) Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou em diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos.

(EF35LP28) Declamar poemas, com entonação, postura e interpretação adequadas.

#### **Do 6º ao 9º ano**

(EF69LP53) – (...) contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de audiobooks de textos literários diversos ou de *podcasts* de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais (...).

# Abrindo outras janelas

## Propostas e espaços para a narração na escola

### Contar histórias é protagonizar uma cena

Atualmente não se pensa mais o estudante como um receptor de um conhecimento pré-estabelecido. Conhecer e aprender são experiências que supõem uma interação ativa com o conhecimento, que supõem estar em ação, participando de práticas sociais que dão sentido ao conteúdo com o qual entramos em contato.

Quando pensamos, por exemplo, na formação do leitor e daquele que faz uso da linguagem para se comunicar oralmente por escrito é preciso garantir que possa participar de situações que envolvem o contato com a linguagem, concebendo que ele não é apenas leitor, mas também ouvinte/consumidor/produzidor. Isso significa considerar, portanto, que o jovem, ao ser formado como ser que usufrui de práticas sociais de linguagem, necessita percorrer toda a cadeia que envolve o texto. Isso também significa que é preciso colocá-lo no centro do processo, como autor, como protagonista daquela prática. É preciso que se dê voz e autoria.

### E por que isso é tão importante, afinal?

### Quais são os conhecimentos envolvidos quando o jovem ocupa esse lugar?

Ao participar ativamente de práticas que dão sentido à linguagem, os estudantes entendem melhor a função dos textos, para que eles servem, como circulam, quais são seus alcances, como são produzidos.

No caso específico da narração de histórias, há muitas aprendizagens envolvidas:

- Maior compreensão acerca do lugar que as histórias ocupam, e ainda ocupam, para os seres humanos: um lugar de transcendência em relação à realidade concreta, abrindo espaço para a fantasia e a ficção, algo tão fundamental para que possamos criar coisas no mundo e, portanto, fazer nascer novos mundos.
- Ampliação de repertório diverso de histórias de origem oral ou de histórias autorais cuja fonte foram as narrativas orais.
- Apropriação dos processos de escolha da história que se vai narrar.
- Aprofundamento da relação com aquela narrativa escolhida, refletindo sobre os sentidos que ela tem para cada narrador.
- Maior autoria narrativa – como cada um escolhe contar aquela história.
- Alargamento da escuta – da história e do grupo para o qual se vai contar.
- Desenvolvimento da conversa sobre a história narrada.

### Possíveis diálogos com os livros

Dentre os títulos que apresentam narrativas orais, há dois que podem conversar mais diretamente com esse lugar de autoria dos jovens: *À sombra da mangueira* e *Mesma nova história*. Vamos ver como esses livros combinam muito bem com esses objetivos?

- Para conhecer vozes de outros jovens contadores e se aventurar na narração de histórias: *À sombra da mangueira*. Neste

- livro, os jovens ocupam lugar central. Suas histórias podem ser lidas no livro e suas vozes ouvidas nos áudios, com acesso via QR code. A partir da leitura e da escuta, pode-se propor que os estudantes gravem e compartilhem suas histórias (narrativas orais a partir de pesquisas, histórias de autoria dos estudantes, com base no modo de narrar dos contos tradicionais). As gravações podem fazer parte de uma coleção de *podcasts*, compartilhada em plataforma, por exemplo, ou em redes sociais, como grupos de *WhatsApp* ou semelhantes.
- Para refletir sobre as diferentes versões de uma mesma história: *Mesma nova história*. A antiga expressão “quem conta um conto aumenta um ponto” faz todo o sentido no caso das narrações orais. Em alguns casos, não se trata de aumentar um ponto, mas trocar expressões, mudar um pouco o enredo, trazer elementos que dialoguem com o contexto atual. Enfim, voltamos aqui à ideia de que as histórias narradas oralmente são muito mais permeáveis às circunstâncias. Como exemplo, pode-se citar o livro *Mesma nova história*, de Everson Bertucci, Mafuane Oliveira e João Paulo Vaz, e explorar as diferentes maneiras de contar e de versões que surgiram com cada narrador e sua linguagem.

No caso deste livro, o leitor encontrará contribuições diversas: Everson escreveu a história, Mafuane a contou oralmente e João Paulo a ilustrou, narrando a seu modo. Como cada autor apresenta seu olhar para o mesmo enredo? O que as imagens nos contam sobre a história? Como Mafuane apropriou-se da história, ao contá-la oralmente? Em que medida as narrativas se aproximam ou se afastam, apresentando semelhanças e diferenças?

É possível, em trio, criar três diferentes linguagens para uma mesma história? Pode-se propor uma ação como essa aos estudantes, dividindo-os em trios.

- Para apropriar-se do modo tradicional de narrar histórias, criando enredos que dialogam com nossa realidade: *Ah... Nisso eu não tinha pensado!* Há algumas fórmulas muito comuns nas histórias tradicionais e que, ao longo da escolaridade, espera-se que os estudantes já tenham se apropriado. Alguns aspectos que podem ser citados são a repetição e a acumulação. Em geral, as histórias com acumulação apresentam um evento desencadeador da narrativa, e a partir daí, a história é contada de maneira repetitiva. Uma mesma ação vai sendo realizada por personagens diferentes, e a repetição de um mesmo acontecimento se dá por acumulação. Surge um personagem que não consegue resolver o conflito central da história, e então vem outro, que também não consegue, e assim vai, até que finalmente se resolva a questão. Essa forma de organização do enredo pode ser vista no livro *Ah... Nisso eu não tinha pensado!* que explora temas muito atuais: especulação imobiliária nas grandes cidades, a falta de cuidado com pessoas mais velhas e a resolução pela solidariedade. Buscando exercitar-se nesse modo tradicional de narrar, mas também exercendo a autoria, pode-se propor que os estudantes criem seu próprios enredos, a partir de contextos ou conflitos contemporâneos.

## Olhares para o percurso de quem conta histórias

Não precisa ser performático, não precisa fantasiar-se e nem montar um cenário. Narrar uma história deveria fazer parte do cotidiano da escola, deveria ser espaço permanente de encontro entre estudantes, educadores e toda a comunidade escolar. Já pensou se pudéssemos parar todo dia para ouvir ou contar uma história? Ou pelo menos alguns dias por semana? Certamente isso estreitaria os laços entre todos, exercitaríamos mais a arte da escuta e,

portanto, a empatia. O mundo anda muito precisado dessas coisas.

É tão simples e tão importante, que deveríamos nos perguntar: por que não pensamos nisso antes? Pois é. Mas, se não pensamos, está na hora de começar a pensar e colocar em prática. E para que a narração de histórias passe a habitar com mais frequência o espaço escolar – ou qualquer outro espaço educativo, podemos pensar numa sequência de ações:

- Conhecer narradores e suas formas de narrar – ouvir muitas histórias e ir se aproximando das muitas maneiras de contar uma história.
- Lembrar de histórias ouvidas na infância ou em outras ocasiões da vida – o que encantava naquela narrativa e no jeito que me foi contada.
- Ler muitas histórias de origem oral e exercitar-se na narração – como posso contar oralmente uma história lida.

#### Possíveis diálogos com livros

- No livro *Antigamente era assim*, temos não apenas exemplos de como se contar histórias, mas também reflexões sobre os caminhos de cada contadora/o. Para além do texto existente no livro, é interessante consultar os áudios gravados (via QR code) pelos contadores de histórias. A partir da leitura e escuta, pode-se refletir:
  - O que chama a atenção nas histórias dos contadores?
  - Há algo em comum no processo de formação de todos eles? Como cada um se relaciona com seu ofício, preparando-se para contar histórias?
  - Com qual ou quais narrativas você se identifica mais? Por quê?

Para ir além nas reflexões sobre a arte de narrar histórias – um passeio por diferentes vídeos:

#### Para saber mais

A pedagoga, contadora e escritora Mafuane Oliveira reflete sobre a arte de narrar histórias



<https://www.youtube.com/watch?v=GjvO672eHpU&feature=youtu.be>

#### Para saber mais

Regina Machado conta sobre sua relação com a arte de narrar histórias



<https://www.youtube.com/watch?v=uUsc6RH5AaY>

#### Para saber mais

Série Histórias de Contador – realização Itaú Cultural e Boca do Céu



[https://www.youtube.com/playlist?list=PLaV4c-VMp\\_odvboujO8WL5zKR-0WNNgYJy](https://www.youtube.com/playlist?list=PLaV4c-VMp_odvboujO8WL5zKR-0WNNgYJy)



# O que mais?

## Sarau de Narração

Para além de contar histórias de forma mais permanente, é possível é desejável, organizar outras práticas sociais que envolvem a narração de histórias como, por exemplo, um sarau. Desta forma pode-se ampliar não só o número de participantes, como misturar diferentes faixas etárias e públicos – um sarau aberto para a comunidade, um sarau on-line aberto ao público em geral, entre outras formas.

Embora possam entrar variados gêneros em um sarau e este tipo de proposta fala circular com frequência a poesia, os textos de origem oral, por terem circulado bastante em encontros, apresentações e trocas entre contadores de histórias e o público, combinam muito com tal prática.

Na estante de livros, apresentamos uma série de títulos que podem funcionar muito bem em um sarau.

### Será que o sarau faz parte do repertório de todos?

Ultimamente os saraus andaram em voga novamente. Muitos espaços culturais aderiram a essa prática antiquíssima, atraindo um público cada vez maior. Nos últimos anos, inclusive, alguns eventos desse tipo ficaram bastante popularizados em diversas regiões do país. Na cidade de São Paulo, por exemplo, ganhou notoriedade o Sarau da Cooperifa, realizado no bar do Zé Batidão, na zona sul da cidade. O sarau foi responsável por lançar vários escritores e poetas, dando voz a muitos talentos, sobretudo por juntar muitas pessoas daquela comunidade em torno da poesia e da literatura, aproximando-as

dessa forma de arte. No caso do Sarau da Cooperifa, a “poesia desceu do pedestal para beijar os pés da comunidade”.

Será que na sua região há algum sarau que se firmou nos últimos tempos? Faça uma pesquisa. Pergunte também aos estudantes se eles sabem o que é um sarau, se já frequentaram algum.

Caso esse tipo de evento seja desconhecido da maioria, pode-se fazer uma pesquisa com o grupo sobre as origens do sarau, de onde veio esse nome e porque se convencionou chamar assim. Para ampliar as referências, pode-se consultar a revista on-line *Arara*.

Você sabe o que é sarau?



<https://arararevista.com/voce-sabe-o-que-e-sarau/>

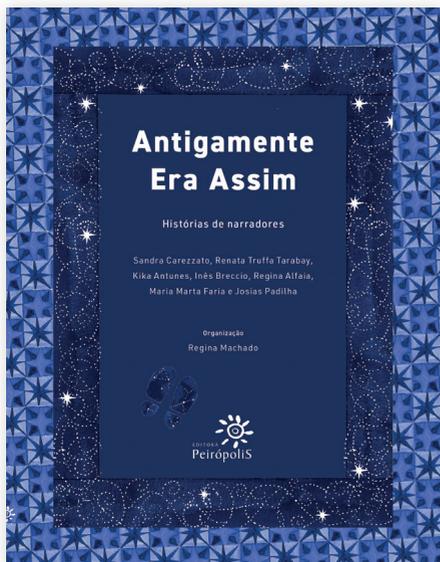
### Sarau presencial ou on-line?

Depois da pandemia, essa é uma questão que sempre nos colocaremos quando planejarmos uma ação coletiva. Embora nos tenha limitado as ações presenciais, o isolamento social nos trouxe outras possibilidades de formato que permitem não só atingir outros públicos, mas também incluir novas ferramentas e, portanto, novas aprendizagens para os envolvidos. Aliás, é fundamental que os estudantes se envolvam de diferentes maneiras na organização do sarau – desde o seu planejamento até a divulgação e participação.

No sarau a distância, pode-se lançar mão do uso de vídeos com narrações de histórias e *podcasts*, mesmo se o encontro for síncrono.



Estante  
de Livros



## Antigamente era assim: histórias de narradores

Regina Machado (Org.)  
ilustrado por Lucas Lopes

 18 x 23 cm • 176 páginas • 1 cor •  
ISBN 978-65-5931-114-9

 Livro digital ISBN 978-65-5931-115-6

 Ouça as narrações no site

*Antigamente era assim*: alguém parava para contar, outros paravam para ouvir.

Não é livro para ensinar como se faz. “Ninguém ensina ninguém a contar histórias”, escreve Regina Machado, organizadora do livro. Contar histórias envolve um profundo processo de encontro consigo mesmo, com as raízes, os porquês, as vontades, as possibilidades de cada um. É caminho e, sendo assim, cada qual trilha o seu. Mas conhecer o andar do outro pode nos ajudar a encontrar o nosso passo. Este livro é sobre isso: mostrando caminhos, nos ajuda a pensar sobre o que é necessário para se contar histórias.

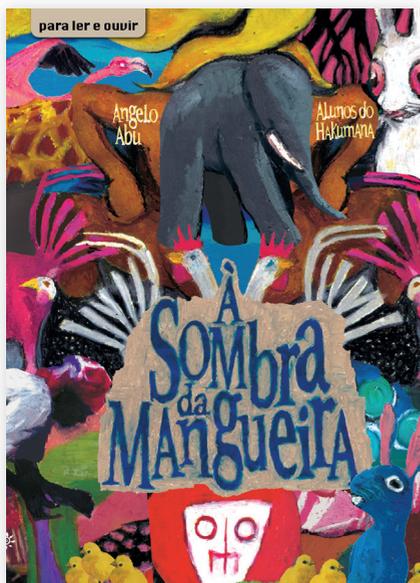
Por alguns anos, Regina Machado acompanhou sete narradores de histórias em seu Paço do Baobá. Não era curso, nem aula, eram apenas “pessoas que chegaram atraídas por não sei que vento da alma” e formaram o grupo que ganhou o nome de Antigamente era assim, numa referência ao final de uma história indígena. Cada relato abre para o leitor uma possibilidade de olhar para a narração de histórias de um jeito diferente e convida a refletir: que jeito será o meu? O que faz mais sentido para mim?

### Para saber mais

Para acessar mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou do link.



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/antigamente-era-assisim>



## À sombra da mangueira

Angelo Abu e alunos  
do Hakumana  
ilustrado por Angelo Abu

 20,5 x 27,5 cm • 56 páginas • 4 cores  
• ISBN 978-65-86028-90-4

 Livro digital • ISBN 978-65-86028-86-7  
(Kindle) • 978-65-86028-88-1 (ePub)

 Ouça as narrações no site

Neste livro conhecemos jovens contadores de histórias moçambicanos, as histórias narradas por eles e os jeitos que cada um tem de contar. Um livro que aproxima os jovens dessa arte milenar: a narração oral de histórias.

Além de nos revelar como se deu esse encontro e as impressões de Abu sobre Maputo e sua cultura, o livro abre espaço para as histórias e vozes desses jovens contadores de histórias, adolescentes que têm em torno de 11 a 17 anos. As histórias mesclam o formato tradicional, com presença forte do fantástico, com elementos atuais, relativos à vida e realidade dos jovens contadores.

### Para saber mais

Para acessar mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou do link.



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/a-sombra-da-mangueira>





## Ah... Nisso eu não tinha pensado!

Ludovic Souliman  
traduzido por Regina Machado  
ilustrado por Bruna Assis Brasil

 22 x 32 cm • 48 páginas • 4 cores • capa dura  
ISBN 978-85-7596-634-1

 Livro digital • ISBN 978-85-7596-636-5  
(Kindle) • ISBN 978-85-7596-635-8 (ePub)

Ludovic Souliman é um contador de histórias franceses. Ele já veio ao Brasil e participou do Boca do Céu – Encontro internacional de contadores de histórias, organizado por Regina Machado, que também assina a tradução da história para o português. Trata-se de um conto autoral, mas com fortes referências de histórias tradicionais, a começar pelo formato de conto acumulativo. A partir de uma narrativa oral, depois fixada na linguagem escrita, Ludovic Souliman nos promove uma reflexão sobre nosso mundo, a transformação que costuma ocorrer nas cidades grandes, privilegiando o lucro ao invés das pessoas que moram nesses espaços, trazendo uma possível saída, calcada na solidariedade.

Com essa narrativa, o autor também nos revela algo importante sobre o lugar que as histórias ocuparam na história: uma via para se pensar sobre a vida. Para além da narrativa textual, o livro foi elaborado como álbum ilustrado, explorando a relação entre texto e ilustração. A técnica utilizada pela ilustradora, Bruna Assis Brasil, também dialoga fortemente com o conteúdo, ao misturar imagens de fotografia de uma cidade grande com os desenhos.

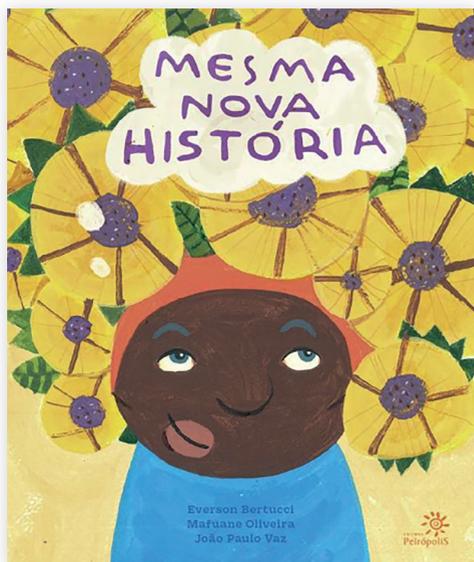


### Para saber mais

Para acessar mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou do link.



<https://www.editorapeiopolis.com.br/produto/ah-nisso-eu-nao-tinha-pensado>



## Mesma nova história

Everson Bertucci, Mafuane Oliveira  
ilustrado por João Vaz

 22 x 26 cm • 56 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-65-563-110-1

 Livro digital • ISBN 978-65-5931-  
112-5 (Kindle) • 978-65-5931-111-8  
(ePub)

 Ouça a narração no site

A história nasceu a partir da colaboração de três autores que se experimentaram em diferentes linguagens. O texto escrito por Everson ganhou voz na narração de Mafuane e depois uma narrativa visual composta por João Vaz. Assim, como é parte do caminho das histórias orais, a narração foi se modificando, perdendo uma parte aqui, ganhando outra ali, até fixar-se nessa edição escrita.

Com muitas arestas de aproximação com o livro *Ah... Nisso eu não tinha pensado!*, *Mesma nova história* aposta na estrutura de um conto de repetição, que vai também agregando novos elementos à narrativa e à relação entre uma avó e seu neto. Há aqui, também, muitas reflexões sobre questões que envolvem diferentes gerações, a memória dos mais velhos, a perspectiva da morte e as diferentes fases da vida, com suas perdas e ganhos.

A presença dos personagens negros abre espaço para que pensemos e possamos valorizar a presença da diversidade na literatura que se apresenta para as crianças, contribuindo para que essa representação se evidencie, cada vez mais, contribuindo para uma educação antirracista na escola.

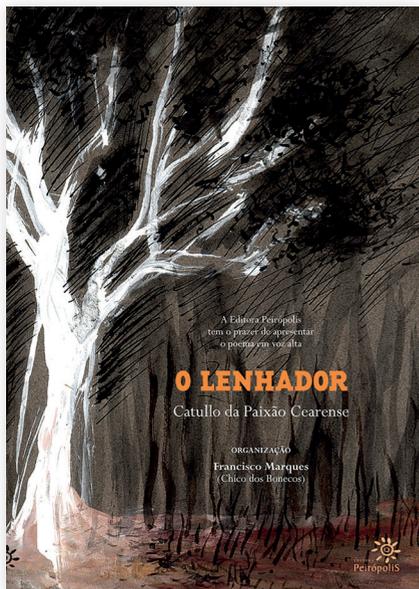


### Para saber mais

Para acessar mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou do link.



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/mesma-nova-historia>



## O lenhador

Catullo da Paixão Cearense  
*organizado por Francisco Marques (Chico dos Bonecos)*

ilustrado por Manu Maltez

 17 x 24 cm • 74 páginas • 2 cores •  
capa dura • ISBN 978-85-7596-221-3

 Livro digital • ISBN 978-85-7596-506-1  
(ePub)

 Livro premiado!

O poema “O lenhador”, publicado em 1918 no primeiro livro de poesia de Catullo da Paixão Cearense, *Meu sertão*, recebe da Editora Peirópolis uma edição cercada de todo o cuidado que merece.

Organizada pelo poeta Francisco Marques (Chico dos Bonecos) e prefaciada por Manoel de Barros, esta edição em capa dura e ilustrada de “O lenhador” traz o poema em duas versões – no português formal e em linguagem sertaneja, como era declamado por Catullo, autor da célebre canção “Luar do sertão”, convidando assim o leitor a experimentá-lo em voz alta.

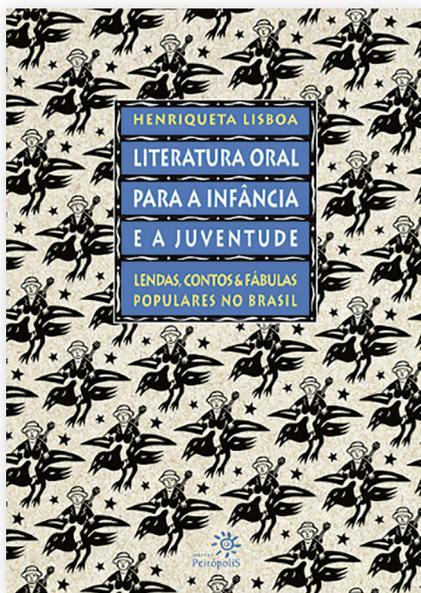
O segundo capítulo do livro, assinado por Francisco Marques – “Mestre Catullo: vida, paixão e lua”, leva o leitor a aprofundar o seu olhar sobre o poeta, incluindo outros poemas, anotações biográficas, citações sobre sua obra e bibliografia consultada. O leitor tem acesso a um apanhado com diversos trechos de obras de autores que comentaram a produção de Catullo, testemunharam sua performance em cantorias e recitais ou que fizeram dele personagem.

### Para saber mais

Para acessar mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou do link.



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/o-lenhador>



## Literatura oral para a infância e a juventude

Henriqueta Lisboa  
ilustrado por Ricardo Azevedo

 18 x 25 cm • 200 páginas • 1 cor •  
ISBN 978-85-8566-393-3

 Livro digital • ISBN 978-65-8602-872-0  
(ePub)

 Livro premiado!

Os contos populares, lendas, fábulas e mitos recolhidos pela poeta mineira Henriqueta Lisboa neste valioso volume representam uma rara oportunidade de o leitor mergulhar no universo do folclore brasileiro, com sua riqueza de matizes culturais e a diversidade de temas que inspiram a imaginação e a criação de novas histórias. Ou de novas versões para uma mesma história. São histórias de ouvir contar. De emocionar e de divertir. Histórias de todos nós, da nossa cultura, para compartilhar em rodas de contação e vivenciar no coração.

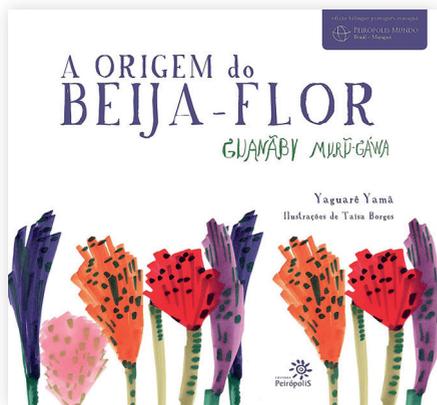
### Para saber mais

Para acessar mais informações sobre essa obra, acesse o site através do *QR code* ou do link.



<https://www.editorapeiopolis.com.br/produto/literatura-oral-para-a-infancia-e-a-juventude>





## A origem do beija-flor (Guanāby Murū-Gāwa)

Yaguare Yamã

ilustrado por Taisa Borges

 25 x 23 cm • 36 páginas • 4 cores • ISBN 978-85-7596-246-6

 Livro digital • ISBN 978-85-7596-495-8 (Kindle) 978-85-7596-494-1 (ePub)

 Ouça as narrações no site

 Livro premiado!

Os mitos de origem do mundo e dos seres que nele vivem são uma grande riqueza dos povos indígenas. Neste livro, Yaguare Yamã registra uma dessas histórias: o mito da origem do beija-flor, que vive na memória dos antigos pajés do povo Maraguá, habitante do vale do rio Abacaxis, no Estado do Amazonas. Esse povo valoriza muito o contador de histórias, personagem sempre requisitado no cotidiano e nos festejos da tribo, e é conhecido como “os índios das histórias de fantasmas”.

No livro, a delicada história é apresentada em português e em maraguá, dialeto misto de Aruak com Nhengatu, e integra a coleção Peirópolis Mundo, que busca valorizar línguas minoritárias de todas as partes do planeta.

Ouça a história na voz do autor, em sua língua original, através do QR code ou pelo botão “saiba mais”.

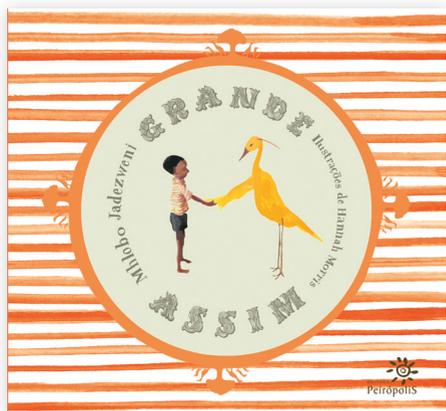
### Para saber mais

Para acessar mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou do link.



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/a-origem-do-beija-flor>





## Grande assim

Mhlobo Jadezweni  
ilustrado por Hannah Morris

 25 x 23 cm • 36 páginas • 4 cores • ISBN 978-85-7596-178-0

 Livro digital • ISBN 978-85-7596-475-0 (Kindle) 978-85-7596-474-3 (ePub)

 Ouça as narrações no site

 Livro premiado!

Esta breve e lírica narrativa sobre o desejo de crescer e ser grande em todos os sentidos foi escrita em isiXhosa e publicada primeiramente em versão bilíngue na África do Sul, berço da história e de seu autor.

IsiXhosa é uma das inúmeras línguas africanas ameaçadas de extinção, e Mhlobo, professor universitário e estudioso de línguas africanas, foi um dos seus mais ferrenhos guardiões.

Ouça o áudio com a história na voz do autor, em sua língua original, através do QR code ou pelo botão “saiba mais”.

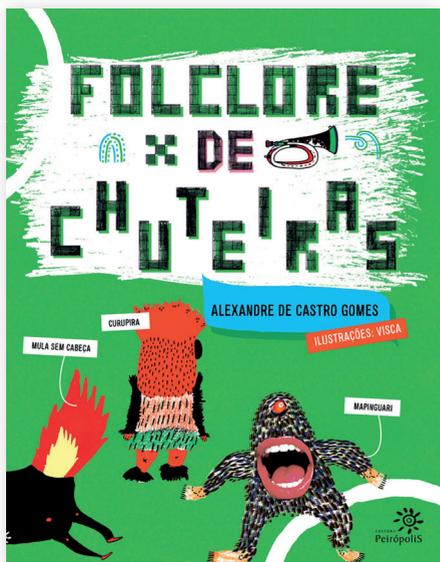
### Para saber mais

Para acessar mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou do link.



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/grande-assim>





## Folclore de chuteiras

Alexandre de Castro Gomes  
ilustrado por Visca

18,5 x 23,5 cm • 72 páginas • 4 cores  
• ISBN 978-85-7596-341-8

Livro digital • ISBN 978-85-7596-509-2  
(Kindle) 978-85-7596-508-5 (ePub)

As mais fantásticas feras do futebol brasileiro entram em campo em uma partida nada convencional. De um lado, a seleção brasileira com Manguari no gol, Mula sem Cabeça na lateral direita, Curupira na lateral esquerda, Cabra-Cabriola e Capelobo na zaga, Lobisomem (naturalizado brasileiro), Negrinho do Pastoreio, Boitatá e Saci-Pererê no meio de campo e Cabeça de Cuiá e Romãozinho na frente. Do outro lado, um combinado do resto do mundo com criques sobrenaturais – Múmia, Gárgula, Frankenstein, Ieti, Ciclope, Vampiro, Zumbi, Pé Grande e outros. Tudo o que essas criaturas fantásticas realizam em campo – os dribles, as jogadas perigosas e, claro, os gols – é transmitido com muita graça pelo locutor Carlos Cosme, que conta com o apoio do comentarista e dos repórteres de campo.

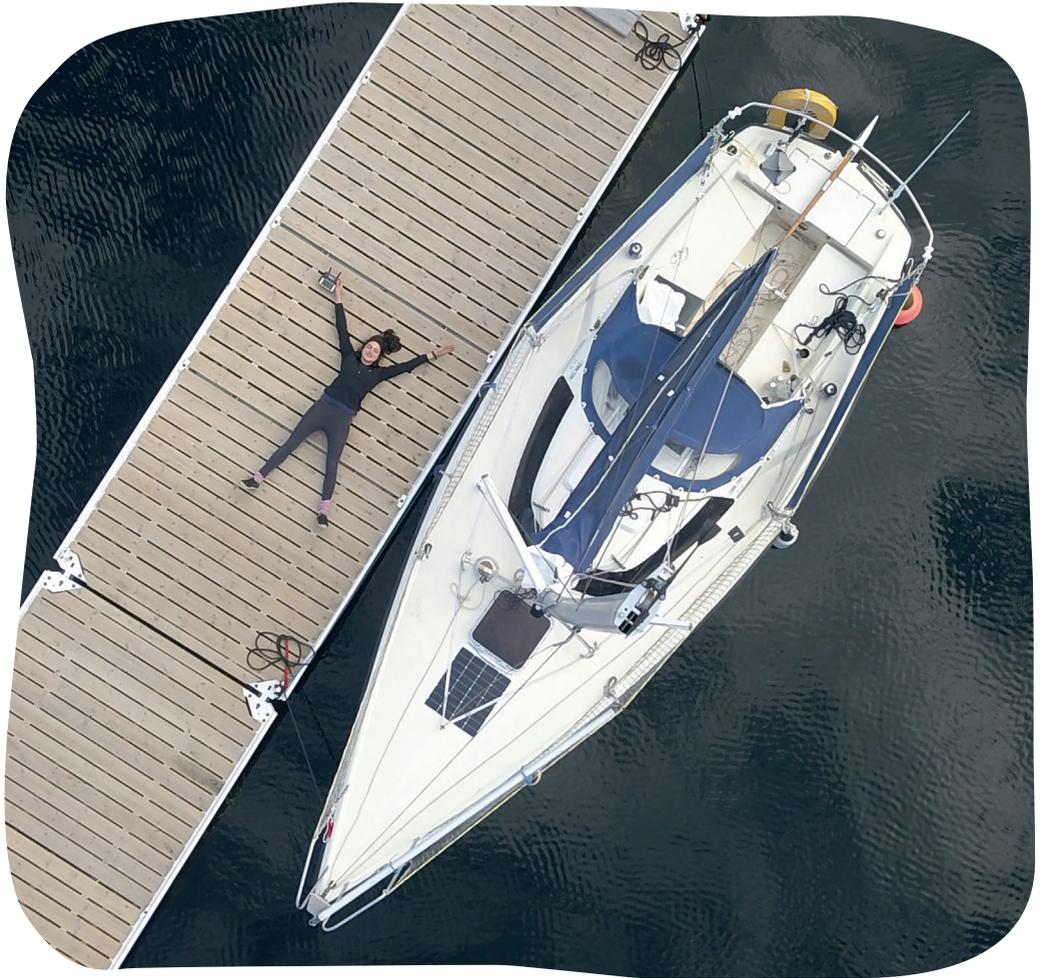
### Para saber mais

Para acessar mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou do link.



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/folclore-de-chuteiras>





# CRESCER E PARTIR

RELATOS DE VIAGENS E POEMAS DE  
TAMARA KLIMK

# CRESCER E PARTIR

Diálogos com os jovens na escola – uma proposta de leitura e aproximação de relatos e poemas da jovem escritora e velejadora Tamara Klink

Ana Carolina Carvalho



Acervo pessoal de Tamara Klink

Neste material apresentamos algumas possibilidades de leitura e desenvolvimento de propostas com os jovens estudantes dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio a partir da leitura de duas obras literárias escritas por Tamara Klink.

Ainda que a leitura literária dessas obras já se configure como uma experiência em si, pela possibilidade de fruição estética, pode-se também ir além ao considerar desdobramen-

tos que dialoguem tanto com o contexto de vida dos jovens leitores, como com aspectos da formação leitora e educação literária dos estudantes, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Antes de apresentarmos algumas possibilidades de abordagens da obra, vamos conhecer a autora e seus livros um pouco melhor.

## AS EXPERIÊNCIAS ESCRITAS

As duas primeiras obras de autoria exclusiva de Tamara (anteriormente ela havia publicado livro em coautoria com as irmãs) versam sobre seus deslocamentos, travessias e viagens, feitas em família, quando era menor, e depois em solitário, quando resolve colocar seus sonhos em prática.

*Um mundo em poucas linhas* apresenta poemas e textos em prosa poética sobre viagens variadas que Tamara fez desde criança com sua família, além de reflexões sobre a vida, a adolescência, os amores, o desenvolvimento e as muitas experiências de deslocamento e travessias: as que envolveram viagens propriamente ditas e aquelas que todos nós fazemos ao crescer e nos lançar na vida. Os textos de gêneros diferentes conversam entre si e mostram o caminho nem sempre linear da autora em seu processo de amadurecimento. Buscando guiar-se pelo sentido das experiências, nem sempre a composição dos textos no livro segue uma ordem cronológica, e sim afetiva, daquilo que foi vivido.

ESCREVO COMO UMA DRAGA COME  
O FUMDO DE UM CAMAL.  
E COME UM RIO, E COME UM FUMDO  
DE MAR IMTEIRO.

É MEU TEMPO QUE DRAGO  
FEROZMENTE, AO TATUAR MEUS  
DILAS NOS MAÇOS DE PAPEL.

*Mil milhas* revela, por meio do relato de viagem, poemas, desenhos, os sentimentos, as descobertas, as dúvidas, os riscos e os acertos vividos pela jovem navegadora, quando aos 23 anos, resolve empreender a sua primeira viagem em solitário em um pequeno veleiro que parte da costa da Noruega e viaja até a França.

Embora tenha se preparado para essa empreitada ao longo da vida, a decisão de realizar essa viagem acontece de forma um tanto súbita e traz muitos desafios para Tamara. Todo o processo que envolve o planejamento da viagem, a compra do barco e a sensação de tê-lo, as dificuldades e receios das primeiras saídas, a intimidade que vai sendo construída entre a navegadora, a Sardinha (nome dado ao barco) e o mar do norte, os sustos e as conquistas são compartilhados com o leitor.

Há certamente um caráter épico nesta aventura, contudo Tamara não demonstra receio de compartilhar aquilo que nos une como seres humanos: os medos, aflições, anseios, e especialmente, o desejo e os sonhos.

ΣΟΜΗΟΣ ΞΑΝΟΙΣ ΔΕ ΠΕΡΙΓΟΓΑΣ.  
Α ΓΕΜΤΕ ΜΑΝ ΔΕΙΔΕ ΤΕ-ΛΟΣ, ΜΕΜ  
ΔΕΦΙΜΕ ΚΟΜΟ ΞΕΡΑΝ.  
ΕΛΕΣ ΜΑΙΣΕΜ ΡΟΒ ΕΛΕΣ ΡΩΟΡΒΙΟΙ,  
ΚΡΕΙΣΕΜ ΕΜ ΞΙΛΕΜΟΙ Ε  
ΕΞΡΑΛΗΑΜ ΒΑΙΖΕΣ ΜΑΙ ΜΟΙΣΙΛΙ  
ΕΞΟΛΗΑΣ ΤΟΔΑΣ.

Por meio de suas reflexões pessoais e íntimas sobre a coragem, o medo, a travessia em solitário, a navegação feminina, as relações com a sua origem familiar e os afetos envolvidos no seu crescimento e desenvolvimento, o leitor perceberá que são muitas as viagens contidas neste livro.

A edição ainda conta com fac-símiles do diário da autora, mapas do trajeto feitos por

ela mesma, poemas visuais e ao final, uma seleção de fotos de Tamara em diferentes momentos da vida: na infância, com sua família, e algumas imagens de momentos cruciais vividos na Noruega, ao comprar o barco, e durante a travessia pelo mar do Norte. As fotos estão permeadas de desenhos e legendas escritas por Tamara, ampliando a relação que vai se estabelecendo entre o leitor e autora.

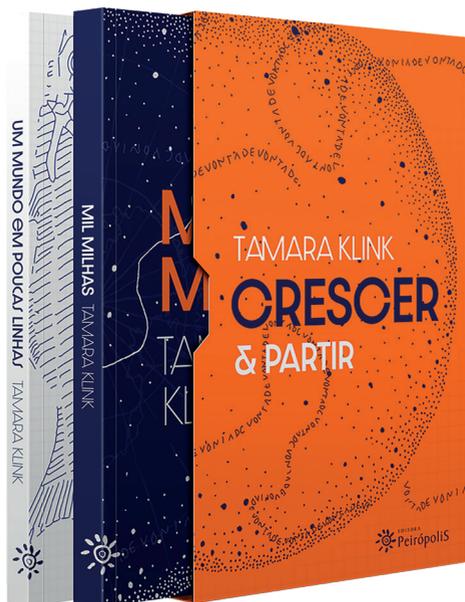
## O box – Crescer e Partir

A decisão de compor um box com os dois títulos – *Um mundo em poucas linhas* e *Mil milhas* – possibilita ao leitor navegar por diferentes momentos, linguagens e experiências vividas e registradas por Tamara Klink. O caminho a ser feito na leitura fica nas mãos do leitor, que elige por onde deseja começar a ler e seguir adiante. Abrir cada um dos livros é como entrar no mundo de Tamara e estar com ela em suas travessias.

Se desejar começar lendo *Mil milhas* pelo

relato, o leitor conhecerá detalhes da primeira viagem em solitário de Tamara, e depois poderá reencontrar a voz poética da jovem navegadora, condensando nos poemas escritos e visuais, a experiência vivida: o que o texto em prosa expande, pulsa de maneira sintética nos poemas, compondo uma conversa entre as duas formas que convida o leitor a refletir sobre a diferença entre as duas linguagens.

Se desejar começar lendo *Um mundo em poucas linhas*, o leitor seguirá outro caminho, percorrendo travessias e viagens anteriores, costurando o passado com experiências mais recentes contidas nos poemas, indo e vindo nesse trajeto, e, nessa costura, poderá refletir ao encontrar os relatos de viagem e poemas do *Mil milhas*: quais são os ecos daquela menina que viajava em família e que se descobria crescendo e se fazem presentes na jovem navegadora que finalmente partiu em solitário? Enfim, há muitas possibilidades de ligações entre as leituras e, ao retornar aos livros em diferentes momentos, o leitor poderá compor variados retratos da autora.



# COMEÇANDO A AUTORA

CRESCI NUMA CASA ONDE AS  
PADEDES ERAM FEITAS DE LIVROS  
SOBRE ALTO-MAR. MINHA MÃE  
FORÇAVA MOÍNAS CANTAS COM  
PELÚCIAS DE BICHOS AQUÁTICOS,  
MEU PAI FORÇAVA MOÍNAS FORMOSAS  
COM HISTÓRIAS DE BARCOS E  
VENTOS AUSTRIAIS.

*Mil milhas, p. 22.*

Tamara Klink (nascida em São Paulo, em 1997) é uma jovem navegadora, escritora e comunicadora brasileira. Iniciou seus estudos em arquitetura na Universidade de São Paulo, mas a paixão pela navegação a levou para a França, onde cursou um Master na École Supérieure d'Architecture de Nantes, especializando-se em arquitetura naval.

Em 2021, Tamara empreende sua primeira travessia em solitário, navegando pelo mar do Norte, desde Noruega até a França. Para realizar essa viagem, compra um pequeno barco com suas economias, lançando-se numa aventura há tempos acalentada.

Por meio de registros em vídeos, desenhos, diários e poemas ela divide suas experiências como navegadora, seus processos de crescimento, os desafios encontrados pelo caminho e as inúmeras descobertas com seus leitores/espectadores/internautas, inspirando jovens a acreditar em seus sonhos e assumir o comando de suas travessias.

Sua experiência como escritora começou cedo, com a publicação do livro *Férias na Antártica*, em 2011, escrito em parceria com

as irmãs Laura e Marininha, e desde então, amplamente adotado no ensino fundamental em escolas de todo o território nacional. Dez anos depois desta primeira publicação, Tamara estreia autoria em solitário, com os livros *Um mundo em poucas linhas* e *Mil Milhas*, títulos que trazem relatos de suas viagens, poemas e desenhos da autora.

FOI UMA TRAVESSIA NECESSÁRIA  
QUE ME EMPURROU UMA SÉRIE DE  
LIÇÕES IMPORTANTES. UMA DELAS  
FOI QUE, PARA SER MAVEGADORA,  
NÃO BASTA SABER MAVEGAR. É  
PRECISO SABER COMQUISTAR OS  
MEIOS DE MAVEGAR.

*Mil milhas, p. 39.*

## Em outra mídias

Além dos livros, Tamara utiliza diferentes linguagens e meios de comunicação para se expressar, como o instagram e o canal no Youtube.

Nessas mídias, também nascem textos e diferentes conteúdos, em forma de relatos, poemas e imagens.

Para conhecê-la melhor e compor um retrato por meio de diferentes linguagens, sugerimos uma visita a esses canais:

### Tamara na web

Instagram:

<https://www.instagram.com/tamaraklink/>

YouTube:

<https://www.youtube.com/c/TamaraKlink>

## Propostas de aproximação das obras na escola

Projeto de Vida – diálogos com a travessia de cada leitor ou de cada leitora

### Ser no mundo

Na adolescência, os jovens começam a se projetar para a vida adulta, pensar no que podem e desejam ser fora da escola, e quais decisões tomarão sobre os rumos de suas vidas. Não se trata apenas de pensar na profissão, mas na inscrição de cada um no mundo. O que tem mais a ver com o percurso daquele jovem?

É durante o período dos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio que essas questões se colocam com mais força. E a escola é certamente o lugar em que os estudantes devem começar a pensar em ancorar seus projetos para que depois possam partir. Isso também significa dizer que a escola precisa proporcionar essa costura entre o que o jovem é e faz, a sua bagagem, a experiência vivida e os conhecimentos que ele construiu, com as possibilidades do seu fazer no mundo. Este é o momento em que o estudante começa a se perguntar: *quem sou eu?* Essa pergunta, claro, nos acompanha ao logo da vida, mas na adolescência, época de tantas mudanças, mais ainda, porque se quer saber, se precisa saber: *quem eu posso ser no mundo? E para o mundo?*

A própria BNCC estabelece que a escola necessita “[...] assegurar-lhes uma formação que, em sintonia com seus percursos e histórias, permita-lhes definir seu projeto de vida, tanto no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos.” (p. 463)

**Em conjunto, os livros de Tamara possibilitam justamente que o leitor ou a leitora, ao refletir sobre o percurso da autora, possa pensar no seu próprio caminhar, na própria travessia: quais trajetos fazem mais sentido? E quais são os desafios a encarar nesse percurso escolhido?**

Há muitos trechos nas obras que inspiram essas reflexões, como o poema que vem a seguir.

(...)  
CALADO  
O BARÇO ME DIZE TANTAS COISAS  
INDIZÍVEIS  
SOBRE CRIAR CORAGEM  
SOBRE TOMAR O LEME DA MINHA  
PRÓPRIA VIDA  
SOBRE DAR PLÁGIO PEQUEMO  
SOMHAYDO A EXÓFEDA  
SOBRE ACREDITAR QUE COM ESIAS  
MÃOZIMHAI E ESIÉS PEMÍAMEMTOI  
PODEMOS IR PRA LÁ DE ONDE VÃO  
AS AVEIS DO CÉU  
PODEMOS SEGUIR OS TRIMTA-DEÍS DO AÉTICO  
E LEVAR MOÍTOI CORAÇÕES  
PELAGICOS  
POR TODAS AS CURVAS DO PLANETA.

Mil milhas, p. 130.

Além de possibilitar uma reflexão sobre o projeto de cada um, esse poema – e tantos outros trechos das duas obras – também apontam para uma ousadia, um ir além. Lançar-se. Com dedicação e planejamento.

COMO OS SOMHOS, OS PLAMOS  
EXISTEM SOZIMHOS. MAS PLAMOS  
MÃO CBEIÇEM SEM COMTEXTO. MÃO  
PODEM BROTAR MO AB. ALÉM DE  
TEBBA FÉRTIL, DA LUZ DO SOL,  
ELEI PRECISAM DE EMPREGA,  
DE CUIDADO, DE ELEIÇÃO.

Mil milhas, p. 24.

Retomando a LDB, a BNCC do Ensino Médio, reforça alguns aspectos ligados à educação integral dos jovens a serem atingidos, entre outras coisas, por meio “da firme convicção na capacidade que todos os estudantes têm de aprender e de alcançar objetivos que, à primeira vista, podem parecer além das suas possibilidades”.

Nos vídeos a seguir, tudo isso fica bastante claro:



### Buscar o Barco

Neste vídeo, lançado em 27 de agosto de 2020, Tamara fala sobre a compra de seu primeiro barco, a Sardinha. Discorre a respeito das sensações, dificuldades, expectativas e tudo que vem com esse grande passo inicial rumo à sua conquista.



<https://www.youtube.com/watch?v=mVC-5D-GHlmA>

### Crescer e Partir

Neste vídeo, lançado em 3 de setembro de 2020, Tamara finalmente comprou seu barco e vai contar à sua família sobre seus sonhos e objetivos.



<https://www.youtube.com/watch?v=l27LJidjpo>

Algumas questões podem ser levantadas a partir dos vídeos e da experiência de Tamara, para que cada jovem reflita:

- Quando a gente se dá conta que cresceu?

- O que é crescer?
- Quando podemos tomar decisões e seguir nosso rumo?
- O que trazemos na mala? Qual é nossa bagagem existencial?

TEM O AQUELE SENTIMENTO DE PORTA DE VESTIBULAR. TODA A PREPARAÇÃO SERVIU PARA ESTE MOMENTO. É TARDE PARA ABRIR MAIS UM LIVRO DE HISTÓRIA, DECORAR UMA NOVA FÓRMULA. É PRECISO CONFIAR NO PROCESSO VIVIDO, CONVOCAR OS SABERES VENCIDOS, ACREDITAR QUE MESMO AS PERGUNTAS DIFÍCEIS TÊM RESPOSTAS.

*Mil milhas, p. 55.*

Além dessas questões, pode-se ampliar as reflexões sobre o que significa ter um projeto de vida, considerando diferentes dimensões:

### Dimensão Pessoal: autoconhecimento

- É destino ou caminho? Destino é algo dado, que costumamos projetar no futuro. E o caminho? Como podemos diferenciá-lo do

destino? No caso de Tamara, era destino tornar-se navegadora por ter nascido naquela família? Ou foi um caminho escolhido?

- Tamara empreende um longo processo de autoconhecimento. Como isso transparece nas diferentes linguagens que ela usa para se expressar? O que podemos conhecer sobre ela depois de termos lido os dois livros e explorado alguns vídeos?

### **Dimensão Social: impactos do entorno imediato**

- Não fazemos nada sozinhos. Família, comunidade e escola contribuem em nossas decisões. Como essas diferentes instâncias influenciaram o caminho de Tamara?

### **Dimensão Profissional: atuação produtiva**

- Para colocar no mundo um projeto, é preciso ter objetivos claros, mas ir além deles.

É preciso planejar: pensar nas etapas necessárias para se alcançar aqueles objetivos, nos recursos, nos prazos. Tudo isso fica muito claro no percurso de Tamara, certo? É possível retomar seu passo a passo?

A partir dessas reflexões, pode-se propor aos estudantes registrarem:

- Que caminho você escolhe tomar hoje? Como esse caminho reflete quem você é?
- Como seu entorno o influenciou nessa escolha?
- Como planejá-lo? O que você acha que seria importante considerar nesse planejamento?

Ao longo do ano ou dos anos finais da escolaridade, os estudantes podem retomar os registros, observando o que se mantém e o que se modifica em seu percurso e projeção.



Acervo pessoal de Tamara Klink

## APROFUNDANDO O GÊNERO RELATO DE VIAGEM

O relato de viagem é um gênero não ficcional, que guarda algumas características: escrito em primeira pessoa, narra a experiência de uma viagem do ponto de vista do autor ou autora. Embora tenha essa perspectiva autoral e subjetiva, apresenta fatos, situando-os no tempo e nos lugares em que ocorreram. Desse modo, podemos dizer que o relato estabelece com leitor um pacto de não-ficção: o que será narrado tem pertinência no acontecido.

Embora esteja no terreno da não-ficção, não podemos deixar de mencionar o quanto a literatura está permeada, desde a sua origem, por histórias e relatos de viagens. Dentre as obras mais antigas e conhecidas, podemos citar: *Odisseia*, de Homero, poema épico que narra as aventuras de Ulisses ou Odisseu, um dos heróis da guerra de Tróia, na volta para a sua casa, em Ítaca; *Os Lusíadas*, de Camões, também um poema épico que narra as navegações ultramarinas do século XVI, as grandes conquistas do povo português e a viagem de Vasco da Gama às Índias; *As viagens*, de Marco Polo, escrito no século XIII, o livro foi ditado a um companheiro de prisão de Marco Polo, Rustichello, autor de romances de cavalaria. Também conhecido como *Il Milione*, relata o que Marco Polo viu e conheceu ao viajar para a China, entre outros títulos clássicos que seguem lidos até hoje.

Se pararmos para pensar, inclusive, podemos nos dar conta de que a chegada da Língua Portuguesa ao Brasil se deu por meio de uma viagem e do seu relato: a *Carta de Pero Vaz de Caminha* traz visões sobre a chegada ao novo mundo, muito antes de ser Brasil, e foi escrita em 1500. É provável que os relatos e as histórias de viagens sejam tão antigos e persistam no mundo porque abarcam uma ne-

cessidade humana: desvendar o estrangeiro, conhecer outros mundos, lançar-se por mares nunca dantes navegados...

Aliás, necessidade humana, de homens e mulheres, embora historicamente muito mais associada ao gênero masculino. Por isso mesmo, a obra de Tamara torna-se também muito relevante ao apresentar a faceta do protagonismo feminino. Em suas entrevistas, a jovem velejadora costuma afirmar: "o mar não liga se sou homem ou mulher", fazendo-nos refletir o quanto essa ideia de que velejar faz parte do mundo dos homens e que seria mais arriscada para as mulheres é mais uma construção social, sem paralelo nas condições reais que se apresentam a ambos os gêneros. Ao conhecer o universo de Tamara Klink, o leitor ou a leitora também poderá entrar em contato com a história de outras mulheres velejadoras que, inclusive, foram inspiração para Tamara. Dentre as mulheres que ela costuma citar, estão a britânica Ellen MacArthur, que velejou em solitário ao redor da Inglaterra com apenas 19 anos e, em 2005 bateu o recorde de volta ao mundo mais rápida; e a brasileira Izabel Pimentel, que foi a primeira latino-americana a cruzar o Oceano Atlântico em solitário em 2006, e a fazer uma volta ao mundo também sem companhia no barco, em 2012.

QUANDO A GENTE NAVEGA, OS  
DADOS DE VIAGEM, MAS OS  
REGISTROS ESCRITOS PERMANECEM...

Ao falar de sua escrita, Tamara Klink gosta de repetir essa frase. A escrita, de fato, fixa o acontecimento que sempre pode ser fugidío, um pouco ao modo do diário, que tenta guardar o tempo e fatos cotidianos. Sem a escrita,



Acervo pessoal de Tamara Klink

esses acontecimentos poderiam se perder, ficando embaçados nas lentes do passado.

No caso do *Mil milhas*, livro que apresenta um relato de viagem, ele nasce de um diário da autora. Ainda que tenha sido escrito originalmente como diário, narrando muitos momentos íntimos e apresentando interlocuções consigo mesma, Tamara o escreveu com vistas à publicação, ou seja, para ser lido por outras pessoas. Na escrita desse diário voltado para si e para os leitores, as características do gênero relato de viagem se fazem presentes, tais como a descrição de trechos de viagem e as dificuldades vividas no percurso, com seus desafios, medos e conquistas.

Uma das aproximações possíveis à obra *Mil milhas* pode ser por meio do gênero. À

altura dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, é bastante provável que os estudantes já tenham tido contato com outros relatos de viagem. Portanto, começar a conversa relembrando quais obras do gênero eles conhecem pode ser uma estratégia para aproximá-los da leitura.

A partir das respostas, pode-se solicitar que os estudantes que já leram relatos de viagem façam um levantamento das principais características de que se recordam. Caso não se lembrem de imediato dos títulos lidos, você poderá listar alguns livros mais conhecidos.

Dentre as obras escritas por autores brasileiros, pode ser que já tenham lido a célebre *Cem dias entre céu e mar*, escrita pelo Amyr

Klink, pai de Tamara. Neste livro, o velejador relata a travessia do oceano Atlântico que fez em solitário num barco a remo, nos anos de 1980. Há também o livro *Expedição Oriente: 821 dias de uma volta ao mundo* escrito por Heloísa Schurmann. Dentre as obras da literatura universal, há outros livros que podem ser conhecidos da turma, como *A viagem de Beagle*, de Charles Darwin, *Na estrada*, de Jack Kerouac e *Volta ao mundo em 72 dias*, de Nelly Bly.

Caso os alunos não tenham referências sobre outras obras, você pode iniciar a conversa questionando-os sobre as características que imaginam que um relato de viagem tenha, registrando as respostas para que sejam retomadas após a leitura.

Depois de ler, é possível planejar encaminhamentos variados: propor uma rodada de releitura dos trechos mais marcantes da obra, uma conversa sobre os impactos que a leitura teve em cada um (ou em quem desejar falar sobre isso), retomar as características que conheciam ou anteciparam sobre o gênero, complementando com o que foi observado, realizar uma busca sobre outras informações sobre a viagem, em sites, blogs, entrevistas publicadas em jornais, revistas ou transmitidas pela televisão e rádio, localizando trechos do livro que foram citados na entrevista, comparando as diferentes linguagens e efeitos causados nos leitores.

Ao final, pode-se também propor que os estudantes escrevam seu próprio relato de viagem, tomando uma experiência vivida como ponto de partida para a escrita, que deverá ser compartilhada com outros leitores (da própria turma ou pessoas da comunidade escolar). Para além da escrita, é possível também refletir com o grupo sobre o formato que o relato terá ao ser compartilhado com os leitores. No caso do *Mil milhas*, desenhos, mapas, fotos e poemas visuais ajudam a compor a experiência da leitura, apresentando outras referências aos

leitores. O que o grupo elege para compor o texto escrito?

## Poesia contemporânea na escola

Outra forma de entrada nas obras de Tamara pode ser dar pela poesia, já que as duas obras têm caráter híbrido e são recheadas de poemas, que, junto com os textos em prosa, apresentam outra forma de contato com a experiência da jovem navegadora.

Aliás, a leitura desses dois títulos pode ser uma ótima oportunidade para que os estudantes se aproximem da poesia contemporânea brasileira, cuja produção é vasta e, em geral, pouco lida na escola. Pelo fato de serem escritas no mesmo tempo em que vivem os jovens, trazendo temas próximos e relevantes à sua existência, podem contribuir para o interesse e familiarização com o gênero, despertando a vontade de conhecer mais sobre a poesia, autores e autoras, e explorando também outros canais de circulação desses textos, fruindo a produção poética contemporânea nas diferentes linguagens em que costumam aparecer: no livro, por meio de videopoemas, em sites, blogs, saraus digitais etc.

O conhecimento de diferentes vozes e produções dará aos jovens um panorama do que tem sido produzido atualmente. A variedade de temas e autores poderá fornecer elementos para que os jovens organizem pequenas coleções ou antologias em arquivos digitais que podem ser compartilhadas com outros leitores. É possível, por exemplo, buscar vozes femininas para compor uma das antologias, autores e autoras com menos de 30 anos, vozes negras ou antologias temáticas. Desse modo, ao realizar a curadoria de tais textos, os jovens também se colocam como leitores singulares, que avaliam o que há em comum entre os textos, aproximando-os na composição do arquivo, refletindo sobre as conversas possíveis entre eles.

## Multiletramentos: escrita em meio digital; poemas no Instagram; vídeos e livro: formação do leitor/ouvinte/ produtor/consumidor

Formar o leitor e aquele que se comunica por meio da linguagem escrita significa ir além do suporte de papel. É preciso trazer para o contexto da escola os *multiletramentos*, que envolvem práticas sociais e de linguagem no meio digital. De acordo com a BNCC do Ensino Médio: “Do ponto de vista das práticas contemporâneas de linguagem, ganham mais destaque, no Ensino Médio, a cultura digital, as culturas juvenis, os novos letramentos e os multiletramentos, os processos colaborativos, as interações e atividades que têm lugar nas mídias e redes sociais, os processos de circulação de informações e a hibridização dos papéis nesse contexto (de leitor/autor e produtor/consumidor), já explorada no Ensino Fundamental”. (página 498)

Tamara é escritora e comunicadora, lança mão de variados suportes de escrita e de expressão, propondo não apenas um diálogo entre eles, mas também uma sobreposição de linguagens para comunicar aquilo que deseja. Sua escrita nasce tanto no suporte de papel, os diários que leva consigo nas viagens, quanto no meio digital, em textos publicados no Instagram ou vídeos no YouTube, que têm uma interlocução direta com o público. A escrita em papel sofre influência daquela que nasce em meio digital, como por exemplo, em seu formato, pontuação, disposição do texto na página. A troca direta com os seguidores (público leitor) também traz influências para o escrito. Além disso, a escrita que nasceu em meio digital também se transforma, quando é passada para o livro.

Ao acompanhar a produção da autora nas redes sociais e observando a materialidade do

texto no livro, o que é possível refletir a respeito das diferentes experiências de leitura? Como isso impacta a relação de cada um com os textos lidos? Quais suportes atraem mais cada leitor? Por quê? Sobre o efeito de duração do texto nos leitores: será que o formato influi na maior ou menor permanência do texto em cada um? Vale também questionar a respeito das transformações que a escrita sofre em um suporte e que se mantêm quando levada para outro. Em alguns textos de Tamara, por exemplo, a pontuação incomum apresentada no Instagram para reforçar a mudança de parágrafos ou versos, sobrevive no papel, e acaba por impactar a leitura do livro.

## Entrelaçando linguagens: vídeos e o livro *Mil milhas*

Alguns vídeos disponíveis no canal de Tamara Klink no YouTube, dialogam diretamente com o livro *Mil milhas*. Foram elaborados quase concomitantemente à viagem e há um pouco de cada um no outro. Há vídeos que revelam a preparação que Tamara empreendeu para que pudesse viajar em solitário, ao mostrar episódios da viagem que fez da França à Noruega, onde encontraria o amigo que a ajudaria a colocar seus planos de viajar sozinha em ação. Esse material pode ser encontrado em:

### Contornar Navios

Neste vídeo, lançado em 6 de agosto de 2020, Tamara faz uma ponte entre o que aprendeu em Nantes e a realidade de estar à frente de um barco, navegando em águas reais, em condições reais, frente aos desafios que o mar apresenta.



<https://youtu.be/xrs51kz8ill>

### Céu Aceso

Neste vídeo, lançado em 13 de agosto de 2020, Tamara continua a nos mostrar as diferenças entre os estudos e a prática. Também apresenta sua rotina no mar, que é bem diferente do que na terra, bem como a importância de sugar todo conhecimento possível de seus instrutores enquanto há tempo, pois logo estará só naquele infinito.



<https://www.youtube.com/watch?v=edOb1cmNvp4>

### Pegar no Sono

Neste vídeo, lançado em 10 de setembro de 2020, Tamara finalmente vai sair em solitário. O medo, o planejamento, as expectativas, os aprendizados, as pessoas em sua vida, o passado, o presente, o futuro. Tudo isso passa rapidamente pela cabeça da jovem velejadora que se preparou por tanto tempo para esse momento: “Imagina dormir enquanto dirige um carro em uma estrada esburacada?”.



<https://www.youtube.com/watch?v=JyJdlwDJnx4>

### Costurar Caminhos

Neste vídeo, lançado em 23 de agosto de 2020, entre um clima chuvoso, Tamara começa a sentir o que lhe espera quando fica sozinha em seu próprio barco. Discorre sobre os possíveis desafios e medos que enfrentará. Pensa em como contorná-los e traça planos, relembra tudo o que aprendeu e como colocá-los em prática.



<https://youtu.be/tsdl57fPSmM>

Há também vídeos que mostram a compra do barco e a preparação da embarcação para a travessia do mar do Norte, como *Sozinha*, *Riscos*, *Buscar o barco* e *Crescer e Partir* e existe o *Pegar no sono*, na qual Tamara abre o coração e conta como é partir para sua travessia em solitário:

A partir da exploração dos vídeos documentais da viagem e da leitura do livro *Mil milhas*, pode-se refletir com os estudantes sobre:

- Como essas duas linguagens conversam?
- Quais são os recursos que estão na escrita e não podem ser encontrados no vídeo, e vice-versa?
- Como se complementam?
- De que modo as expressões pessoais da Tamara estão presentes nos textos e vídeos?
- Sobre o relato de viagem: de que maneira o vídeo potencializa a experiência de estar junto e acompanhar Tamara em sua travessia? E como o texto nos aproxima da experiência?

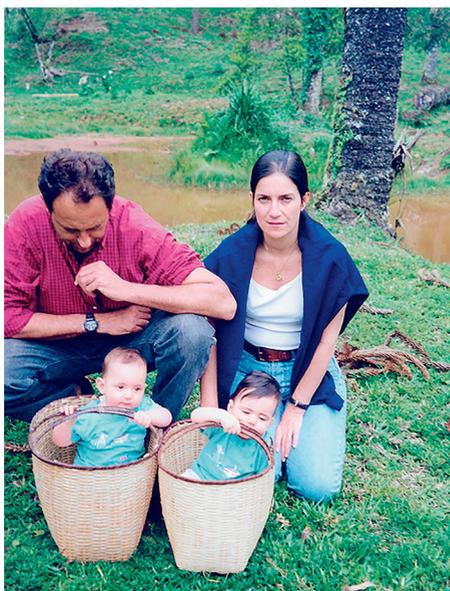
Ao conhecer diferentes meios para divulgar e compartilhar as experiências, os estudantes podem ampliar olhares para a forma e o formato desses suportes, reconhecendo seus recursos e possibilidades. Assim, podem aprender a ler melhor não apenas esses, mas outros textos, e assistir com uma atenção diferenciada a outros vídeos documentais.



## A FAMÍLIA: UMA BÚSSOLA PARA AS TRAVESSIAS DA VIDA

Não é de hoje que sabemos que Tamara Klink veio de uma família cujas experiências são de viagens em alto mar. Seu pai, Amyr Klink e sua mãe, Marina Bandeira Klink, velejadores experientes, sempre incentivaram e levaram as filhas em suas aventuras. Pode ser que tenha vindo daí a vontade de ser arquiteta naval e se lançar no mar, mas também

pode ser que não. A questão é que a família, para Tamara, tem influência sobre sua forma de ver e viver a vida, é um porto seguro, uma âncora, um suporte. Volta e meia, pai, mãe e irmãs aparecem em sua prosa e poesia. No livro *Mil milhas*, há um caderno de fotos que ilustra essa força que recebe dos seus familiares e que foram reproduzidas aqui.



ΜΟΥΝΟΣ ΠΑΙΣ ΜΟΥ  
ΤΡΑΜΨΟΒΕΤΑΒΑΜ ΕΜ  
ΣΕΪΤΙΜΗΑΪ ΤΪΡΙΣΑΪ  
ΡΑΒΑΤΙΕΜΪΕΪ ΑΤΈ ΜΪΟ  
ΣΑΒΕΒΜΟΪ ΜΑΪΪ.



25.3.1997

QUANDO AINDA  
MÃO SABIA O QUE  
ERA O MAR.

A VIDA PROPRIA DAS PALAVRAS



MÃO ÉRAMOS  
LAURA MEM  
TAMARA.  
DEPOIS DE 7  
MESES SEM NOME,  
NASCEMOS NÓS  
APELIDOS: LOIRA  
E MORENA.

NÓS CHEGAMOS AO  
MUNDO EM PAR.



FOTO EM  
FAMÍLIA ANTES  
DE O MEU PAI  
PARTIR PARA A  
GEÓRGIA DO SUL  
NO PARATII 2.

O HENRIQUE E A IENA  
LOGO ME ACOLHERAM  
COMO PARTE DA  
FAMÍLIA.



COM O HENRIQUE, THOMAS E JOMAS.



O KRISTOFFER ME EMPILHA A MALMOBILAR O BARCO NO PORTO  
DE THYBORØY. EU NÃO PODIA IMAGINAR QUE VOLTARIA  
PARA LÁ UM MÊS DEPOIS, IGUALMENTE.



2020, VOLDA (NORUEGA). AINDA NÃO ACREDITO QUE ESSE BARCO É O MEU! A SAÍDINHA FINALMENTE FOI PARA A ÁGUA.



PARTINDO DE ÅLESUND. COMEÇA A VIAGEM.

PREPARANDO  
O TRAJETO



O PORTO DA CHEGADA: EM BREVE O PORTO DA PARTIDA



CHEGADA A CALAIS!

Imagens retiradas de *Mil Milhas*



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

SEVERIANO, ROCHA, LOPES e ALENCAR. *Educação para a vida: manual do professor*. (org. CENPEC). São Paulo: Moderna, 2020.

SOARES, Marina. As narrativas de viagem: estrutura, circulação, representação e imaginário. In: *O harém ao rés do chão: imaginário europeu e representações médicas sobre o lugar-segredo*, 1599-1791 [online]. São Bernardo do Campo, SP: Editora UFABC, 2017, pp. 191-297. ISBN 978-85-68576-81-6. <https://doi.org/10.7476/9788568576816.0005>.



ÅLEFUND

FLOBØ

BERGEY

FØREIVIK

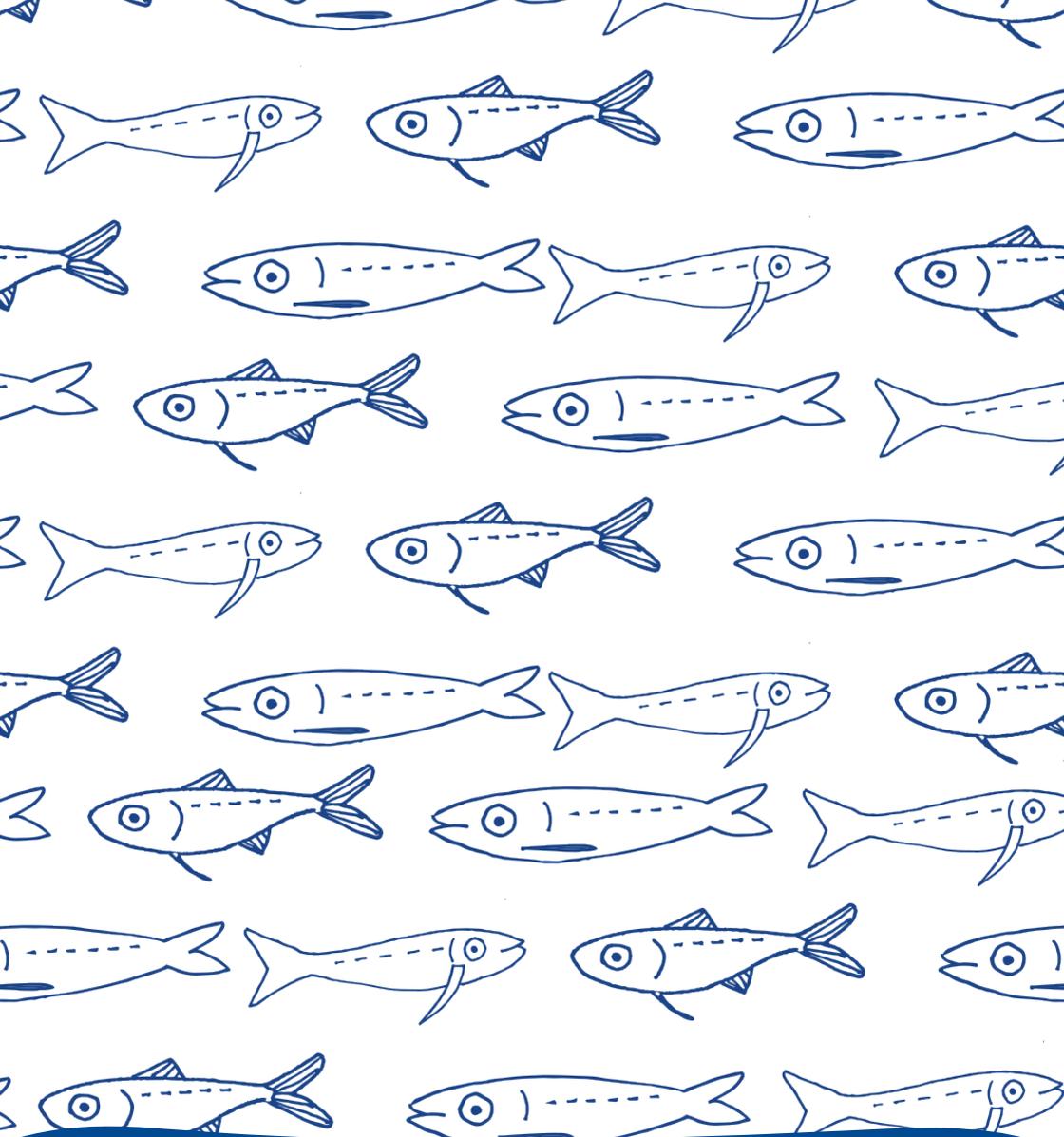
FARFUND

THYBODØY

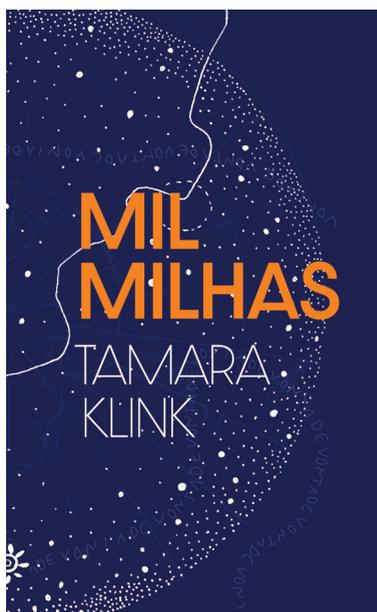
VLIELAND

DEY HAAG

DUMKROU  
GALAN



ESTANTE DE LIVROS



## Mil milhas

Tamara Klink  
ilustrado por Tamara Klink/Laura Klink

 13 x 20 cm • 196 páginas • 2 cores • ISBN 978-65-5931-108-8

 Livro digital • ISBN 978-65-5931-106-4

A preparação foi longa. Durou precisamente 24 anos para que a jovem Tamara Klink se descobrisse finalmente preparada para a partida para a sua primeira viagem em solitário, da Noruega até a França, no pequeno e recém-adquirido veleiro a que chamou Sardinha, o passo inaugural na direção do sonho de tornar-se uma navegadora.

Foi o tempo de crescer, de entender e acalantar seus próprios sonhos e tomar suas decisões, ir e voltar graças a seu próprio desejo. Estar distante da família para entender-se parte dela.

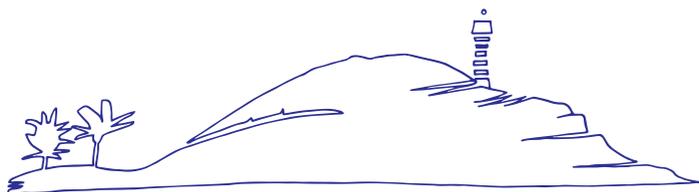
O livro mistura relatos de viagem, poemas e desenhos que revelam a intimidade e os desafios dessa viagem que, embora planejada, trouxe enormes desafios e aprendizados para a velejadora.

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico.



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/mil-milhas/>







## Um mundo em poucas linhas

Tamara Klink  
ilustrado por Tamara Klink/Laura Klink

 13 x 20 cm • 172 páginas • 2 cores • ISBN 978-65-5931-107-1

 Livro digital • ISBN 978-65-5931-109-5

Tamara tem um projeto de vida: ser navegadora. Leva consigo a coleção de aprendizados de várias viagens com a mãe, irmãs e na companhia do pai, o velejador Amyr Klink. Mas segue passos próprios. Aos vinte e poucos anos, decidiu morar e estudar arquitetura naval na França, como parte do seu plano: realizar expedições que exigem uma preparação incomum para alguém da sua idade. E é justamente essa longa travessia que está presente em sua obra — não só aquela marcada por ondas e ventos, necessidade de içar velas ou de se lançar ao mar — mas os percalços de outro caminho, aquele que fazemos da adolescência para a vida adulta. Uma jornada heroica pela qual todos passamos, na terra ou no mar.

*Um mundo em poucas linhas* reúne poemas e textos em prosa poética sobre as viagens variadas que Tamara fez desde criança com sua família, além de reflexões sobre a vida, a adolescência, os amores, o crescimento e as muitas experiências de deslocamento e travessias.

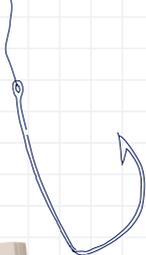
Um livro sobre a beleza de se construir como ser humano, com liberdade, alegria e coragem para viver e seguir seus próprios caminhos.

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico.



<https://www.editora-peirópolis.com.br/produto/um-mundo-em-poucas-linhas/>

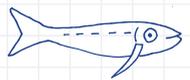


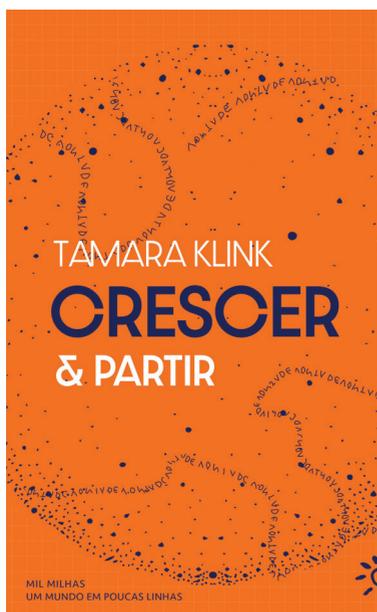
O LIVRO FOI DIVIDIDO EM CADERNO BRANCO E AZUL, QUE SIMBOLIZAM AS CORES DOS CADERNOS ORIGINAIS QUE TAMARÁ USOU PARA ESCREVER SUAS REFLEXÕES.



“É preciso dar à lembrança o corpo das palavras. É preciso fazer um mundo caber em poucas linhas.”

Tamara Klink





## Crescer e Partir – box

Tamara Klink  
ilustrado por Tamara Klink/Laura Klink

 13 x 20 cm • 196 páginas • 2 cores • ISBN 978-65-5931-103-3

 Livro digital • ISBN 978-65-5931-104-0

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico.



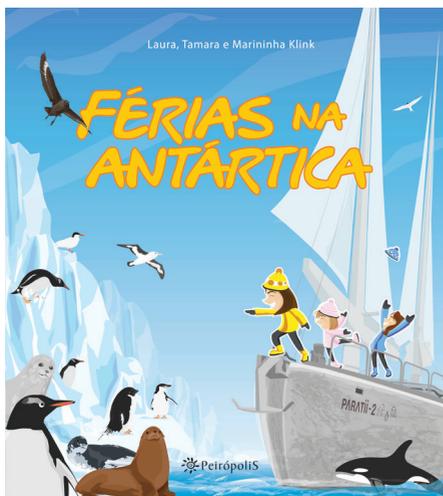
<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/crescer-e-partir/>

Tamara Klink viaja desde pequena na companhia da família. Mas sempre planejou “navegar consigo mesma”, e foi construindo as condições para isso enquanto crescia. Aos 24 anos, formou-se em arquitetura naval em Nantes, na França, e concluiu sua primeira viagem em solitário pelo Mar do Norte – detalhe: no próprio veleiro, recém-adquirido e apelidado Sardinha.

Seus relatos em prosa, traço e verso estão reunidos neste box com os dois livros da autora: *Mil milhas*, com poemas, desenhos e o relato da viagem, e o livro *Um mundo em poucas linhas*, com poemas e textos em prosa poética sobre as viagens realizadas em família e as diferentes travessias que fez ao longo da vida.

Em *Mil Milhas*, acompanhamos Tamara em sua travessia geográfica, heroica e pessoal durante os meses em que preparou e realizou a viagem. Temos em mãos o diário que ela escreveu ao longo das mil milhas percorridas. Em seus escritos, ela nos conta não apenas sobre como navegou pelo mar do Norte e enfrentou desafios sozinha em seu pequeno e primeiro barco, colhendo medos e alegrias, mas também sobre como essa viagem significou poder crescer e dar-se conta da própria envergadura: virar adulta. Travessia que todos nós precisamos realizar em vida, onde quer que estejamos e por onde escolhemos realizar nosso trajeto: na terra ou no mar.

Em *Um mundo em poucas linhas*, Tamara nos mostra tudo aquilo que se pode sentir ao crescer: reconhecer as raízes ao estar só, sentir saudade e desejar voltar, descobrir-se capaz e querer seguir, colocar-se em dúvida, atravessar e se firmar em suas escolhas e travessias. E, assim, os escritos de Tamara nos contam que viver parece com deslocar-se e experimentar. Este livro ressoa não apenas em jovens leitores, que vivem intensamente as mudanças provocadas pelo crescimento e suas descobertas, mas também naqueles que sabem reconhecer a vida como um eterno movimento de crescer e partir para novos recomeços.



## Férias na Antártica

Laura, Tamara e Marinha Klink  
ilustrado por Zinne Estúdio

 23 x 25 cm • 70 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-85-7596-360-9

 Livro digital • ISBN 978-85-7596-445-3  
(Kindle) • 978-85-7596-426-2 (ePub)

 Livro premiado!



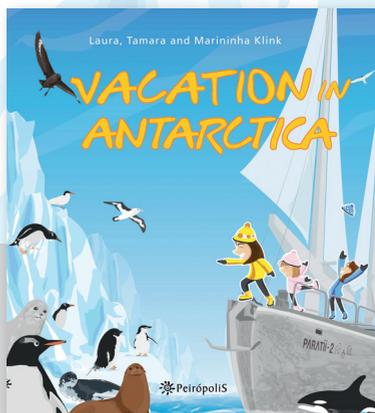
Três irmãos, duas idades diferentes, três visões de mundo, todas no mesmo barco, de férias na Antártica. Conheça neste livro o delicado equilíbrio do planeta e, de quebra, o divertido jeito de encarar o mundo das jovens Laura, Tamara e Marinha, filhas do navegador Amyr Klink e da fotógrafa Marina Bandeira Klink. Nos relatos de viagem, estão as lembranças de cinco expedições em família ao continente antártico, onde focas, pinguins, baleias e muitos outros animais especiais passam o verão. Com ainda pouca vivência, elas já sabem e entendem que nosso planeta precisa de cuidados e que, onde quer que a gente viva, nossas atitudes refletem em lugares muito distantes daqui.

### Para saber mais

Para obter mais informações sobre essa obra, acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico.



<https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/ferias-na-antartica/>



Para facilitar o alcance mais de crianças no Brasil e no mundo, a editora Peirópolis lançou o livro em uma versão adaptada para o inglês.





## PROPOSTA PEDAGÓGICA

A Editora Peirópolis disponibiliza, em formato PDF, proposta pedagógica elaborada por Regina Moraes Abreu para o livro *Férias na Antártica*. O objetivo deste material é sugerir ao educador formas de explorar conteúdos conceituais e atitudinais de língua portuguesa, artes, atualidades, ciências, geografia e orientação educacional, partindo do interesse dos alunos por buscar informações complementares sobre as vivências e observações descritas pelas autoras em seu relato de viagem.

Baixa o seu pelo QR code ou pelo endereço eletrônico.



[https://www.editorapeiropolis.com.br/wp-content/uploads/2011/06/FERIAS\\_NA\\_ANTARTICA\\_pedagogica\\_GRAO.pdf](https://www.editorapeiropolis.com.br/wp-content/uploads/2011/06/FERIAS_NA_ANTARTICA_pedagogica_GRAO.pdf)





# O MUNDO DE ISA

Literatura para os pequeninos

# O MUNDO DE ISA

## os Bebês, as crianças bem pequenas, os livros e a literatura

Ana Carolina Carvalho

Muito tem se falado sobre a importância de se ler com os bebês e as crianças bem pequenas. Diversos especialistas no assunto são unânimes ao listar as diferentes experiências que podem ter na aproximação com a literatura, bem como os inúmeros ganhos para o seu desenvolvimento, como por exemplo:

- A possibilidade do contato com uma linguagem muito diferente da factual, utilizada no cotidiano, mais elaborada, aproximando-os da beleza da língua,
- A ampliação estética que diferentes referências imagéticas podem forjar;
- A relação de proximidade e afeto que se instaura na tríade adulto-bebê-livro;
- A construção do lugar de leitor desde cedo – o bebê e a criança bem pequena reconhecendo-se (e sendo reconhecidos) nesse lugar;
- A elaboração e o contorno que a literatura pode dar para as experiências – o empréstimo das palavras para dizer coisas que sentimos;
- O reencontro com textos conhecidos e a segurança que isso pode suscitar na criança muito pequenininha, para quem o mundo sempre é uma novidade e para quem ainda está engatinhando na percepção de que coisas e pessoas podem ir e vir, sumir e voltar – o livro faz parte daquilo que permanece, uma vez que,

ao terminá-lo de ler, pode-se sempre recomençar leitura, logo após ou depois de um tempo.

Não é pouco!

É profundo o que pode acontecer em termos das experiências que um bom livro pode disparar nos bebês e nas crianças bem pequenas. Mas, para tudo isso acontecer, será que serve qualquer livro feito “para os bebês”?

É muito comum nos depararmos com títulos destinados simplesmente a “ensinar coisas”, apresentando novas palavras associadas a desenhos e imagens, por vezes estereotipadas, mostrando um mundo estanque, imaginando um bebê “esvaziado” e que precisa ser preenchido com as coisas do mundo. Brinquedos, animais da fazenda, meios de transporte e por aí vai.... Quem é que já não viu livros assim?

É também usual que se leve em conta como critério para escolha de livros para os bem pequenos, apenas o material de que são feitos. Livros de plástico, de pano, ou então, cartonados. Afinal, os bebês e crianças bem pequenas levam os livros à boca, amassam e rasgam páginas. Contudo, será esse mesmo um critério fundamental? Ou o único a ser levado em conta? Evidentemente, o material de que são feitos os livros de leitores que conhecem o mundo pela boca, deve ser levado em conta, sobretudo no quesito da segurança, evitando, por exemplo, materiais tóxicos ou cantos pontiagudos.

Mas o que dizer da experiência que as narrativas podem e devem promover? Em que lugar da lista de critérios de escolha de livros, esse item deve entrar? Se estamos falando em literatura para bebês, a qualidade da narrativa deve ter lugar de honra na seleção do que vamos ler. Afinal de contas, ter uma experiência depende do acesso à boa literatura.

Então, a pergunta que nos ocorre trazer à reflexão é: o que é uma boa literatura para os bebês?

A especialista em literatura e escritora Yolanda Reyes<sup>1</sup> nos ajuda a pensar algumas condições e que podem se fazer presentes no encontro dos pequeninos com os livros. Vamos ver?

- A narrativa textual e imagética oferece material simbólico inicial para que cada criança comece a descobrir não apenas quem ela é, mas também quem pode ser?
- Há conexão com as perguntas e necessidades das crianças?
- A criação literária e artística que encontramos na boa literatura para os pequeninos possibilita que as crianças exteriorizem seus monstros e medos, mas também oferece a pais e adultos um cenário diferente da vida real cheia de normas e obrigações, para ouvi-los e conversar em outro registro, inteirando-se de suas necessidades emocionais?
- As possibilidades estéticas do livro (texto, ilustração e projeto gráfico) enriquecem o olhar infantil e auxiliam a capacidade interpretativa dos bebês e das crianças bem pequenas, fazendo-os explorar o universo da arte?

## E O mundo de Isa?

É importante dizer que a ideia de se fazer uma coleção de livros converge para a formação da primeira biblioteca do bebê e da criança bem pequena. Ter uma biblioteca é ocupar esse lugar de leitor, mas também forjar uma relação

de afeto com os livros e a leitura. Construir intimidade com os títulos, poder eleger suas preferências, voltar muitas vezes aos livros mais queridos. Não é isso o que fazemos com nosso acervo de livros? Desse modo, a criança vai aprendendo, desde muito cedo, esse importante comportamento leitor.

## Do que falam os livros?

São muitos os temas encontrados nos 32 títulos dessa coleção. Cada livro aberto guarda uma experiência diferente. Às vezes, o que a criança vai encontrar ali é um tanto dela mesma: o que vive, o que sente, seus temores, desejos e prazeres, o que faz sentido em sua pequena – mas intensa – existência. Há, então, nessa leitura, o conforto do encontro com o familiar, oferecendo um contorno para a criança, emprestando palavras para narrar a si mesma. Outras vezes, tudo é novidade. O texto e a ilustração desenham um mundo que até então não existia para a criança: peixes da água doce ou salgada, esportes, personagens de lendas desconhecidas, descobertas no fundo do mar e no jardim. Quanta coisa nova há para conhecer por aí! Inclusive, novos jeitos de se expressar. O *mundo de Isa* não tem medo de palavras diferentes. Ao contrário, aposta no encantamento que um novo vocabulário pode trazer. Aliás, conhecer novas expressões também faz parte da apresentação do mundo para os pequenos.

Em relação ao vocabulário escolhido, aliás, valem algumas palavras sobre o assunto. Muitas vezes, observamos uma narrativa empobrecida voltada a essa faixa etária, como se crianças bem pequenas não pudessem ter contato com palavras mais complexas, com seus significados ocultos. Ledo engano! Os bebês e as crianças pequenas podem se encantar com novas sonoridades. Aliás, muitas cantigas, parlendas e versinhos do repertório infantil trazem palavras diferentes e muitas

<sup>1</sup> Reyes, Yolanda. A casa imaginária – leitura e literatura na primeira infância. São Paulo: Global, 2010.

vezes, ausentes do cotidiano. Nesses casos, assim como nos textos do *O Mundo de Isa*, os sentidos vão sendo construídos por meio do contexto. Vale também dizer que quando lemos – e quando lemos com as crianças bem pequenas e os bebês – nem tudo precisa ser compreendido. Pode-se voltar à narrativa muitas vezes e ir compreendendo de diferentes maneiras e aos pouquinhos.

Desta maneira, o desconhecido e o familiar estão presentes nessa coleção. E não é justamente isso o que buscamos quando lemos? Ora o familiar, ora o desconhecido? Essa relação que os livros desta coleção mostram tão bem, perdurará em todas as nossas experiências leitoras. Quantas vezes não oscilamos justamente entre o conhecido e o estrangeiro, o inusitado e o familiar, quando abrimos um livro?

Essa é uma coleção que não subestima a relação do leitor com aquilo que lê. Leva a sério, desde cedo, que é preciso oferecer profundidade. Com simplicidade, mas sem ser simplório.

Ao apresentar *O mundo de Isa*, a coleção também nos instiga a observar o mundo dos bebês e das crianças pequeninas que estão à nossa volta: quais são seus interesses, saberes e brincades?

## Referências Bibliográficas

REYES, Yolanda. *A casa imaginária – leitura e literatura na primeira infância*. São Paulo: Global, 2010.

As ilustrações são outro ponto a se chamar atenção, justamente pelo fato de Isa não ter características tão fortemente marcadas, qualquer criança pode se ver ali, identificando-se com ela, projetando-se naquele contorno de criança.

O tamanho e as cores dos livros também são outros aspectos a ser valorizados. Eles são pequenos, ideais para as mãozinhas de seus leitores e leitoras, conferindo autonomia na leitura. São coloridos e algumas cores de capa se repetem, aproximando alguns títulos e contribuindo também para a autonomia leitora das crianças, já que além da ilustração, elas poderão identificar pela cor da capa os títulos que desejam ler.

### Sobre a autora

Maria Cristaldi nasceu em São Paulo em 1956. Artista e designer gráfica, realizou esculturas em madeira, metal, vidro, espuma, palavras e insetos. Faz edição e assina projetos gráficos de livros para editoras brasileiras. Viveu em Washington DC, Roma, Londres, Gotemburgo e Lisboa. Hoje vive entre Rio e São Paulo. É avó da Isa.





Estante de Livros

# Proposta de Leitura

São tantos títulos que resolvemos fazer uma proposta de divisão por temas próximos. É um dos caminhos possíveis, mas há outras possibilidades, estabelecendo critérios inclusive partindo da observação dos interesses e escolhas dos pequenos leitores.

## O cotidiano de Isa, novas palavras e imagens para narrar o familiar

Os quatro títulos apresentam situações que podem acontecer no dia a dia de uma criança pequena: os pequenos devaneios presentes no faz de conta cotidiano em que a criança se imagina sozinha sendo outro ou outra, as surpresas e diferentes visões que o escuro do

quarto pode trazer, incentivando a imaginação, e a relação com os pais – o colo da mãe, o encanto com o mundo dos objetos dos adultos, e o encontro com novas expressões e ditos populares na busca de uma definição sobre o pai e suas qualidades.



### Os sapatos da mamãe

Maria Cristaldi

12 x 12 cm • 20 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-65-5931-171-2

ACHA DIVERTIDO USAR SUAS COISAS.



GOSTA DOS SEUS SAPATOS VERMELHOS.



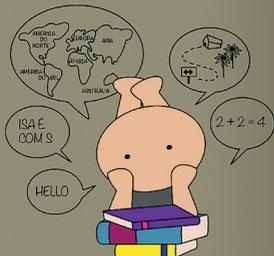
## Meu pai é cabeça

Maria Cristaldi

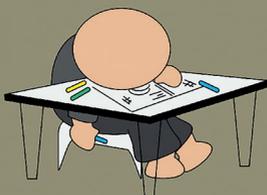
 12 x 12 cm • 20 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-65-5931-080-7



MEU PAI SABE MUITA COISA DE CABEÇA.



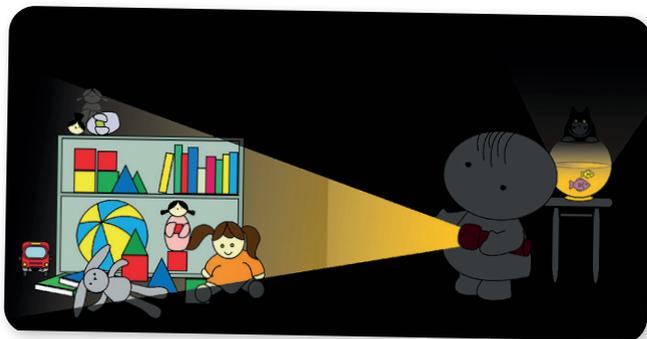
QUANDO DESENHA, SE JOGA DE CABEÇA.



## Isa no quarto escuro

Maria Cristaldi

 12 x 12 cm • 20 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-65-5931-016-6



## Isa pode ser quem quiser

Maria Cristaldi

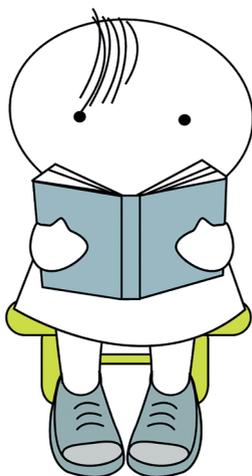
 12 x 12 cm • 20 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-65-5931-019-7



NA QUARTA, PODE SER UMA PRINCESA...



QUE VIRA UMA COZINHEIRA DE MÃO CHEIA!



# As descobertas do mundo

Todos os dias um novo mundo se descortina para os bebês e as crianças bem pequenas. Também, pudera! Há tanto a conhecer e é tão grande a curiosidade sobre as coisas que as circundam. Os temas abordados pela autora variam bastante e possibilitam também diferentes níveis de aproximação desde o olhar para um mundo mais imediato, ao apresentar os insetos e as flores, passando por uma pequena ampliação, ao explorar os animais que nascem dos ovos, os instrumentos de uma

banda, para então, apresentar novas paisagens a partir da busca pela letra do nome e que nomeia tantas outras palavras e lugares, e mergulhar em questões mais profundas da humanidade, como o amor e as muitas narrativas em torno das nossas origens. Todas elas questões que fazem parte do que as crianças pequenas querem saber. Afinal, quem convive com elas sabe o quanto são movidas pela paixão de conhecer a vida.



## Muitas são as flores

Maria Cristaldi

 12 x 12 cm • 20 páginas • 4 cores • ISBN 978-65-5931-064-7



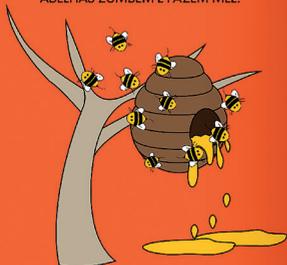
## Isa e os insetos

Maria Cristaldi

 12 x 12 cm • 20 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-65-5931-061-6



ABELHAS ZUMBEM E FAZEM MEL.



JOANINHAS ADORAM OS COGUMELOS.



## Assim toca a banda

Maria Cristaldi

 12 x 12 cm • 20 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-65-5931-072-2

O RECO-RECO FAZ O RUÍDO DO SEU NOME.  
RECO RECO! RECO RECO!



A SANFONA SÓ FAZ EMOCIONAR:  
"É O AMOOOR..."





## Dentro de um ovo

Maria Cristaldi

12 x 12 cm • 20 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-65-5931-058-6



## Procurando i

Maria Cristaldi

12 x 12 cm • 20 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-65-5931-172-9



## O amor acontece

Maria Cristaldi

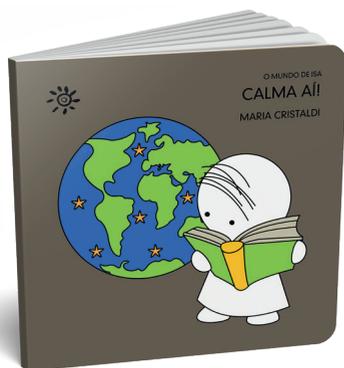
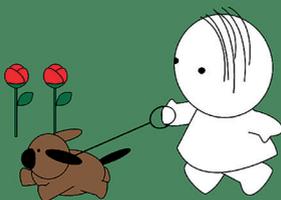
 12 x 12 cm • 20 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-85-7596-619-8



EIS QUE APARECE UMA CACHORRINHA...



TÃO FOFA, MAS TÃO FOFA...  
QUE MANEIRO SE ESQUECE DE TUDO!

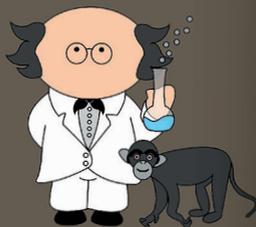


## Calma aí!

Maria Cristaldi

 12 x 12 cm • 20 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-65-5931-058-6

CIENTISTAS AFIRMAM QUE SOMOS TODOS  
DA MESMA FAMÍLIA DOS CHIMPANZÉS.



MAS, CALMA LÁ! ISA VEIO AO MUNDO DA  
BARRIGA DA MAMÃE COM A AJUDA DO PAPAI.



# Isa por aí

Da familiar casa da vovó, com seu jardim cheio de encantos até o misterioso e desconhecido fundo do mar, com seus animais tão diferen-

tes e promessas de relíquias. Da praia, pertinho do mar à distante fazenda ou encontrando-se com a magia do circo, Isa passeia pelo mundo.



## Isa na casa da vovó

Maria Cristaldi

 12 x 12 cm • 20 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-65-5931-166-8





## Isa na fazenda

Maria Cristaldi

12 x 12 cm • 20 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-65-5931-079-1



## Respeitável público: o circo

Maria Cristaldi

12 x 12 cm • 20 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-65-5931-065-4



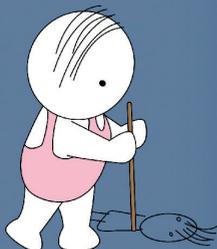
## Isa vai à praia

Maria Cristaldi

 12 x 12 cm • 20 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-65-5931-175-0



ISA FAZ DESENHOS NA AREIA COM UM PAU.



SE PREPARA PARA UM GOSTOSO MERGULHO!

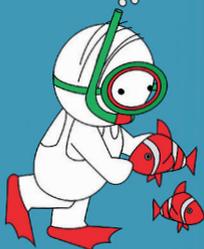


## Isa no fundo do mar

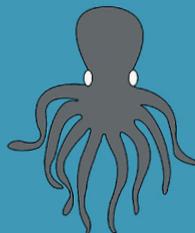
Maria Cristaldi

 12 x 12 cm • 20 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-65-5931-012-8

O FUNDO DO MAR É CHEIO DE SURPRESAS!



EXISTE O POLVO, QUE TEM CORPO MOLE E OITO BRAÇOS SAINDO DA CABEÇA.



# Fantasia e Imaginação

Ainda que a fantasia e a imaginação façam parte de praticamente todos os títulos, já que estão muito presentes no universo da criança bem pequena e dos bebês, resolvemos trazer sob essa divisão, os livros em que elas se tornam ainda mais evidentes. Trata-se de enredos

que nos fazem pensar: é fantasia ou realidade? Tudo isso foi visto ou imaginado? Sem querer esclarecer a questão, e nem precisar, o convite é embarcar nas narrativas que misturam diferentes universos, como aliás, é próprio do pensamento da criança.



## Isa na terra dos piratas

Maria Cristaldi

 12 x 12 cm • 20 páginas • 4 cores • ISBN 978-65-5931-177-4



## Isa nas alturas

Maria Cristaldi

 12 x 12 cm • 20 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-65-5931-008-1



COMO NOS CONTOS,  
ISA PASSEOU NO TAPETE MÁGICO,



VOOU NO LOMBO DO CAVALO PÉGASO,



## Como uma princesa

Maria Cristaldi

 12 x 12 cm • 20 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-65-5931-164-4

DIZ QUE UM DIA VAI CONHECER O ENORME  
PALÁCIO DA PRINCESA MAHAL NA ÍNDIA.



E QUE SERÁ GUERREIRA COMO AQUALTUNE,  
A PRINCESA QUE CONQUISTOU LIBERDADE.





## No mundo da lua

Maria Cristaldi

 12 x 12 cm • 20 páginas • 4 cores •  
ISBN 978-65-5931-079-1



Para além divisão por temas que estamos propondo aqui, também pode ser interessante perguntar às crianças quais títulos elas acham que combinam mais com outros. E prestar atenção nos critérios que utilizam: as cores das capas, os livros que têm bichos, os livros que trazem brincadeiras ou familiares? Enfim, são múltiplas as possibilidades de aproximação dos 32 livros de *O mundo de Isa*. Classificá-los, guardá-los e explorá-los de acordo com as possíveis divisões podem ser ações interessantes no sentido de provocar as crianças a olhar para os títulos a partir de diferentes perspectivas.

# Um pouco mais sobre O MUNDO DE ISA

## Minisite: Propostas de brincadeiras

Ler um livro com uma criança já uma experiência e tanto. Entrar no ritmo de uma narrativa, abrir uma brecha do tempo do cotidiano, encantar-se junto com o pequeno ou a pequena, fazer relações com a própria vida, surpreender-se, rir, descobrir outros mundos... Tudo isso pode acontecer quando paramos para ler com a criança. E já é muita coisa!

Contudo, para além do que a leitura pode suscitar, a autora Maria Cristaldi propôs algumas atividades ampliando as os jeitos de participar do *O mundo de Isa* e brincar a partir dele. Ler a receita do biscoito que Isa fez com a avó, brincar com uma corrente de papel feita com bonequinhos da personagem, jogar bingo e descobrir opostos se traduzem em momentos para estar junto com a criança, para além do livro. Não se trata de trazer atividades para “validar” a leitura, mas realizar propostas inspiradas pela personagem e suas histórias. São ideias para se fazer junto com a criança, estimulando seu protagonismo e participação, seja na escolha das atividades, no jeito que podem ser organizadas ou na eleição dos materiais utilizados. Para conhecer as propostas, basta acessar o minisite.

### Para saber mais

Através do QR code ou pelo endereço eletrônico você encontrará todas as informações sobre os livros da Isa:



<https://www.editorapeiropolis.com.br/o-mundo-de-isa/>

### No instagram: Isa está nas redes sociais

Acesse o site através do QR code ou pelo endereço eletrônico:



[https://www.instagram.com/colecao\\_omundodeisa/](https://www.instagram.com/colecao_omundodeisa/)

### A taba

Denise Guilherme da *A taba* fala sobre a coleção distribuída para assinantes da categoria “bebês” do clube de leitura.



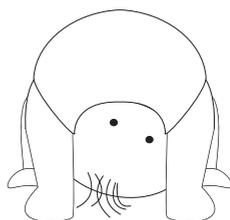
[https://www.youtube.com/watch?v=v\\_1JanW9Cug](https://www.youtube.com/watch?v=v_1JanW9Cug)

### Instituto Avisa Lá

Veja no blog do *Instituto Avisa Lá* a dica da coleção para educadores.



<https://www.youtube.com/watch?v=pWNS-Dr3A95U>





© Copyright Editora Peirópolis  
Ana Carolina Carvalho (Org.)

**Editora**

Renata Farhat Borges

**Editora assistente**

Ana Carolina Carvalho

**Diagramação**

Elis Nunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
de acordo com ISBD

C694

Coletânea de curadorias da Peirópolis [recurso eletrônico] organizado por Ana Carolina Carvalho. - São Paulo : Peirópolis, 2023.  
248 p. ; ePUB ; MOBI.

ISBN: 978-65-5931-298-6 (ePUB)

ISBN: 978-65-5931-297-9 (MOBI)

1. Mediação de leitura. 2. Literatura. 3. Formação de leitores. 4. Educadores. 5. Trilhas literárias. I. Carvalho, Ana Carolina. II. Título.

2023-3355

CDD 372.41

CDU 372.41

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Mediação de leitura 372.41

2. Mediação de leitura 372.41

Editado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Disponível também na versão digital nos formatos ePub (ISBN: 978-65-5931-298-6) e KF8 (ISBN: 978-65-5931-297-9)

1ª edição, 2023



Editora Peirópolis Ltda.

R. Girassol, 310F – Vila Madalena,

São Paulo – SP – 05433-000

tel.: (11) 3816-0699 | cel.: (11) 95681-0256

vendas@editorapeiropolis.com.br

www.editorapeiropolis.com.br



A gente publica o que gosta de ler:  
livros que transformam.



Editora Peirópolis Ltda.  
R. Girassol, 310F – Vila Madalena,  
São Paulo – SP – 05433-000  
tel.: (11) 3816-0699 | cel.: (11) 95681-0256  
vendas@editorapeiropolis.com.br  
[www.editorapeiropolis.com.br](http://www.editorapeiropolis.com.br)



Esta curadoria foi publicada na primavera de 2023,  
com o intuito de auxiliar os professores no encontro com os livros.

# EDITORIA PEIRÓPOLIS



© Taisa Borges

